HAROLDO MARANHÃO

PARÁ, CAPITAL: BELÉM

MEMÓRIA & PESSOAS & COISAS & LOISAS DA CIDADE

(...) Haroldo Maranhão procede como um historiador à busca de testemunhos ao recorrer a diferentes fontes escritas – geográficas, antropológicas, etnográficas, e históricas propriamente ditas –, que nos prestam informação sobre os vários aspectos da vida da cidade: sua fundação e desenvolvimento, suas diversas atividades, recreativas, clubísticas, gastronômicas, dramáticas, romanescas, literárias, jornalísticas e artísticas, em que costumes casam-se com os mores, os hábitos com a moral, a religião com a política, a política com a linguagem.
Haroldo redistribui os diferentes textos por ele escolhidos no papel de historiador, segundo uma ordem de novos títulos, que ora contrastam com a matéria versada, produzindo o abalo do humor, ora a valorizam, realçando-lhe os efeitos memorialísticos. Mas ao proceder assim, o historiador acolhe o romancista e a ele se une por uma original relação.

Benedito Nunes

BELÉM POVO

FUMBEL
Fundação Cultural do Município de Belém

PARÁ, CAPITAL: BELÉM

MEMÓRIA & PESSOAS & COISAS & LOISAS DA CIDADE

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM
Edmilson Rodrigues

FUNDAÇÃO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE BELÉM
Márcio Meira

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AVERTANO ROCHA
Sílvia Cristina Fernandes

COMISSÃO EDITORIAL
Aldenor Monteiro Jr.
Benedito Nunes
Itajaí Albuquerque
Luiz Araújo
Márcio Meira

DIGITAÇÃO DOS ORIGINAIS
Rita de Cássia David

REVISÃO
Elias Pinto / Alda Siqueira Melo

FICHA CATALOGRÁFICA
Marlene Conceição Bermejo

CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Fax Comunicação

IMPRESSÃO
Gráfica Supercores

Capa
Postal de 1907 - Rua Conselheiro João Alfredo com a Travessa Fructuoso Guimarães.
Da coleção particular de Márcio Meira.

HAROLDO MARANHÃO

PARÁ, CAPITAL: BELÉM

MEMÓRIA & PESSOAS & COISAS & LOISAS DA CIDADE

2000

© Copyright 2000 by Haroldo Maranhão

Nota
Os textos desta antologia foram transcritos tais quais encontrados originalmente.

P211 Pará, Capital: Belém: memórias & pessoas & coisas & loisas da cidade – Belém: Supercores, 2000.
377p.

1. Belém (Pará) – Antologia. I. Maranhão, Haroldo. Org.

CDU: 869.0(811.5)-82

Índice para catálogo sistemático:
História de Belém (Pará)
Belém (Pará) – Aspectos Gerais

"E tu não és de certo pequenina,
Santa Belém, cidade formosíssima."
Felippe Patroni

"Belém gostosíssima, a melhor coisa do mundo."
Mário de Andrade

Prefácio

Com este volume, *Pará, Capital: Belém – Memórias & Pessoas & Coisas & Loisas da Cidade*, a Prefeitura de Belém principia a editar, honrando um dos primeiros compromissos culturais que assumiu, a obra completa do escritor paraense.

Haroldo Maranhão (1927), jornalista profissional desde criança: cresceu e amadureceu dentro de um jornal, a Folha do Norte, onde morou e trabalhou. Porém o ficcionista, como seu impulsivo e regular visitante, obcecado pelo dever da escrita diária, só surgiria dentro dele por volta de 1977, já aposentado e vivendo no Rio de Janeiro desde 1961. *Nulla dies sine linea*, esta a máxima do humanismo clássico, latino, adotada por quem a cada dia aumenta o número de seus escritos, longe de poder ultimá-los. A obra de Haroldo Maranhão é uma obra que está sempre a completar-se. O que dela se pode dizer, com segurança, como obra completa, é que se trata de um maciço central da melhor ficção brasileira de hoje, compreendendo, até esta data, entre contos e histórias curtas, diários, romances e novelas, sem esquecermos nem o *Dicionarinho maluco* (infantil, Rocco, 1984) nem o recente *Dicionário de futebol* (1998), vinte tomos de diferentes formatos e tamanhos (há novelas de cento e vinte e cinco páginas e romances de quatrocentas e quarenta e cinco), ao lado de sete outros livros a publicar.

Mas diante de tão avultada produção, na qual a frenética quantidade se ajusta à escrita de melhor qualidade – aquela que, com

enorme poder de sugestão e de envultamento sobre os leitores, diz o máximo para além das palavras –, pode-se perguntar por que *Pará, Capital: Belém* arrebatou dos demais textos a prioridade de encetar a coleção das obras de Haroldo Maranhão?

O primeiro motivo do privilégio decorre do fato de que esse texto inaugural, escrito em 1984, dois anos depois de *O Tetraneto del-rei* (romance), nos dá a imagem de Belém que, direta ou indiretamente, em maior ou em menor grau, salvo nesse último romance citado e no *Memorial do fim – A morte de Machado de Assis* (1991), se condensou como ambiência urbana dominante, também clima moral e político, na obra de nosso escritor, e que se projetaria veementemente em *O rio de raivas* (1987), após ter aparecido cinco anos antes em *Os anões* (1983).

A segunda razão da prioridade decorre da espécie de perspectiva altaneira de Belém que esse mesmo texto de 1984 nos proporciona, repetindo, de certo modo, a visão do alto que o autor tinha da cidade quando morava no prédio da Folha do Norte, e podia divisar toda a baía do Guajará da sacada de sua janela. Com a diferença de que agora a sacada tem a altura do conhecimento histórico. Haroldo Maranhão procede como um historiador à busca de testemunhos ao recorrer a diferentes fontes escritas – geográficas, antropológicas, etnográficas, e históricas propriamente ditas –, que nos prestam informação sobre os vários aspectos da vida da cidade: sua fundação e desenvolvimento, suas diversas atividades, recreativas, clubísticas, gastronômicas, dramáticas, romanescas, literárias, jornalísticas e artísticas, em que costumes casam-se com os mores, os hábitos com a moral, a religião com a política, a política com a linguagem.

Haroldo redistribui os diferentes textos por ele escolhidos no papel de historiador, segundo uma ordem de novos títulos, que ora contrastam com a matéria versada, produzindo o abalo do humor, ora a valorizam, realçando-lhe os efeitos memorialísticos. Mas ao proceder assim, o historiador acolhe o romancista e a ele se une por uma original relação.

A terceira e decisiva razão da escolha ora discutida foi certamente essa original relação pela qual é o romancista que prevalece

sobre o historiador. Porque do cruzamento dos textos que constituem a antologia, cada um dos quais é uma maneira de ver, sentir Belém, não resulta apenas a cidade como o contexto histórico dessas fontes. As fontes são, por sua vez, fragmentos de uma memória comum, coletiva, de todos e de ninguém em particular. De qualquer forma pessoalizada, Belém vira personagem, agindo num certo meio, fadada a proceder de certa maneira. É uma persona dramática – um modo de falar, de gesticular, de andar, de comer, deitar, de dormir e sonhar. Já então a cidade se apresenta, ela mesma, como um conjunto legível – um texto para nossa leitura reflexiva, silenciosa ou em voz baixa.

Mas o que finalmente nos ensina esse texto de Haroldo Maranhão, sintetizando, ao mesmo tempo, as razões da prioridade de sua escolha, é que uma cidade só pode ser lida como **antologia** por meio das diferentes escritas, das linguagens de seus escritores, que lhe deram no tempo uma forma de sentido intemporal.

Belém, janeiro de 2000.

Benedito Nunes.

Belém revisitada

Diversos títulos ocorreram-me para esta seleção de textos sobre Belém do Pará. Um deles seria: *Viagem de Amor a Um País Chamado Belém.* A cidade, nem cidade mais é porque carrega dimensões ambiciosas. Depois, além de alambicado, seria título megalomaníaco. Da distância no tempo e no espaço em que me encontro, quis na verdade fazer simples releitura da minha cidade, revisitando-a.

Até hoje, ignoro de antologista que satisfizesse unânimes pareceres. Manuel Bandeira, autor de seis antologias, revelou o quanto é complicado organizá-las, bem ao contrário do que possa imaginar-se. Ele mesmo ficou insatisfeito sempre, por todas recebeu censuras e sem desejar magoou amigos. Relembrou definição, de alguém cujo nome me escapa e segundo o qual o antologista é o pobre diabo que começa o trabalho com o pressentimento de que, faça o que fizer, vai a muitos desagradar, e ninguém, ele muito menos, ficará satisfeito.

Por que não entrou fulano? Beltrano, por que não entrou? Há escritores que admiro, em cujos trabalhos, pelo menos os que estiveram ao meu alcance, nada encontrei que servisse ao que me propusera. Historiador não sou, temo o fungo dos papéis antigos, de modo que por essa forma explico não me haver preocupado com mais precisas abonações. Um reparo não me poderão fazer: o antologista a si mesmo não se antologiou!

Não me agrada a desfiguração da cidade, estúpidas invenções de acéfalos. Por exemplo, a remoção das calçadas de lioz, permutadas por ladrilhos de duvidoso gosto. Tricentenárias ruas ganharam denominação nova e geralmente para pior. Em especial me tem preocupado a Travessa da Estrela, hoje não sei por que cargas d'água Travessa Mariz e Barros, que aliás não pegou. Há muitos anos, encontrei-me no Rio de Janeiro com o prefeito Stélio Maroja, a quem de chofre anunciei ter dois pedidos a lhe fazer. Eu o estou vendo momentaneamente estremecer, engolindo imaginária pílula, supondo que pleitearia emprego ou proveito outro de ordem pessoal, que é o que pedem a prefeito. "Olha, Stélio, são dois pedidos. Primeiro, não deixes que troquem o nome da Travessa da Estrela. Segundo, não deixes que asfaltem a Travessa da Estrela, deixa de barro mesmo, deixa os buracos, deixa a lama, as poças d'água, não precisa calçada e meio-fio. Inclusive para mostrar-se – de longe – aos turistas: "Gente, a Belém de antigamente era assim, amostra do Brasil-colônia". Agora que estropiaram a rua com vagabunda tintura asfáltica, confesso que ao lado do **tombamento** da ex-sossegada travessa, desejava dificuldade de acesso à casa do meu amigo Benedito Nunes, ou seja, paz e silêncio para que trabalhasse à confortável distância dos chatos, que são multidão.

Esta antologia não pretende ser didática nem paradidática. Textos eruditos convivem com textos singelos e simplórios até, e na aparência desimportantes, mas tanto não achei que fui desencavá-los. A mera escalação de um time de futebol, um pregão de rua, uma **sorte** junina poderão estimular agradabilíssimas lembranças nalgum leitor. Isso acontecendo, a trabalheira terá valido a pena.

Esquecia de desculpar-me com autores que poderiam figurar, deveriam mesmo figurar e não figuram. Paciência. Ficará para outra vez, se outra vez houver. Vivo muito aceleradamente, a muito mais de mil. Foi acabada esta antologia, há um ano interrompida, em vertiginoso ritmo. E forcei a mão, alcançando a marca de quatrocentas e cinqüenta páginas datilografadas, obrigando-me à dor no coração de podar cento e cinqüenta, de forma a observar bitola razoável. Não é este o gênero de ocupação que aprecio, mas preci-

sava acudir a um chamamento forte vindo nem suspeito de onde.

Se a ciência estagnar, devo ter escassa sobrevida. E quero gastar meus anos ou meses ou dias de vida em construir minhas mentiras de escritor de ficção, bem ou mal, mas construí-las. Agora, se um russo, ou um americano, ou um paraense descobrir como espichar a vida humana, para mais uns oitenta anos, então me lançarei a outro **projeto paraense**, que sempre ambicionei terminar e que há anos se acha parado. Terminá-lo, só mediante a certeza de que irei aos cento e setenta anos, de boas pernas e ótima cabeça. Pifando o fígado, poder-se entrar numa farmácia e pedir: "Me embrulha aí um fígado. Dos bons." Cansaram os olhos? Trocar os olhos. O pâncreas enguiçou? Outro pâncreas. Não sei se as outras pessoas serão felizes. Eu serei. "Olha, companheiro, me arranja aí quatro metros de intestino, do grosso". Assim e só assim poderia dedicar-me a projetos de outra espécie, como o que aludi e que não digo qual é, porque idéia é como passarinho, já disseram, é do primeiro que pegar.

Os títulos dos textos são meus, isso precisa ficar claro.

Calmo receberei as não improváveis censuras. Dificilmente darei troco, sem que signifique desapreço aos censores. É que já estarei a milhas marítimas deste livro.

Enfim, é a minha antologia de Belém. Minha. Reivindico o direito de fazer a minha antologia. Terei o maior respeito pelos que se dispuserem a fazer a sua.

Rio de Janeiro, junho de 1984.

Haroldo Maranhão

Nota do ano 2000

Nos dezesseis anos de ineditismo desta antologia, o próprio autor não conservou o original. E agora me dizem que por fim será editada. Duvido. E tenho razões para duvidar.

Em primeiro lugar, ignoro se o original que magicamente apareceu é a **última** versão.

Em segundo lugar: valerá a pena publicar o calhamaço? Posso provar que tem sido garfado, estuprado, aqui e ali. São pedaços do que tanto me custou capturar da história da cidade.

A alegria da sempre possível edição nem sei se será alegria – conforme bem sabem as pessoas todas do Fragoso.

Pará, Capital: Belém é dedicado à pessoa, querida, que sabe tudo de mim: a MEG, Maria Elisa Guimarães.

Petrópolis, 5 de janeiro de 2000.

Haroldo Maranhão

Anjo anônimo

A Comissão nomeada pelo Prefeito de Belém para organizar a publicação das obras do escritor Haroldo Maranhão, ao definir qual livro abriria a coleção, não teve dificuldade em escolher esta obra, pois, respondendo a pergunta de seu autor, vale a pena, sim, publicar o "calhamaço". Até porque será material riquíssimo para as escolas usarem e abusarem nas aulas e pesquisas sobre a história de Belém.

Ocorre que o próprio autor, como bem salientou, não possuía mais os originais, na verdade perdidos pelo tempo. Bateu o desespero em todos da Comissão. Um susto. O rico material estaria perdido para sempre!?

Eis que um "anjo", daqueles que tem lucidez e consciência, não um "anjo torto" como tantos que andam por aí, procurou e entregou à Comissão os preciosos originais, solicitando que fosse respeitado o seu anonimato. A publicação deste livro, portanto, tem um sabor mais que especial, já que agora não poderá mais ser "garfado" nem "estuprado", para a alegria do mestre Haroldo Maranhão.

A Comissão Editorial

ÍNDICE

Prefácio	7
Belém revisitada	11
Nota do ano 2000	15
Anjo anônimo	17
PELAS ESTRADAS DE ÁGUAS	29
Alvoroços na partida - *Ernesto Cruz*	31
O Selvagem - *Humberto de Campos*	33
12 de Janeiro de 1616 - *Ernesto Cruz*	33
O português inaugural - *Cônego Francisco Bernardino de Souza*	34
Os invasores desembarcam - *Ernesto Cruz*	34
A forte causa - *Frei Vicente de Salvador*	35
Brasão d'Armas - *De Almeida Genú (Dalge)*	35
QUESTÕES DE IDENTIDADE	39
Mairi - *Nunes Pereira*	41
Casa de pão - *I. Xavier Fernandes*	41
A verdade - *Arthur Cezar Ferreira Reis*	42
Certidão de batismo - *José Maria de Azevedo Barbosa*	42
"Flor das águas" - *Eidorfe Moreira*	44
OS HABITADORES	47
Os tristes índios - *Padre Antônio Vieira*	49
- *Vicente Salles*	49
- *Príncipe Adalbert da Prússia*	50
Os tristes negros - *Vicente Salles*	50
Tristes, mas diligentes - *Henry Walter Bates*	51
A classe infame - *Vicente Salles*	52
Mestiços: em que se empregam - *Daniel P. Kidder*	53
Mercador escravocrata, o maior - *Eidorfe Moreira*	53
Tagarelas, vociferantes, quizilentos - *Henry Walter Bates*	53
Os habitantes na virada do século - *Murilo Menezes*	54

Ah! As mamelucas! - *José Veríssimo* 56
A hora e a vez da mulata - *João Affonso* 58
Ai Zizus! - *Manuel Bandeira* 60
O falar muito nosso - *Dom Antônio de Almeida Lustosa* 60
Asseadas mulheres - *Raymundo Moraes* 61
Mulheres porcas - *D. A. Gomes Percheiro* 61
Cuidados corporais - *Dr. Américo Campos* 62

A CIDADE NASCE NUM PRESÉPIO 65
Primeiros caminhos - *Ernesto Cruz* 67
A inspiração dos nomes - *Eidorfe Moreira* 68
Música sacra, autos, teatro profano - *Maria Annunciada Chaves* 69
- *Vicente Salles* 69
Pelourinho e horto - *Donato Mello Júnior* 70
A pouca e fraca luz - *Manoel Barata* 70
Ir e vir - *Jayme Calheiros* 71
Pombalina ordenação - *Manuel Nunes Dias* 72
Receita de governador - *Antônio Vieira* 73
Plano de embasbacar - *Hercules Florence* 74
A Visita da Velha Senhora - *J. R. Amaral Lapa* 75

... E CRESCE A OLHOS VISTOS 77
Primeira entre as iguais - *A. C. Tavares Bastos* 79
Um pioneiro meio doido - *Carlos Rizzini* 79
James Bond em Belém! - *Ernesto Cruz* 80
Goeldi e o seu Museu - *Luiz Miguel Scaff* 81
Vitórias feministas - *José Paes de Carvalho* 82
As amazonas iluminadas - *Domingos Antônio Rayol* 83
Alívio para os necessitados - *Murilo Menezes* 84
Frutuosa governação - *Augusto Montenegro* 84
A Pará Gás - *Ernesto Mattoso* 85
Cinematographos - *Theodoro Braga* 85
A Caixa d'água - *Ernesto Mattoso* 86
Quase uma estranha - *Raymundo de Souza Moura* 89

DUAS MÁRTIRES 91
A mameluca - *Cônego Francisco Bernardino de Souza* 93
Versos para Maria Bárbara - *Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha* 93
Severa Romana: sua vida e seu martírio - *Autoria ignorada* 94

O CLIMA: RIGORES E AMENIDADES 97
As quatro estações são duas - *Paul Le Cointe* 99
Uma frase é uma frase, é uma frase, é uma frase - *Eidorfe Moreira* 100
Noites agradabilíssimas - *Ernesto Mattoso* 100
Perpétua primavera - *D. Fr. João de São José Queiroz* 101
A luz que dói - *Eidorfe Moreira* 101
- *D. Fr. João de São José Queiroz* 102
O mormaço é um bornal - *Lêdo Ivo* 102
Amiga dos ventos - *Eidorfe Moreira* 103
Lenços, lenços e mais lenços - *Mário de Andrade* 103

URBANISMO: O QUE SE FEZ 105
Cidade tupinambá - *Eidorfe Moreira* 107
Duas Belens - *Eidorfe Moreira* 109
Receita de casa - *Ernesto Mattoso* 109
Os "Conventos" - *Alfredo Oliveira* 110
- *Daniel P. Kidder* 111
O Supremo Arquiteto e seus talentos - *Donato Mello Júnior* 111

VISÕES E REVISÕES DA PAISAGEM 115
Multidão de ilhas - *Eidorfe Moreira* 117
Marav / ilhas - *Gonçalves Dias* 118
Vista de fora, do alto e de dentro - *Eidorfe Moreira* 119
Botanicamente falando - *Eidorfe Moreira* 121
A força e a presença de Marajó - *Eidorfe Moreira* 122
Capital da fluviocracia - *Eidorfe Moreira* 122

COMÉRCIO POR GROSSO E A RETALHO 125
A barra é franca - *Dr. Moreira de Azevedo* 127
Do que se gabava - *J. B. von Spix e C.F.P. von Martius* 128
Altos e baixos - *José Maria de Azevedo Barbosa* 129
O comprar e o vender - *Henrique Santa Rosa* 130
O rapé tem sua vez - *R. (Ricardo) Borges* 131
"Quem não anuncia se esconde" - *Revista "A Semana"* 131
Como vender mudas de coqueiro-anão - *Oswaldo Mendes* 133

PREGÕES. COMERCINHO TÍPICO 135
Alegria dos namorados - *(Alfredo) Barroso Rebello* 137
- *Lili Pereira* 138
Vozes da rua - *De Campos Ribeiro* 139
- *Leandro Tocantins* 139
- *Oséas Antunes* 140
- *Alfredo Oliveira* 140
- *Napoleão Figueiredo* 140
As velhas doceiras – *(Alfredo) Barroso Rebello* 141
À beira das calçadas - *Murilo Menezes* 141
Por alguns tostões - *Oséas Antunes* 142
As amassadeiras – *(Alfredo) Barroso Rebello* 142
Pãozeiros e leiteiros no começo do século - *Murilo Menezes* 144

A OPULÊNCIA. O ESPLENDOR. O FASTÍGIO. 145
A cidade nadando em ouro - *Murilo Menezes* 147
Opulentas coleções - *(Inocêncio) Machado Coelho* 149
Ticiano, Rubens, Velasques & outros menos votados - *Osório Duque-Estrada* 150
A *Leda* de Ticiano! - *Alberto Caetano* 151
A lenda ou a Leda posta a nu - *Victor Salacha* 152
O que era chique: 1900/1910 - *Apolinário Moreira* 154
Legumes e frutas da Europa - *Ernesto Mattoso* 154
Pour monsieurs et madames - *Cândido Marinho Rocha* 155
Abarrotados navios alemães - *Murilo Menezes* 156
Orgia de arte - *Vicente Salles* 156
Operários felizes - *Ernesto Mattoso* 158

A FESTA MAIOR 159
O Círio: como começou - *Ernesto Cruz* 161
Milagres e oferendas - *Henry Walter Bates* 161
Moradia singela - *Daniel P. Kidder* 162
Onde tudo era bom - *Manuel Lobato* 163
Fazer a fezinha - *J. Eustachio de Azevedo* 164
Miraculados, noitadas, singularidade - *Raimundo Morais* 164
O carro dos milagres - *Benedicto Monteiro* 165
O menino no arraial - *Alfredo Oliveira* 167
O teatro nazareno - *Vicente Salles* 167
As apimentadas cantorias - *Ernesto Vera* 171

FESTAS MENORES 173
Povo festeiro - *Henry Walter Bates* 175
Procissão lúgubre - *Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz* 177
Pastorinhas - *Alfredo Ladislau* 177
Carnavais gordos e magros - *R. (Ricardo) Borges* 179
Cordões à pernambucana - *De Campos Ribeiro* 181
Festa do Divino - *Raimundo Morais* 183
Dança das pretinhas d'Angola - *Violeta Refkalefsky Loureiro e João de Jesus Paes Loureiro* 183
Bois - *Alfredo Oliveira* 184
Boi-bumbá de mulheres - *De Campos Ribeiro* 185
Terra de músico - *Raimundo Morais* 185
Bailaricos do Umarizal - *De Campos Ribeiro* 186

POR QUE ME UFANO! 187
Um ato de clarividência - *Eidorfe Moreira* 189
O êxito da civilização - *Pedro Calmon* 190
Júlio Cesar: o Pai do Avião! - *Fernando Medina do Amaral* 191
A "Idália" – a primeira - *Mara Caballero* 194
Três rivais – e francesas - *Ernesto Mattoso* 194
Nosso Bosque tem mais flores - *Raimundo Morais* 195
Entretenimento das famílias - *José Veríssimo* 195

Influências geopolíticas - *Eidorfe Moreira* 196
Negócios musicais - *Vicente Salles* 196
Uma preciosidade - *Mário de Andrade* 197
Bondes, ações, lâmpadas - *Ernesto Mattoso* 198
Curro-modelo - *Jayme Calheiros* 198
... a escola era risonha e franca - *Arthur Porto* 199

FOOT-BALL & OUTROS SPORTS 201
O Sport-Club - *Osório Duque-Estrada* 203
O *record* da légua - *Ernesto Cruz* 203
Café-da-manhã de bola - *D.A.C.* 204
Lawn-tennis, automobilismo cauteloso e outros exercícios - *Theodoro Braga* 204
Uma peleja pelo telégrafo - *Edyr Proença* 205
As lutas do balão - *Ernesto Vera* 207
Regatas: canoas a quatro remos - *Federação Paraense de Sports Náuticos* 208
No campeonato brasileiro - *Thomaz Mazzoni (Olimpicus)* 210
Como alinharam os times - *Ernesto Cruz* 210
"Esquadrão de aço" - *Alfredo Oliveira* 211

A CABANAGEM! 213
Como tudo aconteceu - *Décio Freitas* 215
A tomada fulminante - *Eidorfe Moreira* 219
Luta de classes - *Vicente Salles* 219
A cruz de duas cores. Troféu de orelhas - *Inglês de Souza* 220
Coisas escondidas - *Ernesto Cruz* 222
O movimento mais notável - *Caio Prado Júnior* 222

A CIDADE CANTADA EM PROSA E VERSO 223
Inédita página do Gênesis - *Euclides da Cunha* 225
Um amor sexual - *Mário de Andrade* 226
Formosa e triste - *De Campos Ribeiro* 227
Canoeiros levantam as velas - *Dalcídio Jurandir* 229
Poeta de vero peso - *Max Martins* 229
Cantata de Amor a Belém do Pará - *Maria Lúcia Godoy* 232

Poema nascido de uma gralha - *Mário de Andrade* 232
Bembelelém - *Manuel Bandeira* 234
A cidade deslendada - *João de Jesus Paes Loureiro* 236
Lembramento da infância e convitezinho - *Osvaldo Orico* 237
Hino do Exército do Pará - *Dorival Caymi* 238

CRENDICES, PUÇANGAS, TERREIROS 241
Abusões mil - *Dalcídio Jurandir* 243
- *Jaques Flores* 245
- *Alfredo Oliveira* 246
- *Eneida* 246
- *Dom Antônio de Almeida Lustosa* 246
Cobra Norato na Sé - *Raul Bopp* 247
As sortes - *Alfredo Oliveira* 248
- *Oséas Antunes* 249
Banho cheiroso - *Raimundo Morais* 249
- *Napoleão Figueiredo* 250
Banho de sais é que é - *Rachel de Queiroz* 250
Puçangas e puçangueiros - *Napoleão Figueiredo* 250
Benzição infalível: para quebranto - *Napoleão Figueiredo* 252
Orgulho de pajé - *Elmano Queiroz* 253
Um santo remédio - *Jaques Flores* 255
Pajelança e macumba - *Levi Hall de Moura* 256
Os centros - *Napoleão Figueiredo* 257
A pedradas - *Apolinário Moreira* 258
Batuques e polícia - *Vicente Salles* 258
Samba, loucura e morte - *Vicente Salles* 259

PESSOAS GRADAS 261
O urbanista da Cidade - *Maria Annunciada Ramos Chaves* 263
Retrato do Intendente - *Murilo Menezes* 264
Visão sobrenatural - *Raimundo Morais* 264
O grão maestro - *Ricardo Borges* 265
Mestre Martinho - *De Campos Ribeiro* 266

Vieira! - *Eidorfe Moreira* 267
O maestro é nosso - *Guilherme T.P. Mello* 269
Um líder - *Creso Coimbra* 271
- *Ernesto Vera* 272
O pitoresco Interventor - *Antônio de Alcântara Machado* 273
- *Alfredo Oliveira* 273
Governador de sotaque - *Murilo Menezes* 275
Mangas para a fome do romancista - *Georgenor Franco* 275

COMERES E BEBERES 277
Mesa gorda e prato magro - *Levi Hall de Moura* 279
Comer de arremesso - *Luís de Câmara Cascudo* 280
No começo era a paca - *R. (Ricardo) Borges* 280
O nosso bacalhau - *Nunes Pereira* 281
- *José Veríssimo* 281
Capítulo dos casquinhos - *Leandro Tocantins* 281
- *Mário de Andrade* 283
Maniçoba nazarena - *(Da revista "Tá no papo")* 284
Caça e pesca - *R. (Ricardo) Borges* 285
Como **não** fazer o tacacá - *Antônio Houaiss-Alain Draeger* 285
O ritual do tacacá - *Osvaldo Orico* 286
Todos os peixes, toda as carnes, todas as frutas - *Raimundo Morais* 287
De lamber os beiços - *Osvaldo Orico* 288
- *Dom Antônio de Almeida Lustosa* 289
Tempos de cacau - *R. (Ricardo) Borges* 290
Frutas mil - *Leandro Tocantins* 291
Hora e vez do bacuri e do cupu - *Osvaldo Orico* 291
Para uma fome do racha - *Jaques Flores* 292

AMIGOS E INIMIGOS DO AÇAÍ 295
Tintim por tintim - *Felippe Patroni* 297
Invenção de índio - *Hercules Florence* 299
Mil e uma utilidades - *Alexandre Rodrigues Ferreira* 299
Nectar e ambrosia - *General Couto de Magalhães* 300

O vício do trocadilho - *João Ribeiro* 301
Bandeira encarnada - *Raimundo Morais* 302
Gosto de bambu - *Marques Rebelo* 303
Leite dos pobres - *Mário de Andrade* 303
O Maranhão ataca! - *Astolfo Serra* 304
Caldo de longevidade - *Osvaldo Orico* 304

TRIVIAL VARIADO 307
O homem do balandrau azul - *Ernesto Cruz* 309
Terra sumamente perigosa - *D. Fr. João de São José Queiroz* 310
O vil metal - *Cônego Francisco Bernardino de Souza* 310
Dos valentões - *De Campos Ribeiro* 311
A Máquina Falante - *Humberto M. Franceschi* 311
Um desafeto da música - *Clóvis Morais Rêgo* 313
Chico de pau - *Dom Antônio de Almeida Lustosa* 314
Fúria sanguinária - *Dr. Emílio Augusto Goeldi* 314
Salários e assalariados - *Ernesto Mattoso* 316
Casamento ao tucupi - *Humberto de Campos* 317
O mundo é dos espertos - *Alfredo Ladislau* 318
Antes do IBGE - *Ernesto Mattoso* 319
Senhores do Engenho - *Ernesto Cruz* 320
Cabeças engalhadas - *D. Fr. João de São José Queiroz* 321
Deputado à minuta - *Josué Montello* 321
O Sr. Diretor - *Paulo Maranhão* 323
Inquilinos e senhorios - *Ernesto Mattoso* 324
Um douto Tupinambá - *Cônego Francisco Bernardino de Souza* 325
Fecundíssimo e inédito autor - *Ricardo Borges* 326

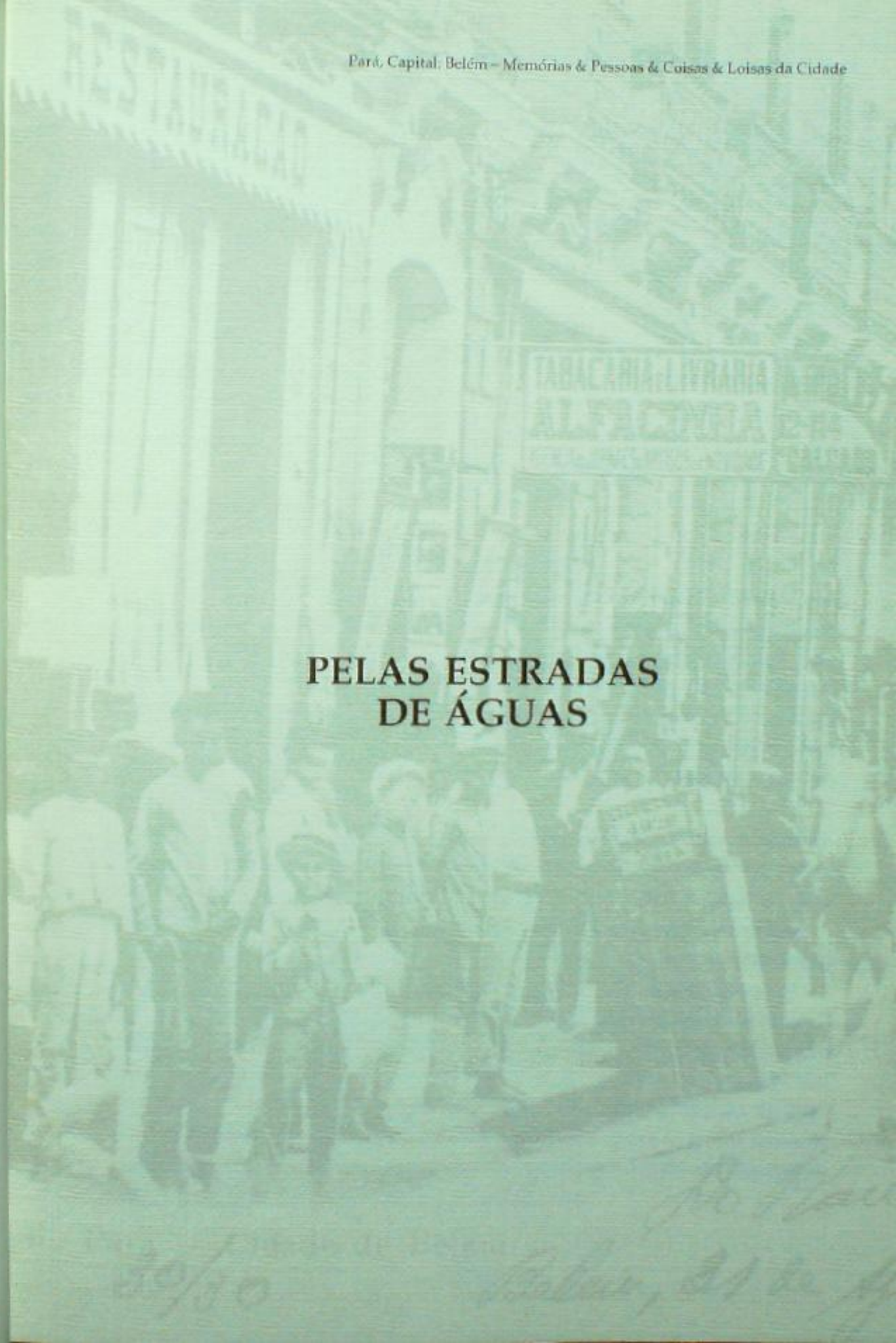
A BELÉM DA FICÇÃO 327
Começo de noite - *Inglês de Souza* 329
A jangada de João da Costa - *Júlio Verne* 331
Sem guinadas - *Rodolpho Teophilo* 332
O navio amarrado - *Jorge Amado* 332

Questão de olfato - *Márcio Souza* 334
Os do Interior chegando - *Dalcídio Jurandir* 334

BOAS E MÁS RELEMBRANÇAS 339
Versos e onças - *D. Fr. João de São José Queiroz* 341
A cidade surpreende - *Euclides da Cunha* 341
Sem teto e sem pão - *Ferreira de Castro* 342
Um repórter - *Humberto de Campos* 342
Saudades de si mesmo - *Josué Montello* 343
Naufrágio no Guajará - *Oswald de Andrade* 345
Vila da Barca - *Bruno de Menezes* 345
Chegada de um peregrino - *Peregrino Júnior* 346
A chapa do hino - *De Campos Ribeiro* 346
Convalescência no Murubira - *Rachel de Queiroz* 348
Belém – 1949 - *Marques Rebelo* 349
Madame Urubu e outras madames e cavalheiros - *Eneida* 350
Mais madames e cavalheiros - *Edyr Proença* 353
Um jovem Ivo - *Lêdo Ivo* 355
Deslumbrado turista - *Mário de Andrade* 356
Carta de Nova Iorque - *Mário Faustino* 357
O jovem e o Senador Lemos - *Murilo Menezes* 357

Fontes bibliográficas 359

PELAS ESTRADAS DE ÁGUAS



Alvoroços na partida

25 de dezembro de 1615.

Ia grande a azáfama no Forte de São Felipe.

Aprestavam-se os soldados d'El-Rei para uma nova aventura. Agora, a conquista das terras do Grão-Pará, de imensurável grandeza e fertilidade, como revelara o Senhor de La Ravardière a Alexandre de Moura, dias depois da vitória das armas de Castela nas terras do Maranhão. Pouco tempo decorrera da capitulação dos franceses no Forte do Sardinha, situado no arraial do Quartel de São Francisco, e já novos planos começavam a agitar o espírito dos triunfadores.

A conquista da ilha onde Daniel de La Touche fincara a bandeira de França, e construíra as bases de um novo domínio europeu, sob as graças de Maria de Médicis, deixara de ser o objetivo primacial dos valentes comandados de Jerônimo de Albuquerque.

Mais ao Norte, outras terras e imensos mares permaneciam sob o jugo e exploração de mercenários de várias nacionalidades.

Era essa a notícia que os compatriotas de La Ravardière transmitiam aos comandantes lusitanos. Alexandre de Moura tomou em boa conta a advertência dos franceses. E, ao mesmo tempo que nomeava Jerônimo de Albuquerque capitão-mor da conquista do Maranhão, conferia igual patente a Francisco Caldeira Castelo Branco, para a conquista do Grão-Pará, com o pomposo título de Descobridor e Primeiro Conquistador do Amazonas.

Foi isso a 22 de dezembro de 1615.

Não perdeu Caldeira tempo em delongas. Em três dias aprontou a expedição. Esse o motivo da azáfama que se notava no Forte de S. Felipe, na data memorável do Natal de Jesus. Eram os arcabuzeiros, que se aprestavam para o embarque, rumo ao famoso rio das Amazonas (...).

(...) fora com o pensamento na Pátria, que aceitara a incumbência de conduzir ao Grão-Pará, a frota d'El-Rei.

Já esta se balouçava nas águas barrentas da baía de São Marcos. Compunha-se de um patacho, um caravelão e uma lancha grande. Seus nomes: "Santa Maria da Candelária", "Santa Maria da Graça" e "Assunção". (...)

(...) Para as ações bélicas, que se fizessem necessárias, foram embarcados 150 soldados, que constituíam três companhias. (...).

Começava a ser escrita a primeira página da história do Grão-Pará.

Ernesto Cruz

O selvagem

CALDEIRA CASTELO BRANCO

Capitão, por escrúpulo e respeito,
Recordando-te a vida transitória,
Não sei se deva celebrar-te o feito
Ou, com censuras, macular-te a glória.

Quando me vens, de súbito, à memória
Com o teu severo, taciturno aspeito,
Mostras tu'alma em te mostrando a História
De morteiro na mão e Cristo ao peito.

Rezas pecando. Com pavor das gentes,
Se de contas na mão passas o dia,
Matas tupinambás quase inocentes.

Para a conquista vinhas dar a imagem:
Vinhas clamar contra a selvageria,
Quando tu, português, eras selvagem!

Humberto de Campos

12 de janeiro de 1616

Depois de 18 dias de viagem, transposta a barra do Seperará, ancorava a frota portuguesa na baía chamada pelos naturais de Paraná-Guaçú. Todo o litoral era habitado pelos índios tupinambás, que não se mostraram hostis, nesse primeiro encontro, com os invasores.

Ernesto Cruz

O português inaugural

Chamava-se Antônio de Deus o primeiro português que pisou a terra do Pará, por ocasião da expedição de Francisco Caldeira Castelo Branco.

Foi no dia em que comemora a Igreja a festa de São Francisco Xavier, apóstolo das Índias, a quem tomaram por principal patrono da conquista e feliz prenúncio da expedição, motivo por que na casa da alfândega do Pará conservou-se por muitos anos a sua imagem em um magnífico quadro.

1873

Cônego Francisco Bernardino de Souza

Os invasores desembarcam

(...) tratou Caldeira do desembarque.

Para isso escolheu o ponto mais favorável e que era, também, o mais elevado e estratégico. Ali deu começo com a ajuda dos tupinambás, à construção de um fortim de madeira, logo chamado presépio, em cujo interior foi levantada uma capela para o culto religioso, que ficou sob o orago de N.S. da Graça.

Esse fortim dominava estrategicamente os caminhos fluviais, que podiam trazer qualquer ameaça à colônia.

Como soldado de Felipe II, sob o jugo de quem estava Portugal, cumpria Caldeira as ordens do soberano espanhol.

Como português, porém, cumpria com mais açodamento os ditames do seu patriotismo. E foi desse modo que deu às novas terras conquistadas a denominação de **Feliz Lusitânia**, colocando-as sob a proteção de Nossa Senhora de Belém. Estavam lançados os fundamentos da cidade.

Ernesto Cruz

A forte causa

Não teve o capitão Francisco Caldeira contradição alguma da parte dos gentios do Pará ou Rio das Amazonas, para se haver de povoar a terra; mas as suas imprudências e desunião com os companheiros o pôs em termos que não só lhe negaram a obediência, mas o prenderam e levantaram outro capitão. Isto foi causa de se porem a monte os índios, dizendo claramente que não queriam paz com homens que a não tinham entre si.

Frei Vicente do Salvador

Brasão d'armas

Vejamos a verdade das cousas, narrada por quem de perto as conheceu, vejamos a interpretação do escudo da nossa capital, feita por Frei Christovão de Lisboa, "custódio dos Capuchinhos do Maranhão e Pará", seu visitador eclesiástico e comissário do Santo Ofício, irmão do ilustrado chantre da catedral de Évora, Manoel Severim de Faria, na sua obra *Razões das Cousas do Estado do Maranhão*, impressa em Lisboa, em 1648, nas oficinas de Paulo Crasbeck:

> "Bento Maciel, que foi senhor e capitão-mor da capitania do Pará, de 1621 a 1626, depois de ter mandado reconstruir o forte deixado no começo por Francisco Caldeira, o qual era de paliçada e se achava muito arruinado, fazendo-o de taipa de pilão da parte do mar e do rio Piri-una, e de cestões da parte da terra, onde haviam as habitações, julgou que fora bom princípio dar um escudo de armas à cidade nascente e organizou, sob os conselhos de Pedro Teixeira, Ayres de Souza Chichorro e Francisco Baião de Abreu, um brasão em quatro dividido, tendo no primeiro dois braços apresentando cestas com flores o primeiro, e com frutas o segundo e por baixo deles uma faixa com a legenda: *Ver est Aeternum,– Titius latent* –, alusivos

aos rios Amazonas onde tudo é verdura e maravilha, e ao Tocantins pela sua posição escondida às vistas dos exploradores. Na parte do pontal interior vê-se pintado um castelo de prata fazendo crer o fundador, com um colar de pérolas distintivo de nobreza, por sobre a porta principal, do qual pendem as quinas portuguesas com cinco castelos d'ouro em escudo azul, para dizer que Francisco Caldeira provinha de família nobre portuguesa, e do castelo saindo uma estrada que mostra o caminho que devem seguir todos os sucessores de Caldeira, isto é, o da obediência aos maiores. No segundo quadrado superior há um sol poente em campo de prata, e a combinação dos esmaltes aí feita não peca pela heráldica, visto como muitas famílias nobres da França, Espanha e Portugal a têm. Este sol poente diz a hora em que Francisco Caldeira lançou fundo no local próximo ao que escolhera para dar fundamento à sua conquista, e tem por baixo uma faixa com o dístico: – *Rectiorcum retrogadus* –, para dizer que guardou a aurora do dia seguinte, como foi sempre costume dos conquistadores portugueses, para fazer o seu desembarque. Isto é: – **Mais prudente** (fazer o desembarque) **quando voltado** (ao seu caminho ordinário).

A derradeira parte do brasão faz ver um prado, onde pastam uma mula e um boi, que então espantados olham para céu, tendo ao lado os dizeres: – *Nequaquam minima est*, significando o nome da cidade de Belém da Judéia, que Francisco Caldeira escolhera para o da capital da sua conquista, e da qual dissera o Profeta que não seria a menor de todas. A posição em que se acham os animais quer revelar o viço dos campos e a indústria que podem ali tão perfeitamente se combinar, e ainda a surpresa dos selvagens, ao verem desembarcar os europeus tão semelhantes aos seus". (**Razão** X, p. 8).

(...) cumpre ainda esclarecer que, só em 1825, foi que o Barão do Bagé, Paulo José da Silva Gama, em viagem na Europa, tendo em mãos, numa biblioteca de antiguidades do Sr. Antão Siqueira de

Vilhena, em Braga, o opúsculo de Frei Christovão de Lisboa de que acima falamos, mandou gravar, isto é, reproduzir em tela a descrição do brasão cujo resultado é o que vemos na sala do Arquivo da hossa Intendência Municipal. Havia outro espécime dessas armas, talhado em pedra de cantaria em uma das portas da cidade e cujo desaparecimento data da revolução da Cabanagem, em 1835, supondo-se que foi aniquilado, como sucedeu à frontaria onde se achava.

1916
De Almeida Genú (Dalge)

Pará. Capital: Belém – Memórias & Pessoas & Coisas & Loisas da Cidade

QUESTÕES DE IDENTIDADE

Mairi

Mairi é o nome que os indígenas do Rio Negro, principalmente, davam a Belém, durante o regime colonial, o que é confirmado por Stradelli no seu *Vocabulário*.

Mairi, em nheengatu, segundo esse autor, quer dizer **cidade**: Alfredo da Mata acha que **Mairi** quer dizer **velha.**

Nunes Pereira

Casa de pão

A capital foi fundada com o nome de Nossa Senhora de Belém. (...) Com o decorrer do tempo, o nome reduziu-se simplesmente a **Belém**, sendo-lhe também a designação de **Pará**, aplicada oficialmente a todo o Estado (Grão-Pará). Assim, usa-se o topônimo **Pará** tanto para designar o Estado como a cidade que lhe serve de capital.

Diz-se que foi para rememorar aquela data – véspera de Natal – que o capitão-mor Castelo Branco escolheu o primitivo nome, **Nossa Senhora de Belém**, de que faz parte o popular topônimo **Belém,** o qual é de origem hebraica e significa etimologicamente **casa de pão.**

Quanto ao nome Pará, de proveniência indígena, o seu próprio significado etimológico – rio volumoso – claramente indica que antes de ser adotado como topônimo já existia como potamônimo que também é.

I.Xavier Fernandes

A verdade

O nome da cidade que comandou a expansão para o Norte, para o Sul e para o Oeste, Belém, (...) não tem sido alvo de verdadeiro debate?

Nossa Senhora de Belém do Grão Pará? Santa Maria de Belém do Pará? Santa Maria de Belém do Grão Pará? Da controvérsia vêm participando quantos buscam as raízes do Pará e, por que não dizer, da Amazônia. Parece, porém, que chegamos, agora, à verdade.

Arthur Cezar Ferreira Reis

Certidão de batismo

Estávamos no auditório do Instituto de Desenvolvimento Econômico Social do Pará, assistindo a uma palestra proferida pelo ilustre Professor Deoclécio Redig de Campos, sobre a restauração da "Pietá", (...). Era um fim de tarde do dia 31 de dezembro de 1973. Súbito, ocorreu-nos a idéia de que, se houvera uma Bulla criando o bispado do Pará, em 1720, haveria necessariamente que existir as razões dessa decisão papal tão importante, (...). Imediatamente formulamos em um pequeno cartão o pedido que iríamos fazer ao Diretor-Geral dos Monumentos, Museu e Galerias Pontifícias do Vaticano, (...) Desejávamos (...) que o Professor Redig de Campos

obtivesse nos arquivos do Vaticano o texto original das razões da criação do bispado, em face das quais o papa expedira a Bulla. Ali, julgávamos poder encontrar a referência exata, sem dúvidas, ao nome verdadeiro da cidade de Belém. (...) Decorridos cinco meses, precisamente em princípio de julho de 1974, recebemos sua resposta, encaminhando-nos uma cópia xerox do original, em latim, do documento do arquivo secreto do Vaticano, em que era justificada a criação de um bispado no Pará, a rogos de D. João V, rei de Portugal e Algarves, e com a anuência do bispo de S. Luís do Maranhão.

Eis o conteúdo, já traduzido para o Português, do trecho mais importante da Cedula Consistorialis que "encarrega a competente Cancelleria Apostólica a redigir, em forma de Bulla Pontifícia, o documento de criação da Diocese de Belém do Pará, decidida no Consistório de 4 de março de 1720":

"Hoje, no nosso consistório secreto, como de costume, levando em consideração que na vastíssima Província do Maranhão, que se estende no Brasil em regiões e lugares ínvios, pela aspereza dos caminhos e pelos perigosíssimos rios, existe uma única Igreja Catedral, que é a de São Luís do Maranhão e considerando que aumenta dia a dia o número de portugueses e de selvagens que abraçam a religião católica e que, por causa da distância enorme dos lugares e do dificílimo acesso no exercício do labor pastoral, torna de todo impraticável a administração de tão extensa diocese, mesmo por que os habitantes daquela província e sobretudo aqueles que habitam a chamada Prefeitura do Grão-Pará, muito distante da referida Igreja Catedral, ficam privados da visita episcopal, da administração do Sacramento da Confirmação e de outros auxílios episcopais. Examinando, pois, essas e outras causas entre os assuntos consistoriais dos eminentes Cardeais e, levando em consideração os rogos do caríssimo filho João, Rei de Portugal e dos Algarves, bem como pela anuência de nosso bispo de São Luís, DIVIDIMOS, SEPARAMOS E DESMEMBRAMOS a chamava Vila de Santa Maria de Belém do

Pará, com seus terrenos anexos e ilhas adjacentes, com todos os seus compartimentos, isto é, vilas, territórios, distritos, igrejas, e pessoas, tanto leigas como eclesiásticas, liberando-as da jurisdição ordinária do bispado de São Luís do Maranhão, e distinguimos a mencionada Vila de Santa Maria de Belém do Pará e os seus íncolas, estes que terão o nome, título e honra de cidadão e aquela que será erigida em cidade, denominada Santa Maria de Belém do Pará e nela elevada à categoria de catedral a igreja dedicada à Santa Maria das Graças, sob a invocação da mesma Santa Maria das Graças, porém, chamada pelo único nome de Bispado de Santa Maria de Belém do Pará, devendo erigir-se a própria igreja em forma de catedral na referida cidade e na mesma diocese, o mais breve possível, possam ser erigidas e instaladas todas as dignidades, o cabido, as prebendas e outros benefícios, dedicando-se lugar especial para o culto divino e o serviço da igreja, sendo de conveniência para o decoro do clero que tais benefícios sejam instituídos com o conselho e assentimento e dos reis existentes em todos os tempos, de Portugal e Algarves."

(...) a incontestável certidão de batismo do nome de SANTA MARIA DE BELÉM DO GRÃO-PARÁ, como deverá ser chamada por todos os brasileiros a capital paraense.

José Maria de Azevedo Barbosa

"Flor das águas"

Uma das curiosidades desse estuário é a sua variação toponímica no decorrer dos tempos. "Grão Pará" chamavam-nos os cronistas e geógrafos antigos; "Rio Guajará" denominaram-no depois; mas foi como "Rio Pará" que ele se tornou mais conhecido, embora atualmente "Baía do Marajó" seja a designação preferida. Isto sem falar

na designação indígena de "Paraná-Açu", da qual resultou o "Grão Pará" dos portugueses.

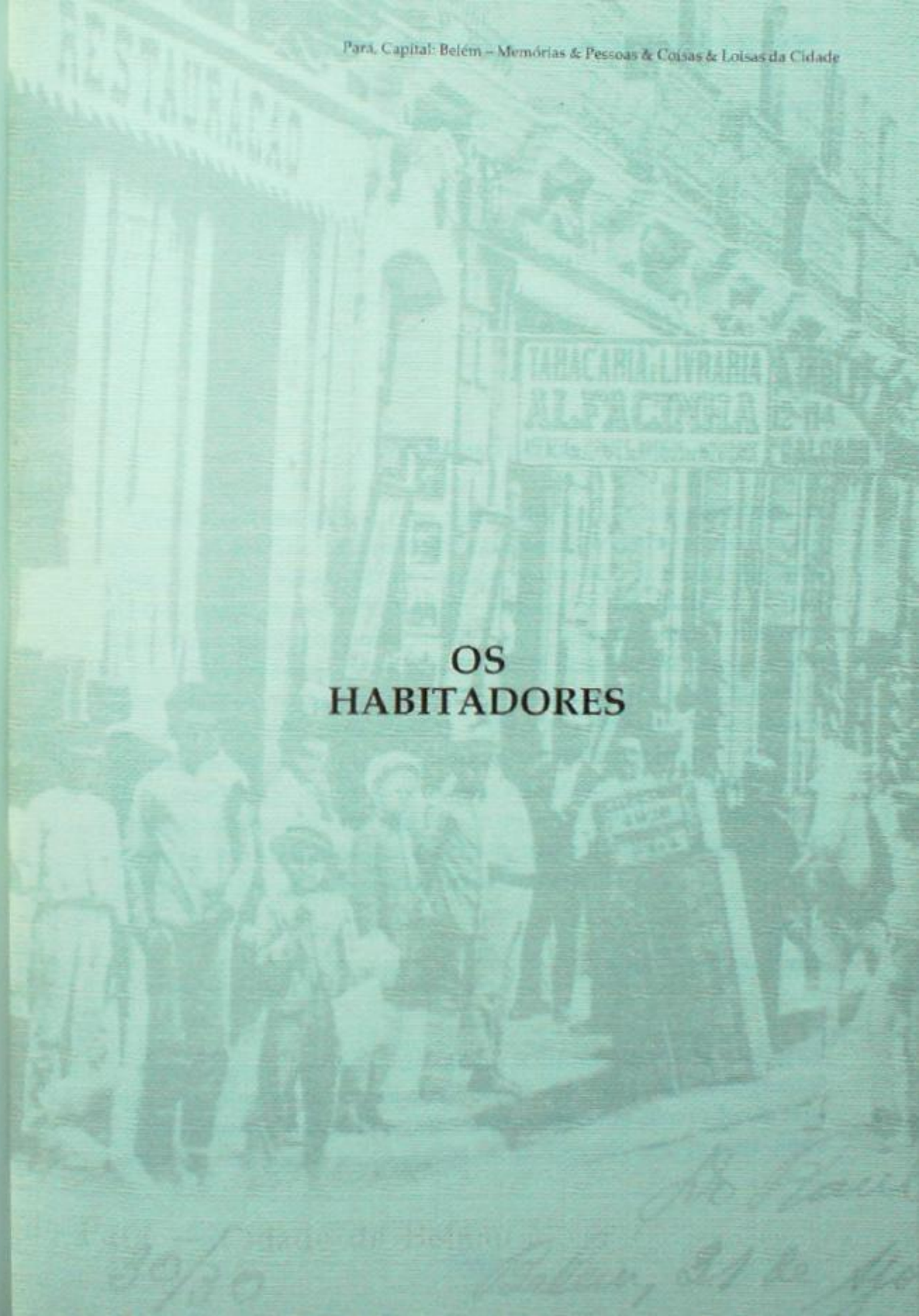
Num sentido mais restrito e particular, "rio" designará também a Baía de Guajará e o Rio Guamá, pelas suas relações mais diretas e imediatas com a cidade. Desses dois acidentes hidrográficos a baía é o que mais tem influído na vida da cidade. Do seu lado estão a zona comercial e fabril, o porto e a base naval. O próprio crescimento da urbe se faz sentir mais ativamente desse lado do que do lado do Guamá.

(...) complexa e variada é a moldura hídrica de Belém. Nessa moldura coexistem rio, baía e estuário, compondo um soberbo e grandioso estendal de águas. Sem exagero, pode-se dizer que nenhuma cidade do Brasil se mostra tão portentosa e interessante sob o ponto de vista hidrográfico. A água figura aí como peça fisiográfica e como elemento cênico, como moldura e como agente modelador.

Tanto geográfica como historicamente, a cidade floresceu em função da água. "Flor das águas" – eis uma antonomásia que se ajustaria muito bem à capital paraense, tal a significação do elemento hídrico na sua vida.

Eidorfe Moreira

OS HABITADORES



Os tristes índios

Aqui será bem que se note que os índios são os que fazem as canoas, as toldam, as calafetam, os que as velejam, os que as remam, e muitas vezes, como veremos, os que as levam às costas, e os que, cansados de remar as noites e os dias inteiros, vão buscar o que hão de comer eles os portugueses (que é sempre o mais e melhor); os que lhes fazem as casas, e, se se há-de marchar por terra, os que lhes levam as cargas e ainda as armas às costas. Tudo isso fazem os tristes índios, sem paga alguma mais que o chamarem-lhes cães, e outros nomes muito mais afrontosos; e o melhor galardão, que podem tirar destas jornadas os miseráveis, é acharem (o que poucas vezes acontece) um cabo que os não trate tão mal. Jornada tem havido em que, dos índios que partiram, não voltaram a metade, (*sic*) porque o puro trabalho e mau trato os mataram.

1654
Padre Antônio Vieira

***

Betendorf, já no início do século XVII, descrevia os maltratos que os senhores de engenho aplicavam aos escravos, então predominantemente índios. O capitão-mor Amaro Cardoso se havia cruelmente com eles – e "os índios se queixavam dele por até fazer

puxar as raparigas, em lugar de bois, para fazer andar uma engenhoca de aguardente que tinha."

Vicente Salles

***

Além das tribos indígenas, a população da província compõe-se de brancos, de gente de origem mestiça, (cafusos) nos quais predomina o sangue índio, de negros e dos chamados índios mansos, isto é, os habitantes primitivos que se fixaram entre a população branca. Os negros e mulatos estão aqui em menor número do que noutras partes do Império, porque até 1755 todos os serviços de escravos eram feitos exclusivamente por índios. Só por esta época foi que o Rei D. José permitiu-lhes ficarem livres à vontade, e só então começaram a ser introduzidos os negros escravos.

Príncipe Adalbert da Prússia

Os tristes negros

Os senhores de escravos no Pará ficaram famosos, na crônica da escravidão, pelo rigor com que castigavam e maltratavam os escravos. Handelmann: "e antigamente ainda eram os paraenses famigerados especialmente por sua crueldade contra os escravos; para os negros das províncias do Sul não havia ameaça mais eficaz do que a de serem vendidos para o Pará".

Régulos porém existiam em toda parte. E no Pará os métodos de punição dos escravos culposos não eram menos suaves. Toda a crônica da escravidão é um desfilar contínuo de torturas, a que todos os senhores, grandes e pequenos, estavam afeitos, porque esse era o regime e somente ele ditava as normas de conduta mais gerais.

(...) No Pará colonial e escravocrata, os senhores de engenho eram na verdade uns régulos e fervia o tiro por qualquer coisa. Os escravos sofriam açoites, a imobilização nos troncos, uma série de

castigos que ia até o limite do assassínio. Os instrumentos de castigo eram variados e às vezes requintadíssimos. A tradição conserva, em muitos lugares, o fantasma do **sumidouro**, lugar em que se dava sumiço aos escravos rebeldes ou merecedores da pena capital: um poço profundo que se acredita geralmente comunicar-se, através de um túnel, ao rio ou igarapé mais próximo.

Vicente Salles

Tristes, mas diligentes

Os negros do Pará são muitos devotos. Segundo me disseram, eles construíram aos poucos, com o seu próprio esforço, uma bela igreja denominada Nossa Senhora do Rosário. Nas primeiras semanas que passei no Pará, notei que uma fila de negros de ambos os sexos costumava desfilar tarde da noite pelas ruas, cantando em coro. Todos levavam na cabeça uma pequena quantidade de material de construção – pedras, tijolos, argamassa ou tábuas. Fiquei sabendo que quase todos eram escravos, os quais, após um árduo dia de trabalho, estavam dando a sua pequena contribuição para a construção de sua igreja. O material era totalmente comprado com as suas economias. O interior da igreja foi terminado cerca de um ano depois, tendo eu achado a sua ornamentação tão faustosa quanto a de outras igrejas feitas com muito mais recursos pelas antigas ordens religiosas, havia mais de um século. Anualmente os negros celebram a festa de Nossa Senhora do Rosário, que em geral constitui um grande sucesso.

1848
Henry Walter Bates

A classe infame

À margem da escravidão, formou-se a classe dos libertos. Eram negros que, duma forma ou doutra, haviam adquirido a alforria. Os libertos se concentravam em Belém e aí formaram, com os índios, uma parcela considerável da população. Marginalizada socialmente, vivendo em condições muito precárias e tão lastimáveis que se podia dizer – "mais vale ser escravo do que viver como vivem muitos homens livres". De fato, não foram poucos os que testemunharam essa situação dos libertos mais desfavorável que a do próprio escravo.

Ao contrário dos escravos, os libertos estavam jogados à própria sorte. Em 1793, as estatísticas de Belém já enumeravam os libertos como categoria especial da população. Constituíam então 12,8% da população, representados numericamente por 1.099 indivíduos, classificados conjuntamente pretos, índios e mestiços. A cidade contava com 8.574 habitantes.

(...) Era uma classe especial no quadro da sociedade parense, a dos libertos. Habitavam as cabanas mais humildes, nos terrenos baldios e insalubres, naquela existência vegetativa, muito próxima do *lumpen*, vivendo – como observaram Spix e Martius – meio civilizados, sem conhecimentos, nem instrução, nem ambição de espécie alguma e apenas ganhando para suas poucas necessidades, nela figurando, "como principal papel", o *dolce far niente*, a cachaça e mulheres. Ociosos, sem bens de fortuna e sem emprego, os libertos, na cidade colonial, excluídos os escravos, eram tidos como a classe infame, juntamente com os degredados e cristãos novos.

Vicente Salles

Mestiços: em que se empregam

Quando se entra no Pará, nota-se imediatamente a aparência peculiar do povo. Os descendentes de portugueses e de africanos não diferem dos de qualquer outra parte, mas são aqui muito numerosos; predomina a raça indígena. De fato, encontra-se, em Belém, desde o índio puro até as mais variadas formas de mestiçagem com pretos e brancos. Ocupam esses mestiços todas as posições sociais: o comércio, as artes manuais, a marinha, a milícia, o sacerdócio e o eito.

Daniel P. Kidder

Mercado escravocrata, o maior

Demograficamente falando, a cidade atuava neste sentido como bomba de sucção, através dos **resgates** e **descimentos**, que não eram senão formas ou processos de escravização do índio. Isto sem falar nas presas de guerra, que ofereciam à cidade um espetáculo ainda mais triste com o mercado de escravos. Se não nasceu sob o signo da escravidão, Belém tornou-se pouco depois o maior centro escravocrata do Brasil, com exceção talvez de São Paulo, ocasionando esse fato um verdadeiro desequilíbrio demográfico na região, tantas e tamanhas eram as levas descidas, resgatadas ou aprisionadas.

Eidorfe Moreira

Tagarelas, vociferantes, quizilentos

(...) os poços públicos. Nesse local é lavada toda a roupa da cidade, trabalho esse que é feito por um bando de tagarelas escravas negras; aí também são enchidas as carroças de água, constituídas de

pipas sobre rodas, puxadas por bois. De manhãzinha, quando a luz do sol tem de romper às vezes através de uma ligeira névoa e tudo goteja devido à umidade, essa parte da cidade se enche de animação. Grupos de vociferantes negros e quizilentos galegos – proprietários dos carros-pipas – discutem entre si continuamente, enquanto vão tomando os seus tragos matinais nos sujos botequins das esquinas.

1848
Henry Walter Bates

Os habitantes na virada do século

Em 1900 a Avenida Independência já era uma estrada calçada de matacão, despida de árvores, servindo de tráfego às maxombombas para o Marco da Légua e para o Cemitério. Era toda marginada de mocambos e palhoças lóbregas que só tiveram fim no Governo Dionísio Bentes. Só tinha de notável o Museu Goeldi, de fundação recente no começo da via. Defronte ficavam um mercadinho, na esquina da Vila Teta. Nas travessas que a cortam e que formam o bairro chamado de São Braz, pululava população de nordestinos, tanto que a atual Travessa Três de Maio se chamava Rua Cearense. Quem vinha dos velhos bairros conservadores da Cidade Velha e São José, sentia-se quase desambientado pela diferença dos costumes. O elemento do Nordeste dava a essa outra parte da população belemense, um modo de vida todo diverso do que se via nos outros trechos urbanos. (...)

(...) o elemento nordestino dominava em alguns subúrbios pobres de Belém. Por natural psicologia dos povos, as gentes nativas costumam repudiar os adventícios humildes, imigrantes vindos de outras terras. E os cearenses e seus companheiros de miséria, eram desdenhosamente tratados pelos filhos do Pará, que não queriam reconhecer neles, as qualidades de primeira ordem, que lhe ornavam a enfibratura e o caráter.

Nesses idos, 1900, a população conservadora de Belém, que ia por umas cem mil almas – além das imigrações nordestinas referidas, era caracterizada pelo português, na sua maioria, homens; visto que as mulheres lusas não vinham com medo da febre amarela; pelo caboclo tapuia, e pelo preto.

A raça negra tinha numerosos especimens em Belém, numa proporção de cem vezes mais que atualmente. Eram negros por toda parte, vendedoras de tacacá, amassadeiras de açaí, lavadeiras, doceiras, cozinheiras, pedreiros, pintores, artesãos de toda a espécie. E quando em gala, gostavam imenso do traje branco; os homens de brim "H J.", engomado, duro como cartolina; e as mulheres com saias de roda, imitando a crinoline. Estas, então, usavam ouro em profusão; cordões, medalhas, broches, brincos, anéis... Traziam sempre sandálias de salto alto, e andavam nas pontas dos pés. Usavam penteados altos cheios de cheiros excitantes, e tratavam-se por "Nhá Fulana", "Nha Sicrana"... Enchiam os bairros do Ladrão, Umarizal, Jurunas... Os seus divertimentos eram os bumbás, os cordões de marujos, os batuques.

Os filhos da terra, os caboclos tinham quase que vida à parte nesse fervilhar de alienígenas. Com eles se uniram os primeiros portugueses que chegaram ao Pará, formando as principais famílias locais. Os primeiros homens ilustres que o Pará teve eram filhos desse cruzamento. Os caboclos mais pobres dedicavam-se geralmente à profissão de embarcadiço, quando, não se achassem radicados na cidade, por qualquer propriedade imóvel. Era gente morigerada, de hábitos retraídos, sendo os mais puros, possuidores de uma pronúncia cantante. Gente inteligente, desconfiada, e de fisionomia alegre e comunicativa, de pronunciados traços mongólicos, apesar de ingênuos, tinham uma arte particular em saber enganar. Oriundas das ilhas do Baixo Amazonas, as famílias tapuias foram sempre de arraigada fé religiosa, sem deixar de usar seus feitiços e pajelanças.

Murilo Menezes

Ah! As mamelucas!

Eis um tipo do povo paraense, que vai – infelizmente, na opinião de muitos – desaparecendo ou, pelo menos, perdendo a sua originalidade.

A mameluca nasceu do sangue tupi e do português.

Baena, naquele seu dizer empolado, fala das mamelucas nestes termos:

"Só as Mamelucas não mudam o seu modo de trajar: elas usam de uma saia de delgada cassa ou de seda nos dias de maior luxo, e de uma camisa, cujo toral é de pano que mais sombreia do que cobre os dois semiglobos que no seio balançando se divisam entre as finas rendas que contorneiam a gola. Estas roupas são quase uma clara nuvem que ondeando inculca os moldes do corpo. Botões de ouro ajustam o punho das mangas da camisa: pendem-lhe do colo sobre o peito cordões, colares, rosários e bentinhos do mesmo metal; a madeixa é embebida em baunilha e outras plantas odoras entretecidas nos dentes de um grande pente de tartaruga em forma de telha com a parte convexa toda coberta de uma lâmina de ouro lavrada, sob cuja circunferência oscilam meias luas, figas e outros diches de igual preociosidade à da lâmina: e na testa pela raiz do cabelo circula um festão de jasmins, malmequeres encarnados e rosas mogorins. Neste guapo alinho, e descalças, realçam estas mulheres seus atrativos naturais e conquistam vontades entranhando na alma meiga ilusão, que o repouso lhe quebra."

Baena escrevia isto em 1833.

As velhas mamelucas de hoje ainda vestem por essa moda.

(...)

Como é formosa!

É mais baixa que alta, morena e sempre pálida, tem uns olhos pretos, profundos, a nadarem em um fluido amoroso, coroados por sobrancelhas negras, levemente arqueadas; os cabelos negros também, às vezes ondeados, às vezes não; o rosto redondo; a testa curta; o nariz bem feito mas ligeiramente chato na extremidade, com

duas asas que titilam quando o prazer a comove; dentes apontados, alvos, fortes; covinhas no canto da boa pequena engraçada, pescoço curto, mas bem torneado, colo cheio de rija carnadura.

A cintura grossa, sem ter a elegância e flexibilidade da parisiense ou da andaluza, pela completa liberdade em que cresceu, dá ao corpo, esbelto como a palmeira, a cuja sombra nasceu, essa forma lasciva das mulheres do Oriente.

O pé pequeno e bem feito, como o do índio seu progenitor, calcando petulante a lama de que abundam as ruas desta boa cidade de Belém, deixa adivinhar a beleza das colunas de que são base, como diria um elegante do século dos seiscentos.

(...)

Como fica linda quando se apronta para uma festa!

Como é formosa com os cabelos negros e lustrosos negligentemente enrolados e presos no alto da cabeça por um pequeno pente de casco, fingindo tartaruga, rescendendo a trevo e cumaru e onde ela, com uma garridice toda sua, ajeitou um raminho de jasmins, a sua flor predileta; com seus longos brincos de ouro falso e a cruz também de ouro falso caída sobre o peito, entre os dois seios, presa ao pescoço pelo colar de pérolas falsas, como o ouro de seus brincos e da sua cruz!

Traja um vestido de cetim.

A mameluca tem uma predileção toda particular pelo cetim. Não sei a razão. Em geral o vestido é encarnado ou amarelo. Não podendo ser, cor-de-rosa, verde, azul ou de outra qualquer cor vistosa. O vestido é de manga curta e de longa cauda. A manga curta e a cauda são para a memeluca uma moda eterna. Traz o vestido muito decotado. Faz bem. O colo opulento e as belas espáduas o reclamam. Disse não sei quem, que Deus fez a beleza para ser vista.

Usa bem curta a frente do vestido.

Para deixar ver os pés faceiros metidos a meio na chinelas encarnadas.

Particularidade interessante:

A chinela da mameluca não é um objeto de utilidade, é um objeto de luxo.

Não é um calçado, é um enfeite.
Não é um sapato, é uma peanha.
Usa-a na ponta do pé.
É o *chic*.

(...)

E assim vão:
Lindas como sultanas, altivas como rainhas.
Levantam muito o vestido.

Não como as outras mulheres, não, têm um modo de erguer o vestido também seu. Erguem-no pela frente, deixando um palmo de cauda atrás, e os panos da saia que ajuntam, caem sobre o braço, que se apoia no ventre.

Não é por economia, é por luxo que o fazem.

Assim mostram também as saias brancas de largas rendas.

Têm o cuidado de metê-las em goma bem dura para fazerem esse fru-fru por que a **deusa**, ou a mulher, **se revela**.

A gente passa por elas e fica meio embriagado: é o perfume dos jasmins dos seus cabelos e a periperioca a aratassioia de seus vestidos, tão ativo que inebria.

(...) Se trabalha, **faz cheiro**, coze, lava – e como lava bem! – e vende doces na festa de Nazaré.

Fazer cheiro é uma indústria paraense e das mamelucas.

Consiste em raspar em uma língua de pirarucu a periperioca, a aratassioia, a casca preciosa, o louro amarelo e outras cascas e raízes odorosas, misturar estes pós todos e a esta mistura ajuntar pétalas de jasmins, de rosas, ramos de manjerona e outras flores: este é o cheiro.

Metido em pedaços de papel dobrado em meios círculos ou triângulos é, em pequenos balaios, levado a vender pelas ruas.

1886
José Veríssimo

A hora e a vez da mulata

Contou o Pará de outros tempos, entre as suas figuras regionais inconfundíveis, "a mulata". Cozinheira ou costureira, "amassadeira de açaí" ou "vendedeira de tacacá", ama seca ou criada de servir, a mulata paraense era sempre original no seu vestir, de que jamais se afastava. Em geral, bonita, feições de mestiça, robusta, elegante, amando o asseio e os perfumes fortes, feitos de raízes e ervas nacionais, a priprioca, o cipó-catinga, a mucura-caá, ela usava corpete decotado, de mangas curtas e tufadas, saia pelos tornozelos, toda em roda da mesma altura, de folho na beira; as mesmas chinelinhas de luxo que já vimos calçando, "pro formula", a negrinha do Maranhão. O cabelo, ondulado e fofo, repartia-se em duas fartas trunfas, e de cada lado, encaixados no alto de cada orelha, dois grandes ramilhetes de rescendentes jasmins; colar de ouro com medalha na frente, e, nas costas, sobre o cangote, para afugentar feitiços e maus olhados, enorme figa de azeviche. Posto, negligentemente sobre os ombros, à guisa de chale, um lenço de seda, de cores vivas; nos braços roliços, pulseiras de contas de coral; anéis em quase todos os dedos. O braço esquerdo enfia na asa da cestinha das compras; a mão direita empunha a infalível sombrinha, que tanto serve para o sol como para a chuva, de dia como de noite, forrada de tafetá furta-cores com barra de flores estampadas.

João Affonso

Ai Zizus!

CUNHANTÃ

Vinha do Pará.
Chamava Siquê.
Quatro anos. Escurinha. O riso gutural da raça.
Piá branca nenhuma corria mais do que ela.

Tinha uma cicatriz no meio da testa:
– Que foi isto, Siquê?
Com voz de detrás da garganta, a boquinha tuíra:
– Minha mãe (a madrasta) estava costurando
Disse vai ver se tem fogo
Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo
Aí ela se levantou e esfregou com minha cabeça na brasa
Riu, riu, riu

Uerequitáua.
O ventilador era a coisa que roda
Quando se machucava, dizia: Ai Zizuz!

1927
Manuel Bandeira

O falar muito nosso

– Por aqui é assim, por causa dos **foros.**

Aposto que o leitor não sabe o que quer dizer **foros**. Pois eu lhe digo: é o plural de furo. Comecei então a prestar atenção e concluí que são muitos os que dizem **foros** por furos.

(...) É coisa curiosa a pronúncia que acentuadamente adota o povo deste norte brasileiro – nas camadas mais humildes – com

relação ao som **ô** que sempre soa **u**. Assim é que se ouve a cada passo: **fulha, buca, rulha, uro, mura,** etc. (...) entre os garotos que vendem jornais em Belém, há alguns vindos naturalmente do interior que apregoam: "Olha a **Fulha**".

Nada tem de exagerada uma frase como esta: A **muça** não trabalha **puco**. De manhã **tuma** a **vassura** e varre a casa **tudinha**. Depois leva a tirar água do **puço** e enche o pote até a **buca.** (...)

1933
Dom Antônio de Almeida Lustosa

Asseadas mulheres

Gente asseada, até as mulatas, de chinela na ponta do pé, trazem na trunfa do cabelo, enfiado no pente, a vagem da baunilha ou o molho do patchuli.

O cheiro de papel, misto de raízes, ervas, trevos, paus ralados, jasmins e rosas, vendidos em balaítos de talas, e que as donzelas e matronas espalham na roupa branca de suas arcas e cômodas, traduz o gênio limpo da mulher.

1930
Raimundo Morais

Mulheres porcas

Creio que será difícil encontrar em qualquer parte do mundo civilizado uma terra mais insalubre e mais impossível para a residência dos emigrados europeus, do que esta parte do Brasil, aonde infelizmente se faz sentir a falta de bons clínicos para debelar as moléstias que nos atacam.

Dos filhos de Adão, Deus amaldiçoara Caim, segundo as tradi-

ções bíblicas. Na atualidade parece que o mesmo Deus, de todas as províncias do Brasil, amaldiçoara a do Pará.

Nestas paragens tudo concorre para o seu descrédito.

Assim como os **tribunos** são os bichos morais que corroem os estrangeiros, assim a **jaquirenha-boia**, os **carapanãs**, os **piun, maroim, motuca, cabas, cauá, tocandeira, mucoin, carrapato,** formigas **taché**, de **fogo, taóca, saúba, centopeia, lacrau, candirú, sangaexuga, arraia, piranha, jacaré,** cobras **cascavel, jararaca** e **surucucu**, são os bichos que perseguem a humanidade, fisicamente falando.

Se os paraenses, na higiene puramente particular, são desmazelados, até ao ponto de ser difícil descrever o interior duma casa de família e os seus habitantes, que, salvas mui raras exceções, só cuidam da sala quando esperam visitas; entretendo-se o resto do tempo, mães e filhas, todas desgrenhadas e sujas e de chinelos, como suas escravas, em coçar os pés; desmazelo este, filho da natural indolência que as obriga a enterraram-se nos seus quartos de dormir, tão imundos como os quintais, aonde, cousa admirável! podemos ver bonitos arbustos, de cujas hastes pendem formosas flores, que as moças cultivam, mais pelo espírito mercantil (...)

(...) se a higiene particular, repetimos, é tão descurada, que, vendo nós uma cozinheira paraense dificilmente poderemos tragar a comida que ela nos prepara; se os chefes de família consentem em tudo isto, como é que, revestidos dos diferentes cargos da administração provincial, hão de curar da salubridade pública?

1875
D.A. Gomes Percheiro

Cuidados corporais

São nimiamente cuidadosos com a limpeza do corpo, os paraenses. Raro, raríssimo mesmo, é quem não usa tomar banho diariamente, ensaboando-se. A isto acresce o uso de mudar cotidianamente a roupa branca, cuidado de limpeza comum, nos naturais desta zona, à classe baixa, mesmo da mais ínfima condição social.

Vai-se extendendo-se o gosto pelos exercícios musculares; já se procura desenvolver fisicamente o indivíduo, tornando-o mais robusto. Além de sociedades esportivas que visam este *desideratum*, o Governo manda ensinar ginástica e obriga os alunos das escolas públicas a conhecerem os principais rudimentos desta arte. (...)

Está introduzido em Belém, sobretudo na classe comercial, a mais numerosa, o uso das roupas leves, de algodão ou linho branco, para o labutar diurno.

Os banhos ordinariamente são usados nos próprios domicílios sob o **chuveiro**, em tanques ou bacias. Não há em Belém estabelecimento balnear digno de nota. São consideradas praias de banho: Mosqueiro, Soure e Salinas.

O serviço de lavagem de roupas é feito nos quintais das casas onde moram as lavadeiras, e a água tirada da bica ou de algum poço. Houve nesta cidade uma empresa de lavagem de roupa por meios mecânicos; a sua vida não foi muito longa, porque ao paraense não praz a promiscuidade e repugna a mistura de suas vestes com outras que podem ser portadoras de corpúsculos morbígenos.

1900
Dr.Américo Campos

A CIDADE NASCE NUM PRESÉPIO

Primeiros caminhos

As primeiras ruas de Belém foram abertas pelos colonizadores portugueses, no bairro então chamado da **Cidade**, depois **Cidade Velha**. Eram simples e estreitos caminhos, que tiveram como ponto de partida o **Forte do Presépio** ou do **Castelo** com o decorrer do tempo.

A Rua do Norte foi a inicial, e ficava paralela à Baía do Guajará, indo da praça d'armas, onde se abrigavam os soldados de Castelo Branco, ao ponto onde está hoje a Igreja do Carmo. (...) É a atual Rua Siqueira Mendes.

(...) As ruas abertas, em seguida, foram estas: do Espírito Santo e a dos Cavaleiros, hoje denominadas Dr. Assis e Dr. Malcher. Seguiram-se a de São João, que passava em frente à Capela do Santo precursor, a da Residência, Atalaia e Barroca, chamadas depois: João Diogo, Vigia, Joaquim Távora e Gurupá, respectivamente.

A Rua de São Vicente, no bairro da Campina, considerada a **Cidade Nova**, foi aberta no ano de 1676. Teve, depois, o nome de Paes de Carvalho. A Rua de São Mateus, atual Travessa Padre Eutíquio, servia de divisa aos bairros da Cidade Velha e da Campina. Os nomes desses caminhos estreitos e mal alinhavados estavam assinalados nas esquinas, com uma inscrição alva em campo negro, datando esse uso do ano de 1804. (...)

Até o ano de 1839, Belém possuía 35 ruas, 31 travessas e 12 largos.

Ernesto Cruz

A inspiração dos nomes

A cidade não nasceu à parte ou independente do forte, como se fosse uma entidade ou criação autônoma em face dele. Social e materialmente falando, houve no caso o que se poderia dizer uma simbiose. Coexistiam e articulavam-se num só corpo ou unidade orgânica, embora o forte fosse o núcleo e a expressão mais definida do conjunto urbano.

Daí a concordância de plano e de direção entre o traçado original da cidade e a posição do forte. Ainda que essa concordância não fosse geometricamente rigorosa, o fato é que os primeiros arruamentos da urbe paraense se dispunham em função do forte, como vias diretas de acesso ou de relações com ele. A geografia, a religião e a classe inspiraram os nomes desses primeiros arruamentos. Rua do Norte (Siqueira Mendes), Rua do Espírito Santo (Dr. Assis), Rua dos Cavaleiros (Dr. Malcher).

(...)

O tosco triângulo

A propósito do plano ou configuração original de Belém, há quem afirme que ela descrevia um hemiciclo em torno do Forte do Presépio, atribuindo-lhe assim uma regularidade de forma e de traçado.

A imagem é poética e sugestiva mas não é exata. Em se tratando de cidades não planejadas é difícil aliás prefigurar as linhas e a disposição da área urbana em termos geométricos. (...)

(...) "geometria" será então reflexo de uma certa mentalidade ou consciência urbanística.

Ora, não era este o caso dos primeiros dirigentes e moradores da cidade, rudes soldados, colonos e aventureiros, por demais turbulentos e ambiciosos para certos desfrutes de arte e de sensibilidade. As próprias circunstâncias contra-indicavam tais desfrutes, se porventura eles pudessem existir. Daí dizer reputado historiador que Belém era então um "arraial de gentes sem ideal artístico".

(...) Na realidade, Belém apresentava em seus primórdios uma configuração sensivelmente triangular, com vértice no forte, sen-

do que a praça fronteira a este era o nascedouro comum das ruas principais do então.

(...)

Dois bairros: o português e o índio

(...) nos primórdios da cidade, e ainda durante muito tempo, uma forte diferenciação étnica. A cidade Velha era então **portuguesa** e a Campina **índia**, sem que houvesse contudo rivalidades bairristas por isso.

Eidorfe Moreira

Música sacra, autos, teatro profano

No Pará, praticadas pelos indígenas de maneira rudimentar, a música floresceu nas missões coloniais da Companhia de Jesus e dos frades Mercedários que a utilizavam como elemento pedagógico e recreativo.

No século XVIII, D. Frei Bartolomeu do Pilar, primeiro bispo do Pará, que era cantor, criou para a Sé, um conjunto musical de bom nível, do qual faziam parte elementos nascidos em terras paraenses.

Mais tarde, D. Frei Caetano Brandão – o maior protetor da música sacra no Pará colonial – embevecia-se, nas suas visitas pastorais, ouvindo o canto dos índios e dos negros escravos.

Maria Annunciada Chaves

***

(...) religiosos promoveram no Pará, principalmente em Belém e em São Luís, a representação de jogos cênicos. Os "autos", espécie de teatro catequético-apostólico, assim como "cenas bíblicas", levadas inclusive em ambientes rurais, como nos engenhos, já foram referidos pelo cronista do primeiro século da conquista e po-

voamento da Amazônia, o padre João Felipe Bettendorff.

As notícias do teatro profano aparecem somente no século XVIII e Belém chegou a possuir teatro com o pomposo nome de "Casa da Ópera" ou "Teatro Cômico", no qual teriam sido representadas obras de Antônio José da Silva, o "Judeu".

Vicente Salles

Pelourinho e horto

Existiu na Belém Colonial, mas hoje desaparecido, um logradouro público: a Nova Praça do Pelourinho. Sobre ela pouco ou nada se escreveu e quase ninguém a conhece de referência.

Devemos esta praça ao Governador e Capitão General D. Francisco de Souza Coutinho, que governou a Capitania do Grão-Pará de 1790 a 1802, governo eficiente que muito contribuiu para o seu desenvolvimento. (...) Foi em seu governo que se instalou na antiga Estrada de São José, hoje Avenida 16 de Novembro, um Horto Botânico, dirigido pelo francês Grenoullier, onde se cultivavam plantas do Pará, adjacências e de Caiena, mas hoje desaparecido.

Donato Mello Júnior

A pouca e fraca luz

Durante o período colonial, e ainda nas duas primeiras décadas da independência e do império, a cidade de Belém não tinha iluminação pública.

As casas de comércio fechavam, geralmente, ao anoitecer. Só as tabernas ficavam abertas até mais tarde, pendurando uma lanterna à porta.

As famílias que por acaso saíam ou se recolhiam de noite, eram

alumiadas por um escravo, que levava à frente um archote ou lampião. As senhoras iam sentadas dentro de seus palanquis ou de suas redes, suspensas em **tabocas** douradas, cobertas com colchas de Damasco, e carregadas aos ombros de dois escravos. Aos dois lados caminham as **mucamas**, fazendo a guarda de honra. Nas redes e nos palanquis transportavam-se igualmente de dia. Os ricos senhores tinham as suas seges, tiradas por uma parelha de cavalos, com o seu sota.

A iluminação nos largos das igrejas em noites de festa religiosa, era feita com luminárias ou **cabeças de breu** – grandes botas de estopa, embebidas naquela substância e presas à extremidade superior de postes de madeira, fincados ao chão pela outra extremidade.

O interior das casas pobres era alumiado por candeias de barro ou de folhas de flandres, de um ou dois bicos, por onde saía a extremidade da torcida de algodão.

O combustível comumente usado era o azeite de **iandiroba (iandi iroba** do tupi, azeite amargoso) extraído do fruto da **iandirobeira.**

As casas ricas serviam-se dos reluzentes candieiros de latão, de um, dois e três bicos, com torcida e combustível da qualidade referida.

Na sala de visita davam luz altos castiçais de prata com velas de estearina, defendidas do vento pelas **mangas de vidro**. Junto desta estava sempre a tesoura de prata, na competente salva do mesmo metal, para espevitar a vela.

Esses processos de iluminação estiveram em uso ainda depois de 1860.

Manoel Barata

Ir e vir

Os primitivos meios de transportes, para gente rica e de distinção, eram feitos em redes, cujos punhos eram amarrados às pontas de uma vara e carregadas por escravos negros e índios escravizados. Vieram mais tarde o carro de luxo e o *bond*, tirados a cavalos e a burros. Estes

cederam lugar atualmente ao automóvel e ao *bond* elétrico.

O transporte de cargas deixou de ser feito a ombro de negros e índios, para sê-lo em pranchas colocadas sobre quatro rodas e puxadas por bois e, muitos anos depois, em carroças a burro e que, por sua vez, vão cedendo o lugar ao automóvel-caminhão.

Até bem poucos anos a água era fornecida à população por **aguadeiros**, ou indivíduos que traziam dos igarapés próximos, grandes pipas, , puxadas por bois, desse líquido, e que era vendido a 20 réis o pote de folha (medida aproximada de 20 litros.

1915
Jayme Calheiros

Pombalina ordenação

Com a revolução portuguesa de 1º de dezembro de 1640 e consequente aclamação de D. João IV, a Coroa resolveu inaugurar uma nova etapa experimental no processo colonizador das terras do norte do Brasil. Com efeito, pelo diploma de 23 de fevereiro de 1652, a realeza pôs fim ao Estado do Maranhão desligando a capitania do Pará, até aí sujeita à jurisdição dos governadores e capitães-generais residentes em São Luiz. O ato, todavia, não produziu os efeitos que certamente se esperavam. A separação das duas capitanias abria uma enorme brecha que ameaçava ainda mais o desejado patrimônio. Por isso mesmo a monarquia, embaraçada no cipoal dos malefícios oriundos de tal frustração, julgou conveniente tornar a reunir num só governo as capitanias do Pará e Maranhão. Pelo ato régio de 1654, D. João IV reorganizou o Estado nos mesmos moldes de 1621. Em 1751 a capital do Estado passou, porém, a ser a cidade de Belém. Afinal, por decreto régio de 20 de agosto de 1772, separaram-se novamente os governos das duas capitanias.

Observe-se, pois, que a Coroa separava ou reunia as capitanias de acordo com as circunstâncias. A convergência de interesses políticos,

militares e econômicos condicionava a ação ultramarina da realeza. É natural que assim fosse. O estabelecimento do Estado era uma experiência colonizadora. Outrossim, a mudança da sua sede da cidade de S. Luiz para Belém, em setembro de 1751, no governo do capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Pombal, constitui sinal evidente das preocupações da monarquia. A defesa do patrimônio e a obra de conquista e colonização aconselhavam semelhante arbítrio. Belém, como capital do Estado, seria transformada num centro de irradiação colonizadora da ignota e enigmática região amazônica ainda selvagem, apesar da admirável ação missionária das diferentes Ordens.

Em 1755, portanto, quando foi instituída a Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão, as capitanias do norte da colônia formavam um "Estado" com um governo delegado pela metrópole. Desde setembro de 1751, com a mudança da capital para Belém, o "Estado" deixou de ser "do Maranhão e Pará", para ser "do Grão-Pará e Maranhão".

Manuel Nunes Dias

Receita de governador

Senhor. – No fim da carta de que V.M. me fez mercê me manda V.M. diga meu parecer sobre a conveniência de haver neste estado ou dois capitães-mores ou um só governador.

Eu, senhor, razões políticas nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por obedecer direi toscamente o que me parece.

Digo que menos mal será um ladrão que dois; e que mais dificultosos serão de achar dois homens de bem que um.

1654
Antônio Vieira

Plano de embasbacar

Contaram-me que o ilustre marquês de Pombal concebera sobre os destinos do Brasil e particularmente da província do Pará o plano mais extraordinário que jamais preocupara o pensamento de um homem de Estado, plano que, realizado, não encontraria igual na história senão a célebre retirada dos hebreus do Egito. Como se sabe, a corte de Espanha nunca pudera ver com bons olhos aquela nação portuguesa, pequena em dimensão, mas de ânimo sempre firme em não se sujeitar como tinham feito as suas treze irmãs ibéricas. Quando o gabinete do Escurial não ameaçava diretamente a independência lusitana, suscitava aos estadistas de Lisboa mil inquietações, ora com questiúnculas na Europa, ora com dúvidas sobre limites na América. Talvez também já previsse o ministro que o Brasil mais anos menos anos se tornaria independente.

Por tudo isto imaginara o plano de entregar à Espanha o território de Portugal, recebendo toda a porção espanhola da América Meridional, transportando a nação portuguesa em massa para o Brasil. Formar-se-ia no continente europeu um Império, constituindo-se outro de extraordinária grandeza no Novo Mundo, colocado todo debaixo do cetro da casa de Bragança. Entravam no Plano a nobreza e o alto clero. Durante três anos consecutivos deveria o púlpito apregoar em todo o reino, que era vontade de Deus a emigração em massa para o Brasil (...)

Na esperança de fundar o mais vasto Império do mundo e querendo levantar-lhe a capital à margem do maior rio da terra, tinha o ministro escolhido a cidade do Grão-Pará em razão de sua colocação sobre o Amazonas, cujo curso de milhares de léguas é caminho franco e aberto para os Andes, tornando-se os seus grandes tributários outros tantos braços de comunicação com a América Meridional.

Li uma memória escrita, na qual vinha uma exposição desse gigantesco plano. Quimérico ou não, diz o autor, a ele deve a província do Pará os progressos que fez no governo do marquês de

Pombal, vendo sua capital enriquecida de grande edifícios, tais como o palácio do governo, o teatro, o arsenal, etc.

1828
Hercules Florence

A Visita da velha senhora

Tendo em conta os resultados que alcançou no seu conjunto a Mesa Inquisitorial durante os seis anos de funcionamento em Belém, promovendo audiências, sindicâncias e exarando sentenças não chegou a alcançar quantidades que nos impressionem. Se não, vejamos: a colheita resultou em 12 feiticeiros, 9 feiticeiras, 6 blasfemos, 5 curandeiros, 4 curandeiras, 4 sodomitas, 5 bígamos sendo uma mulher, 2 hereges sendo uma mulher e um caso apenas de um senhor denunciado por prática de castigos corporais em seus escravos. (...)

Entre vivos e mortos a Visitação do Pará atingiu, direta ou indiretamente, cerca de 485 pessoas que vêm citadas no Livro de Confissões e Denúncias. (...)

Do total geral de pessoas que aparecem citadas no *Livro da Visitação*, e isso importa sobretudo para um possível estudo da estrutura da população paraense, 353 são brancos, 55 índios, 42 negros escravos, 17 mamelucos, 6 cafusos e 12 mulatos.

(...) Muitos humildes e poucos poderosos, escravos e senhores, religiosos e militares, profissionais e sem profissão, homens e mulheres, velhos e, o que é interessante, crianças, vivos e mortos são atingidos pelo zelo inquisitorial nessa Visita um tanto ou quanto tardia e, pelas penas, relativamente brandas que tivemos no Brasil, provavelmente, como já dissemos, a última e a mais demorada.

Verifica-se na Visitação do Pará que boa parte dos implicados vêm das camadas mais humildes da população. (...)

Na verdade são poucos os que fazem exceção a essa qualifica-

ção, como é o caso, por exemplo, do Ouvidor-Geral Dr. Albuquerque Melo ou do Procurador de Causas José Januário da Silva, este por ter-se sujeitado às práticas do curandeirismo de um seu escravo de nome José; (...) de Manuel de Oliveira Pantoja que confessou ter participado de uma pândega ao forjar um casamento fingindo-se de padre; ou ainda do Capitão do Regimento de Infantaria da Praça de Belém Domingos da Silva Pinheiro, cuja mulher Izabel Maria da Silva foi acusada de práticas diabólicas, tendo três dias depois de denunciada comparecido perante a Mesa para fazer sua confissão, de que afinal aprendera de outra pessoa certas práticas mágicas, mas que repreendida pelo marido não mais as repetiu, confessando-se agora muito arrependida. Aliás, o seu marido, o Capitão Domingos Pinheiro, não demorou muito em comparecer perante a Mesa para denunciar, a 9 de fevereiro de 1764, a José Felizardo por bígamo.

(...) temos ainda hoje dois governadores do Pará, José da Serra, já falecido há anos, mas que foi visado pelo feitiço da índia Sabina, a mesma feiticeira aliás que é chamada para tratar do governador João de Abreu Castelobranco.

Não faltaram também religiosos como José Caetano Cordeiro, subchantre da Sé de Belém, que ensinara uma oração miraculosa para um primo seu interessado em conquistas amorosas.

J. R. Amaral Lapa

... E CRESCE A OLHOS VISTOS

Primeira entre as iguais

(...) bela cidade de mais de 30.000 almas (...)

(...) A sua situação é muito vantajosa. Os seus arredores, cujas ruas são sombreadas pelas árvores alterosas representantes das florestas amazônicas, impressionam ao viajante de um modo extremamente agradável; eles revelam gosto e perseverança nos administradores municipais. Não há outra cidade no Brasil que mereça igual elogio. Cumpre acrescentar que esse aformoseamento data do tempo colonial.

1866
A. C. Tavares Bastos

Um pioneiro meio doido

João Francisco Madureira, moço pobre, enjeitado, meio doido, pequeno empregado público, bem ou mal foi o iniciador da arte de imprimir no Pará. Um dia de 1820, cismou de arranjar uma tipografia. Sendo impossível adquiri-la, repetiu a proeza do padre mineiro Viegas de Meneses: improvisou-a, abrindo, moldando e fundindo os caracteres e construindo o tórculo "sem mais socorro que

a sua indústria e verdadeiro patriotismo"[1], e uns cobres angariados numa subscrição pública. [2] Em 28 de maio apresentou em letra de fôrma, à Junta do Governo Provincial, um requerimento para usar a sua oficina. Deferido, entrou a imprimir pequenos avulsos, de graça. (...) Aduziu Pará ao nome Madureira.

Carlos Rizzini

James Bond em Belém!

A 23 de outubro de 1868, foi concedido a James B. Bond o privilégio exclusivo por 30 anos, para explorar o serviço de transporte coletivo em Belém.

Foi como teve origem o BONDE, veículo que tomou o nome do concessionário desse melhoramento público, que se propunha a conduzir passageiros e materiais "para os diferentes pontos da cidade, de modo rápido e econômico".

James B. Bond era americano e de espírito empreendedor. Por largo tempo exerceu o cargo de cônsul dos Estados Unidos da América, no Pará.

(...) A primeira [linha de bonde] tinha começo no Largo da Sé e ia até o Largo de Nazaré, além da ermida. Os carros desciam pela Calçada do Colégio, Rua da Cadeia, hoje João Alfredo, frente do Teatro Providência, Rua de Santo Antônio, dobrando na Travessa da Misericórdia, atual Praça Barão de Guajará, subiam pela Rua de São Vicente, agora Paes de Carvalho, Travessa dos Mirandas, que é a moderna Avenida 15 de Agosto, Largo D. Pedro II, atualmente Praça da República, de onde tomavam a direção da Estrada de Nazaré, até o fim da linha. (...)

1 - ap. Cardoso Barata, *Efemérides Paraenses*.
2 - Exatamente 780$260 assinados por 118 pessoas. Promoveu a lista o negociante Francisco José Gomes Pinto, abrindo-a com 120$000.

Foi a 8 de agosto de 1870 que chegaram de Nova Iorque (...) a máquina e dois carros, idênticos aos usados no Rio de Janeiro, "muito elegantes e bem pintados", e que se destinavam "para o transporte de FAMÍLIAS **exclusivamente**".

Ernesto Cruz.

Goeldi e o seu museu

Ao fundar em Belém, em 1866, a Sociedade Philomatica, que organizaria o núcleo do futuro Museu Paraense, Domingos Soares Ferreira Penna (1818 - 1888) instituía para a ciência brasileira o que hoje se transformou no mais importante centro de estudos da natureza e do homem amazônicos no país.

(...) Interessado em geografia, arqueologia e etnografia, naturalista viajante do Museu Nacional desde 1871, pesquisador de extensas áreas da Amazônia, Ferreira Penna sentir-se-ia estimulado pela passagem de Louis Agassiz (1807 - 1873) por Belém para concretizar a instauração da Sociedade Philomatica, que em 1871 receberia o nome de Museu Paraense (...)

Atravessando as dificuldades habituais dos órgãos de cultura para sobreviver, quase ameaçado de completa extinção em 1888, o Museu Paraense foi recuperado por determinação do governador Lauro Sodré, que chamou para sua direção o ilustre cientista suíço Emílio Augusto Goeldi (1859 - 1917) através da oportuna mediação do escritor e crítico José Veríssimo.

Goeldi já residia no Brasil há dez anos e familiarizara-se com o ambiente científico do país, prestando relevante contribuição ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, quando aceitou o convite para organizar no Pará uma instituição que contribuísse para o desenvolvimento das ciências naturais e da etnologia da região.

(...) Instalado a partir de 1895 em antiga **rocinha** – nome que se dava em Belém, no século passado, à pequena propriedade rural, abrangendo a residência, o pomar, a floresta e o campo, termo

que depois passou a individualizar a casa de moradia ou prédio principal –, o museu ocupa hoje uma área total de 55.046 m², onde se incluem um horto botânico, um parque zoológico, um aquário, laboratórios, exposições e biblioteca. (...) A hoje centenária rocinha do Museu Goeldi, construída em 1879 para o coronel Bento José da Silva Santos, constitui o último testemunho em Belém da paisagem urbana da segunda metade do Oitocentos, quando se popularizou a construção de chalés em centro de terreno, fugindo-se ao alinhamento de fachadas voltadas para a frente de rua.

(...) Em 1930 passou a chamar-se Museu Paraense Emílio Goeldi. (...)

A organização do museu mantém até hoje as grandes linhas estruturais que lhe conferiu Goeldi, no regulamento de 1894. Possui divisões de zoologia (vertebrados e invertebrados), botânica, arqueologia, antropologia e uma biblioteca especializada em assuntos da Amazônia que será possivelmente a segunda do país. Entre livros, periódicos e materiais especiais, o acervo da biblioteca atinge atualmente 122.205 volumes. A sua Seção de Obras Raras possui preciosidades que datam do século XVI ao XIX.

Luiz Miguel Scaff

Vitórias feministas

O nosso ensino primário que vinha de há muito apresentando evidentes sintomas de decadência e abatimento recebeu, no regulamento de 2 de Janeiro de 1899, impulso que felizmente o vai por toda parte animando e reerguendo.

Não havendo necessidade de aqui consignar as bases todas sobre que assentou-se essa reforma, devo deixar notado que duas foram as idéias que predominaram na sua elaboração.

Quero referir-me especialmente à que permitiu às mulheres o

ensino do sexo masculino e a que instituiu entre nós os grupos escolares.

(...)

Destinado à educação de órfãs desvalidas o Instituto "Gentil Bittencourt" continua a merecer da parte do governo a mesma atenção com que sempre foi olhado, em respeito ao humanitário fim de sua instituição.

(...) Seria da mais alta importância para o futuro dessas meninas prepará-las com uma profissão interessante e rendosa, e não prepará-las unicamente para esposas. Nem todas poderão encontrar casamentos e nem todas poderão ser donas de casa; é preciso portanto, que longe de serem pesadas à sociedade, tenham uma profissão apropriada e que do seu próprio trabalho possam viver bem, quer sejam solteiras quer casadas.

1901
José Paes de Carvalho

As amazonas iluminadas!

Não é fora de propósito que também nos ocupemos de uma [Sociedade] composta exclusivamente do sexo feminino. Referimo-nos à Sociedade das Novas Amazonas ou Iluminadas.

(...) Havia um sinal chamado de socorro a que podiam recorrer as sócias, quando se achavam em algum perigo ou aflição; consistia em estender o braço tendo um lenço branco na mão. (...) Tinham o seu hino próprio, que cantavam no aniversário da independência política do império.

Domingos Antônio Raiol

Alívio para os necessitados

Duas instituições desapareceram dos largos da capital paraense, e que faziam ponto de honra, quando nasceu o século que atravessamos. Eram os *kiosks* e os mictórios públicos. Os *kiosks* eram de madeira, elegantes, pequenos, instalados nos cantos das praças, e em alguns cruzamentos de ruas movimentadas. Neles vendia-se de tudo, desde o completo de café, pão, chá, bebidas, tabaco, etc. ao leite, às coalhadas, ou outras leves refeições. Funcionavam dia e noite. Os mictórios existiam nas melhores praças. Eram higiênicos porque possuíam esgoto natural. Asseados. Vedados às vistas por umas placas de ferro. Acomodavam às vezes quatro ou cinco necessitados, e tinham várias entradas e saídas. Não há dúvida que exprimiam foros de civilização. Mas pensamos que eram mais questão de hábito. Hoje não fazem falta. Tais quais os escarradores nas repartições.

Murilo Menezes

Frutuosa governação

O Instituto Lauro Sodré (...) no gênero pode ser considerado um estabelecimento modelo. Tendo sempre em vista que ele é uma escola profissional de artes e ofícios, a fim de diminuir e aliviar os encargos do Estado, tenho determinado que ele se constitua fornecedor de diversos serviços públicos nos quais podem ser, e têm sido, realizadas grandes e proveitosas economias. Atualmente ele fornece roupa de brim e linho para o Regimento Militar, guarda local e presos da cadeia de São José; manufatura obras de ferro para diversas repartições públicas, notadamente para o Museu Goeldi e para a Polícia; encaderna livros para a Biblioteca e Arquivo, imprime obras, como seja o Boletim do Museu; e fábrica mobília para os grupos escolares, além de inúmeros serviços que presta ao próprio estabelecimento. Tudo isto é realizado com uma notável economia, relativamente aos preços pelos quais eram feitos os fornecimentos do Estado. Em breve conto que o Instituto esteja aparelhado para fabricar mecanicamente calçado para o Regimento, pois já possui as competentes máquinas. (...)

1902
Augusto Montenegro

A Pará Gás

A cidade de Belém é iluminada à luz elétrica fornecida por duas companhias e também tem iluminação particular, a gás, fornecida por uma outra companhia inglesa, a **The Pará Gaz Company.**

Esta companhia tem sede em Londres e o seu capital é de £ 49.000, divididas em 9.800 ações de £ 5 cada uma, e tem mais emitidas £ 20.000 em debêntures de juros de 6%. Funciona no Pará desde 1898.

1908
Ernesto Mattoso

Cinematographos

Belém não podia deixar de ter boas casas desse gênero de diversão acessível a todos, onde as famílias, na falta de boas companhias dramáticas ou líricas, pudessem distrair-se, saindo a passeio ao começar da noite.

Entre elas notam-se o **Cinema Olympia**, luxuoso, confortável, com um alegre salão de espera, deliciado este por um fino quarteto de professores musicistas e um belo salão, amplo, extenso, com cômodas poltronas em duas longas filas, formando assim duas passagens laterais e uma central. Outra afinada orquestra executa

trechos durante as projeções; ambos os salões são grandemente ventilados por possantes ventiladores, dois dos quais trabalhando para fazer sair o ar interior. Diariamente são exibidas peças novas. Acha-se instalada na Praça da República, ao lado do **Grand Hotel**, dele separado por uma via pública. O preço de entrada é 1$000.

Cinema Rio Branco, ao lado do grande **Hotel da Paz**, e com este em comunicação. Não sendo uma grande sala, tem lotação para 190 pessoas assentadas em cadeiras confortáveis.

1916
Theodoro Braga

A caixa d'água

Os grandes reservatórios d'água colocados no centro da cidade constituem uma obra gigantesca e de palpitante necessidade , executada no governo do Dr. Augusto Montenegro.

Em janeiro último fazia ele uma visita a essa bela obra, então em vias de conclusão.

"A Província do Pará" assim narra aos seus leitores, em sua edição de 2 daquele mês, a visita do governador:

> Na tarde de ontem, às 4 horas, visitou S. Exa. o Sr. Dr. governador do Estado, acompanhado do Sr. Dr. João Coelho, as obras do reservatório d'água à Rua Lauro Sodré, esquina da Travessa Primeiro de Março, ora em construção, sendo recebido pelo engenheiro Francisco Bolonha, contratante, e seus auxiliares, engenheiros Louis Bégon e Harry Nuding e também pelo Dr. Inocêncio Holanda de Lima, engenheiro-fiscal dos trabalhos por parte da Secretaria de Obras Públicas e Diretoria do Serviço de Águas.
>
> Examinou S. Exa. minuciosamente todas as obras de fundações, que cubam um total de cerca de 2.000 metros

cúbicos de alvenaria de pedra, com argamassa hidráulica, na qual foram empregadas cerca de 5.000 barricas de 120 quilogramas de cimento *Portland*, fornecidas ao arrematante pelo governo do Estado. Estas fundações foram orçadas em 98.000$000.

Em seguida, o Dr. governador examinou a usina de ar comprimido, que ali instalou o engenheiro Bolonha, para executar o trabalho de cravação da estrutura metálica e tanques, por meio de ferramentas pneumáticas, sistema norte-americano, hoje usado com grande vantagem sobre todos os demais até então adotados, e que é empregado aqui, na nossa capital, pela primeira vez, nesta grande obra. Essa usina compõe-se de uma bomba de ar, de sistema aspirante calcante, com motor a vapor próprio, acionado por uma caldeira a vapor locomóvel, vertical, da força de 30 cavalos.

Essa bomba aspira o ar da atmosfera e comprime-o em um reservatório de aço a uma pressão de 120 libras por polegada quadrada. Desse reservatório é o ar transmitido até a plataforma superior da torre metálica por meio de um tubo de aço e daí por um sistema de válvulas é distribuído por meio de mangueiras de borracha, guarnecidas por armaduras metálicas, a todos os pontos da construção.

S. Exa. subiu até à plataforma superior, onde ficam assentes os tanques, por uma escada em espiral que dá acesso a essa plataforma, de 131 degraus.

Uma vez ali chegando, S. Exa. e as pessoas que o rodeavam demoraram-se longamente a observar o panorama da cidade, desde o Instituto Lauro Sodré até ao Pinheiro, fazendo apreciações sobre este ou aquele ponto de Belém, cuja perspectiva daquela altura é irresistivelmente bela e pitoresca, mostrando a nossa edificação toda cercada e entremeada de luxuriante arborização, ostentando a cor verde em infinitos matizes.

No alto da plataforma o engenheiro Bolonha mostrou

ao chefe do Estado, minuciosamente, o funcionamento de todas as ferramentas pneumáticas, como cravadores, mandris, furadores, cortadores, martelos, calafetadores e máquinas de pintar, todas acionadas por ar comprimido, fazendo também executar as mesmas operações pelo processo manual para mostrar a S. Exa. a comparação entre este processo e o mecânico, e demonstrando que o processo mecânico, ora em uso, leva uma vantagem sobre o processo manual primitivo, na relação de 1 para 5.

A montagem acha-se agora nos tanques reservatórios, que são em número de 3, com capacidade de 833 metros cúbicos cada um.

A plataforma da torre, onde ficam assentes os tanques, está a uma altura de 25m40 do nível da rua, havendo ainda um torreão no centro da mesma que se eleva a 27m90 acima do nível da plataforma, dando uma altura total para a construção de 53m30, que virá a ser o ponto mais alto da nossa capital.

O peso total da construção, depois de pronta, com os 3 tanques cheios d'água será de 3.319.119 quilogramas, sendo 2.500.000 para o peso do volume d'águas, o resto para a estrutura metálica.

O Sr. governador e bem assim todos os demais visitantes trouxeram dali a melhor impressão do modo prático e aperfeiçoado por que está sendo executado aquele trabalho a cargo do engenheiro Bolonha, que foi muito felicitado por esse motivo.

O reservatório, que foi orçado em 291.000$000, deverá estar concluído até o mês de maio vindouro e a sua inauguração oficial, ao que nos consta, será feita a 26 de junho do corrente ano.

Além das pessoas citadas, receberam à entrada das obras os Srs. Drs. Augusto Montenegro e João Coelho os Srs. Coronel Theodomiro Martins, Dr. Raymundo Vianna, secretário das Obras Públicas; José Maria Pereira, engenheiro Guilherme Paiva, Wenceslau Pedro, Salvador

Costa, Paulino Marques de Brito Amorim, Eduardo Studden, Luiz Lisboa e os repórteres d'*O Jornal* e d'*A Província do Pará*.

O fotógrafo Max Burkhardt apanhou três chapas do grupo sobre a plataforma superior.

1908
Ernesto Mattoso

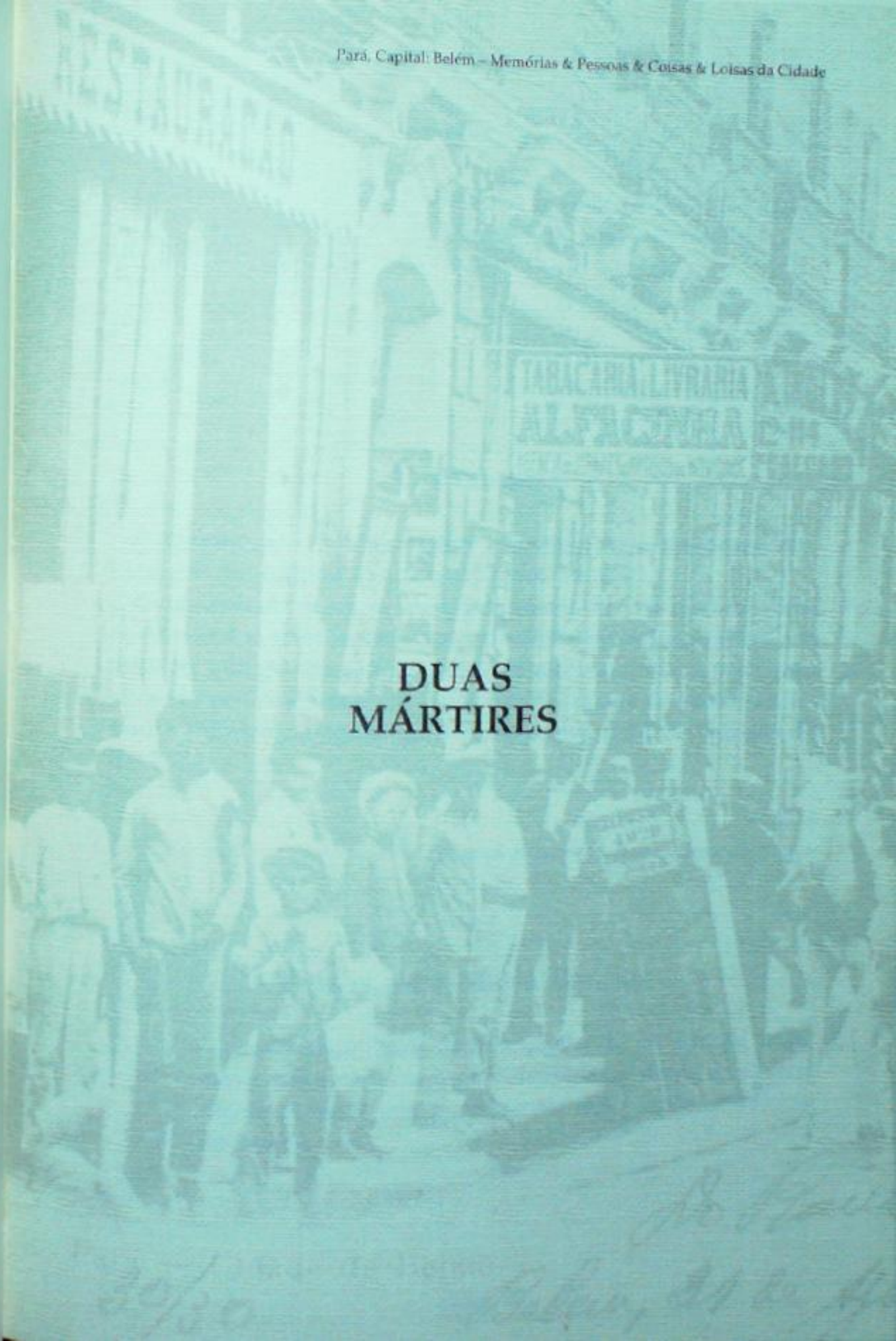
Quase uma estranha

(...) Esta Belém, ao contrário do que dizia o poeta Bruno, já não conhece nossos passos. Está tão bela, crescida, bem tratada que é quase uma estranha. As magníficas manhãs, que bem conheces, servem de fundo aos jardins e praças recuperados, ruas asfaltadas, edifícios novos e audaciosos, povo se movimentando e predomínio de esplêndida juventude, que é, aliás, o característico das cidades brasileiras (mais de 50% somos, no Brasil, com menos de 25 anos de idade). Belém é um milagre nesta latitude. A não ser uma cheia do Amazonas descomunal (cousa difícil, porque há tanto lago e igapó para atenuar o espasmo do rio) não se antevê ameaça de calamidades naturais. A linha sísmica vem das Antilhas, mas invés de rumar na direção de Belém, dobra para o centro do Atlântico. Os furacões ficam lá pelo Caribe também. Não há morros e consequentemente livres estamos dos deslizamentos. Há pragas, sem dúvida, porém vencíveis apesar de chatas: o chato propriamente dito, o bicho-de-pé, o piolho (estes dois últimos que atacavam os meninos do povo já não são frequentes); a saúva, a mosca, o carapanã, o maruim (que persegue as pernas das costureiras), o mucuim (mais próprio da zona rural, agarrando-se ao saco escrotal do homem e dos bichos de colhão grande), o carrapato, a ura (uma larva que o mosquito desse nome, de ferrão comprido, põe no fundo da carne da gente, de preferência na ilharga), a formiga de fogo, a traça, a barata, o grilo, o rato, o cupim. São bichos que

nos fazem guerrilhas, mas passíveis de destruição com a simples caminhada do desenvolvimento. Por outro lado, não é cidade para servir de alvo a mísseis: o engenho é muito caro para resultado sem importância. Também não é rica para produzir excêntricos, nem presunçosa para gerar fanáticos. A criminalidade é ainda na base da rasteira, do tapa e da faca. Surgem novas fábricas (cerveja, óleos, tinta, madeira prensada, papel, tecidos, sacaria, tubos), novos institutos especializados (para gagos, para surdos, para excepcionais), estabelecimentos de nível universitário (teatro, geologia, arquitetura, administração pública, economia), novas casas de saúde (uma bem montada equipe de cirurgia do coração e bem equipado centro de tratamento do câncer), e novos centros de recreação, boemia e prazer noturno. O tráfego urbano aumenta, todo mundo tem um volks fabricado no Brasil, e as mulheres ganham o guidon. (...)

1967

Raymundo de Souza Moura



DUAS MÁRTIRES

A mameluca

(...) assassinato de uma mulher mameluca, chamada Maria Bárbara, por um indivíduo que tentou violentá-la.

O assassinato dessa mulher, perpetrado no caminho da Fonte do Marco, nas imediações da cidade de Belém, foi atribuído a um soldado, que por isso foi condenado à morte e sofreu a pena, protestando por sua inocência. Anos depois, ralado de remorsos, fazia o verdadeiro assassino, à hora da morte, pública confissão do seu crime.

1873

Cônego Francisco Bernardino de Souza

Versos para Maria Bárbara

À Mameluca Maria Bárbara, mulher de um soldado, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, perto desta Cidade de Belém, que preferiu a morte à mancha de infiel ao seu esposo.

SONETO

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadáver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo aflito, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco feio ao corvo altivolante:

Que dum monstro inumano, lhe declara
a mão cruel me trata desta sorte;
Porém que alívio busque à dor amara,

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que por honra da fé que lhe jurara,
À mancha conjugal prefere a morte.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

Severa Romana: sua vida e seu martírio

SEVERA ROMANA, mártir da fidelidade ao sacramento do matrimônio, era filha de imigrantes italianos de origem humilde. Foi criada numa estância, sistema antigo de habitação coletiva em quartos de madeira, de condições precárias, muito comum na Belém do Pará outrora. Sua mãe exercia a atividade de lavadeira, tendo como freguesas, dentre outras, alunas do Colégio Santo Antônio, dirigido pelas irmãs Dorotéias. Quando criança e pré-adolescente SEVERA era a transportadora dessa roupa e, em razão disso, frequentava com assiduidade aquele estabelecimento de ensino religioso, onde recebia merendas, ensino de letras e doutrina católica. Uma de suas mestras foi Madre Estefânia Castro, religiosa dorotéia falecida com 97 anos de idade, em Belém, no ano de 1959, depois de 79 anos de vida conventual, que certamente lhe terá transmitido a consciência dos deveres de fidelidade que se assumem pelo sacramento do matrimônio.

Aos 17 anos, SEVERA ROMANA contraiu casamento com um jovem também de origem modesta, o soldado Pedro Cavalcante de Oliveira, continuando a morar em Belém, na rua João Balbi, trecho compreendido entre a avenida hoje denominada Alcindo Cacela e a travessa 14 de Março, em pequenina barraca cujo terreno é hoje ocupado pelas casas de números 513 a 521.

Severa e Pedro estavam casados há quase dois anos, ela grávida, com 19 anos, quando resolveram fornecer refeições e roupa lavada, mediante módico pagamento, ao cabo Antônio Ferreira dos Santos, que se encontrava em Belém, transferido do 35º B. I., do Ceará.

A beleza de SEVERA ROMANA despertou no cabo violenta paixão, tanto mais crescente quanto mais veementemente repelida e não correspondida. Às 19:00 horas do dia 2 de julho de 1900, aproveitando ocasião em que o soldado Pedro ficara de sentinela no quartel, o cabo compareceu à barraca da rua João Balbi para jantar. Posta a comida, SEVERA ROMANA dirigiu-se ao seu quarto para apanhar algumas peças de roupa, pois fora aconselhada pelo marido a dormir na casa de uma família moradora nas vizinhanças. Atrás dela entrou no dormitório o cabo Antônio, pensando usar, se necessário, de violência, para conseguir satisfazer a sua lascívia. Como sempre, foi repelido. A vítima suplicou, gritou, pediu por si e pelo filho que trazia no ventre, sempre resistindo ao ímpeto do seu algoz. Indignado, Antônio empalmou uma navalha e golpeou a mártir da fidelidade matrimonial, de início no seio e depois cravando-lhe a navalha no pescoço, degolando-a.

O crime abalou Belém e a mártir logo passou a ser reverenciada pela população. Um bando precatório obteve o dinheiro necessário para a construção de um mausoléu e a Intendência, hoje Prefeitura, concedeu a perpetuidade da sepultura.

Daí em diante o túmulo de SEVERA ROMANA passou a ser

objeto de numerosas visitas, mesmo nos dias comuns, mas principalmente na celebração de Finados. Atribui-se-lhe a intercessão de graças obtidas, cujo testemunho tem sido afirmado em pequenas e numerosas placas de mármore gravado, aplicadas ao seu mausoléu.

Seu martírio tem sido equiparado ao de Maria Goretti, hoje canonizada.

(Avulso distribuído nas igrejas de Belém)

O CLIMA: RIGORES E AMENIDADES

As quatro estações são duas

(...) as mudanças de temperatura não são suficientes para dividir o ano em estações distintas; com efeito, estas reduzem-se a duas: a estação das chuvas e a estação seca, mais ou menos acentuadas, e invadindo em parte uma a outra, conforme o ano; a primeira é denominada **inverno** e a segunda **verão.**

(...) Em Belém chove todo ano com mais ou menos abundância, conforme a estação; as grandes chuvas começam em fins de dezembro e são mais fortes de janeiro a abril; o inverno termina em agosto; os meses mais secos de verão são setembro, outubro e novembro. Chove mais ainda na região atravessada pela estrada de ferro de Bragança, mas pode-se considerar a zona que se estende a leste de Gurupá e compreende a "região dos furos", a maior parte das "ilhas", o sul e o sudoeste de Marajó e a margem direita do Rio Pará até os confins da zona litoral, como fazendo parte do clima especial da zona tocantina, um pouco modificado pela vizinhança do oceano.

(...) Durante a estação chuvosa acontece com freqüência que certos objetos, calçados, roupa, livros, etc., se cobrem de abundante bolor dentro dos armários onde estão guardados.

Paul Le Cointe

Uma frase é uma frase, é uma frase, é uma frase

Pode-se dizer que a chuva é o fenômeno meteorológico mais expressivo na vida da cidade, que não só por seus efeitos como por certas fantasias acerca da sua regularidade e abundância. Poucas cidades do Brasil inspiraram tantos equívocos e exageros sobre a sua pluviosidade como a capital paraense. Há uma verdadeira tradição de leviandades entre viajantes e turistas neste sentido.

(...) há uma relativa regularidade no regime pluviométrico da cidade. Chove com mais freqüência durante a tarde e no início da noite, tanto no inverno como no verão, sendo por vezes raras neste último as chuvas pela parte da manhã. Os quatro primeiros meses do ano são os mais chuvosos, figurando outubro e novembro como os de menor pluviosidade.

(...) Belém é climaticamente uma cidade quente, úmida e chuvosa, convindo não esquecer que isso deve ser entendido em termos de relatividade e em consonância com as condições locais. Aplicando ao clima da cidade uma frase de Coudreau sobre o clima da Amazônia, frase adotada e modificada depois por Le Cointe e que por nossa vez procuraremos resumir, diremos que esse clima é quente sem ser tórrido, chuvoso sem ser diluvial, úmido sem ser saturado.

Eidorfe Moreira

Noites agradabilíssimas

Se por um lado, durante o dia, das 11 1/2 da manhã até às 3 da tarde, a temperatura se conserva elevada, de 25° a 30°, geralmente, as noites são agradabilíssimas. Desde às 6 1/2 da tarde começam a soprar as brisas do Leste, de modo que a noite vai-se adiantando cada vez mais fresca até a madrugada, cuja temperatura desce normalmente a 19° e algumas vezes a 17° e mesmo 16° centígrados.

No inverno, a temperatura durante o dia não sobe a mais de 25° ou 26° e à noite algumas vezes o termômetro marca 15° e mesmo 14° , à 4 horas da manhã.

1908
Ernesto Mattoso

Perpétua primavera

Os defluxos me são inseparáveis, sem embargo do clima ser benigno, pois desde as quatro da tarde até nove horas do dia é uma perpétua primavera; em o mais tempo e horas há algum calor porém não tem que ver com o que experimentamos nos caniculares em Portugal; e, conquanto esteja dentro do trópico, e distasse do equinocial um grau e tantos minutos ao sul, como isto é um labirinto de rios com que se acha recortado o continente, o saudável vapor das mesmas águas, e a frescura dos arvoredos sempre cobertos, com a viração que há de manhã, tarde e à noite, faz o país temperado e saudável. Se não fossem as trovoadas em quase todas as luas, dariam estes alguma idéia do que a terra do Pará era um retrato do paraíso.

1760
D. Fr. João de São José Queiroz
Bispo do Grão Pará

A luz que dói

Como autêntica cidade tropical, a urbe paraense é altamente favorecida no que respeita à cor e à luz, sem que a intensidade desta prejudique os efeitos e tonalidades daquela. É certo que nos dias mais caniculares do verão, principalmente entre as 12 e 14

horas, quando a irradiação atinge o seu máximo actinométrico, a intensidade da luz se torna incômoda à vista, nos trechos da cidade mais sujeitos à reverberação. Isto mostra a importância que se deve dar à arborização e à cor das edificações nas aglomerações urbanas como a nossa.

Eidorfe Moreira

***

Os óculos de que usam os portugueses são objeto de galhofa no estrangeiro. (...) Que a nação padece falta na vista é certo, e presumo nascer de ter horizontes muito claros. No Pará experimentam os europeus diminuição muito sensível. Pode ser que a claridade, calor e vista da água, objeto trêmulo e como cintilante ao brilhar ferido da luz, concorra muito.

1760
D. Fr. João de São José Queiroz
Bispo do Grão Pará

O mormaço é um bornal

(...)

Só quem amou à tarde, quando as horas caem como bichos
surpreendidos numa armadilha,
e foi imensamente nu e rumoroso às portas escancaradas
da tarde,
entende o meu amor por ti, Belém do Pará,
quando me envolves no bornal de teu mormaço,
cravas em minhas costas de viajante o teu punhal de
canícula
e há meio-dia em tudo, até no céu.

(...)

Lêdo Ivo

Amiga dos ventos

Quanto aos ventos, dominam na cidade os do quadrante Leste, de origem atlântica. Como os estuários favorecem a canalização da circulação aérea, Belém é uma cidade favorecida sob este aspecto, uma vez que se acha situada no maior estuário continental. Pela sua posição e pelo seu relevo, é o que se pode dizer uma "cidade aberta", eolicamente falando. Contudo, são raras as grandes turbulências atmosféricas, e além de raras jamais atingem as proporções catastróficas dos ciclones e tornados da região do Caribe.

Eidorfe Moreira

Lenços, lenços e mais lenços

(...) O calor aqui está fantástico porém o paraense me falou que embora faça mesmo bastante calor no Pará o dia de hoje está excepcional. De cinco em cinco minutos saio do banho e me enxugo todo, sete lenços, dezessete lenços, vinte e sete lenços...

Passeio de lancha no Chapéu Virado pelo furo do Maguari. Praias, tomar banho de água doce em quase pleno mar. Enxames de ilhas, cardumes de ilhotas que vão e vêm, desaparecem. Esta variedade infinita de calores amazônicos. Batia um calor fresquinho no furo. Ontem, depois da chuva, bateu um calor tão frio que as mulheres daqui se cobriram. E dizem que lá dentro, quando estivermos de fato no coração do imenso rio, tem madrugadas tão úmidas que a gente chega a tiritar de calor.

(...) Em Belém o calorão dilata os esqueletos e meu corpo ficou exatamente do tamanho de minha alma.

1927
Mário de Andrade

URBANISMO: O QUE SE FEZ

Cidade tupinambá

(...) não foi o padrão cultural do colonizador, mas o do nativo, que prevaleceu nessa fase inicial da conquista. Pelo seu número e pelo seu concurso, o índio impôs à cidade a presença do meio, o que mostra que ele não foi apenas **braço**, mas também animador e parte integrante da paisagem urbana.

Tem causado admiração aos historiadores a rapidez e facilidade com que os colonizadores se estabeleceram e se fortificaram, mas deve-se notar que isso só foi possível graças à participação efetiva e decisiva do elemento indígena.

Mesmo naquilo que podia ter sido obra exclusivamente sua, o colonizador não pôde deixar de ceder às imposições do momento e do ambiente. O Forte do Presépio, núcleo original da cidade, não chegou a constituir uma obra de engenharia militar, no sentido clássico do termo, mas antes uma castrametação improvisada, com a participação ativa dos tupinambás. A não ser a artilharia, nada mais indicava aí uma fortificação em largo estilo.

Nem mesmo quando Bento Maciel Parente o reconstruiu anos depois ele perdeu de todo esse caráter de improvisação, embora já fosse uma construção mais sólida e mais segura. Só no século seguinte, já muito reduzido em sua área, é que ele passou a ser uma obra inteiramente de alvenaria.

(...) Cidade índia ou portuguesa, americana ou européia? Indígena como *urbs*, pelo menos no que respeita a certos aspectos da

sua edificação, portuguesa como *civitas*, como organização social e administrativa.

Mesmo no que concernia à sua economia interna, Belém era inicialmente mais tupinambá do que portuguesa. A cidade vivia de certo modo em função do índio, do índio na qualidade de trabalhador braçal, de caçador, de pescador e de canoeiro; com o índio surgiu a classe obreira e a escravatura, base de toda a riqueza pública e privada; e foi ainda em torno do índio, do índio como catecúmeno e como escravo, que nasceu a primeira e mais grave das questões sociais da cidade – a célebre e encarniçada disputa entre colonos e missionários.

(...) Geograficamente considerada, porém, a marca ou feição indígena da cidade residia no seu primarismo arquitetônico. Belém era então um modesto ajuntamento de construções de pau a pique e de enchimento cobertas de palha. Tanto quanto nos costumes, o português imitou também o índio em matéria de construção. Nada mais expressivo neste sentido do que a adoção generalizada da palhoça e da caiçara por parte do colonizador, principalmente esta última, pelo seu caráter de precaução e de defesa.

Nos primórdios da nossa história, a caiçara (cerca de proteção) não é apenas um requisito natural da arquitetura indígena com fins defensivos, mas também um elemento de caracterização do estilo ou modo de ser pioneiro. Pode-se dizer mesmo que ela foi a primeira das medidas defensivas do nativo utilizada pelo conquistador em seu proveito.

(...) Em matéria de construção, quase tudo que Belém teve em seus começos dependeu dos tupinambás. Ocupantes primitivos do sítio em que foi fundada a cidade, nuclearam-se depois nas áreas dos seus futuros bairros. Nestas condições, como vista ou paisagem urbana, Belém não podia deixar de ter algo de "indígena". Como forma e organização social, porém, era evidentemente "portuguesa". Portugal estava aí como presença histórica e como afirmação política.

Eidorfe Moreira

Duas Beléns

(...) a mais importante alteração urbanística operada no traçado da cidade foi a decorrente do aterramento do alagadiço do Piri, no início do século XIX. Antes desse aterramento havia praticamente duas Beléns – a Cidade e a Campina, como então se dizia – com aspectos e traçados diferentes. Com o aterramento desse alagadiço a cidade se unificou, e o símbolo e o traço-de-união dessa unificação foi a atual Avenida Almirante Tamandaré.

(...) a Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, cabe o título de unificador de Belém, por ter mandado aterrar o pântano que a seccionava em duas. (...)

Eidorfe Moreira

Receita de casa

As construções de casas no Pará, sobretudo na cidade de Belém, são geralmente feitas de pedra e cal.

Qualquer casa por pequena que seja, os seus alicerces são invariavelmente feitos de pedra e cimento, e as paredes geralmente de tijolo.

O tijolo angular, com 6 a 8 furos cada um, é o mais empregado, não só pelo tamanho e forma, que diminui a mão de obra, como também porque pela sua manufatura já com os referidos tubos de ar, são os mais apropriados aos rigores do nosso clima. Nas coberturas das casas emprega-se vulgarmente a telha convexa comum ou a telha chata denominada **telha francesa** ou de Marselha.

(...) As madeiras empregadas na construção das nossas casas são melhores dos que as que se pode obter em qualquer parte do mundo.

O acapu e o pau amarelo, o louro vermelho, o cedro e outras madeiras de lei são as que empregamos comumente. Para janelas e portas é geralmente empregado o cedro e o louro, para os umbrais é o acapu e para os soalhos são sempre empregados o pau

amarelo e o acapu, conjuntamente, o que lhes dá, a par de extraordinária durabilidade, uma certa beleza e nas casas de luxo fazem dessas duas madeiras e às vezes de mais outras duas ou três qualidades, lindíssimos mosaicos. (...) Para os forros das edificações são empregadas a ucuúba, a quaruba e a marapaúba. Nas casas mais modestas também se fazem soalhos com a cupiúba, que é também uma excelente madeira.

A não ser o cimento e certa ferragem muito especial, nada importamos para a construção de nossas habitações ou edifícios.

As casas no Pará são muito arejadas e agradáveis, pela altura do pé-direito, que nunca é menor de 4 1/2 a 5 metros. As janelas igualmente são altas e nunca mais estreitas de 1 metro. (...) Todos os prédios mais ou menos novos têm o assoalho a 1m50 acima do nível da rua.

Todas as casas têm varandas, sejam aos lados ou na frente, de maneira que com o maior calor elas têm sempre muita sombra de um ou de outro lado.

As salas de jantar geralmente dão para essas varandas e ocupam toda a largura do prédio, com janelas para ambos os lados, o que as torna excessivamente frescas; o ar circula livremente e as refeições são feitas por isso em lugar extremamente aprazível, embora ao sol o calor seja muito forte.

1908

Ernesto Mattoso

Os "conventos"

Naquele tempo chamava-se a uma casa espaçosa de **convento**. Acho que a casa de vovó me pareceu um **convento**. O gradil de ferro separava da rua o jardim de canteiros estrumados com caroços de açaí – bons para o viço das roseiras, bocas-de-leão, dálias e begônias. Na ilharga, o saguão que empoçava com água de chuva. O porão escuro – refúgio adequado para a brincadeira de esconde-esconde e *camon boy*. O sótão de onde se descia deslizando

disparado pelo corrimão da escada. (...) O corredor comprido, com uma porção de janelas para o saguão e de portas para os quartos caiados de branco. As duas varandas exibiam meias-paredes de azulejos portugueses, e na cozinha imperava um enorme fogão de tijolos. No banheiro uma torneira enchia a tina para o banho "de cuia", preferido ao de chuveiro.

Alfredo Oliveira

***

O estilo das casas residenciais é todo peculiar, porém bem adaptado ao clima. Todas as moradias apresentam larga varanda em volta, às vezes contornando quase todo o prédio. No interior do mesmo existe construção semelhante pelo menos em três lados do espaçoso pátio. Uma parte da varanda interna, ou pelo menos uma sala a ela ligada, serve de refeitório e é invariavelmente bem arejada e agradável. Somente os cômodos da frente são forrados, salvo nos edifícios mais altos e caros. As janelas de rótula são mais comuns que as de vidro, mas algumas casas têm-nas, ambas, conquanto os moradores sempre dêem preferência às primeiras durante a estação seca. Ao invés de alcovas acanhadas, escuras, sem ventilação e quentíssimas camas, existem ganchos para redes dispostos pelos cantos de todos os espaçosos quartos bem como ao longo de todas as varandas. Há casas que dispõem de acomodações para cinquenta ou sessenta redes sem as entulhar.

Daniel P. Kidder

O supremo arquiteto e seus talentos

A figura do Arquiteto de Belém, Antônio José Landi, após um imerecido esquecimento, é hoje um personagem da História da Arquitetura no Brasil.

(...) Belém deve a ele uma herança arquitetônica singular no Brasil

Colônia: conheceu ela, com prioridade, as formas eruditas de uma arquitetura classicizante, neopaladiana, precursora do estilo neoclássico que, aqui no Brasil, só chegaria na segunda década do século XIX pelas mãos de outro grande arquiteto Grandjean de Montigny, criador depois do estilo imperial brasileiro, o nosso neoclássico tropical.

Antes de Grandjean nascer já Belém vira construir o Palácio dos Governadores, a velha Sé, a capela de São João Batista, as igrejas de Sant'Ana e do Carmo, a capela do Murutucu e a fachada das Mercês.

Enquanto a sede da Colônia e as Capitanias de Minas, Bahia e Pernambuco viviam o fastígio da Arte Barroca, Belém conhecia as tendências puristas de um novo classicismo de origem italiana, temperado, em algumas obras, com um discreto barroco, e o uso simultâneo das novas formas do movimento pombalino, aqui luso-brasileiro.

(...)

(...) Landi chega ao Grão-Pará com quase quarenta anos, já arquiteto realizado, para nunca mais voltar, trocando a famosa Bolonha, plena de artistas, pela terra das amazonas, pobre, inculta e colonial, enfrentando um mundo novo no Novo Mundo, numa aventura que nos admira e cuja razão indagamos.

(...)

(...) Landi, no acanhado ambiente cultural de Belém e limitadíssimo de Barcelos, sem contatos, deixou uma obra hoje objeto de estudos e de revalorização. Exerceu, no Grão-Pará, a influência de Vauthier em Pernambuco e a de Grandjean no Rio e no resto do Brasil.

(...)

(...) Hoje sabemos que Landi, além de arquiteto e de construtor também foi documentarista de História Natural e gravador. O Álbum de Lisboa, da Coleção Pombalina, demonstra o arquiteto;

os desenhos da Biblioteca Municipal do Porto revelam o documentarista de Botânica e Zoologia, a "Racolta de Bolonha" prova o gravador e as cartas de Francisco Xavier de Mendonça Furtado mostram aspectos humanos de sua pessoa e alguns documentos apontam o funcionário desenhador contratado para servir numa partida do Norte que veio para a definição dos limites luso-espanhóis na Amazônia.

Donato Mello Júnior

VISÕES E REVISÕES DA PAISAGEM

Multidão de ilhas

Se o rio define o plano e engrandece a perspectiva, é nas ilhas, entretanto, que reside a graça da paisagem belemense.

Nenhuma cidade do Brasil apresenta tão numeroso constelário de ilhas como Belém. Ilhas grandes e pequenas, aluvionárias e não aluvionárias, umas dispostas defronte do litoral da cidade, outras contíguas a esse litoral, outras finalmente na margem oposta do Guamá.

A cidade nasceu por assim dizer sob o signo insular. De uma ilha veio a expedição fundadora; "ilha" consideravam os fundadores o sítio original onde ela se edificou; e o primeiro mapa da região, o de Vicente Cochado, não é senão uma fantasia nesográfica.

Dessas ilhas, as mais importantes são as que defrontam o litoral da cidade, precisamente por essa circunstância posicional. Alinhando-se ao longo desse litoral, elas constituem a contramargem do mesmo, formando assim a Baía de Guajará.

De sul para norte, destacam-se entre outras as seguintes: Ilha das Onças, Arapiranga, Longa, dos Patos, Urubuoca, Jararaca, Paquetá-mirim, Paquetá-açu, Jutuba, Cutijuba e Tatuoca. Várias dessas ilhas sofreram alteração de nome, umas leves, outras radicais, razão por que nem sempre concordam os mapas e os livros a respeito dessa toponímia.

(...) Em relação à cidade, essas ilhas tornaram-se importantes sob vários aspectos: geográfico, econômico e urbanístico. Geográfi-

co, porque configuram e delimitam a Baía de Guajará a oeste, seccionando assim longitudinalmente o estuário; econômico, por constituírem umas das fontes de suprimento da cidade, não só em matéria alimentar como em artigos industriais, principalmente de cerâmica; urbanístico, finalmente, pelo que prenunciam e sugerem como futuras dependências da cidade (centros fabris, depósitos de inflamáveis, etc.).

Pela simples enumeração que delas fazem, parece que aos geógrafos regionais tem passado despercebida essa importância. Sente-se isto tanto em Baena como no Barão de Marajó, em Theodoro Braga como em Le Cointe.

Da parte dos naturalistas estrangeiros, ao contrário, sempre foi grande o interesse por elas, como se pode verificar pelo que delas disseram dentro da sua especialidade. Aliás, não só entre os naturalistas como até mesmo entre os artistas, como aconteceu com Biard, que tornou Arapiranga como motivo de alguns dos seus quadros.

Eidorfe Moreira

Marav / ilhas

Ia eu (...) tratando de suas ilhas. São elas no meu entender uma das maravilhas do Pará. Multiplica o curso dos rios pela extensão das suas margens, toma o circuito (!) destes milhares de ilhas.

(...) Desembarca um homem no Pará, no começo das chuvas, ou no princípio do ano, com a intenção de seguir para o interior. Se tem alguma alma caritativa que por ele se interesse, pergunta-lhe logo até onde pretende chegar na sua excursão.

– Eu, responde-lhe o outro, desejo visitar certos rios e lagos, andar por furos e igarapés, cantos e recantos, 'té onde os fados mo permitirem.

– Mas nesta estação? replicará a caritativa.

(...)

1861

Gonçalves Dias

Vista de fora, do alto e de dentro

(...) Belém é uma cidade que não se individualizou em função das condições naturais do terreno. Topograficamente, a natureza não colaborou nem para o seu realce, nem para a sua caracterização no plano paisagístico. Nem morros, como no Rio de Janeiro, nem escarpas e ladeiras como em Salvador, nem rios como em Recife.

(...) A cidade brotou diretamente do solo raso e plano, sem outro reforço geográfico a não ser o da sua esplêndida moldura hídrico-botânica.

(...) Observada do lado da baía, a cidade impressiona melhor do que do lado do Guamá, a começar porque a baía, sendo mais larga, permite maior abrangência visual. Além disso, da baía a cidade é vista de frente, com as suas melhores edificações mais próximas desse lado, de modo que o efeito cênico do conjunto torna-se assim mais preciso e interessante. A cidade parece surgir das águas, como se fora uma miragem, suscitando esse fato uma agradável impressão ao observador.

(...) Do lado do Guamá, (...) a perspectiva é menos interessante. Aí a cidade não se volta para o rio, antes vira-lhe as costas, como que tomada de uma estranha pudicícia.

A falta de uma avenida marginal e o baixo gabarito das edificações não favorecem a vista da urbe por esse lado. Eis porque, vista daí, ela se nos afigura um tanto imprecisa e incaracterística. Um cais de proteção e uma avenida beira-rio são duas medidas não só recomendáveis como necessárias ao embelezamento, à dinamização e ao progresso desse trecho. Daí a importância da chamada "Estrada Nova", pela função que futuramente terá neste sentido.

(...) não é da baía nem do rio que se vê melhor a cidade: é do alto. Nos dois primeiros casos ela apresenta-nos apenas os seus aspectos faciais, digamos assim, ao passo que de cima podemos vê-la em termos de relação e de funcionalidade.

Do alto observamos e relacionamos melhor as coisas, de modo que a perspectiva vertical oferece sem dúvida amplas vantagens sobre a horizontal, a começar pela sua capacidade de abrangên-

cia. Tanto para o turista como para o geógrafo, para o esteta como para o urbanista, é a perspectiva mais interessante.

Só do alto podemos ver a cidade em sua plenitude e organicidade, isto é, em sua estrutura, em seu ritmo, em sua unidade vital. Só daí podemos compô-la e decompô-la em suas unidades cênicas ou estruturais, observar com nitidez seu movimento e animação, as linhas gerais do seu traçado, o arranjo da sua arborização e sobretudo o panorama da sua esplêndida moldura hídrico-vegetal.

Mas assim como apresenta certos aspectos inexpressivos, quando vista da baía e do rio, assim também, observada do alto, a cidade merece reparos sob o ponto de vista urbanístico.

Notam-se por exemplo vários "claros" ou áreas vazias, representadas por capinzais ou terrenos de baixada. Ainda que enriqueçam cromaticamente o quadro, pois o seu verde claro contrasta com o verde escuro da arborização, não deixam de constituir contudo notas destoantes dentro do âmbito urbano.

Não será porém a visão panorâmica da cidade que nos proporcionará as mais vivas e profundas impressões a seu respeito. Belém é uma cidade mais agradável de ser vista de dentro do que de fora. Isto é particularmente válido em relação a alguns aspectos da sua paisagem, como no caso por exemplo da arborização.

Quando vemos a cidade exteriormente, de qualquer ângulo ou plano, jamais experimentamos a impressão que sentimos quando nos achamos em contato com a sua pujante arborização. Nada mais agradável aos sentidos do que a presença das frondosas mangueiras ou os "túneis" por elas formados. Percorrer ou passear por esses túneis vegetais é um verdadeiro regalo sensorial. Belém é uma das poucas cidades do Brasil que tem na arborização um dos seus traços mais expressivos e característicos.

Não discutiremos aqui a conveniência ou não da mangueira para esse fim, tanto mais quanto o que importa no caso não é esta ou aquela espécie de planta, mas sim que a cidade tenha uma arborização apropriada às suas condições.

Convém notar também que nem sempre Belém foi a "cidade das mangueiras"; já o foi igualmente dos açaizeiros, dos tapereba-zeiros e das mungubeiras; e se fôssemos levar em conta as espécies

dominantes na flora local, ela seria sem dúvida a "cidade das palmeiras".

(...) não deixa de ser curioso que a cidade tenha um "Umarizal" mas não tenha um "Açaizal", evocando a mais típica e representativa das palmeiras regionais.

Em sua toponímia, aliás, Belém é uma cidade pobre em motivações geográficas. Basta considerar que, numa terra de baixadas e igapós, não há nenhuma rua ou bairro cujo nome lembre esse fato. Os próprios igarapés que percorrem a zona urbana e a suburbana não comunicaram seus nomes aos bairros ou subúrbios por eles percorridos. Não foi o igarapé de Val-de-Cães que deu nome ao subúrbio, mas sim este que se impôs e prevaleceu sobre a designação primitiva daquele.

Eidorfe Moreira

Botanicamente falando

(...) Sem reflorestamento, dentro em breve só nominalmente existirá "mata" em torno da cidade, uma vez que a própria capoeira não é também poupada.

Isto mostra que o Museu Emilio Goeldi e o Bosque Rodrigues Alves não devem ser vistos apenas em sua mera função de parques, urbanisticamente falando, mas como futuros museus botânicos, na qualidade de miniaturas da Hiléia dentro da cidade.

Sob o ponto de vista botânico, Belém é uma cidade privilegiada, e isto sob um tríplice aspecto: pela floresta que a circunda, pela arborização que a sombreia e pelas inclusões florestais em sua área.

Eidorfe Moreira

A força e a presença do Marajó

(...) a presença de Marajó se faz sentir (...) na vida da cidade. É uma presença por assim dizer onímoda. Sentimo-la tanto no plano econômico e social como até mesmo no psicológico. No plano econômico, por ser a ilha uma das "despensas" da cidade; no social, por causa da atuação e do destaque da sua classe rural; no psicológico, pela sua atração como campo de aventuras ou de práticas venatórias. Quando se fala em "grandes caçadas", subentende-se naturalmente a sua realização em Marajó. As próprias dimensões da ilha sugerem condições e cenários para experiências épicas.

Além disso, Marajó é um centro permanente de motivações artísticas e científicas. Em matéria de arte, ela chegou a inspirar um estilo, o chamado "estilo marajoara". Isto sem falar na influência meteorológica, pois o mais conhecido dos ventos que sopram na cidade tem o nome da ilha.

Em suma, não é pelo seu papel cênico, mas por outras influências efetivas, que a presença da grande ilha se torna significativa para Belém. Ainda que a zona bragantina tenha ligações mais diretas e constantes com a cidade, não suplanta Marajó neste sentido.

Eidorfe Moreira

Capital da fluviocracia

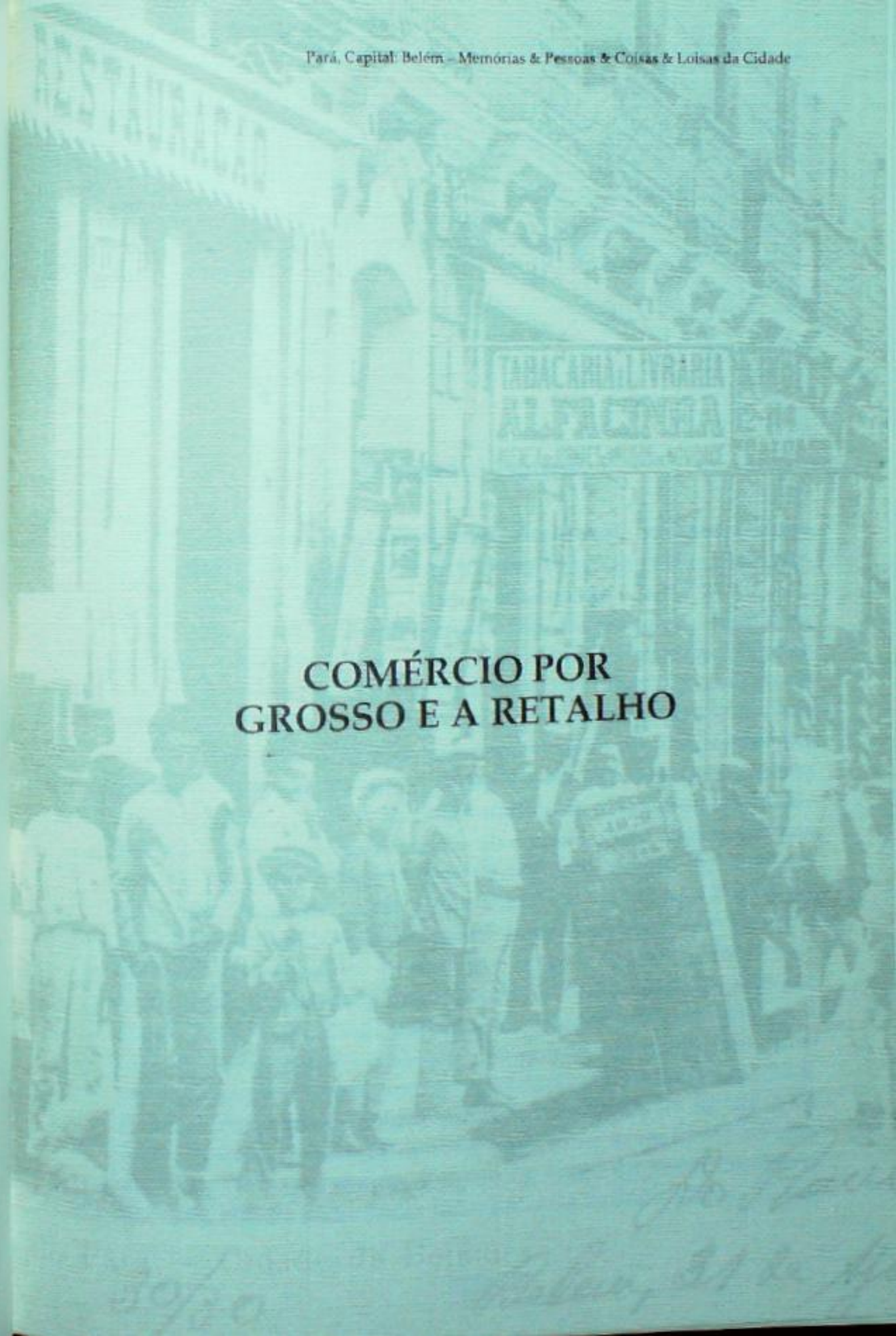
Belém não é somente a capital de um Estado brasileiro, mas também a capital natural da maior região ou unidade fisiográfica do continente e como tal a "cidade-chave", a "cidade-síntese" e a "cidade-símbolo" da Amazônia.

Embora repartida entre vários países, a bacia do Rio Amazonas tem o seu ponto de convergência e de gravitação em Belém, que por isso mesmo se tornou o centro de captação política e econômica de toda essa imensa bacia. Quando não efetiva, virtualmente

pelo menos, as "Amazônias" da Bolívia, do Peru, do Equador e da Colômbia se acham por força disso sob a influência da capital paraense.

Na qualidade de capital dessa fluviocracia, a sua área de influência e de captação suplanta, em termos hidrográficos, a de qualquer outra cidade do país e do continente, o que importa em dizer que Belém é a capital natural da maior parte do Brasil e da América do Sul.

Eidorfe Moreira


TABACARIA LIVRARIA
ALFACINHA
COMÉRCIO POR
GROSSO E A RETALHO

A barra é franca

(...) A abertura da navegação do Amazonas ao comércio das nações que estivessem em boas relações com o império (...) produziu na província do Pará vivo contentamento. (...)

Na noite do dia 6 de setembro de 1867 iluminou-se a capital da província e uma banda de música tocou hinos e marchas triunfais (...). Ao alvorecer do dia seguinte troou a artilharia no castelo da cidade, na fortaleza da barra, nos navios surtos no porto por ser esse o dia do aniversário da independência do império, e também por ter de executar-se nele a cerimônia da abertura do majestoso rio Amazonas. (...) Às onze horas efetuou-se o embarque da comitiva que ia abrir as águas do rio ao comércio das nações amigas. (...) a esquadrilha levantou ferro na seguinte ordem: Na vanguarda o vapor **Paraense** como navio almirante, os vapores **Pará** e **Jurupense** de propriedade do governo, os vapores **Belém Soure** e **Inca** da Companhia do Amazonas e o vapor **Odorico Mendes** da Companhia Costeira do Maranhão levando a reboque o pequeno vapor norte-americano **Tralhoto** de propriedade particular. (...) Quando a esquadrilha começou a singrar as águas ecoaram estrepitosos vivas em terra e no mar, e estalaram no ar inúmeras girândolas de foguetes; ao passar próximo aos muros da fortaleza da barra recebeu a saudação de vinte e um tiros; navegou até a Ponta do Mosqueira (*sic*) donde, tomando o rumo do oeste, costeou a ilha de Cutijuba e em frente dela, na vasta baía do Marajó, parou

o vapor **Paraense**, e deu sinal chamando a seu bordo os comandantes dos outros navios e às pessoas que tivessem de assistir à cerimônia da abertura do rio.

Reunidos todos no navio-chefe leu o presidente da província o decreto de 7 de dezembro de 1866, e pronunciou em voz alta o seguinte:

"Em nome de Sua Majestade o Sr. D. Pedro II declaro abertos à navegação mercante de todas as nações amigas os rios Amazonas até a fronteira do Brasil, Tocantins até Cametá, Tapajós até Santarém, Madeira até Borba, e Rio Negro até Manaus."

(...) serviu-se um lauto jantar de trezentos talheres. (...) Chegou a esquadrilha ao ancoradouro às oito horas da noite. Mostrava-se a cidade brilhantemente iluminada, e resplandecentes pela luz do gás todas as casas das ruas Nova do Imperador, Boa Vista, Mercadores e do largo das Mercês. (...) Abriu o teatro Providência as suas portas, e concorreram todos ao espetáculo em grande gala (...). Continuaram na noite seguinte as iluminações, e deu o presidente em palácio um baile esplêndido, brilhante, animado em que reuniram-se mais de duas mil pessoas, executando-se ali, pela primeira vez um hino à abertura do grande rio da América, composto pelo maestro Gurjão. (...) Excederam de trezentos contos os gastos desses festejos, e jamais tivera-os a província tão entusiásticos e pomposos.

1873
Dr. Moreira de Azevedo

Do que se gabava

Gaba-se o Pará de primar sobre todas as outras cidades do Brasil quanto ao número de artigos de exportação, e, de fato, montam a não menos de 40. São: açúcar, cachaça, melado, café, cacau, baunilha, algodão, bálsamo de copaíba, estopa, alcatrão, copal, pau-amarelo (tatajuba, guriúba), mui finas madeiras de marcenaria (como muirapinima, jacarandá, pau-violeta ou pau-da-rainha, pau-cetim), madeiras de construção, fumo, piaçaba, salsaparrila, tapioca, arroz, goma (tanto da raiz da mandioca, quanto de outros tubérculos), borracha (da seringueira), favas de pixurim, favas de Tonka (cumaru), polpa de tamarindo, canela de cravo, aqui chamado cravo-do-Maranhão, anil, urucu, castanhas do Maranhão e pequenas quantidades de canela, cravo da índia, noz-moscada, guaraná, vermelho chica (carajuru) e âmbar. Além disso cumpre mencionar como produtos da criação de gado na Ilha de Marajó: couros brutos e curtidos, chifres e pontas, que são exportados para a Europa; e, finalmente, cavalos, que, desde alguns anos, obtêm bom preço nas possessões inglesas das Antilhas, especialmente em Barbada. São esses cavalos de estatura mediana, de fina ossatura, e, se não muito resistentes, superam, entretanto, a raça pouco forte daquela ilha. (...) Apenas a menor parte desses produtos, isto é, açúcar, cachaça, melado, fumo, algodão e borracha, é cultivada nas vizinhanças da capital; a maioria vem do interior, que aqui é designado com o nome vago de sertão.

1817 – 1820
Spix e Martius

Altos e baixos

No século XVIII o valor da média anual das exportações, de Belém para Lisboa, aumentou de 81 contos de réis no quinquênio de 1756/1760 e para 647 em 1805, apresentando um crescimento de somente 796% em 50 anos. O cacau era o principal produto de exportação da Amazônia até o primeiro quartel do século XIX, seguido do café, salsa, cravo e urucu. A partir de 1774 evidencia-se a cultura do arroz na região, em volume sempre crescente, até 1872, quando alcançou 1.260 toneladas, caindo a seguir, verticalmente, para atingir, em 1910, apenas 108 toneladas. Contudo, percebe-se, já, nas últimas décadas do século XVIII a presença de

um novo produto que, na segunda metade do século XIX, tomaria o primeiro lugar na pauta das exportações da Província: a **goma elástica**. (...)

José Maria de Azevedo Barbosa

O comprar e o vender

O comércio do Pará está dividido em quatro classes, que são - exportadores, importadores, retalhistas e aviadores. Os primeiros compram aos aviadores e exportam para a Europa e para a América borracha, cacau, castanhas, cumaru, couros, grude de peixe, óleo de copaíba, urucu, guaraná, plumas de garça e outros produtos do Estado; os segundos importam do sul da República carne seca, café, açúcar, cereais, charutos, tecidos de algodão, roupas feitas, drogas, chapéus de lã e perfumarias, e do estrangeiro peixes, carnes e frutas em conserva, vinhos, cervejas e outras bebidas, farinha de trigo, petróleo, óleos, banha, verniz, breu, alcatrão, cimento, ferragens e maquinismos, louças, vidros, cristais, porcelanas, drogas e medicamentos, fazendas, calçados e chapéus de todas as qualidades, perfumarias, artigos de enfeites e de armarinho e tudo que de modas e novidades produzem a Europa e a América do Norte; os terceiros compram, por grosso, essas mercadorias aos importadores para venderem-nas a retalho ao povo; os quartos negociam com os comerciantes do interior e com os proprietários de seringais, comprando na praça aos importadores as mercadorias que lhes são pedidas pelos seus aviados, os quais durante a safra vão remetendo-lhes a borracha e os produtos que vão colhendo, com o que saldam ou amortizam suas contas no fim do ano.

1899

Henrique Santa Rosa

O rapé tem sua vez

Fabricava o Pará rapé afamado como o francês e preferido pela Inglaterra, na sua exportação, à época do rapé galanteria dos palácios reais, salões elegantes da aristocracia e uso de todas as camadas populares. Era a marca **Canjica** e fabricante Ambrósio Pombo, a mais procurada entre as marcas paraenses. (...)

O rapé procedia do tabaco torrado, moído, reduzido a pó; mas a sua qualidade, da seleção de tabaco padrão, do processo de torrar e moer e sobretudo da adição de essências aromáticas peculiares. Era a perícia de Ambrósio Pombo na sua marca **Canjica**; fazia-o como do seu feitio afidalgado, do bom e melhor e dispunha de aromáticos locais excepcionais, baunilha, cumaru, ainda hoje de emprego na indústria de artefatos de tabaco.

R. Borges

"Quem não anuncia se esconde"

Belleza dos olhos – Belleza dos olhos é um magnífico preparado do dr. Pedro Miranda, sob a formula de um notavel oculista francez, de fama universal. Como está expresso no proprio **titulo, o uso desse preparado dá aos olhos a maxima belleza, tornando-os limpidos**, além de immunisál-os contra qualquer affecção. – Pode ser adquirido à Avenida Independencia n. 49 – A. Telephone n. 448.

***

565 – É o número do **apparelho telephonico** da conhecida LIVRARIA CLA SSICA – Unica que vende artigos de livraria e papelaria por PREÇOS BARATISSIMOS. – Não esqueçam o **numero** acima quando precisarem de alguns **impressos**, os quaes executam-se com perfeição nas suas bem montadas OFFICINAS GRAPHICAS **Movidas a electricidade** – 59 – Rua Conselheiro João Alfredo – 59.

***

LEITE DE COLONIA – Remédio soberano das molestias da pelle – Unico preparado que realmente **tira as manchas do rosto.** Sardas, Pannos, Cravos, Espinhas, etc. Fazendo voltar a maciez da pelle. **Cura todas as erupções.** Darthros, Empingens, Brotoejas, Coceiras, Comichões, Curubas, Frieiras, etc. FAZ DESAPPARECER a dôr e comichões provocadas pela picada de insectos (pium, mucuim e carapanã). O mau cheiro das axilas (sovaco) e o suor fetido dos pés, etc. ENCONTRA-SE NAS PHARMACIAS E PERFUMARIAS.

***

MOREIRA, GOMES & C. – BANQUEIROS – Rua 15 de Novembro, n. 7 – Pará – Caixa Postal, 22 – Telephone, 700 – End. telegraphico: MATTA. – Saques sobre toso os paizes. Correspondente em todas as cidades, villas e aldeias de **Portugal.** Pagamentos em domicilios na **Italia**. – Compra e venda de moedas extrangeiras – Transferencias telegraphicas e cartas de credito – Administração de immoveis situados na cidade de Belém – Cobrança de lettras em qualquer praça do Brasil – Abertura de contas em moedas estrangeiras – Depositos á vista e a prazo – **Operações bancarias em geral** – Condições modicas.

***

AMAZONIA – COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES E MARITIMOS – Boulevard da Republica, Num. 26 – Capital realisado .....1.000: 000$000 – Agencias em Manaus, Maranhão, Pernambuco e Santos (S. Paulo) – Effetua seguros no perimetro urbano e suburbios da Capital, no Pinheiro e Mosqueiro, contra os riscos de fogo, raios e suas consequencias e contra risco maritimos e fluviaes, sobre mercadorias e generos embarcados e cascos de embarcações. – A Companhia offerece vantagens aos segurados, paga bonus annual dos seguros terrestres e commissão aos agenciadores de novos seguros. – Os sinistros são pagos mediante os documentos de prova, devidamente legalisados.

***

OLYMPIA – BREVEMENTE! BREVEMENTE! William Farnum – O grande artista da cinematographia reapparecerá na estupenda e primorosa pellicula da Fox-Film CORAÇÃO DE LEÃO – 7 ACTOS

***

O PARIS N'AMERICA Não Faz Annuncios. O Paris N'America não precisa fazer reclames. – Este importante estabelecimento recomenda-se não só pelo seu incomparável sortimento no seu genero como pelos seus preços fixos. – Telephone n. 450

***

SAL LAVADO – Mario Militão & Irmão – Vendem em typos de 22, 23, 24 e 25 kilos ou em qualquer outro peso em saccaria branca – **Preços Sem Competencia** – Escritorio: R. Senador Manuel Barata, 17 – Telephone, 1.126 – NOTA – Preparam também em saccaria de estopilha sendo previamente avisados, com pequeno augmento de preço.

1920
(Revista "A Semana")

Como vender mudas de coqueiro-anão

Idos de 50. (...)

Eu e o meu então sócio Avelino Henrique dos Santos acabávamos de fundar a Santos & Mendes, agência pioneira que, cinco anos depois, se dividia em duas: a Mendes e a SM. (...)

Eis que a secretária anuncia a presença do Sr Ferreira, cujo primeiro nome não me ocorre, figura muito conhecida em Belém. (...)

O Sr Ferreira tinha lido o *release* por nós distribuído, falando da criação da agência, e nos trazia a primeira conta. (...)

Era uma conta, no mínimo, fora do comum: uma plantação de coqueiros.

O produto, mudas de coco-anão.

(...) O Sr Ferreira tinha um problema: livrar-se da enorme quantidade de mudas. (...)

Ele havia tentado de tudo, antes de chegar a nós.

Principalmente, anúncios.

Anúncios criados com o mesmo amadorismo do futebol que eu joguei nos meus tempos de colégio. (...)

O problema era esse: livrar-se das mudas; de preferência, ganhando dinheiro.

(...) a agência tinha dias, talvez semanas de vida.

Era o nosso batismo de fogo.

Não havia *briefing*.

E quem de nós sabia o que era *briefing*, naquela época?

(...) E a verba?

Mesmo para a época; ridícula.

(...) O que fazer, então?

Elementar: uma pesquisa de mercado.

Depois, uma campanha de vendas.

Jornalista até a véspera, criei um concurso de reportagens cujo único tema era o coco-anão. Quem escrevesse a melhor reportagem sobre o assunto ganharia um prêmio que correspondia a mais ou menos 80% da verba.

(...) foram publicadas dezenas de reportagens.

Reportagens que contaram coisas incríveis e maravilhosas do coco-anão.

Foram levantados, lembrados, ou simplesmente descobertos novos usos para o coco, como, por exemplo, a informação de que, na Segunda Guerra Mundial, os japoneses usavam a sua água como soro nos hospitais de campanha no Pacífico.

O coco virou assunto.

E aí, com os restantes 20% da verba à nossa disposição, colocamos pequenos anúncios nos jornais, vendendo as mudas de coco-anão do Sr Ferreira. Ele as vendeu, todas. Todinhas.

E apareceram até pessoas interessadas em comprar a fazenda. Ele escolheu a melhor proposta, e também se desfez dela.

Oswaldo Mendes

PREGÕES. COMERCINHO TÍPICO

Alegria dos namorados

Vendia-se o mundubi, como nós chamamos o mendubi dos dicionários, em cartuchos de papel de embrulho, de regular tamanho, que os moleques traziam em cestos, dependurados sobre o peito, andando pela rua. O pregão era sempre o mesmo em sons cantarolados, prolongando o **a: mundubi torraaaado.**

E o amendoim vinha com a sua casca.

Nesse comércio se destacava uma figura que tornou-se popular e simpática, pelas ruas tranquilas da nossa Belém antiga.

Batizaram-no mesmo de "Mundubi Torrado". Todo o mundo o conhecia.

Era um tipo que a doença marcara com sinais irreversíveis, distinguindo-o tristemente.

Devia andar pela casa dos vinte anos. Raquítico, baixinho, o passo trôpego dos atáxicos, eixo do rosto desviado para o lado e fisionomia descomposta pela atrofia da musculatura, obrigando-o a caretear quando falava, levantando um pouco a cabeça, de lado, como se dirigindo para o alto.

Era porém simpático, pelos modos corteses com que se conduzia. Fora agregado da família de um irmão do sábio Emílio Goeldi, que por aqui também viveu.

Daí a boa educação que atenuava o aspecto esquisito da sua figura. Fazia a venda de noite e seus fregueses eram sobretudo os namorados, que lhes inspiraram a quadrinha com que apregoava cantando, a sua mercadoria:

Mundubi Torrado,
Alegria dos namorados,
A menina na janela
Esperando o mundubi torrado.

Também vendia, juntamente, pedacinhos de cana de açúcar cortados em roletes, venda que ninguém mais fazia, ao que me parece, e que anunciava também cantando:

O rolete sem trabalho
Cana doce pra chupar
Pela boca da Yayá,
Vamo vê quem qué comprá.

Barroso Rebello

Mendoby torrado

Samba
(Edição da Livraria Bittencourt)

I Parte
Mendobi torrado
Alegria do namorado
As mocinhas na janela
Esperando mendobi torrado.

II Parte
Sorvete Iaiá
Um copo um tostão
Quem não tem dinheiro
Não compra sorvete, não.

III Parte
Mendobi torradinho
Só do Pará.
Moreninhas bonitas
Também as de cá.

Quem tiver seu namoro,
Não esteja com azar,
Prenda-o bem segurinho
Se quiser casar.

Ai! Iaiazinha
Mendobi torrado
Comprai-me um
para o namorado.

Lili Pereira

Vozes da rua

(...) – "Ouro quebrado pra vender? Eu compra... Ouro quebrado, meu fregueza...".

(...) – "Mingau de miiiiiilho!"

(...) – "Cocadinha! Pandeló! Beijo de moça!"

(...) – "Olha a cabeça de nêgo! Olha o batatão! Olha o leite de Amapá pra doença do peito!... Olha o estoraque, o apií, casca de losna pra mulhé..."

(...) "Fran gôrd! Fran gôrd!"

(...) – "Ov fresco! Ov fresco!"

De Campos Ribeiro

***

Os fruteiros, com seus tabuleiros na cabeça, indo de casa em casa, têm freguesia certa. O tom melódico de se anunciarem cai no vazio musical das ruas como notas de tristeza.

(...) A música se expande na contenção das sílabas: fruteiii...ro, fruteii...ro!

Leandro Tocantins

***

O homem com o grande barril gelado na cabeça já tinha passado: – Sorvê... te... de bacuri..."

Oséas Antunes

***

Pela 22 passava todo tipo de ambulante. O folheiro vendendo a *Folha do Norte*. O pupunheiro apregoando: **Piê pupunhê cozidê**! O cascalheiro tocando num triângulo de metal. A carrocinha do leite de vacaria, o galego na boléia, o sininho batendo. O midubinzeiro oferecendo cartuchos de midubim torrado. O doceiro com o charão de sonhos e caracóis. O amolador empurrando uma roda com a pedra de mó. O bucheiro com o seu carrinho sujo de sangue de vísceras. O fruteiro repetindo: **Olha o abacaxi-xi-xi, uxi, mari-ri-ri**! E mais o tapioqueiro, o paçoqueiro, o sorveteiro, o comprador de jornais velhos e garrafas vazias. Passava também o bonde **Independência** e a carrocinha da Cremação capturando cães soltos nas ruas. Por trás das venezianas xingávamos os laçadores: – Larga o bicho, filho da puta!

Alfredo Oliveira

***

Durante o mês de junho, por ocasião da festa de Nossa Senhora de Nazaré e na quadra natalina, é muito comum ouvir-se na feira do Ver-o-Peso o pregão popular dos vendedores de cheiro:

"Olha o banho de cheiro,
De cheiro cheiroso,
Pra tirar o catingoso."

Napoleão Figueiredo

As velhas doceiras

Antigamente à porta das igrejas, nos dias de procissão, postavam-se as **doceiras**, naquele comércio que encantava a meninada. Eram sempre negras ou mulatas, na maioria gordas, largas saias de florões vistosos, que arrastavam quase na terra dos passeios, pés descalços.

(...) O tabuleiro era uma bandeja grande que se chamava **charão**.

Nele arrumavam os doces, recobertos por uma baeta vermelha sob alva toalha de renda ou de bordado.

Vinham aí colocados com jeito, os bom-bocados, as mãe-bentas, as cocadas, os doces de castanha, fatias de pão-de-ló, madalena e não faltavam os rebuçados envolvidos em papel de seda, com rabichos encrespados. Eram doces de excelente qualidade e vendidos a tostão. O **charão**, nos estacionamentos, ficava sobre uma armação de madeira aberta em X e que nas marchas, conduziam ao ombro. Pela Semana Santa vinham os conhecidos cartuchinhos das **amêndoas**, confeitos de castanha ou de pão que hoje não se encontra mais.

As **doceiras** eram tipos característicos da Belém antiga e as havia em todos os bairros e saíam todos os dias. Depois foram sendo substituídas pelos homens que traziam caixas envidraçadas, de quatro pés, altos, conduzidas à cabeça do vendedor.

Barroso Rebello

À beira das calçadas

Em todo o percurso da grande artéria (Independência), se desenvolvia todo um pequeno comércio de subúrbio: carrinho de mão com vísceras e carne salgada se viam parados à beira das calçadas. Tabuleiros com roletes de cana, pés de moleque, cuscuz, pa-

monhas, espigas de milho verde cosidas, bolos de arroz, tapiocas com côco, carimans, pupunhas cozidas, fatias de melancia, gingibirra em garrafinha, potezinhos de mel, tudo formando um verdadeiro macrocosmo de arrabalde. (...)

Murilo Menezes

Por alguns tostões

Largou a roupa. Estava experimentando vender tacacá. Às 3 horas, arrumava a panela de goma, o tucupi, as pimentas, o paneiro de cuias pitingas e armava a quitanda na esquina. O lucro era pequeno, mas, certo. Trazia sempre o seu tostão para casa.

(...) Já estava até pensando em ir vender, também, à noite, mingau de arroz. Era fácil. Bastava levar de novo os bancos lá pro canto e botar uma vela no paneiro.

Oséas Antunes

As amassadeiras

Entre nós, uma classe de gente que já desapareceu é a das amassadeiras de açaí. Ainda pode existir uma ou outra pelos subúrbios afastados, vendendo a preço mais módico a típica bebida dos paraenses. Mas a massa das que faziam esse comércio, pela cidade inteira, já não existe mais.

Eram conhecidas como as **amassadeiras**.

Em regra, mulatas da terra, agregadas a todas as quitandas. Quitanda era como se chamava os locais, em todos os bairros, onde se vendiam todas as frutas da terra. As bananas, as sapotilhas, as limas e as laranjas, misturadas com a rapadura, com as cordas de

rede, as cuias de todos os tipos e tamanhos e as farinhas, d'água, seca e de tapioca.

Não se encontram mais também as velhas quitandas.

As mãos das amassadeiras denotavam aquele ofício na cor arroxeada que não chegava a desaparecer, pela continuidade da tarefa que era uma obrigação de todos os dias.

(...) Armavam os seus instrumentos sobre um cavalete rústico, onde havia grandes furos na madeira que servia de mesa, para se colocarem os alguidares de barro.

Coava-se o açaí em peneiras que eram clássicas.

Em geral serviam-se de três daquelas vasilhas de barro. Numa eram colocados os caroços do açaí ainda em natureza, saídos da lata de querosene, onde haviam ficado expostos ao sol mergulhados n'água para amolecerem um pouco. Aí nesse primeiro alguidar a amassadeira ia retirando a tênue polpa que recobre os caroços, pelo atrito provocado de uns sobre os outros, misturando-os com força, com as duas mãos e colocando aos poucos a quantidade de água necessária, para facilitar a tarefa de produzir o açaí grosso, que então se ia armazenando num outro alguidar do mesmo tamanho e passando pela peneira. Havia um terceiro destinado ao que se chamava de **água do açaí**, que era o resultado da lavagem dos caroços já despojados de quase toda a polpa. Essa água não era vendida, mas proporcionada de graça aos fregueses para, a seu gosto, regularem a consistência da bebida, que uns queriam mais espessa, outros mais rala.

Atualmente este comércio é feito por homens e os instrumentos usados não são mais os velhos alguidares de barro da indústria típica da região, são máquinas elétricas, com grande cilindro de metal, suspenso por três pés entre os quais fica o recipiente do açaí, pronto rapidamente e que também já não é mais de barro, mas igualmente de metal. As peneiras são substituídas pelos ralos.

Nas portas em que se amassava açaí e que eram as de todas as quitandas existia, na ponta de uma vara, a bandeira de pano vermelho anunciando a venda.

Ainda se anuncia o açaí, por toda a parte, com a clássica bandeirinha vermelha. Esta porém não é mais de pano como outrora,

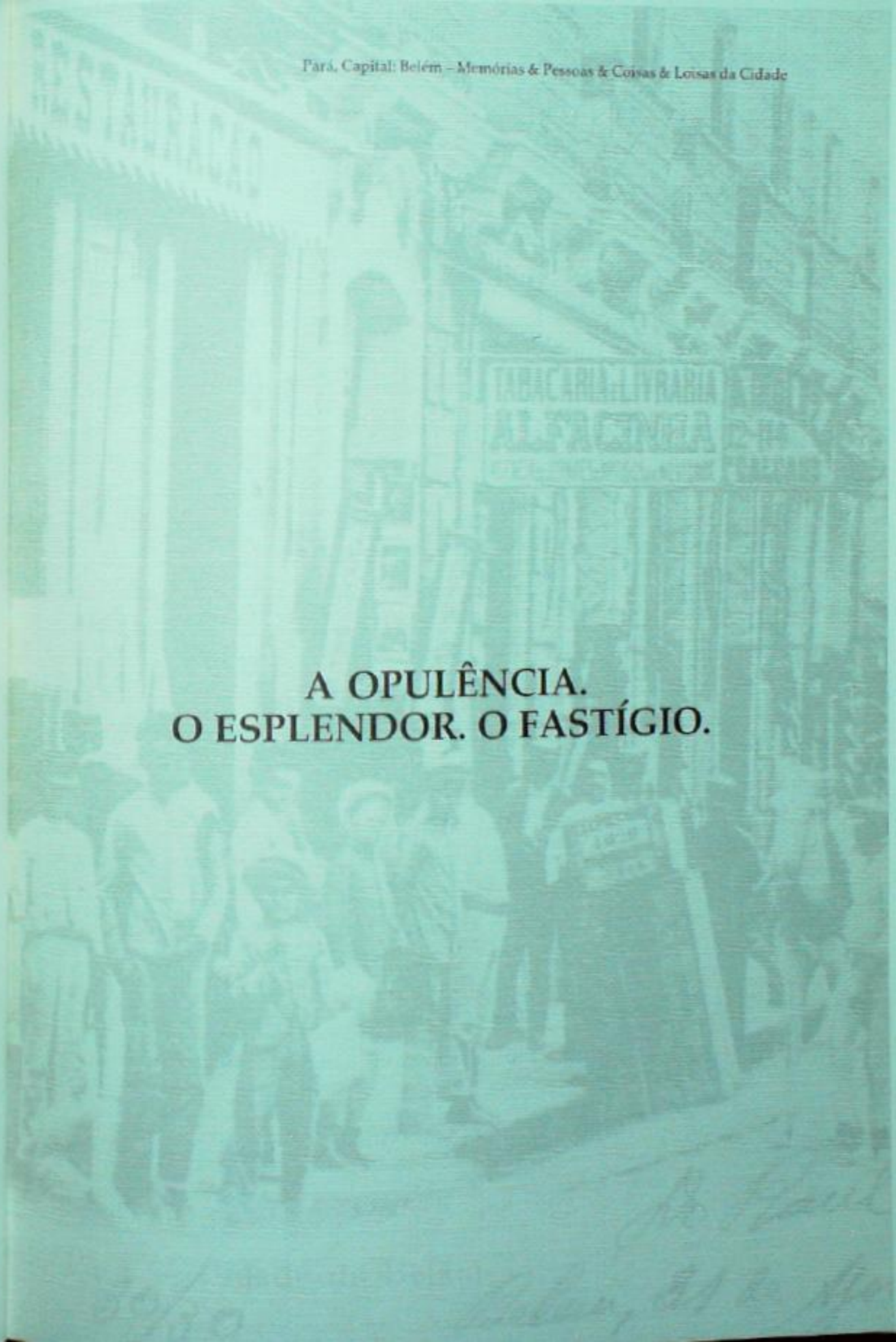
quando ele era amassado à mão, mas de folha de flandres pintada de encarnado e o seu nome escrito com o cedilhado, conforme a grafia também moderna.

Barroso Rebello

Pãozeiros e leiteiros no começo do século

(...) todas as tardes dos dias úteis, saíam de todas as padarias, precisamente às 4 horas, padeiros tocando cornetas, com cestas de pão quente às costas. Eram esperados ansiosamente em todas as residências, vendendo os pães comuns, massa fina, ou bolacha, de que as famílias faziam grande consumo. Também, pelas seis da manhã ouviam-se toques de campainhas pelas ruas. Eram leiteiros conduzindo três ou quatro vacas, servindo à freguesia leite tirado na ocasião.

Murilo Menezes



A Cidade nadando em ouro

No tempo do "velho" Lemos, Belém viveu a época do seu maior fastígio. Sendo o maior empório de borracha no mundo, o seu comércio nadava em ouro. A cidade vivia a sua fase verdadeiramente esplendorosa e romântica.

Eram festas suntuosas pelo Carnaval, verdadeiros carnavais de Nice. Regatas dignas das dos Doges de Veneza, realizavam-se periodicamente.

Os dinheiros da Prefeitura, embora gastos em jardins ostentosos, apareciam a rodo. Metade, seguramente, do calçamento da cidade foi feita nessa gestão, que durou de 1897 a 1911. O Intendente Antônio Lemos onerou com empréstimos o Município de Belém por muitos anos, com o argumento que os futuros cidadãos iam gozar os melhoramentos feitos, portanto, lhes cabia também pagá-los. A Intendência naquele tempo rendia muito menos que hoje, se bem que o dinheiro fosse muito mais valorizado.

E por toda a parte, a figura do homem superior dominava. Asilo de Mendicidade, Forno Crematório, Mercado de São Brás, Curro Modelo, o velho Mercado remodelado com mais um andar, o Orfanato Antônio Lemos, Companhia de Força e Luz (Pará Eletric), Edifício da Santa Casa, com enorme aparelhamento científico; o Corpo de Bombeiros, de organização modernissima, que possuía uma banda-orquestra, que rivalizava com a da Guarda Mu-

nicipal de Lisboa, então famosa – eram obras públicas que iam surgindo sem descontinuar, mercê da operosidade megalomaníaca do Intendente.

(...)

(...) Partindo do Largo da Pólvora pela Avenida São Jerônimo, na esquina com a Travessa da Piedade deparava-se no meio da rua, com uma construção de ferro, imitando os "elevateds" de Nova York. Era a Montanha Russa, famoso engenho para diversões, trazido da Europa pelo engenheiro Francisco Bolonha. Onde está o Grande Hotel, erguia-se o barracão de madeira, com gradeamento de ferro na frente, onde funcionava o "Politeama", com carrossel e teatro. Companhias de revistas e comédias, uma atrás das outras, ocupavam-no sempre, oferecendo ao público magníficos espetáculos.

(...) corria muito dinheiro. Adventícios de todas as partes do Brasil, e do mundo, afluiam à Capital do El Dorado, que havia, de pouco, se transformado, em nova Califórnia. A Praça da República, à noite, deslumbrava pela animação constante e ruidosa. As casas de diversões como o Café Chic, o Politeama, o Moulin-Rouge, o Café da Paz, o Apolo, o Circo Providência, o Chat Noir, o Chinês, o Café Madrid flamejavam cheias de constante multidão.

Demi-mondaines ricamente vestidas e carregando jóias de preço, ostentavam suas belezas nas terrasses borbulhantes. O champanhe espoucava nos bares, e os comerciantes donos de seringais opulentos e corretores de negócio, exibiam jóias caras que cintilavam às luzes. Era assim, como um reflexo longuínquo de Paris – luxo, mulheres e música! Os grandes globos brancos de luz elétrica dos arcos voltaicos, piscavam às vezes, na sua claridade abundante, iluminando os logradouros públicos. O Sport Clube, lá em Nazaré, e o Clube Universal, na casa que fica junto à Assembléia, eram o centro aristocrático das famílias, precursores que foram da Assembléia Paraense. Com uma população muito menor que a atual, a cidade, devido à abundância de numerário, parecia ter muito mais vida. Mesmo porque quando não havia Festa de Nazaré, a animação se

circunscrevia ao Largo de Sant'Ana e à Praça da República.

O Largo de Sant'Ana era ajardinado, tendo um gradeamento em volta das plantas. Na esquina à sua esquerda, ficava o Café Central, o melhor salão de bilhares daqueles tempos, tendo sido ele dez anos antes o ponto *chic* de Belém. A Rua da Trindade era a artéria tradicional dos corsos e passeatas, fazendo-se o trajeto por ela para o Largo da Pólvora. Mas nela é onde se encontravam as maiores casas de jogo, as mais ricas pensões alegres, as mais ostentosas "repúblicas", os melhores clubes de dança do "bas-fond". Um desses clubes, o "Reform" ficava-lhes a poucos passos, na Rua 28 de Setembro.

Com uma população muito menor, a cidade parecia ter mais vida. O ouro negro multiplicava as fortunas, os filhos das famílias abastadas iam estudar na Europa. Os paquetes da Booth, Red Cross, Companhia Italiana de Navvigazzioni, Hamburg-Amerika-Line, e outras, de navegação transatlântica, descarregavam periodicamente em Belém, as novidades artísticas de Paris, e as últimas novidades literárias publicadas ou traduzidas em Portugal.

Murilo Menezes

Opulentas coleções

(...) o esplendor artístico a que atingiu Belém no período de 1888 a 1918, (...).

A cidade inteira era um autêntico museu e as galerias de pintura pertencentes a amadores, ao Estado e à Prefeitura Municipal ostentavam telas dos mais renomados pintores nacionais e estrangeiros – antigos e modernos – e objetos de arte do mais apurado gosto, carreados sobretudo da França, da Itália, da Inglaterra e da Holanda.

Carreados é bem o termo, pois não eram peças isoladas adquiridas por este ou aquele *expert*, mas "opulentas coleções", como as classificou, em 1908, Osório Duque-Estrada, "para dar idéia da

paixão que se apoderou dos paraenses por tal gênero".

(...) Mas, para mal de todos e infelicidade geral de Belém, não houve um "fico" para essas jóias inestimáveis, que assim se dispersaram pelo mundo afora.

Resta hoje na cidade muito pouco, quase nada desse manancial artístico, que conservado colocaria, na matéria, o Pará no plano dos grandes centros de civilização e cultura. Onde agora, se não em museus de categoria, iremos encontrar um Ticiano, um Rubens, um Velasquez, um Murillo e tantos outros de que se orgulhava a galeria Paes Barreto?

Refletindo sobre isso é que reputo um milagre o que ainda se vê no Palacete Faciola, último reduto, nesta capital do que se deve e se pode chamar, a justo título, uma galeria de objetos de arte.

(...) telas, alabastros, bronzes, esmaltes, porcelanas, mármores, móveis e tudo aquilo em que deixaram sua marca mãos frementes de anseios plásticos.

Enfatizo apenas, por ser objeto desta crônica, a numerosa coleção de vasos Gallé em todos os tamanhos e formatos, com a delicadeza e o lavor únicos que fizeram famoso o seu fabricante.

Adquiriu-os em Paris Antônio Faciola, que tinha conhecimento e sensibilidade para *dénicher* as verdadeiras obras de arte, a ponto ali de um antiquário, iludido pelo porte do comprador, tomá-lo por um príncipe russo, na época homens de dinheiro e bom gosto. (...)

Machado Coelho

Ticiano, Rubens, Velasquez & outros menos votados

(...) achei-me em casa do Dr. Paes Barreto, na pequena Rua Macapá, transversal à grande Avenida da República.

(...) A galeria do fidalgo cavalheiro, que é o Dr. Paes Barreto, compõe-se de 130 quadros a óleo.

A riqueza da galeria está, porém, concentrada nos 66 quadros

clássicos das várias escolas européias.

Quanto aos mestres antigos, mal contenho a minha emoção ao dizer que a opulenta galeria (...) conta no número dos seus primores a soberba *Leda*, de Ticiano, por alguns reputada a obra-prima do grande mestre veneziano.

Notam-se ainda: uma *Caçada Real*, de Velasquez, uma *Diana*, de Rubens, uma *Paisagem*, de Poussin e um *São Pedro*, de Guido Reni. (...) o que equivale a dizer que essa galeria ultrapassou os limites da maioria das coleções particulares americanas, e conquistou o direito de ser colocada entre muitas do Velho Mundo; tanto mais se se considerar que ainda figuram nela várias obras de pintores de renome universal, tais como: Tintoreto, Murillo, Corot, (...) e outros.

1908

Osório Duque-Estrada

A *Leda* de Ticiano!

É curiosa a história do descobrimento deste quadro, pois foi adquirido pelo sr. Dr. Paes Barreto no Pará em uma agência de leilões que o recebera de um italiano para venda.

(...) a tela com visíveis sinais de ter sido dobrada e redobrada como que para caber em alguma das antigas patronas que usavam os soldados, onde provavelmente fora transportada.

1906

Alberto Caetano

A lenda ou a *Leda* posta a nu

Foi em 1898 que, por afortunado acaso, o Sr. Paes Barreto, percorreu com olhar conhecedor as peças de um antiquário na cidade de Belém, no Brasil, parou diante de um quadro negro, opaco, e sujo, sobre o qual se distinguiam vagamente os traços de uma mulher nua, deitada de flanco.

O desenho e o colorido da carne eram equívocos e placas de mancha amareladas, bem grandes, se espalhavam por todo o corpo, envolto numa névoa de gordura betuminosa.

Somente a cabeça aparecia um pouco mais claramente, num tom menos sujo que deixava entrever a pureza ideal de seu contorno oval; e uma mão adorável, de formas distintas, elegantes, no movimento delicado dos dedos, pousada com uma graça de ninfa e providencialmente conservada, certamente da maneira como a desejara o gênio que a havia criado.

Tal mão, surgida como que das trevas sombrias do Averno, foi a revelação súbita para o Sr. Paes Barreto. Não que reconhecesse, de imediato, a obra e o autor que a concebera. Mas a mão o deixou siderado, magnetizado, e ele comprou a tela pelo preço afixado pelo *marchand*.

Uma vez em casa, pôs-se a examinar o quadro a fim de descobrir em que estado se encontrava, dando-se conta, então, do trabalho colossal que seria necessário empreender para tentar, com todos os riscos, fazer reaparecer a obra-prima, de cuja existência já suspeitava.

Consultou obras francesas e italianas que cuidavam da matéria e, num trabalho verdadeiramente beneditino que durou quatro anos, conseguiu remover a crosta de sujeira e algumas das repinturas do quadro.

Então a Leda apareceu bem nitidamente, o mesmo ocorrendo com o cisne. O quadro começava a revelar sua origem autêntica, embora as genuínas linhas do corpo ainda estivessem ocultas, os pés escondidos por baixo de camada de panos e a cabeça ostentasse uma abundante cabeleira de ébano com que a ornara algum descendente dos vândalos.

Nesse meio tempo, Paes Barreto se afirmava na certeza de que lidava com uma obra-prima, e adquiria aos poucos a intuição de tratar-se de um Ticiano. Encarregou, então, o artista restaurador D. Francisco da Silva y Estrada, residente em Belém, de concluir o seu trabalho.

Quando ele, artista de valor e aluno de Marcon, nascido em Portugal e de origem espanhola, viu a Leda ficou maravilhado. Foi quem adivinhou que havia dois pés sob o drapejado rubro, que as linhas do corpo estavam cobertas, que a paisagem da parte inferior era completamente diferente e que os cabelos negros eram uma repintura.

Entretanto, não imaginara que havia um outro cisne no quadro, além do plácido animal cuja imagem pálida e cândida se via então.

Mas as numerosas camadas de verniz, de cores e de outras matérias, superpostas em épocas diversas, resistiam a todos os processos aplicados por D. Francisco de Silva y Estrada. Ele conseguiu tornar bem nítidos o céu e o terço esquerdo da paisagem.

Por fim, aconselhou o Sr. Paes Barreto a enviar seu quadro a Paris e confiá-lo a um dos grandes especialistas.

Em Paris, a *Leda* foi entregue a um artista parisiense, M. F. Touret, encarregado de retirar as repinturas.

Gastou ele um ano inteiro nesse trabalho. Revelou, sucessivamente, um segundo pé direito e o pé esquerdo. A espessa cabeleira negra deu lugar a belos castanhos, que lembravam, por sua forma estranhamente, os que Ticiano pusera na cabeça do *Amor Profano*.

As linhas do corpo, no traçado original do mestre, pareceram, por sua vez, estranhas, ondulosas, encantadoras. Sua carnadura indefinível, a morbidez das carnes – uma das surpreendentes qualidades do Veneziano – voltaram à luz do dia após dois séculos de sepultura.

E, retirando a repintura do reflexo rubro na água, o Sr. Touret reencontrou um segundo cisne, este sendo o verdadeiro, um cisne de asas abertas, aconchegando-se, cheio de ardor e desejo, à mulher divina a quem vai possuir. (...)

1906
Victor Salacha

O que era chique: 1900/1910

(...) havia excelentes orquestras e valsistas exímios, invejados, arrebatavam os corações das jovens. Promoviam-se recepções elegantes. As senhoritas declamavam bem, na nossa ou na língua de Racine. Famílias reuniam-se, à noite, nos passeios. A arte de conversar possuía mestres requintados. Na indumentária masculina não se dispensava o chapéu, a gravata, as luvas e a bengala. Ensinava-se aos moços o "Compêndio de Civilidade", de D. Macedo Costa. Ignorávamos o automóvel; dispúnhamos de carruagens com parelhas de bom porte e automedontes alinhados. E enquanto os elétricos não apareciam, valiam-nos as duas bitolas da velha "Urbana"; embora os passageiros ajudassem, algumas vezes, o esforço dos burricos nas subidas... Na cidade, com o auxílio de vultosas rendas e empréstimos ruinosos, o governo levantava edifícios imponentes e preparava logradouros com lagos, repuxos e obras de arte. As igrejas viviam repletas; era dever e era chique não faltar nos domingos à Sé.

Apolinário Moreira

Legumes e frutas da Europa

A vida em Belém é relativamente tão barata como nas capitais européias e para a alimentação encontra-se tudo quanto se pode obter em qualquer das grandes capitais do mundo, quer de artigos nacionais, quer estrangeiros, pois até legumes e frutas dos climas frios existem, vindos da Europa e da América do Norte em câmaras frigoríficas.

1908
Ernesto Mattoso

Pour monsieurs et madames

(...) Passaram pelo belo edifício de mármore português "Paris N'América", majestoso, repleto de "voiles" suiços, nas mais belas e finas padronagens. O tafetá, o organdy, a casemira, o linho,entre os quais o famoso H J, os botões de madrepérola, os enfeites, as alamares, as fitas, gaze, crepes – tudo do exterior – havia ali em profusão. Em frente, o "Bon Marché", imenso casarão antigo, importante loja de artigos para homens e para damas, no mesmo diapasão, vendendo camisas de fabricação portuguesa, da famosa Fábrica Confiança, do Porto, com conceituada seção de alfaiataria rival do "O Sport Londrino", na confecção de ternos no figurino inglês. Não havia um só figurino em língua portuguesa, era tudo "smart", "chic", "dernier cri", "royal", "supreme", ninguém anunciava "O Alfaiate perfeito" era mais ou menos "The Magic Taylor" – e assim marchava o tempo...

Passaram pela farmácia Cesar Santos, lembrando o Dr. Gesteira, que não pegava em moedas para não se contaminar. A farmácia devia ser a primeira tentativa, talvez, de nacionalização do comércio paraense. A Casa Camarinha, víveres e vinhos em profusão, tudo do exterior, firma também de sócios portugueses, assim como a "Carvalhaes", a "Vidigal" e tantas outras. O bonde, sem pressa, entrou na 28 de Setembro, descia, sonolento, batendo campainha, caindo a lança, parando, andando. Ultrapassou o Reduto, Carlindo viu a firma de ferragens, o Ás de Paus, a Minerva, a Democrata, o restaurante Ruy Barbosa. Nenhum pertencia a qualquer elemento nacional.

Cândido Marinho Rocha

Abarrotados navios alemães

Na principal artéria de comércio de Belém existiam (...) casas importantes, como "A Torre de Malakoff", a "Casa Pekim", "Aux mines d'or", "Notre-Dame de Paris", "O Maltez", a "Casa Aguiar", na Rua 15 de Novembro, todas do gênero de negócios do "Bazar Liquidador". O Bazar fazia diariamente uma boa renda. (...) A casa regurgitava de caixeiros-viajantes alemães, gordos e expansivos, louros, que recebiam as encomendas, em vez de num só padrão, estabelecido pelos fabricantes ingleses e franceses – pelo contrário, aceitavam as sugestões dos comerciantes. Por exemplo: conforme os catálogos, as cutelarias, as louças, os brinquedos, os móveis tinham tais e quais feitios. Pois os fregueses não gostavam deles, queriam de outro modo; e os fabricantes germânicos modificavam os modelos. E ainda mais: vendiam a prazo de 90 dias. Em pouco tempo a grande importação no Pará e no Brasil vinha toda da Alemanha.

(...) Os transatlânticos germânicos **Rugia, Rhaecia e Rio Negro** chegavam periodicamente a Belém abarrotados de carga. Eram louças, pianos, talheres, máquinas, velocípedes, aparelhos de porcelana, candieiros, centros de mesa, artigos de prata elétrica, móveis diversos, espelhos, pratos, copos, panelas, fogões, quadros a óleo, enfim, todos os artigos domésticos.

Murilo Menezes

Orgia de arte

A abertura do Teatro da Paz a 13 de fevereiro de 1878 foi um acontecimento memorável. Vicente Pontes de Oliveira assinou contrato para realizar, naquele ano, a primeira temporada artística. De fevereiro a dezembro de 1878, a companhia deu nada menos de 125 espetáculos. Pela época do carnaval, a exemplo do que se fazia nas capitais européias, resolveu o governo dar bailes carna-

valescos no teatro. A idéia foi recebida com aplausos pela burguesia provinciana e assim, na noite de 24 de fevereiro de 1878, dançou-se o primeiro baile de máscaras no Teatro da Paz.

De 1878 aos nossos dias, o Teatro da Paz tem dado lugar a memoráveis temporadas de arte. Foi mesmo, durante algum tempo, o mais famoso centro artístico do Norte e um dos mais movimentados de todo o país. Sousa Bastos considerou-o o primeiro teatro brasileiro. Por sugestão do bispo D. Antônio de Macedo Costa, tomou a denominação de "Nossa Senhora da Paz" (paz que o prelado acenava entre as relações da Igreja e o Estado cuja tensão o levara ao cárcere), logo abreviada para "Teatro da Paz", por deliberação do conselho administrativo do Conservatório Dramático Paraense, aprovada pelo presidente da província.

Em 1880, procedente da Bahia, chegou a Belém a primeira companhia lírica italiana "importada" para ocupar o palco do Teatro da Paz. Era dirigida por Tomás Passini e tinha um grande elenco no qual pontificavam os nomes do soprano dramático Filomena Sávio, do contralto Júlia Consolani, do meio soprano Climene Kallas, do tenor Orlandino, etc. A temporada causou verdadeiro acontecimento. Sua estréia deu-se na noite de 7 de agosto de 1880, inaugurando com a ópera "Ernani", de Verdi, a tradição lírica do Teatro da Paz. Em 1881 veio a segunda companhia, que deu nada menos de 50 récitas e apresentou a primeira ópera escrita por compositor paraense: a "Idália", de Henrique Eulálio Gurjão. Pouco depois fundava-se a Associação Lírica Paraense, destinada a exercer atuação relevante na vida musical de Belém e que era presidida por Antônio Baena e Justo Chermont. A entidade entrou logo em contato com o jovem maestro paraense José Cândido da Gama Malcher, que se encontrava na Itália, incumbindo-o de trazer outra companhia, com um grande elenco e repertório moderno. Com essa empresa veio pela primeira vez ao Pará o grande compositor brasileiro Antônio Carlos Gomes.

(...) Com a *débâcle* da borracha, tornou-se impossível continuar sustentando essa orgia de arte. E a ópera, empreendimento dispendiosíssimo, encontrou seu fim tão rapidamente como havia surgido. Em 1906 deu-se a última grande temporada. Em 1911 a

Companhia Espanhola de Zarzuelas, Óperas e Operetas, dirigida pelo ator Pablo Lopez e empresariada por Juca de Carvalho, ainda apresentou algumas óperas – "Marina", "Cavalaria Rusticana", "Traviata", "Baile de Máscaras", alternando as representações com operetas e zarzuelas. A partir de então Belém ainda assistiu a montagens "avulsas" de óperas compostas por seus próprios compositores, ou uma ou outra ópera impingida ao público saudosista pelas companhias de operetas. Mas em 1953, com grande estardalhaço, realizou-se uma fracassada "temporada" de óperas no Teatro da Paz, promovida pelo maestro italiano Nino Gaioni: "Boêmia", "Traviata" e "Rigoletto" foram as únicas óperas representadas.

Vicente Salles

Operários felizes

O operário no Pará, sem sindicatos nem congêneres associações, vive feliz. Seu trabalho é bem remunerado.

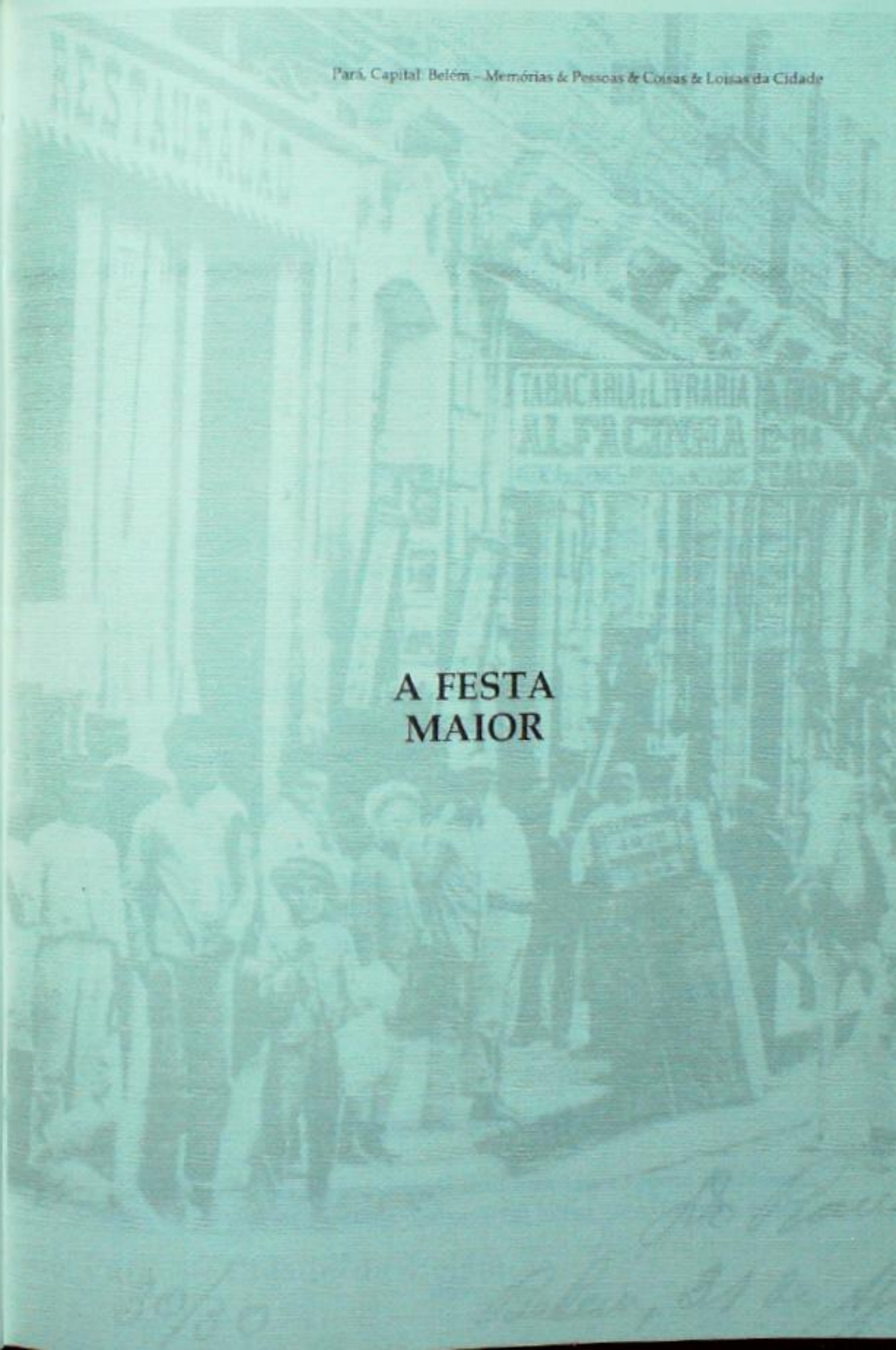
Geralmente o operário trabalha de sol a sol, isto é, das 6 1/2 da manhã às 5 1/2 ou 6 da tarde, com 1 hora ou 1hora e meia de descanso para o almoço. São portanto 10 horas de serviço, como só tem o operário das grandes capitais européias, onde o socialismo tem conquistado especiais condições de trabalho.

Os salários (...) são pagos em moeda papel e semanalmente ou por quinzenas.

(...) Quanto a operários, embora tenhamos já um regular número deles, preparados para todos os serviços, há lugar ainda na capital e em todo o Estado, para quantos queiram vir trabalhar entre nós nas artes liberais.

1908

Ernesto Mattoso



O Círio: como começou

Foi um homem pardo de nome Plácido, residente na velha estrada do **Utinga**, chamada hoje de **Independência** quem, em meados do século XVIII, iniciou o culto de Nossa Senhora de Nazaré, no Pará. Nos primeiros tempos os devotos reuniam-se na modesta casa de Plácido. Depois, como crescesse a Fé e a devoção dos moradores, Antônio Agostinho começou a construir uma ermida, feita de taipa de pilão e palha, no centro de um bosque "com frente para a estrada do **Utinga**". O Governador D. Francisco de Souza Coutinho, quando chegou ao Pará, em 1790, tomou conhecimento dos milagres da Santa. Tornou-se um dos seus mais fervorosos devotos.

A 8 de setembro de 1793, teve a idéia de organizar uma grande romaria para acompanhar a imagem da Virgem, do Palácio da sua residência, para a modesta ermida.

Foi a origem do **Círio**.

Ernesto Cruz

Milagres e oferendas

(...) O prédio mais importante do lugar era a capela de Nossa Senhora de Nazaré, situada defronte de nossa casa. Os paraenses

ortodoxos eram grandes devotos dessa santa, a quem eram atribuídos vários milagres. Sua imagem podia ser vista no altar – uma bela estátua de um metro e pouco de altura, com uma coroa de prata e um manto de seda azul incrustado de estrelas douradas. Dentro e fora da capela viam-se as oferendas à santa, como prova dos milagres realizados por ela. Havia reproduções de braços, pernas, seios, etc., que ela havia curado. O mais curioso de todos esses objetos era um bote salva-vidas deixado ali pela tripulação de um navio português que havia naufragado, um ou dois anos antes de nossa chegada, nas costas de Caiena, durante um vendaval; uma parte dos homens se salvara naquele bote ao invocar a proteção da santa. A comemoração do dia de Nossa Senhora de Nazaré constitui a mais importante festa religiosa do Pará. Muita gente vem, para as festividades, da cidade do Maranhão, situada a 450 quilômetros de distância. Houve uma ocasião em que o Presidente ordenou que o navio-correio atrasasse dois dias a sua partida do Pará a fim de atender às conveniências dos visitantes. A popularidade da festa se deve em parte à época do ano em que é realizada, ou seja, nos dez dias que precedem a lua cheia de outubro ou novembro, quando o tempo se mostra magnífico.

1848
Henry Walter Bates

Moradia singela

A igreja de Nazaré era muito pequena e dava a impressão de uma moradia comum, tendo em três de seus lados uma varanda em dois andares. Na parte superior penduravam-se as redes dos soldados da guarda. De fronte havia uma espécie de alpendre ou rancho coberto com telhas. Dentro da capela viam-se dois altares: aquele sobre o qual depunham a imagem transportada em procissão era desmesuradamente elevado. Parecia que a santa tinha vindo da França, pois o seu todo dava a impressão de uma grande bone-

ca de vitrina. Duas longas fitas, uma verde, outra vermelha pendiam das vestes da imagem até o chão. Centenas de pessoas acotovelavam-se em torno do altar para, de joelhos, beijar essas fitas! Penduradas na parede, do lado oposto, viam-se numerosas peças de cera representando pés, mãos, cabeças e pernas doentes ou ulceradas, que foram miraculosamente curadas por Nossa Senhora. Em seguida podia-se também ver uma pintura tosca representando a aparição da Virgem a um doente que, naturalmente, se restabeleceu. Temendo, o modesto autor, em sua ingenuidade, que se não compreendesse o motivo do quadro lá estava claramente explicado numa legenda: "Milagre que fez Nossa Senhora de Nazaré!"

Daniel P. Kidder

Onde tudo era bom

Com a aproximação do mês de outubro, (...) o Largo de Nazaré começava a receber os primeiros cuidados, tanto de pintura como de construção de barracas, feitas de sarrafos ou de restos de madeira, tirados de prédios demolidos. Essas barraquinhas encostavam-se umas às outras, às margens das ruas que contornam o quadrilátero principal, ainda sem qualquer bordadura que lhes traçassem limites. Ocupavam essas defeituosas construções, casas de brinquedos, de sortes, jogos de azar e comidas. Algumas casas de moradia se transformavam em pequenos pontos de comércio, com títulos extravagantes, como estes: "Se não corro, quati me lambe" – "Aqui tudo é bom, até eu". E havia lugares especiais para os jogadores de bom-tom, com títulos em francês, inglês e alemão, línguas de uso vulgarizado em Belém, pelo grande número de moços educados na Europa e de famílias que, todos os anos, visitavam o velho continente.

Manuel Lobato

Fazer a fezinha

A casa de jogo aristocrata do largo era a do pai do falecido coronel Fontoura, disfarçada por uma loja de brinquedos. (...) Lá dentro o pipo e a roleta discretamente funcionavam, e viam-se, então, os magnatas daquela época, conselheiros, médicos, bacharéis e magistrados, "inocentemente" jogando e bebendo: o próprio chefe de polícia jogava!

Por toda parte do arraial havia jogo.

Saía-se do "O Japim", entrava-se no "Hoje vai...veremos", nos botequins mais esconsos, e sem pedir licença, varava-se o estreito corredor, oculto por uma cortina de chita de ramagem encarnada, e ia-se até a varanda, onde a roleta de vintém e o pipo funcionavam também.

J. Eustachio de Azevedo

Miraculados, noitadas, singularidade

As festas religiosas de Belém, com irradiação nos arraiais, guardam um cunho pitoresco. A de Nazaré, sem outra que se lhe compare no país, atraindo romeiros de várias cidades, de longínquos municípios, de Estados limítrofes, pondo na rua com a procissão matinal do Círio para acima de cem mil pessoas, é tudo que há de mais imprevisto.

Nesse cortejo, que para fazer um trajeto comum de meia hora leva cinco, além da berlinda da santa, dos botes, do carro precursor, dos cavaleiros, das irmandades, dos automóveis, que o acompanham, vêem-se fiéis levando toda a sorte de promessas: pernas, bustos, braços, ventres, costas, velas de cera; caixões de defunto, pedras na cabeça, potes d'água, canoítas, naviozinhos; outros vão descalços e amortalhados. Escaparam de tiros, de facadas, de mordeduras de cobra, de dentadas de jacaré, de emboscadas, de ataques de onça, de naufrágios, de envenenamentos, de pajelanças. (...)

São quinze noitadas de ladainhas e novenas em que os católicos ou não, em louvor à Virgem milagrosa, só deitam pela madrugada (...). Os irmãos mais abonados gozam tudo repimpados nas célebres cadeiras de Nossa Senhora do Descanso. (...)

1930

(...)

A singularidade desta santa popularíssima consiste em não habitar a igreja da qual é padroeira. Em cada ano passa na Basílica de Nazaré apenas os quinze dias em que é celebrada pelos fiéis. Concluída a festa, a milagrosa divindade volta ao seu nicho solitário, no colégio de meninas Instituto Gentil Bittencourt, onde é adorada silenciosamente pelas freiras que dirigem o estabelecimento e pelas donzelas, ricas e pobres, que ali se educam.

Raimundo Morais

O carro dos milagres

(...) quando dei por mim, chegava gente por todos lados: compouco a praça estava cheia. Os sinos das igrejas começavam a tocar. Mas o senhor que é caboco acostumado nestas festas sabe muito bem, que o Círio de Nossa Senhora de Nazaré não tem começo nem fim. A gente sabe que a procissão começa mesmo na Catedral e se finda na Basílica. Isso todo mundo pensa e diz: que o trajeto do Círio anda pelas ruas principais. – Mas meu compadre, vamo tomar mais um gole de cachaça? – Olhe, o certo mesmo, de saída e de chegada, ninguém pode asseverar. Os preparativos, acompanhamentos, dispositivos de pessoas gradas e gentes religiosas, que constituem em ordem esta digna procissão, é coisa difícil, bem difícil de se acompanhar. Onde está o Padre, por exemplo? O Bispo? O Chefe de Polícia e o Governador, o senhor sabe? Desde que hora o povo está nas ruas esperando o Círio? Da véspe-

ra? Da ante-véspera? Donte? Dontonte? Desta noite ou des da manhã, o senhor sabe? E qual seja o digno trajeto, a passagem oficial dos peregrinos que vêm de todos os cantos para essa tamanha procissão? O senhor imagina que é nas avenidas que o Círio trafega até chegar no arraial? Isso, por mais que me bote a maginar não entra na minha mente, compadre velho. – Vamos tomar mais uma, uma proncha de cachaça, com este pedaço de peixe-frito. – Olhe, esta farinha amarela, até que serve como tira-gosto, é obra dos cabocos do Acará. – Um gole, mais um gole, talagada bruta da maldita! – Não faça cara feia, meu compadre, que a Santa castiga! Mas o senhor acha que todo o povo que veio pro Círio está enchendo estas ruas? Esperando nas calçadas? Entupindo as igrejas? Esparramado nas praças e olhando das portas e janelas desses enormes edifícios? Olhe eu, por exemplo, com este meu barco-a-vela que tenho na mão pra depositar no Carro dos Milagres, estou por acaso rezando? Cantando? Em comportamento justo de devoto promesseiro esperando a milagrosa Santa? Nem me arrenegue por causa disso, outros andam fazendo coisa muito pior. Olhe o Jozias, o Sigismundo, o Zé da Praia, o Mané do O, que também trouxeram promessas pro Carro dos Milagres. Será que estão metidos no meio deste desconforme povo, ou já depositaram suas promessas ao pé da Virgem ainda no Largo da Sé? Nem diga, que esse mundão de gente que horas e horas passa na nossa frente, é o Círio propriamente dito. Cadê o Padre? O Bispo? O andor da Santa? Cadê o Carro dos Foguetes e a Berlinda? Sim, cadê o Carro dos Foguetes? As fanfarras? E cadê a cavalaria da Polícia Militar? Olhe, compadre, vamo tomar mais uma birita dessa pinga boa, e deixa o Círio tomar forma. Beba este trago. Lhe juro que é cachaça da boa, deixe o povo ingrossar. Deixe tomar parecença e solenidade justa de uma digna procissão. Quando este poder de povo tiver unido-unido, carne-e-unha, ombro com ombro, cabeça com cabeça, esprimido nas paredes, que zolho não for mais zolho, cara não for mais cara, e cor não for mais cor... então é porque vem vindo o Carro dos Milagres.

Benedicto Monteiro

O menino no arraial

O almoço do Círio foi um banquete – coxão de porco, maniçoba e pato no tucupi, regados a vinho tinto para os grandes e guaraná Simões para a tropa miúda. Paraense, nesse dia, no que menos pensa é em economizar. E todo mundo atira-se aos comes e bebes (...).

À noite chegou a vez do arraial. Dadá tentou, sem êxito, um dos teatros do Largo de Nazaré. Primeiro o Poeira, onde o cômico Picolé e o sambista Jorge Veiga serviam de atração. Depois o Variedades, cujo chamariz era a "dupla da navaia" – Xerém e Bentinho. O povaréu cercava as bilheterias batalhando pelos ingressos. Resultado: sessões lotadas. Acabamos no Moderno assistindo, de pé, um filme brasileiro com Sílvio Caldas – *Favela dos meus amores*.

Após o cinema, veio o ansiado momento de rodar em alguns brinquedos do largo – o carrossel, a ola giratória e o aeroplano – atirando adeuses à Dadá que sorria de longe. De nada adiantou derramar olhos compridos para outras tentações que ficaram à margem do programa – roda-gigante, o autopista e as barquinhas. Tomamos tacacá, demos uma espiada nos graúdos amesendados na barraca da Santa, e afinal penetramos na Basílica resplandecente. Por meu gosto, continuaria até mais tarde, perambulando no arraial, roque-roque na mão, cobiçando coloridos balões de gás e flexíveis cobras de miriti, mas Dadá não consentiu. (...)

Alfredo Oliveira

O teatro nazareno

Em Nazaré, no meio de tantos divertimentos profanos, comércio generalizado, inclusive o de iguarias típicas, musicatas e jogos, tudo percutido pelo grosso foguetório, surgiu e desenvolveu-se o teatro popular, o chamado "teatro nazareno". Já em meados do século XIX os jornais se referiam ao Pavilhão de Flora, construído

no centro do arraial, onde se exibiam cordões de "índios" e de "negros", executando exercícios excêntricos e danças de suas "tribos": eram os "Congos", os "Africanos", os "Guaranis". Desconhecemos a estrutura e organização desses brinquedos, mas as denominações respectivas nos alertam para seu caráter especial refletido na dupla representatividade étnica – "índios" e "negros" – bem como que executavam "danças", revelando-se a denominação de várias delas: "lundum", "chorado", "catereté", "dança do bagre", "mandu-sarará", "bambiá". Todavia, não apenas "índios" e "negros" aí se apresentavam. O noticiário da época também faz referência à lúdica de procedência européia: "danças das camponesas". Mas as danças dos "guaranis" eram muito apreciadas e se desenvolviam ao som do "boré", provavelmente a mesma – ou uma imitação – trombeta indígena.

(...) No começo da República o largo foi urbanizado. O velho Pavilhão de Flora, construção acachapada e feia, como vemos numa das estampas de Righini, foi substituído pelo elegante Pavilhão de Vesta.

(...) um teatro organizado tendia a fazer desaparecer os primitivos "cordões" folclóricos na medida em que estes se descaracterizavam. O primeiro teatro estável, assinalado pela crônica nazarena, foi o *Chalet* (...). Inaugurado em 1873, logo se transformou na grande atração do arraial, apresentando revistas e comédias do agrado popular. Localizava-se onde hoje se encontra o Cinema Moderno. Os espetáculos não excediam de uma hora. Isso permitia "sessões" sucessivas. A casa ficava sempre lotada, ao preço do ingresso de apenas 500 réis. O negócio era lucrativo e logo começaram a proliferar outros teatrinhos, como o **Recreio** e o **Avenida**. Os três, durante muito tempo, deram ao público paraense, principalmente ao grande público de romeiros oriundos dos mais distantes rincões da Amazônia, a oportunidade de ver bons espetáculos. Aí surgiu o teatro popular paraense, a revista de costumes regionais. Centenas de peças foram criadas especialmente para esse teatro. Além disso, muitas companhias mambembes eram atraídas de fora.

Em 1903 o Teatro Chalet passou por grandes reformas, possu-

indo agora duas ordens de camarotes, todos ornados e pintados. No dia 11 de outubro foi reinaugurado com a estréia da revista de costumes regionais "O Tacacá", de Euclides Faria e 14 números de música de Cincinato Ferreira de Souza. Elenco de atores regionais dirigido por Máximo Gil. O êxito foi surpreendente e determinou grande impulso no teatro regional. As revistas de costumes regionais vinham, de algum tempo atrás, se impondo no arraial, mas ainda não eram criadas especialmente. O primeiro grande sucesso parece ter sido "O Seringueiro", assinada pelo poeta Frederico Rhossard, com música de Simões Júnior, estreada no Teatro Politeama, em 24 de julho de 1898. O seu sucesso, devido a uma companhia portuguesa é que parece ter incentivado a criação do gênero. Data efetivamente de 1899 a introdução de revistas de costumes paraenses, especialmente escritas para os teatros nazarenos, com o "Amapá", de Euclides Faria e música de Nicolino Milano. Dessa revista, ficou famoso o tango "Amapá". Até então o teatro nazareno constava apenas de dramalhões e comédias traduzidas de diversos idiomas, adaptadas ou imitadas, outras de procedência portuguesa e raras produções de autores nacionais. Já eram conhecidas, porém, as "peças do ano" que, numa sequência divertida, caricaturavam os principais fatos ocorridos durante o ano na província. Desde 1888, com o sucesso de "Tric-Trac", no Teatro Variedades, que esses espetáculos vinham sucedendo-se. Mas é a partir da apresentação da revista "Amapá" que se configura o modelo do teatro nazareno. Logo alguns autores se especializam no gênero, pouco fecundos, como o próprio Euclides Faria, que nos dará a revista de maior êxito, "O Tacacá", em 1903, Domingos Canedo, que produz a comédia "Nhô-Manduca" e as revistas "O Ferramenta" e "Macaca Puranga", esta última o grande êxito da temporada de 1906, lançada pela troupe do ator Máximo Gil. Ainda em 1906 é a revista "O Homem do Automóvel", assinada pelos jornalistas Romeu Mariz e Júlio Jacques, com música de Clemente Júnior. Nessa temporada passa com discreto êxito, mas no ano seguinte, remodelada e com novo título, "O Mulato Rico" (Mulato Rico era o popular Apolônio Santos, figura romântica do fim do século, que costumava viajar frequentemente para a Euro-

pa. Diz-se que numa dessas viagens trouxe para Belém o primeiro automóvel que circulou em nossas ruas, com a admiração geral. Daí o primitivo título da revista), se transforma no grande sucesso, apresentada no Teatro Recreio pela companhia do ator Machado (Machado Careca).

O teatro nazareno ganha suas marcas inconfundíveis no decorrer da segunda década, principalmente com a entrada em cena do ator Eduardo Nunes (1887 – 1926), talvez a figura mais divertida e controvertida do teatro regional. Eduardo Nunes se fez nesse teatro, organizando aí diversas companhias. (...) Belém já não atraía grandes companhias, nacionais ou estrangeiras. Contentava-se com o próprio esforço de sua gente. Eduardo Nunes abriu o caminho para numerosos outros autores e atores, principalmente para os grandes criadores do teatro regional, a partir de Genaro Ponte e Souza, para culminar com Elmano Queiroz (que fez notável dupla com o compositor Cirilo Silva), autor de quase uma centena de peças. Depois de Elmano ainda aparece Alberto Martins como um dos mais prolíficos autores e outros que se destacaram por suas produções mais ou menos eventuais. Todo um grande elenco de artistas aí se destaca, desde os velhos Lima Penante e Lourenço Antônio Dias, que pontificaram no século passado, até a quase centena de artistas que pulularam nos tablados nazarenos. Entre os mais destacáveis, João Andrade, Carlos Campos, Raimundo e Teodósio Cantuária, José e João Baena, Virgílio Córdova, Marcelino e Fernando Fonseca Martins Pina, Juvenal Gomes de Abreu – o mais famoso tenorino de sua época – , Paulo Castro, Carlos Barbosa, Bento e Clarindo Santos, Benito Rodrigues, João Rocha, Dico Rocha, Mendo Luna, etc. Atrizes: Lili Costa, Isaura Oliveira, Zoé Cantuária, Alice Pina, Cândida Palácio, Nenê Gaya, Alzira e Rosita Rodrigues, Açucena Banhos, Stela Souza e muitas outras.

(...) O teatro nazareno começou a dar mostras de sua debilidade no final da década de 1930. Ainda em 1938 funcionaram simultaneamente 5 teatros: o Moderno, ocupado por uma companhia de variedades, organizada pelo Sr. Matos Cardoso; o Variedades, ocupado pela companhia regional do ator Cantuária; o Glória, ocupado pela troupe de Jararaca e Ratinho; o Poeira, ocupado por

Genésio Arruda e sua companhia de disparates cômicos, do Rio de Janeiro, empresada por Teixeira Martins & Cia; finalmente, o Ideal, ocupado pela companhia regional do ator Carlos Campos, com a revista "Sei lá si é ..." (1 ato e 16 quadros) de Edilberto Domont e Maurício Dubort, com 14 números de música de Tó Teixeira.

Rico de sugestões, o teatro nazareno produziu um acervo cujo destino ignora-se. Dele quase nada resta. (...) Esse é talvez o teatro mais espontâneo e desambicioso do Brasil. (...)

Belém foi, talvez, a única cidade brasileira a ostentar durante muito tempo, como o Rio de Janeiro, ativo teatro de revistas. O declínio e perecimento desse teatro ocorreu, em Nazaré como na Praça Tiradentes, quase na mesma época.

Vicente Salles.

As apimentadas cantorias

VIRA ISSO PRA CÁ

Paródia
Cantada no Th. Moderno pelo ator Carlos Campos, da Troupe do Zezinho

I

Escuta, flôr dos amores,
neste tempo de repuxo
– nesta terra de esplendores
não há quem não coma bucho...
Bem por isso é que te digo
da canção na rosca verga,
– si queres viver comigo
não te faças de tão leiga,
pois para viver contigo

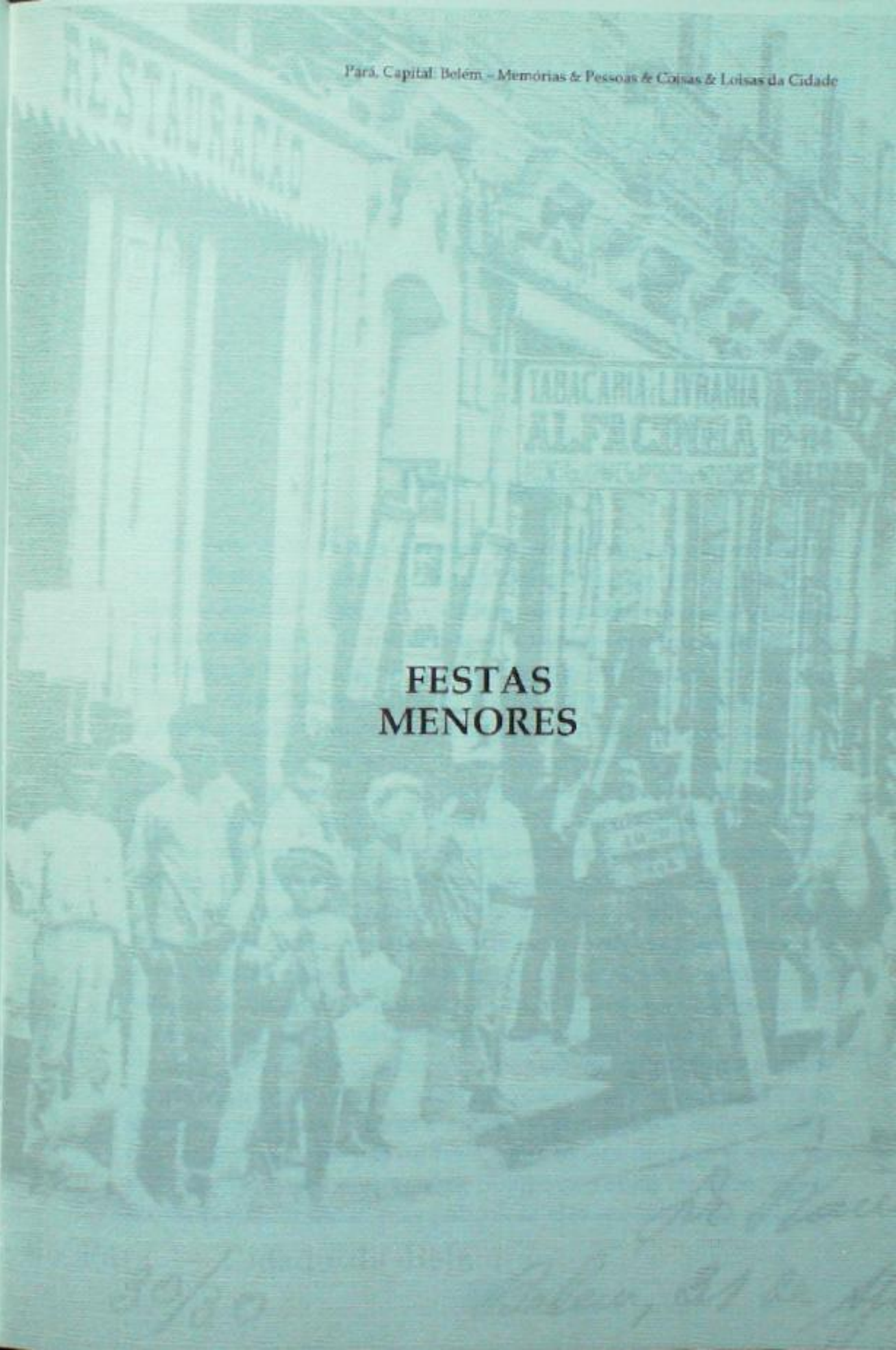
como até pão com manteiga...

Estribilho
Vira, delira, suspira e revira,
meu bem,
– nisso pecado não há...
Ah! ah! ah!
Dar o que tem
não faz mal a ninguém...
vira isso pra cá

II
Repara que a carne cara
só nos faz fazer fiasco,
e a gente de agora, avara,
já não come mais churrasco...
Com o peixe tão elevado
que se torna romanesco
fica o povo torturado
neste inferno tão dantesco
tem que comer salgado
– pois não pode comer fresco...

Estribilho
Vira, delira, suspira e revira, etc.

Ernesto Vera



FESTAS MENORES

Povo festeiro

Na cidade do Pará o governo provincial ajuda a dar maior brilho às festas religiosas. As procissões que percorrem as principais ruas da cidade carregam, na frente, a imagem do santo homenageado e em seguida a de vários outros de menor importância, pertencentes à mesma igreja. Essas imagens são carregadas nos ombros de respeitáveis chefes de família, que se oferecem para essa função, e muitas vezes o espectador vê um seu vizinho, ou o dono do armazém do seu bairro, ou o seu carpinteiro passar gemendo sob o peso da sua carga. As imagens são precedidas pelo padre e os sacristãos, trajando vestimentas bordadas e abrigados sob magníficos pára-sóis – que no caso não constituíam simples ornamentos, pois o calor era muito forte quando as nuvens não encobriam o sol. A procissão é ladeada por duas longas fileiras de cidadãos trajados com opas de seda vermelha e levando na mão uma comprida vela de cera acesa. Atrás segue um batalhão de soldados da infantaria, com sua banda de música, e fechando o cortejo vem o povo, as pessoas de cor trajando roupas domingueiras e mantendo uma atitude de compunção. As mulheres geralmente comparecem em grande número, suas espessas cabeleiras enfeitadas com jasmins, orquídeas brancas e outras flores tropicais. Nessas ocasiões vestem suas roupas de festa, suas blusas de gaze e saias de seda preta; no pescoço trazem colares de contas de ouro, geralmente pertencentes às suas patroas se elas são escravas, as quais

procuram exibir assim a sua riqueza.

À noite, quando começam os festejos na praça defronte da igreja, nas redondezas da cidade, há realmente muito o que admirar. Muita coisa típica da terra e da vida dos seus habitantes pode ser apreciada nessas ocasiões. A igreja branca é festivamente iluminada, e a música, não demasiadamente solene, brota de suas janelas e portas escancaradas. Bandos de mulheres negras, vistosamente trajadas, enfileiram-se ao longo do caminho que vai desembocar na entrada da igreja, com suas barraquinhas de bebidas, doces e cigarros, que são vendidos aos forasteiros. Perto dali ouvem-se o chocalhar dos dados e o ruído da roleta, nas barracas de jogos armadas ao ar livre. Quando esses festejos ocorrem em noites de lua cheia, o cenário todo causa ao visitante uma impressão extraordinária. A praça é rodeada de tufos de palmeiras, e por detrás delas, acima dos telhados das casas iluminadas, aparecem as densas copas das mangueiras, nos pomares, ressoando com o zumbido contínuo de inumeráveis insetos. O suave luar tropical empresta à cena todo um encanto especial. Todo mundo vai para a rua em suas roupas de festa. Os membros das classes abastadas, desfrutando a doçura da noite e a alegria geral, acomodam-se em cadeiras, à porta das casas dos amigos. Não há demonstrações exageradas de alegria e sim um tranquilo contentamento, que pode ser notado em toda parte, reinando a afabilidade e a cortesia entre todas as classes e raças. Vi um coronel do palácio presidencial, em seu magnificente uniforme de gala, dirigir-se delicadamente a um mulato e lhe pedir fogo para o seu charuto. Quando termina o serviço religioso, os sinos da igreja começam a repicar, dezenas de foguetes espoucam no céu, a banda de música ataca e os negros começam a dançar. Por volta das dez horas da noite o hino nacional brasileiro é tocado, e em seguida o povo se dispersa tranquilamente, recolhendo-se cada um à sua casa.

1848
Henry Walter Bates

Procissão lúgubre

Ontem, assisti, na cidade de Pará, a uma procissão religiosa. É uma das muitas festas que, conforme me asseveram, estão caindo em desuso e já perderam muito de sua pompa antiga. Representava ela uma cena da Paixão de Cristo. Uma imagem de tamanho natural, representando o Salvador curvado ao peso da cruz, é carregada sobre um andor através das ruas; meninas vestidas de anjo vão à frente acompanhadas de numerosas pessoas de diversas irmandades. Iluminam-se os altares em todos os templos; a multidão, sem excetuar as crianças, veste-se de preto; as sacadas de todas as casas enchem-se de pessoas vestidas de luto e todos esperam ver passar a lúgubre procissão.

1866
Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz

Pastorinhas

Na alcova, compartimento contíguo ao presépio, tendo uma espécie de velário a um canto, as **Sempre-vivas** estão sentadas, debruçadas umas às outras, fingindo dormir. Atrás do velário ecoavam as primeiras notas dum cântico melodioso numa vozinha de falsete, trêmula, porém, cristalina:

Glória ... (pausa), **Glória** ... (pausa), **Glória** ...

Levanta-se a mestra sobressaltada, chama as **discípulas** e interroga-as:

– Não ouviram um cântico mavioso, cheio de melodia?

Estava claro que nenhuma tinha ouvido; pois **dormiam.**

Mãos ocultas correm o velário e uma loira criancinha, vestida de anjo, faces carminadas aparece entre nuvens de morim.

Há um movimento de espanto para as pastoras: a criança, porém, tranquiliza-as:

– Não temais. Trago-vos uma boa nova. Em Belém é nascido o

Messias prometido, o Redentor do Mundo. Ide adorá-lo.

Levantam-se todas, rufam os pandeiros, formam os pares, fazem meia-luas e lá seguem para a varanda num passo acelerado de polca, cantando em voz sonora e clara:

Corramos pastoras
Com prazê e alegria
Adorá o Deus Minino
O filho de Maria.

Entremos pastoras
Com prazê e com amô
Adorá o Deus Minino
O nosso Redentô.

As pastoras emudecem, abrem alas, imobilizam-se e, dentre o povo, pela parte fronteira ao presépio, vinda não se sabe donde, surge a **estrela**:

Eu sou a estrelááá
De Israel formosááá...
.....
....., etc.

Vem depois o **anjo** dando passos demorados, alternando os pés, o direito, o esquerdo, numa leve meia volta. Canta num *allegro* forte:

Entrai pastoras
Correi pastores
Vinde cantoras
Trazei louvores.

Seguem-se os **Magos**, coroas de papelão dourado, cetros cheios de fitas, curvos, vagarosos, cada um com seu presente especial, um recitativo adequado para cada qual.

Esta cerimônia é um pouco demorada. Saem em seguida as **floristas** com cestinhas cheias de rosas, dálias, jasmins, generais, crisântemos, bogaris e procurando os rapazes mais ou menos bem parecidos, com ares de quem tem dinheiro, flor entre os dedinhos delicados, declamam desembaraçadamente:

Eis este botão de rosa
Que abriu no dia seis
Com vossa alma generosa
Espero que não negareis
Para o cordão das Sempre-vivas
Anos Bons, Festas e Reis.

Alguns, coitados, estão apitando e procuram esgueirar-se por entre o povo, sorrateiramente, disfarçando. Outros, já vêm prevenidos: trazem à lapela um ramalhete espaventoso e recusam-se por já terem **dado**, mostrando as flores.

É um plano como outro qualquer. A florista ruborizada, como que envergonhada, passa adiante.

Aqui tendes esta flor
Vede como linda é
Espero que me dareis
Para Jesus, Maria, José
Anos bons, Festas e Reis.

Os versos continuam mais ou menos nesse feitio e o **arame** vai caindo desde o modesto tostão à pelega de 5 ou de 10$.

Às vezes, sabe Deus com que pena; outras, bem o sabem os olhos das floristas com que entusiasmo!, com que loucura! E para isto basta que sejam bonitas.

1904
Alfredo Ladislau

Carnavais gordos e magros

Este cronista que, em 1908, deixava a Bahia com o segundo Carnaval do país, em animação e esplendor, surpreendeu-se em Belém com Carnaval paralelo ao baiano.

(...) Em 1909, assistíamos e participávamos do Carnaval em Be-

lém, de igual fausto e alegria. Concentrava-se, oficialmente, na Praça Batista Campos, de recente inauguração, e comandado pelo então Intendente Municipal Antônio Lemos e seu séquito ostentoso, ocupando os pavilhões e distribuindo às famílias convidadas, quanto necessitassem de confete, serpentinas, lança-perfume, doces e bebidas para maior brilho e êxito das batalhas em honra do Rei Momo. O objetivo, no caso, era o de desviar o folguedo, do Largo da Pólvora, em obras de acabamento que o transformaram na Praça da República e local definitivo das grandes festas da cidade. O Largo da Pólvora, porém, não cedia à competição da Praça Batista Campos, por mais favorecida por Antônio Lemos, embevecido com a beleza da sua obra de esteta urbano; e continuava a concentração do Carnaval popular, dos seus Clubes, Ranchos, Grupos e Foliões individuais, do desfile dos carros alegóricos, de corsos de automóveis e carruagens. Nesses dias, a cidade e subúrbios residiam no Largo da Pólvora e vias de acesso, e a opulência da borracha derramava dinheiro a valer, para todos divertirem-se à farta: Belém rica, com muitos estrangeiros, recebia nessa quadra gente de toda a Amazônia, do Maranhão e Ceará e todos absorviam-se no Carnaval, com a única preocupação de gozá-lo. Tudo e todos usando o que de melhor, à feição dos famosos carnavais do mundo, Rio de Janeiro, Nice, Roma. Já não havia, senão em vilarejos do Interior do Estado, o costume colonial do entrudo, com enormes seringas, baldes, atirando água suja nos brincantes, limões de cera com perfumes, pó de toda a qualidade, para mimoseá-los; existia vindo de 1852, e de autoria de um português, a marcha **Zé Pereira**, com os seus tambores e zabumbas, dominando os descantes carnavalescos, em Belém e no país, e ainda atiçando calor aos delíquios momescos.

Com a queda da borracha e Antônio Lemos, 1912, o Carnaval declinou, mas até 1930, ainda carros alegóricos, corsos, confete, serpentina, lança-perfume, eram em abundância hoje inacreditável. Na década de 30, o Carnaval foi estimulado, em vão: o Carnaval de rua desanimava-se, enquanto animavam-se os bailes de clubes fechados, disputando-se supremacia na escolha e indumentárias milionárias de Rainhas e Princesas. Reminiscência da festa de

mascarados de Lagos, África de quatro séculos, denominada Damxerixá, ou festa da Rainha, tal qual o Brasil passou a adotar, voltando às suas origens afro-lusas. Bailes, carnavalescos, e de entrada paga, existiam, em Belém, no Politeama, vasto teatro que ocupava a área onde hoje está o Grande Hotel, no Moulin-Rouge, onde hoje se levanta alto edifício de fachada na Praça da República, entre as ruas Caetano Rufino e Gama Abreu; e para seus associados, nos Clubes e Sedes de Blocos; sem disputas senão a diversão do Carnaval, aproveitando as horas noturnas de menor intensidade dos festejos de rua que nos domingos e terça-feira atingiam alta madrugada ou até "o sol raiar": domingo "magro" e "gordo", designação que somente em Belém era usada, como ainda hoje.

R. Borges

Cordões à pernambucana

Foi Antônio Marcelino, (...) o introdutor no Pará dos cordões carnavalescos à pernambucana, os chamados clubes (os frevos de hoje para o carioca), que tanto êxito tiveram até pouco antes de trinta, ou pouco depois.

Criou, que para isso rolava o dinheiro, o luxuoso "Clube dos Caiadores", modelo de quantos surgiram depois: **Lenhadores, Varredores, Fígaros, Malhos, Martelos** ... e até um famanaz "Bilontras", formado por mulheres da vida alegre, as "cocotes" daqueles gostosos tempos...

Os "balisas" em tais grupos eram respeitados ases da capoeiragem. Um "encontro" entre eles seria empolgante contenda daqueles bailarinos da braveza se não resultasse, fatalmente, em cabeças quebradas, cortes de navalha, furadas de punhal, em que pesasse ao romântico figurino de suas roupagens, dando-lhes ares de pagens medievos, inclusive com as cacheadas cabeleiras louras por cima de caras bronzeadas e mesmo negras...

(...)

Aprígio "Peito de Aço", estivador "dobrado", era figura de respeito no Umarizal da minha adolescência. (...)

(...) nunca participara de grupos carnavalescos, pouco se lhe dava que os "Martelos de Prata" mais sucesso fizessem que os "Malhos de Ouro" ou os "Lanceiros de Belém"...

Mas no Carnaval de 1915 (ou 16) resolveu um grupo de rapazes ressuscitar o "Clube dos Lenhadores", há vários anos fora de circulação. Foram buscar, com antigo diretor, um mulato de nome Miguel, se não me trai a memória, o velho estandarte de leão rompante cercado de pedrarias e florões em relevo de ouro. E convidaram para integrar a diretoria o Aprígio "Peito de Aço". Ele aceitou. Aceitou e tomou gosto pelo brinquedo. No fundo, possivelmente, para meter ferro à gente do "Martelos", com sede na Antonio Barreto, enquanto os "Lenhadores" assentaram arraial na Domingos Marreiros.

Sujeito organizado, não gastando à-toa seu dinheiro, Aprígio dentro de duas semanas assumia a liderança entre os companheiros, sua palavra passou a ter foros de lei .... E no Domingo Gordo, três horas da tarde, entrava triunfal o "Clube dos Lenhadores" na Generalíssimo Deodoro, rebrilhando na pompa da indumentária, lançando um "balisa-mirim", o "Macaquinho", capaz de correr todo um quarteirão em saltos mortais consecutivos sem que no chão lhe tocassem as luvas brancas de renda ... Até as barbas do "Velho" (personagem de todo Clube), dizia-se que Aprígio "Peito de Aço" mandara comprar lá no Rio; eram de finíssima fibra, deixando longe as de algodão ou de corda desfiada dos demais... Nesse Carnaval o bairro ganhou nova frente para concorrer com os clubes da Cidade Velha ou do Jurunas: se os "Martelos de Prata" eram bons, os "Lenhadores" diziam "arreda!", era a opinião eufórica do Umarizal...

De Campos Ribeiro

Festa do Divino

A festa do Divino Espírito Santo, com o levantamento do mastro votivo recoberto de folhagens e frutos, montado por anjinhos, é típica. Antes de ser erguido, com a bandeira da Ascensão do Senhor no tope, o longo madeiro vem ao ombro dos membros da confraria lá do seio da floresta, onde foi cortado e enfeitado. Conduzem-no ao som de pandeiros, de frautas, de rufos, ao ritmo das cantigas, lembrando, pelo tom campestre e o ambiente pagão, a época das vindimas gregas, celebradas por entre danças e ditirambos.

1930
Raimundo Morais

Dança das pretinhas d'Angola

A dança é no estilo do cordão. A informante – Dona Léa Aflalo – responsável pelo grupo executante, reconstitui uma manifestação que lhe foi ensinada pela já falecida mãe, que a dançava quando Dona Léa era criança.

A dança se originou no Bairro do Umarizal em Belém. Aliás, umas das músicas faz referência ao bairro. Nos seus primeiros tempos, o grupo se chamava de **Pretinhas Dengozas**; uma das participantes transferiu-se para Santarém e lá constituiu um novo grupo, do qual fazia parte a mãe de Dona Léa. Nessa época as pretinhas pintavam o rosto de alvaiade, os lábios de vermelho e as sombrancelhas de preto.

Por mais ou menos 40 anos, o grupo original deixou de se exibir, em decorrência de pressões que os padres americanos transferidos para Santarém exerciam sobre todas as formas de folclore do lugar. Ao tentar reviver a dança, Dona Léa recomeçou com um grupo de meninas pretas, sem uso de pintura. Hoje são 18 moças brancas que se pintam de preto.

As letras das músicas são ainda as primitivas. O cordão entra dançando no ritmo do carimbó antigo, que segundo a informante, era mais leve que o atual e exigia maior arrastado dos pés no chão. Um trecho de música por elas dançado é o seguinte:

"Que pretas é aquelas
Que vem acolá?
É as pretinhas d'Angola
Do Umarizá!
É do Umarizá!
É do Umarizá!
As pretinhas d'Angola
Do Umarizá!"

Alguns dos passos são idênticos aos do carimbó, mas há também um grande número de passos desconhecidos pelo carimbó atual. É o caso do passo do serrador assim descrito: enquanto o brincante requebra as cadeiras baixando até quase o chão, vai entrecruzando os braços desde a altura da cabeça até o joelho, simulando o ato de serrar.

Violeta Refkalefsky Loureiro
João de Jesus Paes Loureiro

Bois

As fogueiras crepitavam em louvor a Santo Antônio. Nas calçadas tomava-se tacacá, mingau e aluá. Os foguetes riscavam a noite pros lados de São João do Bruno, onde os bois **Flor do Campo** e **Lindo Cravo** desacatavam-se nos terreiros em meio a pau-de-sebo, quebra-pote e matação de galo.

Alfredo Oliveira

Boi-bumbá de mulheres

Um dia, uma novidade: um boi-bumbá de mulheres. Nêga Lourença, cafusa boêmia, maioral da Vila dos Inocentes (São João do Bruno), filha de velha mingauzeira cujo pregão enchia as manhãs do Umarizal com **dó de peito** que era como apito de trem saudoso, convocara todas as "chapas", ensaiara e trouxera pra rua o "Boi Anizeta", cujo nome seria homenagem ao **abre-corpo** das mulheres boêmias e pobres (as ricas da época não provavam álcool), pois que os homens da mesma classe, da mesma laia, eram partidários da laranjinha, da imbiriba, do jucá ou mesmo da **imaculada**, a purinha que fazia rosário no gargalo da garrafa quando submetida ao teste da qualidade.

As pequenas do "Boi Anizeta", vestidas com capricho de figurino em tecidos de preço, eram sucesso por onde chegavam. Mesmo as famílias punham de lado as convenções, não se furtavam ao justo elogio do bumbá. Os homens, os portugueses principalmente, taberneiros e caixeiros, padeiros ou gente da 15 de Novembro, esses derretiam-se, embasbacavam-se de admiração concupiscente pelo "Anizeta", não tanto por seu bizarro colorido, mas para a plástica espetacular, a pele sedosa e fina, os dentes de pérola, os olhos rasgados, brilhantes e sedutores de nêga Mônica, adolescente e bamboleante de quadris virginais à frente das brincantes com seu calção de veludo vermelho...

De Campos Ribeiro

Terra de músicos

A capital paraense é a terra dos músicos boêmios, das famosas orquestras de pau e corda, dos tocadores de flauta e violão, dos cantadores de modinhas, dos trovadores noturnos, que levantam, em setembro e outubro, nas noites brancas de lua cheia, em lânguidas serenatas, quarteirões inteiros.

1930
Raimundo Morais

Bailaricos do Umarizal

Tranquilo Umarizal com suas centenárias mutambeiras, seus cercados com caramanchões de onde se debruçavam recendentes jasmineiros em flor, embalsamando crepúsculos e tépidas noites! (...)

Umarizal de bailaricos, a dois mil réis a entrada, onde o álcool não encontrava guarida: à meia-noite, no salão, bandejas com xícaras de canja para as moças, na cozinha café para a rapaziada... (...)

Bailaricos com programa pregado nas paredes, três partes, obrigadas a valsas, mazurcas, marchas e tangos (o samba ao tempo era tango), o contrabaixista, terminada a marcha final, afrouxando lépido as cordas do instrumento, antes que se erguessem brados de bis...

(...) Saí do Umarizal em 1927, nunca mais lá quis morar... Tudo aquilo mudou.

De Campos Ribeiro

POR QUE ME UFANO!

Um ato de clarividência

Como quase todas as cidades brasileiras, Belém brotou diretamente da paisagem e da história. Não teve auréolas lendárias nem rituais premonitórios. Seu fundador não é um herói mítico, nem sequer um grande capitão; é uma figura comum das crônicas históricas. A não ser certas evocações natalinas – o nome da cidade e o do primitivo forte – nenhuma outra circunstância ou simbolismo poetiza as origens da capital paraense. Também não tem títulos honoríficos nem antonomásias gloriosas: não é nenhuma "invicta", "heróica", "luminosa", "santa", etc., como tantas outras na história.

Não obstante isso, a sua fundação não obedeceu a motivações banais ou irrelevantes. Pode-se dizer mesmo que, pela alta significação histórica e geográfica dessa fundação, bem como pelo arrojo e decisão com que foi levada a efeito, ela constitui uma das páginas marcantes e decisivas da expansão lusa na América do Sul.

Um ato de clarividência política expresso em termos geográficos – eis em síntese o que determinou a fundação da cidade.

(...) É na Amazônia, com efeito, que o Brasil extremou-se em sua dilatação para o oeste, formando os contornos do seu mais largo e profundo arco de projeção continental. Tão dilatado foi o seu crescimento neste sentido, que a região se tornou deslocada e excêntrica em relação ao resto do país.

Olhada sob este aspecto, a conquista da Amazônia foi o maior

feito geográfico de Portugal em termos de continentalidade.

(...) Ora histórica e geograficamente considerada, Belém foi a base, o fulcro, o centro de irradiação de toda essa imensa conquista territorial. Nenhuma cidade do Brasil encontrou condições geográficas tão favoráveis para uma efetiva influência continental quanto ela. Em linha direta para o oeste, ela é a que mais projetou a sua influência pelo continente adentro, numa irradiação de alto sentido geopolítico, a cujo influxo surgiram outros núcleos e cidades que não são mais do que frutos diretos dessa irradiação no tempo e no espaço.

Mais do que qualquer outra, ela concorreu para o desdobramento e dilatação das nossas fronteiras rumo aos Andes, num contínuo e sistemático processo de afirmação político-militar. Eis por que, direta ou indiretamente, quase todas as cidades da Amazônia brasileira se acham filiadas historicamente a ela. São reflexos ou desdobramentos do fluxo que dela se irradiou.

Pode-se dizer que, no plano histórico, nenhuma região dependeu tanto de uma cidade como a Amazônia dependeu de Belém.

Eidorfe Moreira

O êxito da civilização

Percebe-se porque D. Pedro I escolheu, para título de príncipe herdeiro, "príncipe do Brasil", na tradição da metrópole, o imenso título de "príncipe do Grão Pará". Mais do que a província, que anexara à Pátria o mundo amazônico, era a província que representava o êxito da civilização na faixa equatorial.

Pedro Calmon

Júlio Cesar: o Pai do Avião!

Somente a partir de 1º de agosto de 1880 é que aparece pela primeira vez na literatura mundial e a 8 de novembro de 1881 nos céus do mundo o balão **fusiforme assimétrico**, tendo a proa mais bojuda que a extremidade posterior ou popa, inventado pelo paraense Júlio Cesar Ribeiro de Souza, resolvendo em definitivo o problema da dirigibilidade da navegação aérea, por ter descoberto a forma aerodinâmica que deveriam ter todas as aeronaves do futuro, assim como por ter colocado em seu balão, planos ou asas móveis, correspondendo essa mobilidade aos **profundores** dos aviões do futuro, assim como o leme direcional na cauda tal como se vê hodiernamente.

Com a colocação das asas e cauda em seu balão, descobriu Júlio Cesar a pedra filosofal da aeronáutica – o ponto de apoio no ar.

Júlio Cesar, de 1875 a 1880, passou a interessar-se pelo vôo dos pássaros, tão abundantes à sua época em Belém, estudando sistematicamente o vôo de cada espécie e analisando esse vôo em dias serenos, com pouco ou regular vento e em dias borrascosos, e assim pôde gradativamente ir entendendo o "vôo dos alados em seus próprios movimentos", conforme depois escreveria.

Tomando notas e apontamentos e comparando os resultados, acabou por entender o mecanismo do vôo tanto nos pássaros como nos insetos. Suas observações foram transformadas em *Memória*, que é uma obra-prima e a única existente na literatura mundial com aplicação à aeronáutica.

Ao compreender porque os pássaros podiam voar, passou a fazer modelos ornitofórmicos em tala de miriti (*Mauritia Flexuosa L. F.*) e papel de seda, com asas e caudas móveis que lhe permitiam mudar a angulação dos mesmos e soltava esses modelos de lugares altos a fim de observar o comportamento deles em vôo.

A princípio embicavam e caíam ao chão. Mas, à medida que aumentava a angulação das asas e a posição da cauda, observou que tendiam a plainar, indo aterrisar a maior ou menor distância conforme a angulação que dava a esses planos.

Essas experiências estavam racionalmente de acordo com o vôo

e pouso dos pássaros. Mas, para o homem voar, ele teria que se elevar do solo para o firmamento, isto é, de baixo para cima.

Concebeu então fazer uma experiência com um modelo em madeira da piteira (*Agave Americana L.*), que é extraordinariamente leve, e mergulhá-lo fundo em um igarapé até tocar a areia, por meio de uma forquilha de cabo longo. Removendo esta rapidamente, verificou que em vez de subir verticalmente como só acontece a todos os corpos mais leves que o meio líquido, o modelo deslizava por baixo d'água seguindo uma direção oblíqua à superfície indo emergir no outro extremo do igarapé. Entendeu então que a força ascensional da madeira tenderia a trazê-lo à superfície em sentido vertical de baixo para cima, mas que a pressão da água sobre as asas e a cauda, de cima para baixo, neutralizando em parte essa força ascensional mas não a sobrepujando de todo, fazia o modelo deslizar na oblíqua, até atingir a superfície da água.

Analisando esses achados, percebeu que para o homem fazer qualquer engenho movimentar-se no meio aéreo, teria que ser inverso do que havia sido feito na água, isto é, o modelo teria que estar invertido, a fim de que a força ascensional, de baixo para cima, em relação ao modelo, sofresse a pressão do ar de cima para baixo, sem contudo neutralizar de todo essa força ascensional, forçando com isso o modelo subir obliquamente em direção à linha do horizonte.

Para isso acontecer, o corpo do engenho deveria ter o formato do corpo de um pássaro (corpo dos aviões de hoje e dos dirigíveis de ontem), isto é, ser mais volumoso em sua porção anterior e mais adelgaçado em sua porção posterior e ser provido de asas para dar planos de sustentação e de uma cauda não só de sustentação mas que servisse de leme direcional.

Tudo isso, concebido em 1880, corresponde ao avião de hoje, só que o modelo deveria voar invertido, isto é, com o dorso para o chão: o que na ave fosse superior, no modelo seria inferior e vice-versa.

A fim de comprovar sua teoria, constrói um balão de 2 metros de comprimento provido de asas e cauda e ao soltá-lo verifica que

está no caminho certo. Constrói outro maior, de 6 metros, e ao soltá-lo do alto de um andaime tem a satisfação de verificar que o seu modelo caminha contra o vento indo na direção que se lhe colocava a proa. Com esses modelos, **havia descoberto a forma aerodinâmica** que deveriam ter todas as aeronaves do futuro, forma essa idealizada pela primeira vez no mundo em 1880, em Belém do Pará.

Portanto, Júlio Cesar é o pai da forma aerodinâmica e o descobridor do ponto de apoio no ar, sem os quais não teria havido progresso aeronáutico, sendo portanto o criador da dirigibilidade da navegação aérea.

Com essas experiências, Júlio Cesar criou um **sistema** que nada mais é que o **corpo de um pássaro invertido** e suas idéias encontram-se magnificamente expostas em sua *Memória Sobre a Navegação Aérea*, cuja primeira parte, "Memória Sobre o Vôo dos Pássaros", é o único ensaio completo de ornitologia aplicada à aviação existente no mundo.

Sua *Memória Sobre a Navegação Aérea* foi apresentada e lida em sessão extraordinária no Instituto Politécnico Brasileiro no Rio de Janeiro, a 15 de março de 1881, tendo merecido do Relator da Comissão de Ciências Físicas o magistral Parecer dado pelo eminente Antônio Luiz Von Hoonholtz, Barão de Teffé, secundado por dois outros ilustres membros da Comissão, os Drs. Alvaro Joaquim de Oliveira e Fábio Hostilio de Morais Rego, todos homens de destaque por seus altos conhecimentos científicos.

Da análise que essa erudita Comissão faz da *Memória*, emitiu o seguinte conceito:

> "O aparelho do qual esta Comissão se tem ocupado poderá sofrer inúmeras modificações nos detalhes e acessórios, mas a idéia capital, pela primeira vez apresentada ao estudo pelo Sr. Júlio Cesar, essa prevalecerá sempre e lhe trará de certo muita glória."
>
> *Fernando Medina do Amaral*

A *Idália* – a primeira!

A primeira ópera brasileira não é, como muitos supõem, *A Noite do Castelo*, escrita por Carlos Gomes em 1861, mas *Idália*, que o paraense Henrique Eulálio Gurjão compôs entre 1856 e 57. Quem afirma é o médico e pesquisador Fernando Medina do Amaral, depois de descobrir numa velha arca em Belém a partitura da ópera, criada quando Gurjão estudava na Itália. (...)

A descoberta da partitura de *Idália* deu-se há seis anos e só agora foi divulgada. (...)

Foi numa arca de cobre fechada há quase 100 anos, guardada na casa de familiares dos netos do compositor paraense, que o médico Fernando Amaral descobriu não só a partitura de *Idália*, mas toda a documentação da vida e da obra de Henrique Eulálio Gurjão, um músico cujo trabalho é totalmente desconhecido.

Mara Caballero

Três rivais – e francesas

O Instituto Lauro Sodré é a Escola Profissional do Estado, e conta 300 alunos, a contar de 12 anos de idade.

Além das matérias do curso elementar e complementar primário e curso completo de desenho e música instrumental, ensina-se aí, nas suas grandes oficinas, os ofícios de marceneiro e carpinteiro, serralheiro e ferreiro, sapateiro, alfaiate, encadernador e tipógrafo.

Exceção das três escolas municipais de Paris, École Boule, École Diderot e École Estienne, que rivalizam com o nosso Instituto Lauro Sodré, nenhuma outra escola profissional pode-lhe ser igualada, quer na Europa, quer na América.

1908
Ernesto Mattoso

Nosso bosque tem mais flores

O Bosque, onde o visitante em vinte minutos de bonde pode ver uma floresta de árvores seculares, é um logradouro genuinamente amazônico. Além dos grandes indivíduos botânicos da mata virgem, lá se balouçam as lianas, os festões vegetais, as guirlandas, os cipós, que fazem um docel verde arqueado sobre os tapetes que cobrem o solo de trevos e samambaias.

O homem, embelezando esse trecho da selva com a obra de arte, levantou aí cabanas rústicas, abriu lagos onde nadam puraqués e peixe-bois, fez pontes, pavilhões, carrocéis, balouços, argolas, trapézios, burricas, que entretêm as crianças e as famílias aos domingos.

1930
Raimundo Morais

Entretenimento das famílias

No Pará, (...) já em 1809 havia teatro. Das festas que aí se celebraram para festejar a vitória dos paraenses em Caiena fez parte uma representação teatral, um "espetáculo de gala", como mais tarde se havia de dizer. Na mesma cidade, oito anos depois, o governador Conde de Vila Flor mandava "construir um novo teatro no mesmo lugar do antigo, em que há tempo pelo seu estado de ruína já não havia jogos cênicos", e enquanto o levantavam mandou armar "na grande sala da Casa da Aula do Corpo de Artilharia na proximidade do palácio do governo um teatrinho provisório para entretenimento de algumas famílias". Não nos diz infelizmente o cronista paraense qual o repertório ali representado. O próprio cronista Baena mais tarde concorreria para ele com um drama sobre a descoberta e conquista do Grão-Pará por Francisco Caldeira Castelo Branco.

1898
José Veríssimo

Influências geopolíticas

(...) Belém foi o maior centro bandeirantino do Norte, rivalizando de certo modo com Piratininga neste particular, embora representando um bandeirismo de outro estilo. Nenhuma outra cidade do Brasil exerceu tão decisiva influência na consolidação das nossas fronteiras ao norte e a oeste como ela. Das influências geopolíticas da cidade, essa foi por certo a mais importante.

Eidorfe Moreira

Negócios musicais

Desde a inauguração do Teatro da Paz percebe-se a existência, em Belém, de propícias condições para o desenvolvimento musical. Importava-se muito ou quase tudo. Mas houve também um esforço local para a produção. Desenvolveram-se muitos talentos, formados na Europa ou no próprio meio com mestres europeus. Instalou-se o próspero negócio de música e de instrumentos musicais. A litografia de Carlos Wiegandt, instalada precariamente em 1871, desenvolveu-se rapidamente, transformando-se no principal estabelecimento de artes gráficas no extremo Norte, responsável pela impressão de muita música, finíssimos trabalhos litográficos e também de outra arte ainda não estudada: a do desenho caricato. Mais tarde, Wiegandt teve concorrentes, mas a ele se deve o impulso inicial. M. J. da Costa e Silva, por intermédio de Carlos Gomes, em 1883 iniciava os contatos com a casa Ricordi, de Milão. Muita música foi impressa em Belém ou nos principais centros europeus: Milão, Mayence, Paris, Leipsig, Hamburgo, Berlim, etc.

Belém deixara-se envolver pela mania do piano, que vinha avassalando todo o país. Um alemão industrioso, aí estabelecido por volta de 1880, Gustavo Engelke, montou um estabelecimento na Travessa São Mateus, esquina da Rua das Flores, uma simples oficina de consertos. Mas as necessidades locais expandiram-se de

tal modo que, em breve passou ele a também fabricar pianos. E não só produzia esse instrumento: de suas oficinas saíram realejos, órgãos, harmônios e a máquina denominada "orquestrion", alguma coisa que imitava o som de orquestra. Reparava qualquer instrumento e também fabricava cilindros novos com peças de música "ao gosto do freguês", produzindo ainda "pianistas-mecânicos", outra máquina estranha que permitia a qualquer pessoa não habilitada a tocar piano "com perfeição". Na mesma profissão, mas se dedicando especialmente a afinar pianos, destacou-se outro súdito alemão, Albino Müller, nascido em Dresde em 1853 e vindo jovem para Belém, onde faleceu a 12 de março de 1900. Foi o afinador predileto de Carlos Gomes e exerceu sua profissão no Instituto Carlos Gomes. O comércio de música e instrumentos era alimentado por diversos importadores: pianos Dorner, pela casa Gatzemeyer. Pleyel pela Casa George Wacker, que também vendia harmônios e órgãos; a casa Lemos & Leite, em 1888, importava instrumentos de metal e madeira diretamente das fábricas européias, especialmente francesas: Jérôme Thibouville-Lamy, Pelisson Frères, Couesmon & Cia.

Vicente Salles

Uma preciosidade

O Teatro da Paz é bom. A Basílica de Nazaré é admirável no seu luxo, embora não seja nada brasileira. Em todo caso, antes ela, que a Catedral gótica pavorosa que estão construindo em São Paulo. E há um lugar sublime, que é preciso preservar preservar de qualquer modificação: o Largo da Sé. Só mesmo a Praça de São Francisco, em São João del Rei é tão bela como o Largo da Sé, daqui. Nem na Bahia se encontra um conjunto tão harmonioso, tão equilibrado e sereno. É uma preciosidade.

1927
Mário de Andrade

Bondes, ações, lâmpadas

O movimento da companhia de bondes, **The Pará Electric Co.** pode bem dar uma idéia perfeita do desenvolvimento da cidade e do aumento de sua população.

(...) Uma vez inauguradas todas as linhas, o que está quase a ser feito, pode-se calcular a receita dessa companhia em 10 contos diariamente (16.600 francos). – O tráfego dos bondes e mais o lucro com a iluminação pública e particular, que também é fornecida pela **Pará Electric**, dão a essa companhia resultados que a tornam uma das mais lucrativas empresas do Brasil.

O capital da **Pará Electric** é de £ 700.000, divididas em 70.000 ações de "preferência", juros de 6%, de £ 5 cada uma e 70.000 ações ordinárias também de £ 5 cada uma.

A extensão de suas linhas, uma vez todas prontas tem 55 quilômetros, que serão servidas por 100 carros elétricos, inclusive os rebocados.

(...) O número de lâmpadas da iluminação pública atinge já a cifra de 9.154.

1908
Ernesto Mattoso

Curro-modelo

Uma sociedade francesa, obtendo vários favores municipais, a *Societé des Abattoirs*, fez construir no Furo do Maguari um Curro-modelo, superior a todos os matadouros existentes no país. O governo do Estado encampou-o

Jayme Calheiros

... a escola era risonha e franca

O Colégio "Progresso Paraense" foi fundado a 3 de Julho de 1907. (...)

Desde a fundação tem a Diretoria dispensado sempre os maiores cuidados à educação física, por meio de exercícios de ginástica racional e calistênica e jogos ao ar livre, todos os dias dirigidos especialmente, em duas seções, masculina e feminina, por um professor [instructor Dr. José Malcher Filho, architecto diplomado por uma escola de Milão] e uma professora [dona Annita Muller, lente de Francez e professôra de Callisthenia] respectivamente; e bem assim aos exercícios militares formando com todos os alunos um Batalhão Escolar, devidamente uniformizado, armado e instruído, praticando-se também os de flexionamento d'armas e tiro ao alvo, com um torneio anual, para premiar os melhores atiradores.

Uma aula de Canto Coral, dirigida pelo Maestro Gama Malcher e obrigatória para todas as classes, tem dado bons resultados estéticos e cívicos, concorrendo, além disto, para animar os frequentes festivais escolares.

(...) Todos os alunos fazem exercícios militares, desde a fundação do Colégio e logo formaram seu batalhão escolar com um efetivo máximo de 150 e mínimo de 100, em seus frequentes passeios pelas ruas da cidade, puxado por bandas de música e de tambores e cornetas. Ao recolher à sede é sempre saudado por um delegado do Grêmio Cívico e Literário "Joaquim Nabuco", no meio de grande assistência. (...)

O batalhão costuma, de passagem, cumprimentar personagens e autoridades diversas, como os governadores, secretários da Instrução Pública, Intendente Municipal de Belém, comandante do Distrito Militar, consul francês, senador federal Dr. Lauro Sodré e outros; faz manobras e exercícios de flexionamento d'armas e tem dado guarda de honra (...) e apresenta-se sempre com tanto garbo e correção que lhe tem valido elogios (...).

(...) Todos os alunos são obrigados a frequentar a aula de Canto Coral (...) Nela aprendem desde pequeninos a entoar o hino do Colégio, bem como o Nacional, da República, da Bandeira, do Pará

e outros cânticos patrióticos como o *Em Marcha*, dedicado ao batalhão escolar.

Outros gêneros de cânticos são também praticados, sempre no intuito educativo e preferidos por sua beleza, simplicidade e graça.

Na impossibilidade de reproduzir a letra de todos eles, eis aqui um dos dois muito do agrado dos alunos:

Pois Sim!...
(Adaptado ao coro da "Eva" de F. Lehar)
Solo
Hom'essa agora! Não amole a gente
Mandando já seguir para a escola...
Viva a folia, sempre inocente!
Fora o trabalho qu'enfraquece a bola!
Coro (bis)
Solo
Mas, como assim fazer se os mestres nos vigiam,
E precisamos ter amor pela instrução?!...
Se a Pátria pede luz e os pais em nós confiam,
Melhor é que deixemos tanta vadiação!...
Coro (bis)
Todos
Pois sim!...

1915
Arthur Porto

FOOT-BALL & OUTROS SPORTS

O Sport-Club

Entre as sociedades recreativas de Belém cabe inquestionavelmente o primeiro lugar ao Sport-Club. Situado na Avenida Nazaré (...) foi fundado há doze anos.

(...) As seções esportivas compõem-se de um hipódromo em que se exibem animais da Amazônia; um frontão, um corte para *tennis*, jogo de bola, *foot ball*, salão de esgrima, carreira de tiro, seção náutica dispondo de ótima *garage*, bilhares franceses e ingleses, e aparelhos modernos para exercícios ginásticos.

1908
Osório Duque-Estrada

O *record* da légua

1906 - Pela primeira vez foi disputado no Estado o *record* da légua. Teria início na Praça Frei Caetano Brandão e findava no Marco da Légua, no bairro do mesmo nome.

Foram vencedores da prova os seguintes **corredores:**

Deoclécio Martins, do Velo Paraense, em 1º lugar, no tempo de 36 min. e 30 seg.

Ernesto Cruz

Café-da-manhã de bola

Domingo último, 28, tivemos no grande campo da Liga os seguintes jogos: às 7 1/2 horas da manhã, a decisão do encontro Panther-Paysandu (...) e à tarde, os *matchs* entre os 1os e 2os *teams* do Guarany Club e União Sportiva.

Foram estes os resultados: Panther-Paysandu. Vencedor: Paysandu, pelo *score* de 3-1.

Guarany-União. Vencedor: União, em ambos os *teams*.

1916
D. A. C.

Lawn-tennis, automobilismo cauteloso e outros exercícios

Pode-se dizer que em Belém o cultivo dos *sports* tem os seus adoradores fervorosos, não deixando, por isso, arrefecer o ardor por eles. É assim que, especialmente, o foot ball dividiu em dois grandes grupos a mocidade da capital, acompanhando cada um os dois grandes *clubs* principais de Belém: o Club do Remo e o Paysandu Club.

Além destes há outros de não pequena importância. Na estrada do Marco da Légua, (Avenida Tito Franco), em um grande espaço, está o campo das disputas, que se enche nos dias em que há luta entre os dois primeiros *clubs* acima citados.

O *lawn-tennis*, com o seu antigo Tennis Club, diversão favorita para muitos que praticam este delicioso e gracioso exercício nas manhãs, dos domingos e feriados. O *base-ball* tem também seus fervorosos adeptos.

Natação e **regatas**, organizadas ambas, especialmente, pelo Club do Remo e pela Federação Paraense dos Sports Náuticos, cujos exercícios entre os seus numerosos associados se efetuam sobretudo aos domingos pela manhã, na vasta e tranquila Baía do Guajará, e entre os *sports* náuticos conta-se o *water-polo*, cujos *matchs* são renhidamente disputados com mestria, numa das docas do cais do porto, lugar amplo e tranqüilo.

A **patinação**, exercício favorito de meninas elegantes e gentis, tem não poucos adeptos.

O **automobilismo**, cujos conhecimentos dependem de muita boa vontade e dedicação, é praticado por amadores cautelosos.

Touradas, embora não sejam muito comuns, entretanto o redondel de Batista Campos enche-se consideravelmente de **aficcionados** quando ali se realizam touradas.

1916
Theodoro Braga

Uma peleja pelo telégrafo

Década de 1920. O futebol já apaixonava a multidão. O Pará dispunha, a esse tempo, de uma coleção de craques que empolgavam o torcedor entusiasmado que, pela paixão, se prestava a desempenhar todos os papéis. A essa época, quando uma equipe paraense disputava o campeonato brasileiro, enfrentava uma viagem de doze a quinze dias a bordo de um "Ita", e provocava na torcida uma tremenda expectativa, sobretudo pela deficiência dos meios de comunicações.

O recurso era o telegrama nacional, que chegava quando podia, ou pela Western, rápido mas muito caro. Rádio, nem pensar. Tanto que, às vezes, o jogo terminava no Rio ou em São Paulo e o resultado, em Belém, só era conhecido altas horas da noite, o que, entretanto, não diminuía o interesse.

Os paraenses jogariam com os cariocas em São Januário, então um dos maiores estádios da América do Sul. Éramos um time de respeito, com Joãozinho Morais, Artur Morais, Sandoval Matos, Vivi, Pamplona, Marituba e outros ases que até hoje são lembrados. Havia até quem, pretensiosamente, alimentava a hipótese de uma vitória...

E o povo sofria a tortura da falta de notícias, preocupando-se e querendo adivinhar o que se passava no Rio. Na redação de "O Estado do Pará", alguém teve a idéia, o "estalo de Vieira": o Proença vai com a embaixada. Ele passa os telegramas e a gente pode ler para o público, no Teatro da Paz.

Ingressos a quinhentos réis, o teatro lotou desde às 15 horas. Um ambiente sufocante. Humberto Danin, muito vivo e inteligente, foi encarregado de comandar os trabalhos. Quando pisou o palco, para ler o primeiro boletim, foi recebido com muitas palmas. Nas mãos, o pseudo telegrama da Western enviado por Edgar Proença, telegrama que, na verdade, não fora passado. Mas era preciso dominar o público e Humberto Danin, debaixo de todo o silêncio, começou:

– Atenção! O time paraense ainda se encontra nos vestiários, ouvindo as instruções do técnico. Todos estão confiantes numa grande exibição, respeitando o quadro carioca, mas sem temê-lo. O público é numeroso e a colônia paraense está presente para incentivar a nossa representação. O time só será escalado no momento de entrar em campo.

Palmas. Cinco minutos depois, Danin repetia todo aquele cerimonial e lia outro telegrama, enviado pela sua imaginação. Finalmente, chegou um despacho verdadeiro. Lacônico, até porque custava caro. Dizia apenas: "Jogo iniciado". Era, no entanto, o suficiente para a loquacidade de Humberto Danin:

– Atenção! Os paraenses entram em campo, muito palmeados pelo público. Os cariocas estão no clássico bate-bola. No centro do campo, o árbitro faz as últimas recomendações e há uma troca de gentilezas entre os capitães das duas equipes. Tudo pronto para ser dada a saída. O ambiente é de intenso nervosismo. Apitou o juiz. Secundino passa para Marinheiro. Este atrasa para Sandoval, que estica na direita para Cobrador, mas Domingos da Guia corta. Outra vez os paraenses. Artur Morais escapa e centra. Secundino domina, evita o primeiro e chuta. A bola raspa a trave e vai fora!

– Uuuuuuh! – deixava escapulir a platéia.

De quinze em quinze minutos, vinha um telegrama apenas com

o tempo decorrido e o escore, detalhes suficientes para que a força criativa de Danin prendesse o interesse dos torcedores, no teatro.

– Atenção! Vinte minutos e a luta é equilibrada. Os paraenses assustam os cariocas pela valentia e velocidade. Os cariocas fazem um ataque por intemédio de Pascoal. Este passa para Nilo que atira e Joãozinho defende. O *keeper* do Pará fica batendo a bola no chão, perseguido pelo perigoso Nilo. Joãozinho engana o carioca, que insiste. Joãozinho brinca com a bola.

– Não facilita, Joãozinho! – ouviu-se o apelo apavorado de um fanático, temeroso de um gol dos cariocas... A gargalhada foi geral. Era a emoção nervosa que a luta despertava. Mas aos poucos os gols cariocas foram aparecendo e trazendo a torcida à realidade. Às 21 horas, chegava o último telegrama de Edgar Proença. "Terminou. Cariocas 6 x Paraenses 1".

Edyr Proença

As lutas do balão

Caravana Azulina
Hino-música da marcha "Brasil"

I

Avante, oh Azulinos,
para os destinos
das lutas do balão,
sigamos para a glória
pela vitória
do nosso pavilhão.
Com esse valor supremo
que faz do Remo
pioneiro do Dever,
sigamos pelo Esporte
que a própria morte
havemos de vencer.

Estribilho
Avante Caravana!
Campeão do grande Esporte paraense!
Lutar, vencer, eis toda a glória humana
Vencer o Remo ninguém vence!

II
Sigamos para a luta
pela disputa
de todos os troféus,
em meio da saraiva
dos que têm raiva
dos nossos escarcéus...
Nosso valor austero
reduz a zero
intrépidos rivais,
os quais depois da tunda,
da barafunda,
jogar não querem mais...

Estribilho
Avante Caravana! etc.

1927
Ernesto Vera

Regatas: canoas a quatro remos

Um tiro de canhão anunciará que vai ser iniciada a Regata; esse tiro será repetido dez minutos antes de cada páreo.

Além do tiro de dez minutos, será hasteada, em um mastro junto ao pavilhão dos juízes de chegada, uma bandeira encarnada, como sinal de aviso às embarcações para não atravessarem a raia, sob pena de multa. (...)

É expressamente proibido levar remos ao alto antes de serem içados no pavilhão dos juízes de chegada e confirmados no pavilhão da direção da Regata, os distintivos dos vencedores. **Juízes.** Partida – Benjamin Bolonha, Manoel J. S. Proença, Benedicto Maia, David Jorge. **Raia** – Ubaldino Oliveira, Gregório Ferreira, Américo Cerqueira e Amandio Gorayeb. **Chegada** – Eugenio dos Santos Soares, Manoel Francisco Cardoso, Francisco Xavier da Silva e Adolpho Douahy. **Polícia de raia** – Sebastião Cruz.

Diretoria da Federação – Presidente, Dr. Ophir Loyola; Vice-presidente, Francisco Vasques; 1º Secretário, Alfredo Chebaby; 2º Secretário, Claudomiro Silva; Tesoureiro, Francisco Rocha Martins. **Comissão de Regatas** – Benjamin Bolonha, Manoel Francisco Cardoso e Nero Freitas. **Conselho da Federação** – Luzio Horácio de Lima, delegado do Clube do Remo; Gregório Ferreira, delegado da Tuna Luso Comercial; Nero Freitas, delegado do Paysandu Sport Clube; José Marques Sobrinho, delegado do Syrio Sport Clube.

1º Páreo
Às 7 1/4 – Canoas a 4 remos – Estreantes – 1.000 metros.
Balisa 1 – Paysandu
Olga – Patrão – João Marinho; Voga – Salomão Alves Gomes; S. voga – Gregório Lopes Sodré; S. proa – Raymundo Nemésio de Souza; Proa – Alceu Mariz.
Balisa 2 – Syrio Sport Clube
Dalvina – Patrão – Pedro Pantoja Barral; Voga – Pedro Raposo; S. voga – Elias João Simão; S. proa – Jorge Magno; Proa – Ganem Haieck.
Balisa 3 – Tuna Luso Comercial
Rio Alva – Patrão – Manoel de Oliveira; Voga – Affonso Teixeira Moura; S. voga – Delfim Pereira Lopes; S. Proa – João dos Santos Pereira Júnior.
Balisa 4 – Clube do Remo
Miracy – Patrão – Waldemar Almeida; Voga – Orlando Dourado; S. voga – Romualdo Felipe de Castro; S. proa – Carlos Seixas; Proa – Ananias Reis.

1927
Federação Paraense de Sports Nauticos

No campeonato brasileiro

A concorrência ao campeonato brasileiro de 1923, o primeiro oficial, foi quase a mesma do ano anterior, porém já estrearam Pará e Pernambuco.

(...) Pará x Pernambuco – Em Recife, no campo do E. C. Recife, em 23 de setembro de 1923. Vencedor : Pará, 2 a 0.

Os quadros:

Paraenses: Joãozinho; Xavier e Abreu; Macambira, Vivi e Formiga; Morais, Santana, Leôncio, Vadico e Guimarães. (...) Os gols: Vadico e Santana, para os paraenses.

(...)

Os quadros (...) do campeonato brasileiro de 1927 foram: (...)
Pará: Seabra; Propércio e Abílio; Marituba, Sandoval e Macambira; Secundino, Vadico, Barradas, Valdemar e Santana.
(...) Em 1931:
Paraenses: Orlando; Milton e Aristeu; Marituba, Sandoval e Vivi; Oscar, Barradas, Quarenta, Marinheiro e Morais.

Thomaz Mazzoni (Olimpicus)

Como alinharam os times

1936 – REMO: Orlando; Jaime e Coelho; Arlindo, Samico e Trindade; Vavá, Evandro, Salvio, Capi e Vevé.
PAISSANDU: Anastácio; Feitiço e Bentes; Pena, Batista e Ananias; Ita, Doca, Quarenta, Heitor e Erberto.
Os azulinos venceram por 2 x 1.
1938 – REMO: Orlando; Edil e Evandro; Trindade, Pelado e 77; Moacir, Bendelack; Viveiros, Capi e Vevé.
TUNA: Licínio; Setenta e Cinco; Aldomário, Pio e Marcelo; Lulu, Conega, Popó, Poeira e Matos.

Vitória do Leão Azul pelo escore de 4 x 2.
1939 – REMO: Orlando; Coelho e Edilberto; Samico, Pelado e 77; Vavá, Bendelack, Jango, Carvalinho e Moacyr.
PAISSANDU: Manduca; Athenagoras e Pena; Mariano, Batista e Pery; Arleto, Imar, Heitor, Erberto e Poeira.
Remo: 7 x 2.
1942 – REMO: Isaac; Coelho e Expedito; Damasceno, Edilberto e Canoe; Vavá, Guaracy, Sílvio, Capi e Boró.
PAISSANDU: China; Purifica e Newton; Sandovalzinho, Rubens e Manoel Pedro; Arleto, Hélio, Farias, Quarenta e Jaime.
Resultado do encontro: 3 x 3.

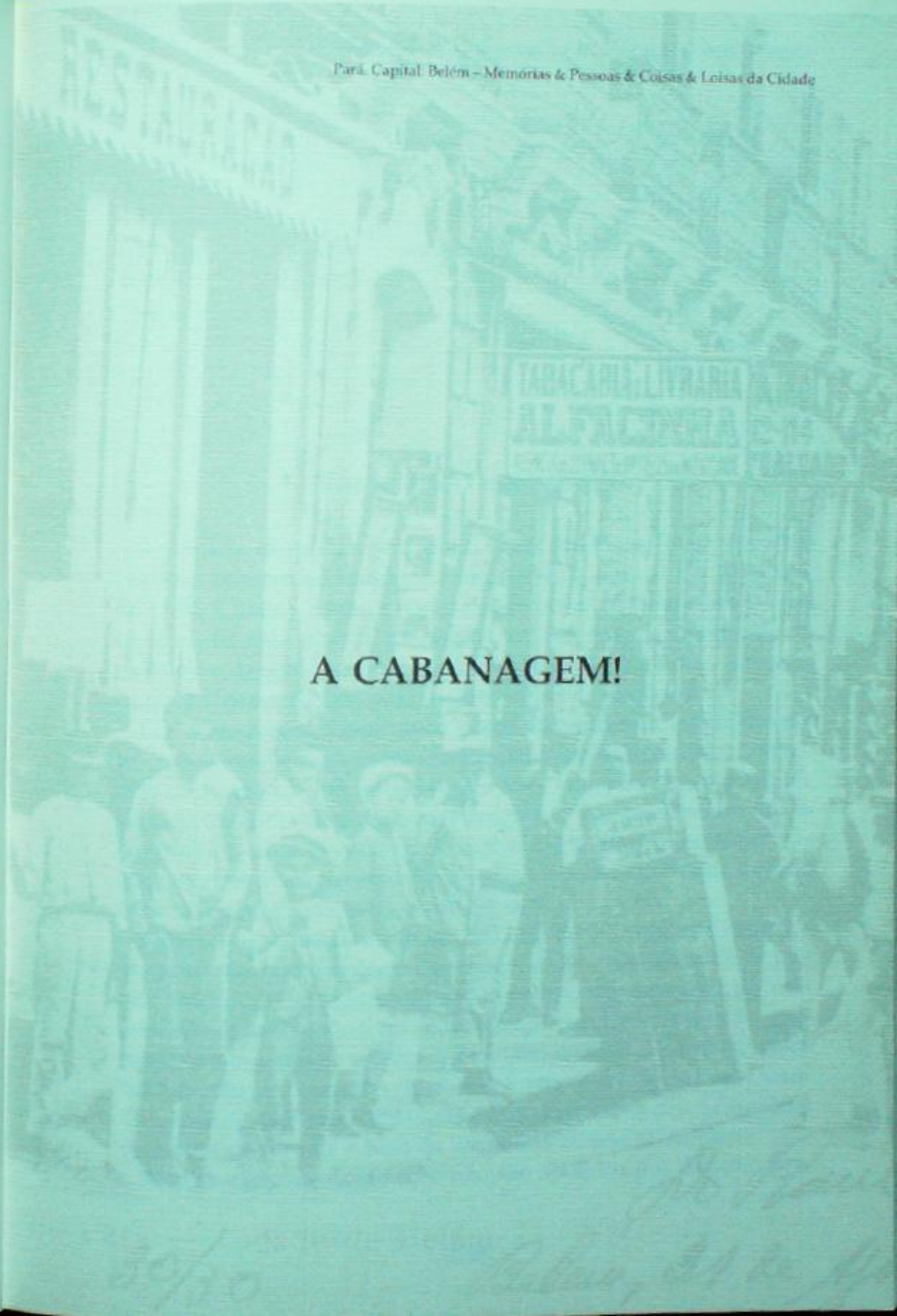
Ernesto Cruz

"Esquadrão de aço"

(...) as regatas no navio da Tuna. Apesar da euforia dos torcedores lusos a vitória sorriu para o Paissandu, que arrebatou seis dos dez páreos disputados na manhã de festa na Guajará. No mesmo dia à tarde o **Esquadrão de Aço** – Palmério, Newton e Athê, Pena, Manoel Pedro e Pedro, Arleto, Imar, Hélio, Quarenta e Jaime – deu no time do Ceará uma surra de cinco a dois. O povo bicolor em polvorosa desceu a Tito Franco agitando galhos de mangueiras:

– Papão! Papão! Papão de terra e mar!

Alfredo Oliveira



A CABANAGEM!

Como tudo aconteceu

A tomada do poder pelo povo, uma das coisas mais raras na História, ocorreu no Brasil uma vez e apenas uma vez: (...) No ano de 1835, a massa, então estigmatizada como "ínfima clásse" – os tapuios, os mamelucos, os negros, os cafuzos, os curibocas, os mulatos –, largou suas cabanas nos igarapés, nos furos, nos mocambos e nas senzalas, para assaltar o poder em Belém.

(...) A insurgência conhecida como Cabanagem é popularmente desconhecida, mesmo na Amazônia; entre os letrados, é conhecida de forma apenas nominal. Por isso, tomara que seu próximo sesquicentenário contribua para resgatá-la dos desvãos em que a amortalhou uma historiografia velhaca. Há duas questões cruciais: como foi que a massa cabana tomou o poder em Belém, e como foi que o perdeu um ano e meio depois?

Para começar, verificou-se em 1835 no Pará a condição histórica essencial para a emergência dos deserdados: a divisão entre os privilegiados. (...) Os interesses absolutamente incompatíveis do monopólio mercantil e do livre-comércio nutriam essa divisão. A rapacidade do monopólio mercantil montado no Pará a partir de Pombal escorchava insuportavelmente até mesmo a elite nativa. Quando o regente decretou a liberdade de comércio, essa elite julgou soada a hora de sacudir o jugo da burguesia mercantil lusitana.

Mas sistemas de dominação não são abolidos por decreto; ape-

nas são abolidos a ferro e fogo. A presença, em Belém e no interior do Pará, de comerciantes ingleses, franceses, americanos e outros, produziu fendas no sistema, porém no todo ele se manteve de pé. Não havia nada que escapasse ao controle da plutocracia portuguesa: o comércio, a navegação, a administração, as câmaras e, notavelmente, a tropa. A elite nativa carecia de força para aniquilar a supremacia portuguesa.

A medida da debilidade da elite paraense é dada pelo fato de que ela sequer pôde fazer a Independência. Esta só aconteceu no Pará cerca de um ano depois do 7 de Setembro, imposta por uma armada imperial sob o comando do mercenário inglês John Prescoe Grenfell. Por sinal, quando elementos populares saíram às ruas de Belém para manifestar seus anseios, o agente do Império timbrou em mostrar que a Independência tinha um limite que excluía qualquer veleidade de reforma social. Prendeu mais de duas centenas de populares e os matou por asfixia no porão de um brigue chamado "Palhaço".

A dominância lusitana sobreviveu à Independência. Graças aos presidentes lusófilos que o Império mandava para o Pará, a velha plutocracia reteve o controle da máquina estatal. A elite nativa, em outras palavras, não conseguia afirmar-se como classe dominante. (...) Então, em fins de 1834, a elite nativa tomou sua decisão: para acabar com a recalcitrante plutocracia portuguesa, havia que expulsá-la fisicamente do Pará, através da violência armada.

Posto que os portugueses continuavam a controlar a tropa, o remédio seria apelar para forças militares irregulares. Portanto, os grandes proprietários nativos mobilizaram e armaram sua numerosa clientela: parceiros, agregados, foreiros.

Ora, sucedeu que todos os párias da Amazônia desvendaram nisso sua própria oportunidade. Assim, subia o pano para o drama da Cabanagem. Domingos Antônio Raiol, autor de alentada obra sobre a insurgência cabana e compenetrado mordomo da historiografia velhaca, sentenciou: "Começam as páginas lutuosas da história paraense; entram em cena as classes ínfimas da sociedade".

Foi assim que, a 7 de janeiro de 1835, os esfarrapados, famintos

e vilipendiados cabanos, sem muito esforço, tomaram Belém pela primeria vez. Justiçaram o presidente e o comandante das armas da Província, colocando no poder, por aclamação, Felix Antônio Clemente Malcher. Ninguém menos que um grande proprietário de terras e escravos. O espetáculo daquela massa armada nas ruas de Belém aterrou a elite nativa. "Antes o jugo dos portugueses que o da ralé", confidenciou Malcher ao bispo. Debalde tentou desmobilizar e desarmar os cabanos; estes o depuseram e o mataram, após apenas 45 dias de governo.

A seguir, os cabanos inocentemente entregaram o poder a Francisco Vinagre, um enriquecido ex-foreiro de Malcher. Armas na mão, a muda e expectante massa cabana não queria apenas expulsar os portugueses; queria, também, fundar seu próprio futuro. Entre as pressões da elite e as dos cabanos, Vinagre seguiu o exemplo de Malcher. Não teve mais senão a idéia de dispersar e desarmar a massa cabana. Desenvolveu um paciente e manhoso processo para persuadir a massa cabana a evacuar Belém. Teve êxito.

(...) Aparentemente, a anuência cabana em evacuar Belém obedeceu a um desígnio tático. Pois, na retirada, a massa furtivamente levou suas armas.

Por volta de 1835, a plutocracia portuguesa ainda gozava de forte influência no Império. Manuel Jorge Rodrigues [delegado do Império] deu mão forte à elite portuguesa contra a elite nativa, cuja situação se tornou desesperada; ao mesmo tempo, o presidente deflagrou dura repressão contra a massa cabana. A aliança entre a elite nativa e os cabanos se recompôs.

Em meados de agosto de 1835, os cabanos de novo invadiram a cidade de Belém. Desta vez, a luta foi prolongada e feroz. Nove dias e nove noites, quase sem interrupção, os cabanos lutaram nas ruas e nas casas, avançando palmo a palmo. Suportavam o fogo cruzado das bem armadas tropas legais e dos navios de guerra estrangeiros. (...) Afinal, tomaram Belém. O presidente, as tropas e os portugueses refugiaram-se em Tatuoca, pequena ilha fronteira à cidade.

Chamava-se Eduardo Angelim um dos mais destemidos e com-

bativos caudilhos dos cabanos. Havia sido, também ele, um foreiro de Malcher. (...) Os cabanos confiavam nele sem reserva; aclamaram-no presidente. Não sabiam os cabanos que um homem pode vender sua mãe, mas não vende sua classe.

A massa caçava e matava os portugueses que não haviam fugido de Belém a tempo. (...) Os cabanos haviam conquistado o poder, mas não sabiam o que fazer com ele. Para a elite nativa, a revolução acabara. Os comerciantes portugueses, refugiados na ilha de Tatuoca, viajavam para Portugal, largando bens e interesses para salvar a vida. A elite nativa alcançara seu objetivo; a supremacia portuguesa deixara de existir.

O novo problema consistia em desvencilhar-se da obstinada e intimidante presença dos cabanos armados. O próprio Eduardo Angelim foi o instrumento da confiscação da revolução cabana. Não se passou muito tempo sem que iniciasse o jogo da traição. A pretexto de manter a disciplina, mandou fuzilar cabanos, tanto chefes como subalternos; ajudou inimigos jurados a fugirem para ilha de Tatuoca; sempre que possível, desarmava os cabanos.

(...) Desmoralizada e desarticulada, a massa cabana começou a desertar. Quando o brigadeiro José Sousa Soares de Andréa chegou à ilha de Tatuoca, em abril de 1836, para recuperar Belém, não precisou travar combate. Angelim deu-se pressa em entabular negociações; submeteu-se a uma rendição incondicional; entregou poder sem dar um tiro.

Seguiu-se uma das repressões mais bestiais que o céu deste país ainda presenciou. Andréa caçou os cabanos como feras nas brenhas amazônicas; mandava fuzilá-los sem forma nem figura de juízo; submetia-os à semi-escravidão dos "corpos de trabalhadores"; recrutava-os à força para o combate a insurgências em outras regiões. A resistência durou, entretanto, até 1840, quando se renderam os últimos 980 cabanos. (...)

Décio Freitas

A tomada fulminante

(...) Belém era então uma espécie de cidade encaixada na floresta, que não somente a circundava como até mesmo se intrometia por ela em certos trechos. Rio acima e rio abaixo, atrás e para além da cidade, tudo era mata, mata bruta, primitiva, compacta.

A floresta realçava e ameaçava ao mesmo tempo a capital paraense, e o efeito psicológico da sua presença não deixou de influir por certo na fulminante tomada da cidade pelos cabanos. Protegidos pela floresta, conhecedores dos seus segredos e afeitos à rudeza das suas condições, eles tinham sobre as tropas regulares a vantagem dessa procedência mateira. A floresta protege, acoberta, dissimula, sobretudo quando se trata de pessoas criadas em seu seio. Se em vez da floresta, fosse Belém circundada por campos ou savanas, teriam eles conseguido conquistá-la tão facilmente?

(...)

No plano histórico, nenhum fato teve consequências mais desastrosas para a cidade do que esse. Pode-se dizer que Belém se eclipsou política, administrativa e economicamente por esse tempo.

Eidorfe Moreira

Luta de classes

O estudo da Cabanagem oferece ampla análise de várias contradições. Ideologicamente, o movimento foi forjado na cidade. Explodiu nos campos. Foi o epílogo de inúmeras agitações urbanas, com reflexos inevitáveis nos meios rurais. Como forma de luta armada, a liderança absoluta esteve sempre com os sertanejos. O principal agente revolucionário foi contudo um líder urbano, Batista Campos, que, todavia, gozava de imenso prestígio político no **interior**.

Por mais contraditória que seja na sua origem, nos seus princípios, na documentação oficial e oficiosa que a cerca, a Cabanagem foi menos um motim político, como historiou o Barão de Guajará, do que sangrenta luta de classes. Aliás, o próprio barão foi o primeiro a chamar a atenção para o aspecto de luta de classes. Não lhe deu o necessário desenvolvimento em virtude do enfoque limitado, a maneira historicista de encarar na época os fenômenos sociais. Um dos documentos mais importantes mencionados pelo historiador é o **protesto** dos comerciantes estabelecidos no Pará, lançado em 1835 contra o governo central do Brasil, pelas perdas e danos sofridos em "razão da bárbara e cruel invasão dos tapuios, negros e cafuzes, nesta cidade, no dia 14 de agosto e dias seguintes".

As insinuações para o desvio deste enfoque são inúmeras, a partir mesmo de seus começos. Mas ele se torna claro à medida que aprofundamos a análise do movimento e do contexto que o abrangeu. Como o caboclo identificou na luta armada um meio de reformulação das estruturas básicas da sociedade é um ponto que merece estudo e reflexão, da mesma forma como, por outro lado e vez, o negro – escravo ou liberto – identificou a idéia da liberdade e da igualdade entre as raças através da integração nessa luta. As fileiras cabanas não diminuíam nunca; ao contrário, engrossavam cada vez mais com os desertores do exército legal, a adesão dos indígenas e dos escravos. (...)

(...) ... os cabanos, com o apoio maciço da população de Belém, assaltaram a capital. Explodiu a Cabanagem. Manifestou-se concretamente a luta de classes.

Vicente Salles

A cruz de duas cores. Troféu de orelhas

(...) dissertou longamente sobre as causas da Cabanagem, a miséria originária das populações inferiores, a escravidão dos índios, a crueldade dos brancos, os inqualificáveis abusos com que esma-

gam o pobre tapuio, a longa paciência destes. Disse da sujeição em que jaziam os brasileiros, apesar da proclamação da independência do país, que fora um ato puramente político, precisando de seu complemento social. Mostrou que os portugueses continuavam a ser senhores do Pará, dispunham do dinheiro, dos cargos públicos, da maçonaria, de todas as fontes de influência, nem na política, nem no comércio o brasileiro nato podia concorrer com eles. Que enquanto durasse o predomínio despótico do estrangeiro, o negro no sul e o tapuio no norte continuariam vítimas de todas as prepotências, pois que eram brasileiros, e como tais condenados a sustentar com o suor do rosto a raça dos conquistadores. Que o tapuio boçal, ignorante, era instrumento movido por um sentimento nobre, habilmente manejado, o sentimento religioso e nacional, mas que quem tinha a culpa disso era a raça dominante, pois queria conservar o caboclo na mais completa ignorância, que o enchia de superstições para dominá-lo, e depois não queria que fosse subjugado por essas mesmas superstições, que os patriotas do Pará, inteligentemente inspirados, punham em jogo para o arrancar a uma apatia secular.

(...)

Uma centena de pessoas, homens, mulheres e crianças, cablocos na maior parte, negros e mulatos muito poucos, desembarcavam desordenada e ruidosamente. Os homens vestiam calças e camisa de algodão tinto em murixi vermelho, cobriam-se com grande chapéu de palha, com topes de duas cores, vermelha e preta, em forma de cruz. No peito da camisa tinham distintivo igual, e à cintura traziam um horroroso troféu de orelhas humanas, enfiadas em uma embira, em ostentação de perversidade e valentia.

As mulheres trajavam saias e camisa da mesma fazenda de algodão, sendo somente as saias tintas em murixi, e sobre os amplos peitos morenos destacava-se a cruz de duas cores que distinguia os cabanos, inimigos dos maçons e dos portugueses. As crianças estavam quase todas nuas. Homens e mulheres, ao que me pareceu do alto da mangueira, tinham fisionomia bestial e feroz e vinham armados de espingardas, terçados, chuços e espadas.

Inglês de Souza

Coisas escondidas

Há na história da Cabanagem episódios que clareiam por vezes os quadros tenebrosos daquela tremenda guerra fratricida. São como os relâmpagos que iluminam instantaneamente as estradas aos viajores nas noites de tempestade. E isso porque, se a revolução paraense foi uma luta cruenta entre homens que se atiravam uns contra os outros com a inconsciência só própria das feras, não se pode negar, contudo, a existência de grande dose de idealismo entre os guerreiros cabanos. As crônicas da época traziam a marca das simpatias mal disfarçadas. Há muita coisa escondida nos arquivos, inúmeros segredos a desvendar nos documentos oficiais do tempo.

Ernesto Cruz

O movimento mais notável

(...) a sublevação dos cabanos. É ela um dos mais, senão o mais notável movimento popular do Brasil. É o único em que as camadas mais inferiores da população conseguem ocupar o poder de toda uma província com certa estabilidade. Apesar de sua desorientação, apesar da falta de continuidade que o caracteriza, fica-lhe contudo a glória de ter sido a primeira insurreição popular que passou da simples agitação para uma tomada efetiva do poder.

Caio Prado Júnior

A CIDADE CANTADA EM PROSA E VERSO

Inédita página do Gênesis

Há dois anos entrei pela primeira vez naquele estuário do Pará, "que já é rio e ainda é oceano", tão inseridos estes fácies geográficos se mostram à entrada da Amazônia.

Mas contra o que esperava não me surpreendi...

Afinal, o que prefigurara grande era um diminutivo: o diminutivo do mar, sem o pitoresco da onda e sem os mistérios da profundura. Uma superfície líquida, barrenta e lisa, indefinidamente desatada para o norte e para o sul, entre duas fitas de terrenos rasados, por igual indefinidos, sem uma ondulação ligeira onde descansar a vista. De permeio baixios indecisos, varridos das maretas, mal desenhando-se grosseiramente à tona, à maneira de caricaturas de ilhas; ou ilhas rasas, meio servidas pelas marés, encharcadas de brejos – uma espécie de naufrágio da terra, que se afunda e braceja convulsivamente nos esgalhos retorcidos dos mangues... Por cima os céus, resplandecentes e vazios, recortando-se no círculo perfeito dos horizontes como em pleno Atlântico. Nada mais. Calei um desapontamento.

(...) Desci para um escaler. Saltei em Belém. E a breve trecho achei-me naquele Museu do Pará, onde se sumariam as maravilhas amazônicas.

Lá encontrei dois homens: Emilio Goeldi, que é um neto espiritual de Humboldt, e o Dr. Jacques Huber, menos conhecido, botânico notabilíssimo, (...). É um espírito sutilíssimo servido por um

organismo de atleta, (...). Atravessei a seu lado duas horas inolvidáveis – e ao tornar para bordo levei uma monografia onde ele estuda a região que me parecera tão desnuda e monótona.

Deletreei-a a noite toda; e na antemanhã do outro dia – um daqueles *glorious days* de que nos fala Bates, subi para o convés de onde, com os olhos ardidos da insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas...

Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era mui outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênesis.

1906
Euclides da Cunha

Um amor sexual

Manú. (...) não sei que mais coisas bonitas enxergarei por este mundo de águas. Porém me conquistar mesmo a ponto de ficar doendo no desejo, só Belém me conquistou assim. Meu único ideal de agora em diante é passar uns meses morando no Grande Hotel de Belém. O direito de sentar naquela *terrasse* em frente das mangueiras tapando o teatro da Paz, sentar sem mais nada, chupitando um sorvete de cupuaçu, de açaí, você que conhece mundo, conhece coisa **milhor** do que isso, Manú? Me parece impossível. Olha que tenho visto bem coisas estupendas. Vi o Rio em todas as horas e lugares, vi a Tijuca e a Sta. Tereza de você, via a queda da Serra pra Santos, vi a tarde de sinos em Ouro Preto e vejo agorinha mesmo a manhã mais linda do Amazonas. Nada disso que lembro com saudades e que me extasia sempre ver, nada desejo rever com uma precisão absoluta fatalizada do meu organismo inteirinho. Porém, Belém eu desejo com dor, desejo como se deseja sexualmente, palavra. Não tenho medo de parecer anormal pra você,

por isso que conto esta confissão esquisita mas verdadeira que faço de vida sexual e vida em Belém. Quero Belém como se quer um amor. É inconcebível o amor que Belém despertou em mim. E como já falei, sentar de linho branco depois da chuva na *terrasse* do Grande Hotel e tragar o sorvete, sem vontade, só pra agir, isso me dá um gozo incontestavelmente de realização de amor tão sexual.

1927
Mário de Andrade

Formosa e triste

CIDADE DA BELEZA E DA AMARGURA

Formosa e triste assim, no estranho e eterno
contraste de ambições e de desvelos,
amo-te assim... Assim Eleita
canção do céu e negra flor do inferno,
Cidade inquieta e sonhadora feita
de sonhos brancos e de pesadelos!

Formosa e triste... Vives nos meus olhos,
de bruços, sobre o cais, em tuas águas...
Vives. E, a um céu noturno, choras... e esmas
na sombra, em teus refolhos,
dos teus delírios pelas próprias mágoas
todas as tuas agonias mesmas.

Tenho-te na alma: desde as alegrias
das ruas de arrabalde, amplas, direitas,
até o acervo de saudades frias
desse recolhimento que te engelha,
nessas ruas feudais, essas estreitas
ruas sombrias da Cidade Velha.

Amo-te às horas calmas, religiosas,
de novenas, de sinos e de igrejas...
E amo-te às horas loucas, amo-te ainda
nas tuas ânsias dolorosas,
ao bulício
das noites em que fulges e negrejas,
doida de amor, despudorada e linda,
– flor venenosa de miséria e vício!

Pelos teus bairros os meus olhos mudos
erram cheios de paz e de quimeras...
Umarizal...Jurunas... a Pedreira!
Em todos gente humilde, almas sinceras
nas moças lindas e nos homens rudos,
como essa gente alegre e hospitaleira
do teu modesto bairro de Canudos...

Rezas e tumultuas...
Porém, tranquila ou inquieta,
com teus parques e as árvores e as ruas
vibras na minha exaltação de poeta!

Eis porque te amo, assim formosa e triste!
Tu foste a luz e a treva, e a flor e o espinho!
E por tuas mulheres tu me abriste
a flor espiritual do meu carinho!

E, eterna, tu serás em teus encantos,
– céu de pesar, inferno de ventura,
rosa florindo entre caudais de prantos,
– Cidade da Beleza e da Amargura!

De Campos Ribeiro

Canoeiros levantam as velas

Os canoeiros no amanhecer levantam as velas para o sol. Houve na véspera uma grande chuva. As canoas entraram na doca, atordoadas pelo vento e batidas pela maresia. As velas agora, pesadas e gotejantes, estão subindo magnificamente para o sol. É o Ver-o-Peso colorido de velas, cheio dos meus irmãos canoeiros da baía de Marajó, do Salgado, do Tocantins. É o Ver-o-Peso, no amanhecer, quando as velas erguidas se enchem de sol e parecem crescer sobre os telhados da Cidade Velha como se toda a cidade, depois da chuva e da noite, acordasse para ver surgir o que todos os caboclos, o que todos os canoeiros esperam na sua vida de bubúia nas águas: a Cobra Norato que dorme debaixo da Sé.

Ver-o-Peso onde os canoeiros comem a piramutaba mais gostosa do mundo, Ver-o-Peso sem pintura nem literatura. Sujo, alegre de canoeiros, trançado de mastros. Ver-o-Peso tem na sua lama e nas velas que se levantam para o sol a história áspera e obscura dos barqueiros paraenses e o misterioso poder de todo o inesperado encanto de Belém.

Dalcídio Jurandir

Poeta de vero peso

VER-O-PESO

A canoa traz o homem
a canoa traz o peixe
a canoa tem um nome
no mercado deixa o peixe
no mercado encontra a fome

a balança pesa o peixe
a balança pesa o homem
a balança pesa a fome
a balança vende o homem

vende o peixe
vende a fome
vende e come

a fome
vem de longe
nas canoas
ver o peso

come o peixe
o peixe come

– o homem?

o homem não come
come o homem
compra o peixe
compra a fome
vende o nome
vende o peso

– peso de ferro
– homem de barro

pese o peixe
pese o homem
é a fome
vem do barro
vem da febre
(a febre vê o homem)

veja a lama
veja o barro
veja a pança

o homem
come a lama
lambe o barro

ver o verde
ver o verme
o verme é verde

está na lama
está na alma
é só escama
a pele do homem
está com fome
vê o peixe
vê o prato
não tem peixe
tem fome
a fome pesa
o peso da fome
peça por peça
pese o peixe
deixe o peixe
veja o peso
peixe é vida
peso é morte
homem é fome
peso da morte
peixe de morte
a sorte do peixe
é o peso
azar do homem

pese o peixe
pese o homem
o peixe é preso
o homem está preso
presa da fome

ver o peixe
ver o homem
vera morte
vero peso.

Max Martins

Cantata de Amor a Belém do Pará

(...)

Mas o Rio Guamá sussurra,
me conta baixo um segredo,
que sendo segredo de rio,
eu vou lhes contar sem medo,
por muito amar a cidade:
– estão matando Belém,
desfigurando o seu rosto,
arrancando velhas mangueiras
e os ladrilhos das casas,
para construir sem beleza e sem asas
monstros horríveis de cimento armado.
Por favor, deixem Belém ficar como era antes!

(...)

Maria Lúcia Godoy

Poema nascido de uma gralha

Manú (...) veja que caso mais engraçado: Fui no tipógrafo com as provas e dei ordem de impressão. Não tinha mais erro. No dia seguinte indo lá pra corrigir o índice que faltava, ele se rindo me falou: Olhe isto. Num dos títulos, em letras garrafais, em vez de Moda da Cadeia de Porto Alegre, estava Moda da Cadeia do Alegre Porto. Tive um bruto dum susto, imagine se saía assim! Mas o fato é que o título errado me sugeriu um movimento lírico irreprimível. Nem bem cheguei em casa lasquei no papel esta Moda do Alegre Porto, que está longe de ser sublime mas é gozada bem, repare. (...) Não acha gostosa mesmo? É besta. Não tem nada de importante. Mas é gostosa assim mesmo como está e deixei.

1927

(...)

(...) Antes mesmo de fazer a correção, nasceu a resposta "Alegre Porto" não é Porto Alegre, é Belém... E saí pela rua impressionado, "alegre porto" é Belém... revivendo as lembranças próximas, andando maquinalmente, sorrindo, em felicidade, caminhando, nasciam ritmos dentro de mim, nasciam frases inteiras. Nem bem cheguei em casa, quase sem a menor correção, as estrofes na ordem, o refrão no lugar certo, me nasceu esta cantiga:

MODA DO ALEGRE PORTO

Velas encarnadas de pescadores
Velas coloridas de todas as cores
Águas barrosas de rios mares
Mangueiras mangueiras palmares palmares
E a barbadianinha que ficou por lá

Ôh alegre porto
Belém do Pará!

Ó alegre porto, Belém do Pará
Vamos no mercado, tem mungunzá
Vamos na baía, tem barco veleiro
Vamos nas estradas que têm mangueiras
Vamos no terraço beber guaraná

Que alegre porto
Belém do Pará!

O Sol molengo do pouso ameno
Calorão batendo que nem um remo
Que gostosura de dormir de dia
Que luz que alegria que monotonia
É a barbadianinha que ficou por lá

Óh alegre porto
Belém do Pará!

A barbadianinha que ficou por lá
Relando no branco dos moços de linho
Passeando no Sousa, que lindo caminho
Na sombra de enorme e frondosa mangueira
Depois que choveu a chuva para-já.

Ôh barbadianinha
Belém do Pará!
Lá se goza mais que New York ou Viena
Só cada grelada de cada pequena
De tipo mexido ianque-brasileiro
Alimenta mais que um açaizeiro
Nosso gosto doce de homem com mulher
No Pará se pára, nada mais se quer
Prova tucupi, prova tacacá.

Ôh alegre porto
Belém do Pará!...

1927
Mário de Andrade

Bembelém

BELÉM DO PARÁ

Bembelelém
Viva Belém!

Belém do Pará porto moderno integrado na equatorial
Beleza eterna da paisagem

Bembelelém
Viva Belém!
Cidade pomar
(Obrigou a polícia a classificar um tipo novo de deliquente:
O apedrejador de mangueiras)

Bembelelém
Viva Belém!

Belém do Pará onde as avenidas se chamam Estradas:
Estrada de São Jerônimo
Estrada de Nazaré

Onde a banal Avenida Marechal Deodoro da Fonseca de todas as cidades do Brasil
Se chama liricamente
Brasileiramente
Estrada do Generalíssimo Deodoro

Bembelelém
Viva Belém
Nortista gostosa
Eu te quero bem.

Terra da castanha
Terra da borracha
Terra de biribá bacuri sapoti
Terra de fala cheia de nome indígena
Que a gente não sabe se é de fruta pé de pau ou ave de plumagem bonita.

Nortista gostosa
Eu te quero bem.
Me obrigarás a novas saudades
Nunca mais me esquecerei do teu Largo da Sé
Com a fé maciça das duas maravilhosas igrejas barrocas

E o renque ajoelhado de sobradinhos coloniais
tão bonitinhos
Nunca mais me esquecerei
Das velas encarnadas
Verdes
Azuis
Da doca de Ver-o-Peso
Nunca mais

E foi pra me consolar mais tarde
Que inventei esta cantiga:

Bembelelém
Viva Belém!
Nortista gostosa
Eu te quero bem.

1928
Manuel Bandeira

A cidade deslendada

BELÉM DO PARÁ

Muiraquitã no colar
do Rio Guamá
banho de cheiro
vitória-régia
Belém...
Paisagem lapidada. Oh! Sol!
Sol de cristais...
E o céu!
Oh! transparência azul
de um ai! de amor...
Ver-o-Peso.

Aragem voa.
A tarde
– à crista do adeus –
ousa e voa.

A gaivota palavra
atoa, atoa
pousa no verso.
Paz...
O relógio das chuvas não atrasa.
Oh! Belém do Pará.
À frente, o riomar
com as luzes do palácio submarino
onde a Yara dormia
numa cidade agora deslendada.

Entre ruas, mangueiras
o calor
de teu olhar
– oceano de oferendas.
E o naufragar-me doce neste amor.

João de Jesus Paes Loureiro

Lembramento da infância e convitezinho

BELÉM

Belém de minha infância descuidada,
de manhãs de ouro e noites feiticeiras,
risonha e maternal, toda plantada
de frondosas e altíssimas mangueiras.

Cidade-bosque, lírica morada
de árvores colossais e hospitaleiras,
escondida na sombra e debruçada
sobre o colo oscilante das baleeiras.

Cartão-postal de minha mocidade,
cada trecho que vejo é uma saudade
que me recorda a terra em que nasci.

Longe de ti, nos braços eu te aperto
e, vivendo distante, vivo perto
porque minha saudade vive aqui.

(...)

Belém se alteia e se expande
às margens do Guajará,
no rastro da cobra-grande
que um tempo morou por lá.

Pará, que rema e que ruma
de igarité, de navio,
feito de vento e de espuma,
de sol, de chuva e de rio.

– Você já foi ao Pará?
– Então vá!

Osvaldo Orico

Hino do Exército do Pará

Não me recordo qual foi o escritor que inventou a pilhéria do "Exército do Pará", os nordestinos que vêm "conquistar" o Sul. *Peguei um Ita no Norte* podia ser o hino do Exército do Pará. Todo

Ita traz uma leva de nordestinos que vêm tentar a vida no Sul. Esta toada está cheia de saudade desses nordestinos, cheia de certa nostalgia que só aqueles que um dia tomaram um Ita e nele navegaram pro Rio podem sentir e compreender. É engraçado, e faz rir. A mim ela infunde certa tristeza, a lembrança da terra que se abandonou.

Peguei um Ita no Norte

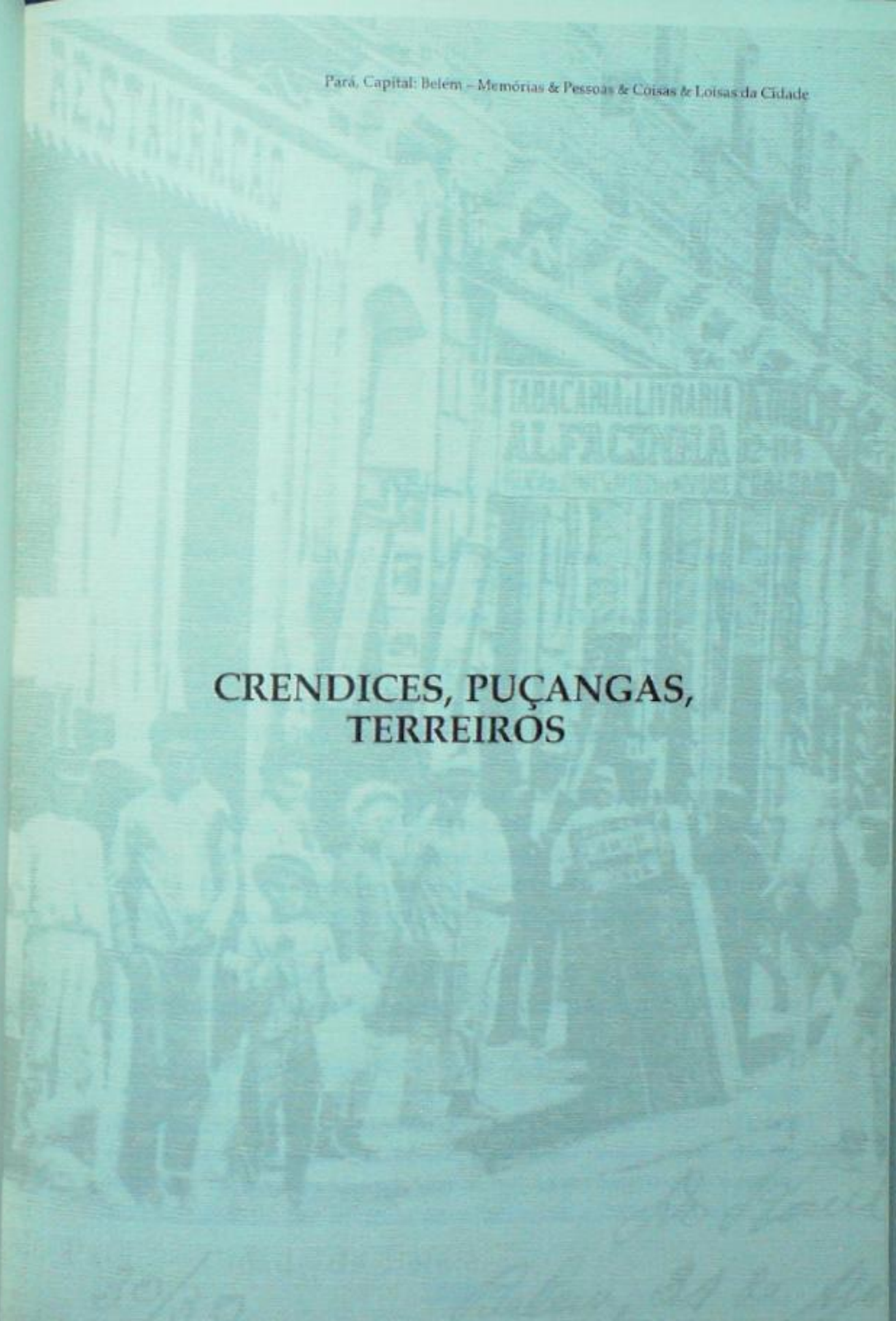
Peguei um Ita no Norte
Pra vim pro Rio morá
Adeus, meu pai, minha mãe,
Adeus, Belém do Pará.

Vendi meus troços que eu tinha,
O resto eu dei pra guardá
Talvez eu volte pro ano...
Talvez eu fique por lá!

Mamãe me deu uns conselho
Na hora de eu embarcá:
"Meu filho, ande direito
Que é pra Deus lhe ajudá."

Tou há bem tempo no Rio
Nunca mais voltei por lá.
Pro mês intera dez anos...
Adeus, Belém do Pará...

Dorival Caymmi



CRENDICES, PUÇANGAS, TERREIROS

Abusões mil

Trouxe também umas laranjas. Mas de noite agora não, não se come. Laranja de manhã é ouro, de tarde é prata, de noite mata.

(...) – Por que a D. Emília não mete a folha do tajá por dentro do vestido?

– Tu já vem? Tu já vem? ralhou Libânia.

– Mas para ela arranjar um noivo, Libânia. Ela não casa. Ou tira um homem de outra. Uma mulher lá no Guamá me contou de um feitiço de tapioca da raiz do tajá misturado com ovo de aranha para salpicar na roupa da mulher do homem que ela gostava. A enfeitiçada ficou coberta-coberta de coceira e o homem deixou ela.

(...) – Padrinho Virgílio precisa tomar o caldo da preguiça. As pessoas de juízo meio abalado dão-se bem com esse caldo. Pois preguiça é um animal de muita força, muito quieta, seu caldo faz a pessoa sossegar. (...)

(...) Finda a festa, com Libânia dormindo muito antes, Emília queria-porque-queria acordá-la. Para varrer a casa. D. Inácia não deixou:

– De noite nesta casa não se varre. (...)

(...) Mea filha, por que tu não procura a pena do jurutaí e passa por debaixo da tua rede – ah, tu ainda não tens rede –, da tua esteira para proteger tua honra, ficar mais resguardada desses homens? A pena do jurutaí. Isso eu sei, lá do interior, as pessoas antigas falavam. Ser donzela dava tanto risco, Mãe de Deus! (...)

(...) – Mas o que me aborrece é sair na noite mesmo da trasladação. Sair antes do Círio nunca deu certo. A santa a modo que não gosta. Tem se visto coisas. (...)

(...)

Casa de esquina dá azar, meu filho, não me fala daquilo, dá azar. (...)

(...)

(...) Quem gostava de te catar era a finada Lucíola, ah, mas eu te conto, aquela finada Lucíola! Ela que te inventou colo. Colo, colo, toda hora colo. Uma noite, viu que a lua deu no teu cueiro pendurado na corda do aterrinho do quintal e logo acudiu: D. Amélia, essa criança vai obrar verde, deu a lua no cueirinho dele aqui na corda, D. Amélia. Não deixe cueirinho dele na corda em tempo de lua. E pois não foi que te pegou e te abriu bem a bundinha pra a banda da lua? Só assim te protegia de obrar verde. Mas, Lucíola, se alguém, Deus me perdoe, pegou lua, foste tu, rapariga. De tudo isso quem acredita, eu? E da tua unha? Essa foi a boa da mea prima Dorotéia. Lá em Muaná. "Olha, Amélia, só quem deve primeiro-primeiro cortar a unha, a primeira unha do teu filho, é a madrinha, senão quando teu filho crescer vira ladrão. E tua madrinha lá em Belém. Eu ia esperar até que te pudesse levar em Belém pra te cortar tua unha? Até que tempo a tua unha crescendo? Viraste ladrão?

– Sim, mamãe, virei.

– Eu sei... Eu sei... Queres levar o Dicionário de Latim do teu pai... Bem, me deixa me calar.

Os dedos no cabelo iam correndo aqueles tempos, anos de caniço n'água, de linha com o peixinho, "não brinca com fogo que tu mijas na rede", "vamos subir no telhado descobrir ninho de rato e o reino dos malassombrados? ", os dedos corriam, e as chuvas no zinco do banheiro zoando, aqui no peito o poço transbordou, agora, sim, não precisa balde, se apanha a água com a mão, os ingás

amarelavam, e escorre dos dedos da mãe a calda das goiabas, o doce de bacuri, o melado em que se comia a macaxeira, o remar do Barnabé nas viagens pelo Marajoaçu, remar que a maré sentia como um afago.

– E do primeiro dentinho, teu, que ela jogou, a nhá Lucíola, jogou no telhado, ela, a nhá Lucíola? Pra cima do telhado pra a matintaperera e tendo esta de dar pro morcego: nerão, nerão, tome este dente podre, me dá um são. Lucíola não fazia por menos. "Alfredo, não presta apanhar a primeira chuva do inverno. Meu filho, não entre o ano novo dormindo senão ele lhe entra pelo rabinho". E tudo isso, e eu? Eu faço como aquele outro que quando uma alma aparece, ele surra a alma com galho de pião. Meto o galho de pião nas abusões. Nunca ralei o tajacamã contra feitiço. Não te cortei a primeira unha? Já mexeste no alheio?

– Uma vez, na Agência Martins, na cidade, mamãe, vi a capa da "Cena Muda", trazia o retrato do artista do Furacão, a fita em série do Odeon. E fui escondido tirando a capa, queria só a capa comigo. Nisso, o bigodinho atrás de mim, o português da livraria me tomando a revista e a capa, bem me olhando... Roubava ou não roubava?

– Inventador!

– Pois foi, mamãe.

– E por que não tiraste logo a revista inteira? Não era mais ligeiro? E ele de que te tachou?

– Que me tirou a capa da mão, fugi. Queria só a capa, o retrato, queria mostrar para a Libânia o herói da motocicleta. A Libânia não via a fita, só me ouvia falar do artista, das passagens.

Dalcídio Jurandir

***

Ao findar a apanhação [dos cachos do açaí] o caboclo (...) é incapaz de sair do açaizal sem que, antes, não decepe pelo meio todas as peconhas. E dizem fazer aquilo a fim de que o curupira não se utilize delas e, daí, lhe advenha algum mal.

Não são poucos os percalços que, no açaizal, apoquentam o apanhador.

Além da inconsistência do terreno, quase só constituído de tijuco (...) há ainda a surpresa de ter de se bater com uma cobra. E a tataíra? e a tracuá? e a taxi? A tataíra é uma pequena caba preta que faz o ninho na **boneca** dos cachos, obrigando o caboclo a precatar-se às suas ferreteadas que, no corpo, dão causa a doridos calombos. Por isso é que, no açaizeiro com tataíra, não se sobe sem ter a cabeça e o tronco metidos num saco.

A tracuá e a taxi são formigas que, pouco ferinas embora, nem por isso deixam de **azelar** a paciência do apanhador.

Jaques Flores

***

Papai empanturrava-se de açaí com mapará grelhado. Mamãe agoniava-se, apavorada com o grosseiro tabu inventado pelos inimigos da terra:

– Não comam mapará – disque dá lepra, que Deus nos livre e guarde.

Alfredo Oliveira

***

– Trouxe-lhe um pé de Guiné, falou Sebastiana, porque ele dá sorte para dinheiro.

Eneida

***

– É verdade que o miolo do boto faz enlouquecer?

– É verdade. Há gente ruim que para desgraçar um sujeito lhe prepara uma droga com miolo de boto e é a conta para ele se fazer louco.

(...) Há verbos que adquirem (...) uma significação especial. Tal é o verbo **prestar.** Quando se diz: "**não presta fazer isso**", sempre há uma crendice de permeio. "Menino, não bate no chão que **não presta**". "**Não presta** cuspir no fogo". "**Não presta** caminhar de costa, disque". "**Não presta** entrar na igreja com ferida na perna". (...) O

verbo **ofender** assume também sentido especial em certas frases como: "Seu Vigário, não **ofende** batizar de noite a criança?"

Dom Antônio de Almeida Lustosa

Cobra Norato na Sé

(...)

Axi Cumpadre
Arrepare uma coisa:
Lá vem um navio
Vem-que-vem-vindo depressa todo alumiado
Parece feito de prata...
– Aquilo não é navio Cumpadre
– Mas os mastros... e as luizes... e o casco dourado?
– Aquilo é a Cobra Grande: Conheço pelo cheiro.
– Mas as velas de pano branco embojadas de vento?
– São mortalhas de defuntos que eu carreguei: Conheço pelo cheiro.
– E aquela bujarrona bordada?
– São camisas das noivas da Cobra Grande: Conheço pelo cheiro.

Eh Cumpadre
A visage vai se sumindo pras bandas de Macapá.

Neste silêncio de águas assustadas
parece que ainda ouço um "ai ai" se quebrando no fundo da noite
Quem será desta vez a moça-noiva que vai lá dentro soluçando
encerrada naquele bojo de prata?
– Coitadinha da moça Cumpadre!
Como será o nome dela?

(...)
"– Cobra Norato com uma moça?
Foi pra Belém: foi se casar."

Cobra Grande esturrou direito pra Belém.
Entrou no cano da Sé
e ficou com a cabeça enfiada debaixo do pé de Nossa Senhora.

Raul Bopp

As sortes

Mamãe sabia algumas **sortes**, de mais agrado e serventia para as moças – do alho, da faca, da aliança, do lençol, dos bolinhos, etc.

Sorte do alho: Defumar um dente de alho na fogueira e em seguida plantar no quintal. Rezar uma Salve Rainha e pedir a São João a realização de um desejo. Se o alho grelar é sinal que o desejo será atendido pelo Santo.

Sorte da faca: Defumá-la na fogueira e depois cravar no tronco de uma bananeira. De manhã procurar na face da lâmina as iniciais do amor ansiado.

Sorte das velas: A moça escreverá o nome de um pretendente em cada vela que acender atrás da porta. Pela fresta espera a que arde por último, pois essa representa o preferido do Santo.

Sorte da aliança: Pendurada num fio, mergulhar a aliança, própria ou emprestada, até o meio de um copo d'água no escuro. Sem mover a mão, a pessoa escutará o anel bater no vidro tantas vezes quantos anos de vida lhe restarem.

Sorte do lençol: Defumar levemente na fogueira quatro papéis com o nome de um admirador. Amarrar cada papel na ponta do lençol. O papel que amanhecer debaixo da cabeça corresponde ao amor sincero.

Sorte dos bolinhos: Fritar três bolinhos de macaxeira e num deles colocar um grão de milho. Num pires esconder um bolinho atrás da porta da rua, outro na do quarto, e o último sob o fogão. Se o bolinho com o grão de milho for encontrado atrás da porta da rua breve haverá casamento, se descoberto no quarto o casamento tardará. Agora, se for o do fogão, a mocinha pode baixar o fogo porque vai mesmo acabar no caritó.

Alfredo Oliveira

***

A Zequinha tinha trazido a sua cuia com cheiro; priprioca, patichuli, cipó-catinga, para passar na fogueira. Era com aquilo que ia tomar banho à meia-noite. Outras botavam um vintém. No dia seguinte iam dar aquilo para o primeiro pobre. Perguntar o nome. Era aquele o nome do futuro marido.

Oséas Antunes

Banho cheiroso

Da barraquinha do pobre ao palacete dos ricaços, no passar de 23 para 24 de junho, as mãos femininas ralam, misturam, combinam, mexem e filtram vegetais para o banho propício. Cada criatura possui a sua cuia de cheiro, a sua bacia, a sua banheira, uma vasilha enfim com o miraculoso líquido perfumado. A infusão admirável não somente dá sorte, alegria, prosperidade, como tira a macacoa, a caipora, o azar. Entornada sobre o corpo, equivale a uma limpeza no físico e na alma do indivíduo; dilui a graxa e a panemice; tonifica o coração e amacia o semblante.

Raimundo Morais

Um dos perfumistas mais famosos de Belém, o Dr. Altino Pontes, elaborou fórmula (hoje de posse de seus herdeiros) com (...) ervas aromáticas, para o seu "Banho Cheiroso de São João". As plantas utilizadas na confecção desse banho são as seguintes: trevo-cumaru, japana-branca, pataqueira, catinga-de-mulata, chama, bergamota, manjerona, vindicá, oriza, cipó-catinga, canela, cumaru e arataciú.

Nas casas que vendem artigos de Umbanda, esses banhos de cheiro são igualmente encontrados com os rótulos de "Banho de Sorte", "Banho de Cheiro", "Banho da Felicidade", "Chega-te a mim", etc, e são utilizados para trazer felicidade, sorte, emprego, amor e proteção.

Napoleão Figueiredo

Banhos de sais é que é

No Pará, quando eu tinha oito anos, deram-me à meia-noite, em véspera de São João, um banho de cheiro cheiroso, para ter boa sorte. Mas talvez as ervas fossem fracas, ou minha estrela negra muito forte, porque bastante demorou essa boa sorte para vir. Tomei depois muitos outros banhos de cheiro; tanta macacaporanga, catinga-de-mulata, priprioca, japana, mucura-caá, consumida à toa! – e agora, quando desenganada das ervas eu me passara para os sais de banho ingleses, foi que a sorte mudou.

Rachel de Queiroz

Puçangas e puçangueiros

O visitante da capital paraense que, sem rumo certo, percorre os mercados e feiras da cidade, é invariavelmente atraído para as pequenas barracas e bancas de venda, onde são oferecidas ao público, ervas, raízes e cascas; defumações em tabletes ou empacotadas; banhos para preparar ou já engarrafados, ao lado de uma quantidade imensa de outros produtos da flora, da fauna e de natureza mineral da região e que s ão receitadas para as doenças "do corpo" e "do espírito".

Grande quantidade desses medicamentos do chamado receituário popular estão intimamente ligados a procedimentos religiosos vinculados à Umbanda, ao Batuque e à Pajelança, onde os banhos, as defumações e os amacis, são elementos de um ritual complexo, de fundo mágico e místico e ao mesmo tempo, esses mesmos elementos, constituem o "remédio velho", o "remédio caseiro", o "remédio que o povo ensina", a "puçanga" (...)

(...) Os vendedores [de puçangas] são chamados pelos compradores (em sua maioria habitantes dos bairros proletários da cidade) de – puçangueiros – porém, os mesmos acham essa denominação depreciativa e preferem a velha denominação de "Dr. Raiz". (...)

(...) Os produtos mais caros são em sua maioria de origem animal: uirapuru seco em bolsa de tamanduaí, olho-de-boto, "cunha" de bota, peles de jibóia, ninho de coré (cauré), estrela-do-mar, cavalo marinho, etc.

(...) A grande maioria dos puçangueiros está vinculada ao experimento religioso do Batuque, da Umbanda e da Pajelança, entretanto ainda existem vendedores de puçangas totalmente desvinculados desses experimentos religiosos (...)

As pessoas mais idosas que residem na capital ainda guardam lembranças dos puçangueiros, rezadores, curadores e pajés famosos que atuavam na cidade.

Dentre os puçangueiros, destacava-se o Dr. Raiz, com banca de venda no Mercado de Peixe. Foi ele quem transmitiu essa denominação a seu filho, também já falecido. Além de receitar, preparava também os remédios para as doenças diagnosticadas. Dizem que era um profundo conhecedor da flora medicinal da região. Seus descendentes não seguiram a mesma "profissão" do pai.

Os rezadores mais famosos eram: Dona Páscoa, vendedora de tacacá na Praça Batista Campos e residente em uma das transver-

sais do bairro do Jurunas; Nhá Verônica, lavadeira, moradora na Rua Santo Antônio, em um barracão atrás de um consultório dentário, com fervorosa devoção de Santa Bárbara. Sua especialidade era a benzição do quebranto com galhos de arruda e orações para sua protetora; Seu Janjão, morador do Curro Velho, hoje Djalma Dutra e D. Yayá, moradora do bairro do Reduto, na 28 de Setembro, mãe de conhecido médico da cidade. Esses rezadores "curavam" o quebranto, benzendo a criança atingida ou a camisa da mesma.

Quanto ao "mau olhado" rezavam "no rumo", ou seja, na direção da moradia do ofensor ou "no rastro", nas pegadas deixadas pelo mesmo no solo, pois, nessa época, as ruas e calçadas dos subúrbios não eram revestidas de cimento ou asfalto, nas proximidades de sua residência.

Napoleão Figueiredo

Benzição infalível: para quebranto

"Jesus! O nome de Jesus me ajude! E, onde eu puser a mão, ponha Deus a sua santa virtude.

Cristo vive, Cristo reina, Cristo te ilumine, Cristo te defenda de todo mau ar. Aleluia (3 vezes). Meu Senhor me perguntou: tu de que tratas Maria? Eu trato da etiquisidade e da apoplexia; da gota coral e de todo mau ar, e se esta criatura tiver uma dessas coisas tais, as areias do rio vai parar, porque eu tiro-lhe pela cabeça. Senhora Santa Tereza, eu tiro-lhe pela frente. Senhor São Vicente, eu tiro-lhe por trás. Senhor São Braz, eu tiro-lhe pelo fundo e nosso Senhor Jesus Cristo, por todo mundo. Padre Nosso. Ave Maria."

A oração é feita e com um ramo de arruda o paciente é benzido, até as folhas murcharem.

Napoleão Figueiredo

Orgulho de pajé

O PAJÉ

Música de Waldemar Lima

I

Na pajelança
eu conheço meu serviço
tiro quebranto e feitiço
como quem toma rapé
eu estou cansado
de lidar com todo mundo
lido com bicho-do-fundo
me orgulho de ser pajé.

Estribilho

Vejam lá
como a tropa do Pará
já conhece este pajé.

II

Eu já tratei
de uma velha que gemia
toda noite, todo dia,
com uma dor de arrebentar;
fazia pena
ver a velha nessa espiga
doida de dor na barriga
mas não podia falar.

Estribilho

Vejam lá etc.

III
Eu preparei-lhe
um milagroso cozimento
coloquei num instrumento
com um canudo de timbó
ela tomou
e eu tirei, mesmo com a unha
um caroço de pupunha
atravessado no gogó.

Estribilho
Vejam lá etc.

IV
Outra velhota
apareceu-me certo dia,
declarando que queria
um remédio pra casar
depois me disse
que a causa de seu desgosto
era ter pregas no rosto
e não poder acabar

Estribilho
Vejam lá etc.

V
Dei-lhe uma banha
que ela passava nas pregas
dizendo para as colegas
que era droga do doutor,

voltou mais tarde
uma, duas ou três vezes
e ao cabo de quatro meses
já sem pregas se casou.

Estribilho
Vejam lá etc.

1927
Elmano Queiroz

Um santo remédio

(...) remédio para gripe? Ora, é só fazer um xarope de gengibre, laranja da terra, cebolinha, apií e casca de umiri e tomar três vezes ao dia. Não há tosse, por mais danada, que agüente. Deve, também, o doente se emplastrar com leite de sucuba ou de anani.

– E para golpes?

– Bem, para golpes, basta queimar algodão e taticumã e misturar tudo no suco do amor-crescido e botar no golpe. Fecha num instante.

(...) Há anos atrás, de vez em quando, o pobre do seu Jaques era jogado à rede, atacado de erisipela.

(...) Foi aí que a Tia Coló (Claudomira Pacheco do Rosário), sabendo que eu estava doente, foi visitar-me, ensinando-me, nessa ocasião, este remédio. Vou ver se repito o que ela me disse, na sua linguagem de cabocla velha da Vigia:

– Olhe, o sinhu pega curo de viado, tira uma lasca, obra de um dedo de largo, põe de molho no mijo de criança verde, ainda pagôa, despus faz uma pursêra e bota no turnuzêlo. Pro sinhu não tê mais a marvada da izipla compre um jaboti e dêxe ele passeá dentro de casa e dêxe ele, de nuite, ficá onde o sinhu dorme.

Jaques Flores

Pajelança e macumba

Seria certamente oportuno o estudo de como se tem indevidamente confundido o índio e o negro, entre nós, com relação às suas práticas de mística religiosa (...)

Mas está também visto que nem sempre é possível, à primeira vista, separar convenientemente essas práticas, uma vez que elas naturalmente se influenciam, e se deixam mutuamente penetrar, sofrer o influxo.

(...) Qualquer investigador desatento, ou menos acurado, ou observador apressado, ou menos circunspecto, incide naturalmente no equívoco. Basta observar que nos terreiros de macumba, aqui em Belém, entoa-se cântico visivelmente indígena em vez de melopéia de cunho africano.

Eu sou menino, eu vim brincar
eu sou da areia, do **areiá.**

ouvimos cantar, por exemplo, no "terreiro" de macumba de Maria Aguiar, à Avenida 1º de Dezembro, no bairro do Marco da Légua.

Eu sou menino, eu vim brincar
eu sou da areia, do **areiá.**

É evocação evidentemente do ritual indígena, pertence à "pajelança", à "pena e maracá" do índio, do caboclo, e não à "macumba", ou "tambor de Minia" (que eles chamam "tambor de mina") do negro, do mulato.

(...) Lembramo-nos que quando iniciamos, aí por volta de 1937, as investigações a respeito dos cultos chamados fetichistas, em Belém, tivemos ocasião de conversar com os "macumbeiros" Sátiro Ferreira de Barros e Raimundo Silva, do bairro da Pedreira, e Maria Aguiar, do bairro do Marco, e observar o ódio que lavrava entre eles.

Julgamos a princípio que se tratava de natural concorrência, de simples competição. Verificamos, depois, que a causa era mais profunda. Tratava-se, exatamente, desse antagonismo entre as duas culturas. Sátiro era descendente de negro, tinha parentes na África. Raimundo Silva e Maria Aguiar vinham do índio. Sátiro queixou-se-nos amargamente de que Raimundo Silva e Maria Aguiar desvirtuavam o culto. Verificamos, depois, a verdade dessa queixa. Maria Aguiar fora **pajé**. Trabalhara com "pena e maracá" no Entroncamento. Depois, de súbito, se fizera **macumbeira**.

Parecia, à primeira vista, estudo curioso de sincretismo cultural a empreender. Seria que a cultura negra, melhor equipada, sobrepujara a menos aparelhada cultura indígena? Seria que a indumentária das mães, pais, filhas e filhos dos "encantados" da Costa seduziriam mais a imaginação da cabocla Maria Aguiar, do que a quase nudez de seus mestres-índios?

Não sabemos. Mas cremos que não. Tratou-se provavelmente daquele receio da repressão policial (...) e de que a "pajelança" se encontrava mais exposta. Maria Aguiar buscou, de certo, a **macumba** como abrigo e refúgio. O caboclo aproximou os seus dos "encantados" do negro, assim como, outrora, o negro procurou conciliar os "encantados" da cubata com os "santos" da Casa Grande.

Levi Hall de Moura

Os centros

(...) Esses centros mediúnicos estão agrupados, na cidade de Belém, em duas associações distintas: a Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros e o Supremo Conselho da Umbanda Cristã. A primeira congrega atualmente 756 casas de culto espalhadas pela cidade e no interior do Estado, e fundamentalmente apresenta três tipos de culto: o Nagô (também chamado Batuque ou Mina, caracterizado pela presença de tambores, atabaques ou abatás), a Umbanda (de origem sulina, onde os tambores são substituídos por palmas) e a Jurema (também conhecida por **linha de cura** ou de **pena e maracá**), com uma série de variantes, enquanto o Supremo Conselho da Umbanda Cristã congrega algumas casas de culto que guardam entre si uma certa unidade.

Napoleão Figueiredo

A pedradas

[No começo deste século,] o povo, que ainda não assimilava o livre exercício de cultos assegurados pela República, apedrejava, vez por outra, as casas de oração dos cristãos acatólicos, as sinagogas e as reuniões espíritas que começavam a ensaiar-se.

Apolinário Moreira

Batuques e polícia

O folclorista paraense Gentil Puget agitou o problema da liberdade dos cultos africanos em Belém e no dia 16 de dezembro de 1938 em grupo de intelectuais (Gentil Puget, o iniciador do movimento, Ângelo Nascimento, Pedro Borges, Bruno de Menezes, Remígio Fernandez, Stélio Maroja, Oséas Antunes, Cécil Meira, Machado Coelho, Dalcídio Jurandir, Genésio Cavalcante, Osvaldo Vianna, Lourival Damasceno, Artur França, Garibaldi Brasil, Ribamar de Moura, Barandier da Cunha, Eustáquio Azevedo, Osório Nunes, Olavo Nunes, Carlos Victor, José Thomaz Maroja, Augusto Meira, Nunes Pereira e Paulo Eleutério Filho) compareceu ao palácio do governo e entregou ao então interventor federal, Dr José Malcher, um memorial solicitando o restabelecimento dos cultos afro-brasileiros, então proibidos pela polícia. O interventor prometeu ler o documento e resolver o arrazoado, nada fazendo, entretanto, possivelmente receoso das sanções intolerantes do eleitorado católico ortodoxo. Argumentavam os intelectuais paraenses que o caráter dos batuques ainda era religioso, com os ritos e os fundamentos místicos de uma religião primitiva, já em contato com uma religião superior, como o catolicismo.

Em março de 1948 um dos signatários desse documento, o Dr Paulo Eleutério Filho, assumiu a chefia de polícia e foi então procurado por alguns **pais de terreiro** para obter livres garantias ao exercício de seus cultos. Foram atendidos.

Vicente Salles

Samba, loucura e morte

Na Pedreira se instalaram alguns dos mais famosos batuques de Belém, tão conhecidos que neles se inspirou um samba famoso:

Na Pedreira tem uma batucada
onde a negrada vai se divertir.
Tem uma negra conhecida por Suzana
É quem faz os caruanas
É quem fuma o tauari,
Se falo é porque vi.

Na Pedreira tem uma batucada
Onde a negrada vai se divertir.

Formada a roda
Mesmo antes do tamborim falar
Vem a nega Suzana
Dando gole que é para esquentar
Depois então é que entra o zuque-zuque
E a negrada no batuque
Vira sem esfriar.

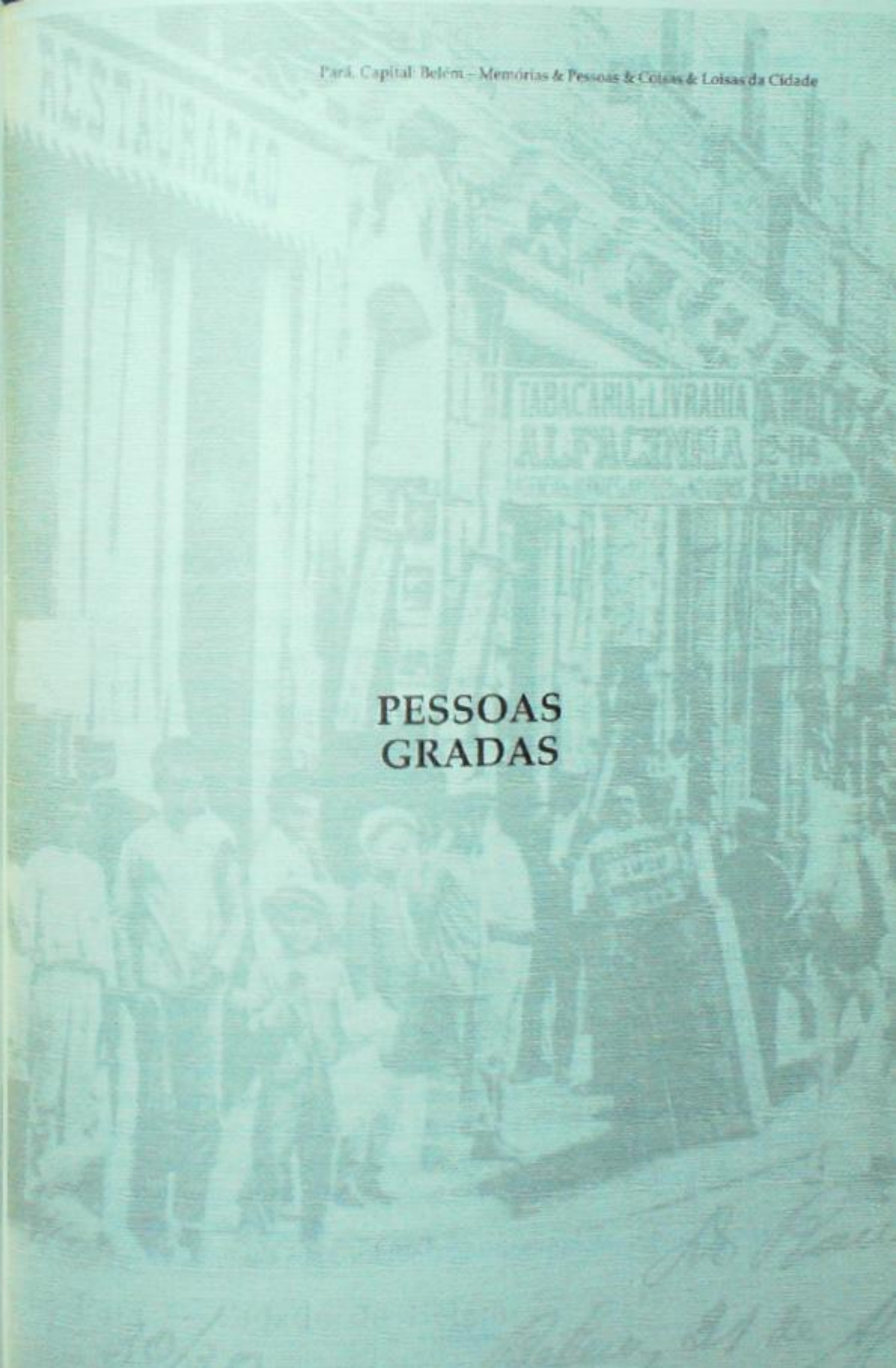
Na Pedreira... etc.

De madrugada quando já raiando o dia
É que pára a batucada
É que acaba o tal cangerê
E a negrada dispersando o batuque
Vem murmurando este enredo:
Mu nê Caxin Belelê.

Na Pedreira... etc.

Este samba foi composto pelo acadêmico de medicina Emílio Albim (1910 - 1939), compositor de sucesso premiado em vários concursos. Conta-se uma história curiosa em torno dele: aparecendo no carnaval de 1935, a negra Suzana, a quem se refere, zangou-se e quis vingar-se do compositor. Emílio Albin enlouqueceu, falecendo quatro anos depois.

Vicente Salles



PESSOAS GRADAS

O urbanista da cidade

Na qualidade de chefe do Partido Republicano do Pará, o Senador Lemos dominou a política paraense de 1898 a 1912, quando foi queimada sua residência, na Av. Gentil Bittencourt, e incendiado o prédio onde funcionava o seu belo jornal "A Província do Pará", prédio esse restaurado, posteriormente, para abrigar a Escola Normal do Estado, hoje Instituto de Educação do Pará. Homem público de grande espírito de iniciativa e extraordinária capacidade de trabalho, endeusado por admiradores e correligionários, detratado por inimigos e adversários, Lemos sofreu graves distorções em sua personalidade, pela subserviência de uns, pela intolerância de outros. Dele poderia ter tirado o Pará proveito mais amplo e mais profundo, se tivesse sabido aproveitar-lhe melhor o invulgar tino administrativo. Talvez por não ter sido preparado moral e intelectualmente para o alto destino que o aguardava em terras paraenses, deixou-se arrastar, facilmente, pelo turbilhão da lisonja, que acabou por esmagá-lo. Dotado de uma espécie de intuição estética, que transformou um homem de cultura medíocre num enamorado da Beleza, das letras e das artes, remodelou com apurado gosto a capital do Pará. Sua longa permanência à frente da Intendência – como naquela época se denominava a Prefeitura de hoje – permitiu-lhe realizar essa obra embelezadora sem solução de continuidade.

Alargaram-se ruas, multiplicaram-se praças, renovaram-se cal-

çadas, encheram-se de flores e folhagens os jardins, de árvores protetoras as ruas e avenidas, de fontes e estátuas os parques e logradouros. Conta-se que, tendo ido ao Rio em 1904, Lemos fez questão de cumprimentar Pereira Passos pelo esmero com que urbanizava a capital do País. O remodelador da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro deteve-lhe, rápido, as palavras elogiosas: "Começo a fazer na minha cidade o que V. Exa. já fez na sua".

Maria Annunciada Ramos Chaves

Retrato do intendente

O Senador era um homem de gostos apurados, segundo o depoimento de Carlos D. Fernandes.

Às três horas da madrugada, banhado, barbeado de fresco, vestido de branco, na sua residência pequena mas aparatosa, começava a trabalhar. Ao despontar do dia, de sobrecasaca, cartola "Dellion", *pince-nez* escuro com larga fita preta pendente, e gardênia na botoeira, seguia na sua ostentosa carruagem, puxada por duas valentes éguas normandas, a visitar as obras municipais que nesse tempo eram sempre muitas. Depois o dia era tomado. Despacho na Intendência, Sessão no Conselho Municipal, expediente na "A Província", audiência pública, visita aos hospitais, onde era provedor, não sobrando tempo para a ilustração do espírito, e para os gozos da vida, se estes não consistissem como consistiam na sua ilimitada ambição de mando.

Murilo Menezes

Visão sobrenatural

A sua obra inesquecível, magnânima e comovente, foi, sem dúvida, a magnífica Santa Casa de Misericórdia, feita sem recursos, sem dinheiro, sem estímulo maior que uma coragem de ferro, que

uma confiança de Apóstolo. Voltou todas as energias para esse hospital e, pedra a pedra, fiando aqui, pagando ali, recebendo acolá, o levantou. Desde os alicerces à cobertura, desde o prego inicial ao material cirúrgico, desde as roseiras ao altar-mor da capela, que seu olho experiente, num solícito exame, comparava e calculava. Edifício soberbo, que honra a ciência exigente destes dias, deve-se a ele, Antônio Lemos, que fazia estas cousas modelares sem ter visto os originais, quase por instinto, através de uma argúcia e de uma visão sobrenaturais.

1930
Raimundo Morais

O grão maestro

Em 1881 vem ao Pará, convidado de honra à estréia lírica do Teatro da Paz, cuja imponência e funcionalidade o impressionaram e, a ele, volta em 1883 com elenco lírico; retorna à Europa em intensa luta com compositores que visavam lucros comerciais, exaure-se, adoece, pobre. Pedro II o acode com modesta pensão do Tesouro Público; veio a República, suprime a ridícula pensão ao "protegido do Imperador", e o compositor e maestro brasileiro, largado no estrangeiro, penúria e encargos de família. Lauro Sodré, no Governo do Pará, mais uma vez discorda do Governo Federal e, indiferente à sua iracúndia, resgata essa dívida nacional. Cria o Conservatório de Música, insiste e consegue Carlos Gomes vir dirigi-lo e receber o carinho do povo paraense, que não o esquecera. Carlos Gomes aporta a Belém a 21 de março de 1895, mas tão doente e alquebrado que só a 5 de junho assume, em cerimônia grandiosa de ternura, a Direção do Conservatório, a que devota todas as suas restantes forças e, nesse intenso labor, morre, no ano seguinte, a 16 de setembro, sem que lhe faltasse desvelada assistência do Governo e população, orgulhosos do seu convívio e desolados com a sua morte. Seus funerais foram a maior e mais comovedora consagração pública que Belém até agora assistiu.

Ricardo Borges

Mestre Martinho

(...) Mestre Martinho João Tavares, negro encanecido na sua devoção ao Divino Espírito Santo, marcou época nas crônicas de imprensa com seu arraial na Dom Romualdo de Seixas, da Oliveira Belo à Bernal do Couto, em cuja baixada, logo após o cruzamento das duas ruas, era erguido o famoso "Mastro", o "Pau" na referência brejeira de boêmios e humoristas escrevinhadores da época.

(...) Mestre Martinho, operário simples, mas rude nos arroubos de sua fé, gostava de botar falação quando se lhe defrontava oportuno auditório. Sabia-se de cor sua saudação inicial, aqueles "pôvos e póvas" com que se dirigia aos ouvintes de suas arengas depois de cada Ladainha, em todo o decurso da festa. Largo era, além disso, o anedotário corrente a respeito dos estrilos, às vezes em termos crus, passados no inadvertido que, numa Ladainha, interrompesse, por um cochicho ao menos, a majestade da cerimônia, embora o pito em cima da bucha, fosse, em vocabulário e tom, bem mais perturbador que a bulha por ele censurada...

O Umarizal era então, da Quinta-Feira do Divino ao segundo domingo seguinte, a Meca da rapaziada estróina, aquela grã-fina das noitadas do "Molin Rouge", com estouros de Clicô e maxixes quebrados com cocotes espartilhadas, os trocistas que iam às Ladainhas exclusivamente para provocar uma reprimenda de Mestre Martinho.

A gente do bairro, essa fazia ato de fé ouvindo o novenário, pagando promessas por alguma graça.

Dentre tais votos destacava-se o sacrifício que era ir buscar o "Mastro" lá pras bandas da Sétima da Pedreira, onde oito dias antes fora cortado, madeiro de alto fuste, linheiro, no grande dia levado em charola que era a um tempo expoente vivo de ardente fé e motivo para muita exibição de taras em beliscões e apalpadelas dos sabidos aproveitadores nas exacerbadas romeiras, mescla de anciãs respeitáveis, modestas mães de famílias, algumas (em bom número) rameiras, de contrapeso.

Aos balanços, em ginga de mar picado, lá ia, da Pedreira ao

Umarizal o "Mastro", enramado de folhagem verde, recamado de flores silvestres, ajoujado de frutos, por cima de tudo, cavalgando-o, negrinhos de cara melada de choro na paga de promessa feita pela avó, devota antiga e romeira perseverante na condução do "Pau" todos os anos.

"Lavadeira da Campina,
Lavadeira!
Lava roupa sem sabão,
Lavadeira..."

Depois, no lugar sagrado, a azáfama, o esforço, o empurra-empurra para pôr na vertical o pesado "Mastro", levantado à força de muque sob a ajuda das "tesouras" seguras por braços valentes, até vê-lo erecto, a Bandeira Branca do Divino encaxilhada, para que a não enrolasse o vento, lá muito em cima, sob as graças do céu muito azul...

No arraial, iluminado a querosene, embandeirado de ponta a ponta, barraquinhas de sorte onde os prêmios (quinhentos réis cada papelinho), não iam além de um "Papai-Mamãe" ou de um carrinho de folha que custava duzentos réis na "Torre de Malakof" (onde está hoje a loja "Novo Mundo"). Abundavam os tabuleiros de tacacá, de caruru, das doceiras que vendiam por um tostão uma cocadinha ou uma fatia de bolo de macaxeira e por um vintém cada rebuçado de gengibre. Nos carrinhos, uma gengibirra ou um refresco de irreconhecível sabor, por um tostão.

Festa tradicional da cidade a de Mestre Martinho. Um velho artista da terra, o espanhol Estrada, fixou-a mesmo num quadro existente na Prefeitura, tela hoje de significativo valor.

De Campos Ribeiro

Vieira!

Social e culturalmente, [Padre Antônio] Vieira é a maior figura da história paraense em seus primórdios. Durante os oito anos e meses em que esteve no Norte do Brasil, ele permaneceu a maior

parte no Pará, onde chegou pela primeira vez em 5 de outubro de 1653. Desde então, até 1661, quando foi expulso pelos colonos revoltados, ele se tornou a mola propulsora da nossa História, dominando com sua vigorosa personalidade o cenário social, político e cultural da terra.

Foi aqui, efetivamente, que ele culminou suas atividades como apóstolo e defensor dos índios, liderando a maior campanha social da época em favor dos mesmos.

(...) De acordo com o que consta em suas obras, Vieira pregou quatro sermões no Pará. É provável que tenha feito outras pregações, e há fortes presunções neste sentido, mas se as fez não as literalizou, ou pelo menos não as incluiu no seu sermonário.

Os mencionados sermões foram pregados na igreja matriz, hoje Catedral Metropolitana de Belém. A despeito da tradição em contrário, não figuram em seu sermonário pregações noutro templo, havendo contudo possibilidades de tal ocorrência.

Tanto sob o ponto de vista estilístico como dialético, esses sermões não diferem dos demais do grande orador. Num meio culturalmente muito atrasado, como era Belém da época, Vieira pregou no mesmo estilo e com a mesma grandiloqüência com que o fez nos centros cultos da Europa.

Com uma única exceção (**Sermão da Primeira Oitava da Páscoa**), esses sermões não refletem fatos ou motivações locais, oferecendo portanto pouco interesse sob o ponto de vista mesológico, ao contrário do que acontece com as cartas do pregador.

Os sermões de Vieira mais relacionados com o Pará, exceto o já citado no item anterior, foram pregados fora das terras paraenses, em São Luiz do Maranhão e em Lisboa, destacando-se entre eles o **Sermão da Epifania**, o mais paraense e amazônico dos seus sermões.

Eidorfe Moreira

O maestro é nosso

MENELEU CAMPOS. Para se avaliar o grande mérito deste notável artista paraense, basta o seguinte fato:

Corria o ano de 1898 quando houve uma reforma no regulamento do Conservatório de Milão onde cursava este nosso distinto compatriota. Era o seu último ano. Não sabendo a que regulamento devia se submeter a exames em maio do ano seguinte, dirige Meneleu ao Ministério da Instrução Pública, no mês de outubro, uma petição que lhe foi deferida designando o antigo programa. Porém dois meses depois, chegou um outro novo programa, surpreendente em razão das rigorosas exigências do mesmo, como se vê: Fuga a 4 ou 5 vozes com palavras em latim, com tempo marcado de 18 horas para a prontificação do trabalho; sonata para violino e piano, dentro do mesmo tempo; cena lírica e instrumentação da mesma para orquestra, canto e coro, igualmente dentro de 18 horas; execução ao piano de uma partitura de ópera, ao mesmo tempo cantada com a letra do libreto; execução ao piano de uma partitura orquestral!

Dirigindo-se Meneleu à casa do Diretor do Conservatório, o maestro Gallignani, para inteirar-se das matérias do programa primitivo, foi informado de que tinha de se sujeitar, não aos exames daquele programa, mas sim aos do novo regulamento, devendo portanto preparar-se dentro de dois meses para o aumento das matérias do exame, segundo o novo regulamento em vigor.

Em suma, chegou o dia 17 de maio, em que ele devia ir saber qual o horário dos exames, e qual não foi a sua surpresa, quando na lista exposta dos examinandos de magistério o único nome era o seu!

Leu mais, na mesma lista, que, além do exame de dramática constante do antigo programa, teria de fazer os exames de violino, órgão, canto-chão gregoriano, fisiologia do canto e piano, sendo para notar que todos estes exames não constavam da nota, que lhe foi entregue dois meses antes!

Calcule-se, à vista disto, quantos e quais os obstáculos que se lhe antepuseram na própria véspera de seus exames!

No dia 18 apresentou-se ele ao exame de fuga; fê-lo em 16 horas, **2 horas menos** que o tempo marcado pelo regulamento, que eram **18 horas**, dentro das quais deveria ele apresentar o referido trabalho.

No dia 20 fez exame de piano; no dia 21, exame de composição de uma sonata para violino e piano, e que também fez em 16 horas.

No dia 22, exibiu-se sobre o conhecimento técnico de violino, satisfatoriamente.

No dia 24, às 8 horas da manhã, fez exame de dramática e os seus examinadores, os notáveis professores Corio e Monte, ficaram entusiasmados, a ponto do Professor Corio bater com o punho na mesa dizendo:

Ma bene, bene, perduici, cosa si vuole di piú?

Às 11 horas do mesmo dia 24, fez o dificílimo exame di **canto-fermo gregoriano** e também de **fisiologia do canto**. Tanto um como outro exame satisfizeram esplendidamente, segundo manifestaram-se os seus exímios professores.

No dia 25 fez exame de **Ideale** (cena lírica extraída do *Werther* de Goethe) com instrumentação para orquestra. Gastou neste exame 14 horas, quando o regulamento concedia 18!

No dia 26 fez exame de leitura ao piano de um **spartito** com canto e de uma partitura de orquestra.

Em 28, às 7 1/2 da manhã foram examinados em sua presença os seus trabalhos.

A comissão dos examinadores foi composta dos Srs. Diretor Gallignani, professor Luigi Mapelli, Coronaro e Gatti.

Os seus trabalhos de composição foram executados ao piano, pelo exímio professor Sr. Mapelli.

Apreciaram manifestamente a **fuga** e os outros seus trabalhos de composição, e especialmente o **Ideale**.

Para avaliar quanto agradou esta belíssima cena lírica basta dizer-se que ela foi executada e repetida quatro vezes – e o Sr. Diretor Gallignani a cantava com entusiasmo, mostrando-se verdadeiramente satisfeito e fazendo observar aos examinadores que este trabalho fora feito apenas em 14 horas, menos quatro que exigia o regulamento, e com **instrumentação para orquestra**.

Guilherme T. P. de Mello

Um líder

No dia 11 de novembro de 1930, pousava nas águas do Guajará, o hidroavião "Olinda", da Marinha de Guerra, trazendo a Belém José Américo de Almeida, Juarez Távora, Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, o coronel Agildo Barata Ribeiro, e o capitão Waldemar Monteiro.

Landry Sales, a Junta Governativa, o mundo oficial e uma enorme multidão receberam no cais do porto a comitiva que vinha decidir sobre o futuro e os destinos do Pará.

Formou-se um entusiástico cortejo, acompanhando os automóveis que conduziam a comitiva escoltado por lanceiros, dirigindo-se para a antiga residência dos governadores na Praça Barão do Rio Branco.

De uma das janelas do palacete, José Américo de Almeida, tendo ao seu lado Juarez Távora e Magalhães Barata, dirigiu-se ao povo, que lotava todos os espaços:

"Paraenses! Estou assistindo, feita por vós, a maior das aclamações à grande alma libertadora do Norte e que é o general Juarez Távora, nesta terra em que se acham as riquezas impatrioticamente preteridas nas zonas prodigiosas e privilegiadas da Amazônia! Terra cheia de vida, de todas as aptidões, que estiveram amortecidas, paradas as suas possibilidades e roubadas à sua formação moral. Essa massa popular que vejo, homogênea nos seus sentimentos, tem o culto dos seus heróis, que está traduzido neste momento pela extraordinária homenagem que presta ao grande herói da revolução, o general Távora. E, para o vosso seio, sob o calor da vitória da revolução, trouxemos o coronel Barata, vosso valoroso conterrâneo".

Creso Coimbra

***

História do Pará

Resposta político-nortista à "História...
do Brasil" – Mesma música

CORO (bis)
Quem foi que inventou o Pará?
– Foi **seu** major! Foi **seu** major!...
De 30, vejam bem, pra cá,
as coisas vêm vindo bem melhor.

I
Porque
Pará armou pari,
pari pegou mandií...
Pará lavou o cacori...
Do cacori ao mapará
nascera a batucada
com cigarro tauari.

Coro – Quem foi que inventou o Pará, etc.

II
Porém
major pegou Pará,
Pará vivou major.
Hoje, trás-zás!
A coisa vai indo melhor
Quem manda é o Barata
– o Barata e ninguém mais.

1934
Ernesto Vera

O pitoresco interventor

Apesar da distância, sempre acompanhei de perto a ação do major Magalhães Barata na interventoria do Pará. Não pelos seus possíveis méritos mas pelo seu indiscutível pitoresco de administrador. Não há leitura mais divertida do que a dos despachos em que o bravo revolucionário costuma com ou sem pretexto surrar os homens e as cousas da República Velha e resumir os princípios que a seu ver devem nortear a Nova. Trata-se evidentemente de um sincero revelando-se inteiro num gesto, numa palavra. O que pensa diz e não manda dizer. Como diz é que são elas.

Antônio de Alcântara Machado

***

Mamãe soube pelos jornais que professoras, com mais de nove anos de magistério, no Interior, podiam requerer seu aproveitamento na capital. Conseguiu uma audiência e bateu pra Palácio.

Barata taxativo:

– Professora, o lugar da esposa é junto do marido.

Mamãe foi nomeada diretora do grupo escolar de Cametá.

(...) No desembarque do interventor, o foguetório encheu o céu de fumaça branca. As palmas e os vivas brotaram, o empurra-empurra danou-se. Mais tarde, no grupo escolar, afinal vi a dois passos o líder de voz rouca que os adversários por despeito apelidaram de **Pilão Fardado**.

Algumas carteiras quebradas não escaparam à severidade da inspeção. Mamãe tentou esclarecer:

– É a pirralhada, excelência. São tantos os capetas! As professoras não dão vencimento.

O prefeito foi intimado a providenciar um soldado do destacamento policial para ajudar na fiscalização dos endiabrados e tanger os gazeteiros para aula. A molecada por uns tempos ficou uma luva.

(...) A figura legendária de Magalhães Barata legou à tradição um interessante acervo de histórias de sabor popular. Existiam

inclusive excelentes contadores dessas histórias, que imitavam até a voz rouca e o porte rígido do grande chefe caboclo. (...)

Contam que Barata contratou no Pinheiro um empreiteiro para construir o trapiche de Maracanã. O serviço foi tão mal executado que não durou dois meses. O interventor não se conteve:

– Vocês estão vendo esta porcaria aqui? É trabalho do João das Burras. (...) Mas o marmanjo me paga. (...) Vou mandar buscá-lo no Pinheiro, a pé, para esfregar nestes paus o focinho dele como se procede com cachorro que faz suas necessidades na sala de visitas.

Tempos depois restou do trapiche apenas um pau coberto de tijuco. Aos visitantes da localidade, às vezes aparece um caboclo para informar:

– Foi aqui que o major Barata esfregou o focinho do João das Burras.

(...)

Em virtude da lei que estabelecia para o preenchimento dos cargos públicos a condição de brasileiro nato ou naturalizado, Barata mandou demitir um espanhol, velho funcionário da Limpeza. O humilde estrangeiro compareceu perante o interventor em Palácio.

– Excelência – disse de chapéu na mão – vim comunicar-vos que vou voltar pra minha terra.

– E faz muito bem.

– Pois é, excelência, mas como não tenho dinheiro para levar a família, suplico-vos que tome conta dela – e apontou para a mulher e oito filhos menores.

Barata, antes que o espanhol se escafedesse, berrou:

– Nada disso, vá e reassuma seu lugar imediatamente. Para todos os efeitos a partir deste momento considere-se brasileiro naturalizado.

Alfredo Oliveira

Governador de sotaque

O Dr. José Paes de Carvalho, governador do Estado, ao findar o século, era um médico de grande popularidade, forte de compleição, baixo, calvo, bigode alourado, tez branca. Residia na Rua Manoel Barata, nesse tempo, Paes de Carvalho, num velho sobrado de azulejo, junto à Fábrica Palmeira. Tinha estudado em Portugal, por isso, quando apareceu como representante do Pará numa das legislaturas federais, houve um deputado que disse: "Aquele deputado é português!", devido à sua pronúncia lisboeta. Costumava passear a pé pelas ruas da cidade.

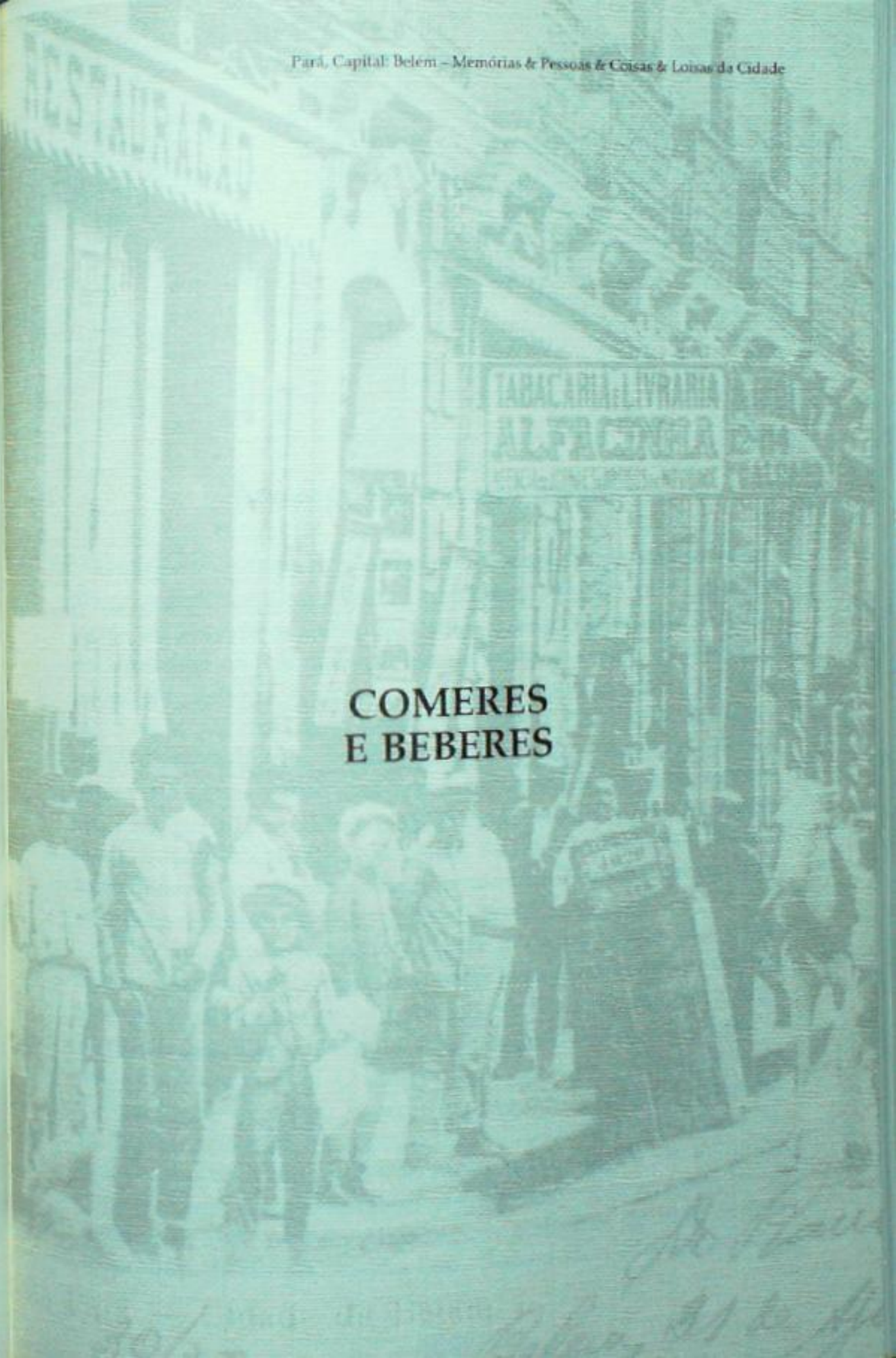
Murilo Menezes

Mangas para a fome do romancista

Os anos de 1915 e 1916 foram de suprema miséria para Ferreira de Castro, em Belém. Viveu numa barraca que havia sido construída para guardar ferramentas de pedreiro. Passou dias seguidos de fome e, muitas vezes, se alimentava, à madrugada, com mangas caídas das frondosas mangueiras do Largo da Pólvora, em cujos bancos, não poucas vezes, dormiu, à noite.

Depois conseguiu que um seu conhecido o contratasse para ir, com outros rapazes, colar cartazes nas paredes de Belém. Pode-se dizer que comeu o pão que o diabo amassou. Mas nunca perdeu a fé e a confiança no seu destino de escritor, e isso ele mesmo confessou ao autor destas linhas.

Georgenor Franco



COMERES E BEBERES

Mesa gorda e prato magro

Até 1667 não tivemos lavoura ponderável. Os produtos alimentícios, os gêneros de primeira necessidade, os víveres, e possivelmente até os gêneros indispensáveis ao vestuário – viriam todos de Portugal para os colonos: arrobas de peixe, canastras de sardinha, farda para a tropa, tecidos em geral. Quando os comes e bebes, como seria natural, demorassem, o colono atirar-se-ia ao primarismo da alimentação do aborígene – às frutas, nozes, castanhas, papas, mingaus, chibés, aos beijus, ao tacacá, às paçocas, ao piracuí, à moqueca, à mixira, à maniçoba. A mandioca, base indispensável do sóbrio cardápio indígena, da qual se obtinha a farinha torradinha, que substituiu, logo, o pão difícil, iriam buscá-la à aldeia do catequista, onde o íncola vivia em servilismo.

(...) O singelo repasto do ameríndio destas plagas não exigia agricultura desenvolvida. (...) O próprio caldo engrossado da maloca (mogica) era um caldo pobre. Os pratarrazes, as comezainas, as paneladas, vieram depois, evidentemente, com o africano. O sarapatel é uma prova. O pato no tucupi, outra. A mesa gorda da cubata encheu de brio o prato magro do comensal da taba. A maniçoba, *best-seller* da cozinha do índio, era acepipe modestíssimo. Lembrava o quimbobó do preto, única iguaria comedida da copa africana. (...) a cozinheira negra transformou a maniçoba na famosa **sopa de pedras**. Abarrotou-a, atulhou-a de tudo quanto foi produto da panela de além-mar. Transmudou o tucupi em con-

dimento central de regabofes. Ainda hoje se nota a diferença entre a refeição empanturrante, ministrada nos terreiros e a comida discreta, frugal, quase ascética, que se serve durante os trabalhos de pajelança.

Levi Hall de Moura

Comer de arremesso

O português estabeleceu horário nas refeições. Come, falando e bebe, comendo. Os africanos e amerabas comiam calados e bebiam ao final. (...) Jantava-se farinha, apenas farinha, peneirando-a na mão e jogando-a à boca, pontaria certa.

Quando o português, na segunda metade do século XVI adotou a rede de dormir como presente dos deuses preguiçosos, completou a imagem que Capistrano de Abreu recordava com a cantiga do século XVIII:

Vida do Pará,
vida de descanso:
comer de arremesso,
dormir de balanço.

Luís da Câmara Cascudo

No começo era a paca

A comida típica, por excelência, no Pará, é o pato no tucupi, que até os idos de 1915 a 20, era a paca no tucupi, genuinamente indígena.

R. Borges

O nosso bacalhau

A carne do pirarucu – peixe de águas fluviais ricas de reservas planctônicas – é mais tenra que a do bacalhau; tem, sobre a deste, de resto, a delicadeza das fibras, de mais fácil digestão, de maior capacidade para, mesmo depois de seca e salgada, reter seu sabor característico, denunciador dos alimentos vegetais, que o peixe consome geralmente.

Nunes Pereira

***

As partes mais apreciadas para serem comidas frescas ou **frescais**, isto é, sem haverem sofrido demorada ação do sol e do sal, são a cauda ou rabada, despida de sua parte carnuda que ficou nas postas e a ventrecha, geralmente gorda e realmente saborosa, depois de assada, fresca, sobre brasas vivas, e apenas condimentada com sal, limão e pimenta. A cabeça quase sempre a comem moqueada. Aproveitam ainda as vértebras dorsais cozidas, e das tripas grossas fazem um guisado chamado **guereré**.

José Veríssimo

Capítulo dos casquinhos

O complexo culinário dos **casquinhos** – de caranguejo, de muçuã – é uma especialidade tipicamente belemense. O caranguejo vem, às pencas, da zona do salgado (contracosta paraense) e o muçuã (tartaruguinha de menos de um palmo) da Ilha do Marajó.

Existem casas de família em Belém que conservam nos armários casquinhos vazios, guardando como se guardasse porcelana. Para tê-los a serviço dos pitéus a qualquer momento. Os casquinhos de muçuã, bem limpos à base de água e sabão. Os casquinhos de caranguejo, com douramento externo. Mais pa-

raense é utilizá-los no estado natural, aproveitando-se na hora, como explica a receita do

Casquinho-de-caranguejo

Lava-se bem os caranguejos, tirando cuidadosamente toda a lama. Ter a precaução de quebrar, antes, as suas tenazes. Colocá-los numa panela de água fervente com o sal necessário ao tempero, durante vinte minutos. É preciso conservar temperatura alta para obter bom cozimento. Retira-se depois os caranguejos, mergulhando-os em recipiente com água fria. Em seguida "descasca-se-lhes" com toda a paciência para descobrir as "polpas" contidas nas "unhas" e no "peito". Estas "polpas" devem ser desfiadas, recebendo bastante pingos de limão misturado com dentes de alho. Prepara-se, à parte, um refogado de azeite-doce, folhas de cebolinha e coentro picadas, pedacinhos de tomate, cebola e pimenta-de-cheiro ao gosto, para nele misturar o caranguejo "desfiado". Depois de limpos os casquinhos, enchê-los com este recheio, coberto com farofa torrada na manteiga.

Outro quitute do caranguejo é a salada, ou caranguejo à vinagrete. Seu preparo é o mesmo do **casquinho**, no primeiro tempo. Em lugar do refogado, pôr somente limão, vinagre, azeite-doce, pimenta-de-cheiro e pedacinhos de azeitona, servindo-se em prato comum, sem farofa. As **unhas**, cheias da "polpa", enfeitam o prato, circulando o "desfiado". Não só enfeitam, como são petisco, e tão bom que formam mais uma variedade culinária.

Unha-de-caranguejo

Arrancam-se as "unhas" do caranguejo cozido em água e sal, "descasca-se-lhes", temperando-as com molho de limão, alho, pimenta-de-cheiro. Depois, envolver a parte da "polpa" em massa feita de batata, gemas de ovo, farinha de rosca e um pouquinho de pimenta-de-cheiro. Leva-se a uma frigideira com gordura até que amassa fique tostada. Servir a "unha" ao modo da coxinha de galinha.

Também fina iguaria é o arroz-de-caranguejo, com côco: arroz cozido só no leite de côco, que se espalha num prato de travessa, recebendo por cima boa camada de caranguejo desfiado, com o mesmo tempero do **casquinho**. Alguns os chamam de caranguejo à *society*. (...)

O casquinho-de-muçuã é feito quase da mesma maneira que o casquinho-de-caranguejo. As tartaruguinhas são postas, vivas, no panelão de água fervente com sal, para obter o cozimento. É preciso habilidade no abrir o peito de cada muçuã, retirar a carne e separar as partes não aproveitáveis. Repete-se o processo dos pingos de limão, da pimenta-de-cheiro, e do refogado, como no recheio do casquinho, sendo também recoberto de farofa amanteigada.

A respeito do casquinho-de-muçuã conta-se que o Rei Leopoldo da Bélgica, almoçando no Grande Hotel, em certo dia de outubro de 1962, pediu que lhe servissem o pitéu. À medida que ia tomando paladar o visitante belga dava mostras de aprovação. O casquinho-de-muçuã havia afinado com as suas preferências de *gourmet*. "Hum", disse ele, "isto me lembra o paladar da *grenouille*, preparada à maneira tropical."

Leandro Tocantins

***

Ninguém pode imaginar o que é um "casquinho de caranguejo" distraidamente pulverizado com farinha-d'água.

Mário de Andrade

Maniçoba nazarena

MANIÇOBA
Vai tudo bem miudinho,
picadinho,
picadinho com a mão
depois
vai tudo miúdo, (*sic*)
remexido
bem socado no pilão.

Tem carne grossa, tem tripa,
tem toucinho, tem bobó,
tem chouriço, mão de vaca,
carne fresca, mocotó.

Mete lenha, vamos a ela,
mexe a panela,
Mas devagar...
Fogo!
Mete lenha, vamos a ela,
mexe a panela
pra não pegar.
Mexe, mexe, mexe,
mexe remexendo,
mexe remoendo,
– pra não queimar.

1925
(Da revista "Tá no papo")

Caça e pesca

(...) peixe e caça, que constituíam a alimentação indígena e cujos processos de preparo nos foram transmitidos, através da colonização portuguesa, e fartavam a nossa culinária, hoje já são iguarias menos usuais. Peixe e caça salgadas, moqueadas, defumadas, conservadas na banha das vitualhas, ou de tratamento inicial da carne, tornando-a mais macia e saborosa, pelo processo aborígeno do **bararubus**, como imprescendível a carne da anta e veado, desapareceram, ficou-nos apenas, subsistindo em termos agônicos, a farinha de peixe – piracuí – e a mexira, carne fritada na sua própria gordura! e são deliciosas.

R. Borges

Como não fazer o tacacá

Tacacá Amazônia – Pará – Belém – 4 pessoas
a – 1/2 litro de tucupi
b – 1 galho de jambu
c – 4 pimentas malagueta
d – 250 gramas de polvilho (mandioca)
e – 250 gramas de camarão descascado e descabeçado
(pesar depois de limpos)
f – molho de tucupi a gosto

...

1) leve ao fogo alto (a) o tucupi, (b) o jambu e (c) as malaguetas; apure por meia hora;

2) deite à panela, aos poucos, (d) o polvilho e água, até formar a goma, homogênea e não excessivamente pastosa (mais ou menos, água);

3) junte (e) os camarões secos limpos, espere que se torne tenros e está pronto.

Serviço: serve-se bem quente, em prato fundo, recobrindo-se, a

gosto, com (f) o molho de tucupi, aferventado.

É um dos produtos culinários mais típicos, exóticos e característicos da cultura da mandioca (que está no tucupi duas vezes e no polvilho). Em ocorrendo a oportunidade, não experimentar é pecado.

Antônio Houaiss
Alain Draeger

O ritual do tacacá

(...) o **tacacá**, com seu molho de pimenta, seus camarões e seu **jambu**, é uma infusão explosiva, capaz de por si só substituir o jantar. Muitos paraenses o tomam arbitrariamente, de manhã ou de tarde, dependendo do momento em que têm a oportunidade de encontrar uma tacacazeira. O horário indicado, porém, é entre as 4 e 5 da tarde, quando o sol arrefece. Na rua ou nas casas, essa **é a hora do tacacá**. A hora ritual. Porque a bebida, que é mais uma comida pela infusão alimentícia que apresenta, tem requisitos para ser devidamente apreciada. Só pode ser tomada na **cuia**, uma vasilha preparada do fruto da cuieira (*crescentia cujete L.*) e no fabrico da qual se especializaram os caboclos de Óbidos, Santarém e das vizinhanças do Baixo Amazonas.

Ninguém pode conceber tomar **tacacá** em tigela ou copo. Seria uma profanação não só ao paladar como à vista. A nosso ver o tacacá não é uma bebida, mas um prato que se toma na **cuia**. Mesmo este recipiente, para ser usado com propriedade, tem de obedecer a certas condições: ser simples, liso, todo negro por dentro, sem desenhos por fora. As cuias floreadas e coloridas servem para adorno de casa ou para tomar açaí; não para o **tacacá**. Muitos apreciadores dessa especialidade da terra, tomando-a de tarde, eliminam o jantar. Julgam-se alimentados para o resto do dia. Outros, como nosso saudoso amigo, Governador José Malcher, consideravam-no um aperitivo e, ainda mesmo sorvendo duas ou

três cuias na hora indicada, não dispensam o jantar, como se antes houvessem tomado um simples digestivo.

(...) A prova real do bom tucupi está no **tacacá**. Porque o tucupi é o seu elemento fundamental. Quem toma tacacá é para saborear o tucupi, porque a goma, que se põe junto, é um acompanhamento, um simples acessório. Há muita gente que, quando pede um tacacá, o que toma na verdade é o tucupi com o camarão fervido dentro, a colherada de molho de alho, sal, pimenta-de-cheiro, mais aquela incrível descoberta com a qual já se regalavam nossos avós indígenas – o jambu – planta da família das Ampestas (*Wulfia stenoglossa*), de um sabor característico, destinado a prolongar na língua e nas paredes da boca um ardume sensual e entorpecente.

Osvaldo Orico

Todos os peixes, todas as carnes, todas as frutas

... o Mercado de Ferro destinado ao peixe e ao marisco, no qual se vendem também outros produtos. Aqui, pescada, camorim, piraíba, gurijuba, cangatá, dourado, bagre, pacamão, filhote, pirarucu, sardinha, mapará, acari, tamuatá, mandii, piramutaba, corvina, cação, bacu, jandiá, taínha; ali, caramujo, aviú, camarão, carangueijo, ostra, siri; acolá, aves salgadas: pato do mato, marreca, maguari; além, tartaruga, tracajá, pitiú, muçuã, aperema, jabuti, camaleão; mais adiante, no tabuleiro alegre das vendedeiras, o peixe frito, a maniçoba, o tacacá, a panelada, o beiju-cica, os mingaus de milho, de arroz, de banana, de tucumã, de mucajá, de bacaba, de patauá, de açaí; (...)

No Mercado Municipal, de viés e perto desse de ferro, abundam as carnes vermelhas e brancas, as frutas, as verduras, os tubérculos, as farinhas, os bichos. Em pequenos açougues de metal e mármore, no pavilhão do centro, vêem-se o boi, a vitela, a vaca, o carneiro, o porco, a caça, em quartos e peças cortadas; nos cubículos do cortiço interno, que reveste as paredes laterais, a sapotilha,

o uixi, o umari, o mucajá, o tucumã, o abio, a laranja, o mamão, o cupuaçu, a tangerina, o abacate, a ata, o melão, os taperebás da várzea e do sertão, o jambo, o biribá, a fruta-pão, o jenipapo, a jaca, o ananás, as bananas, sobressaindo as grossas e gostosas pupunhas sem caroço, e, na força do inverno, o incomparável bacuri do Marajó.

Além disso, pululam os bichos vivos: araras, periquitos, curicas, guarás, pavões, quirirus, garças, jacamins, tucanos, jacus, saracuras, socós, arirambas, mutuns, pombos, rolas, japiins, canários da terra, saís, tenténs, patativas, coleiras, curiós, bicudos, macacos, preguiças, coatis, tamanduás, pacas, veados, antas, matamatás, jibóias, cascavéis, sucurijus, gaivotas. Verdadeiro museu zoológico. Nos artigos manufaturados pelo caboclo e aí vendidos, remarca-se a perfeição do trabalho: beijus, que recordam a lua cheia, finos, leves, a se desfazerem na boca; farinhas d'água, branca como trigo, amarela como gema de ovo, e torradas como biscoitos; de tapioca, alva, de bagos tão redondos e iguais, que parecem feitos em formas; taquaris cametauaras, de metro, pintados de encarnado, preto e ouro, de uma, duas e três cabeças, lembram tridentes de Netuno, e são destinados aos senhores de engenho, **que têm moleque** para segurá-lo na ponta; lindas e delicadas cuias de Santarém.

1930

Raymundo Moraes

De lamber os beiços

Existe o **piquiá**. Sabem lá o que é isso? O que vale e a que sabem aqueles caroços polpudos e oleosos que se cozinham para comer no intervalo das refeições? Antigamente era comum encontrá-lo nas quitandas, nos mercados, no tabuleiro das caboclas, que se ofereciam em pratos cobertos por telas arredondadas a fim de protegê-los contra as moscas. Fruto, o **piquiá** é um entremez para o apetite da gente remediada ou abastada, mas constitui um prato

de substância para o estômago do pobre, que o aprecia por suas qualidades oleosas, cheias de calorias, e o come com farinha, como se fosse um churrasco vegetal. Uma das atrações do meu tempo de criança era ver na mesa ou através da tela, no guarda-comidas, um prato de piquiás. E na hora de comê-los, ouvir de minha mãe a recomendação de que comesse a polpa, mas não trincasse os dentes no caroço, porque os espinhos de dentro, quando entravam nos lábios ou nos dedos, não saíam mais.

Do piquiá, que considero um dos pratos oferecidos ao nosso paladar pela floresta amazônica, extrai-se também um licor delicioso – o licor de piqui – semelhante no gosto ao Strega e muito apreciado pela gente do Sul.

Existe a **pupunha**. Que é a pupunha? Outra dádiva da natureza. Coquinhos verdes que nascem e se agarram em cachos nas palmeiras, são vendidos crus e adquiridos pelas famílias como suplemento de alimentação. Levados à panela de água fervendo com um pouco de sal, adquirem uma cor vermelha ou amarelada. E o óleo contido interiormente passa à pele das pupunhas, que se oferecem à nossa vista, lustrosas e apetecíveis como se houvessem passado algum bronzeador para banhos de sol.

A **pupunha**, que não faria figura feia em qualquer mesa fina de salgadinhos pelo seu aroma e sabor, é usada também depois das refeições, bastando untá-la no mel para adquirir as condições de uma sobremesa que é de lamber os beiços...

Osvaldo Orico

***

– É pupunha cozida. Quer?

– Obrigado.

– São boas – mãe e filho.

A pupunha (...) é alimento muito apreciado. Dá frutos desenvolvidos com semente, e no mesmo cacho, frutos menores sem semente. Daí a distinção: **mãe e filho**.

Dom Antônio de Almeida Lustosa

Tempos do cacau

Até essa época, no Pará (1915 a 20), doces e bebidas eram, sobretudo, a base de cacau. Compotas, geléias, vinhos, vinagre – de depuração de um ano e cor e sabor nunca superados – , mas o chocolate afamara-se sucedâneo do chá, em especial, a **viúva alegre**, adicionando leite à gema do ovo, indispensável em casamentos, batizados e quaisquer outras reuniões sociais, assim como nos restaurantes de função noturna. O cacau fornecia a manteiga, banha e outras aplicações medicinais, o precioso sabão a que nenhuma nódoa resistia; sabão de potassa fornecida pela casa do fruto, ou cacau, e que além de lavanderia, tem aplicações medicinais, indústria caseira, como era a do chocolate, preparado em barras ou pó para o intenso uso doméstico. De âmbito doméstico, o chocolate passou à indústria de confeitaria e panificação, multiplicando-se as suas aplicações. Do mesmo gênero vegetal do cacau, é o cupuaçu, também nativo e cujo fruto maior do que o do cacau, oferece idêntica utilização em doce e bebidas, as mesmas propriedades organolépticas e contando com acentuada preferência popular, na manipulação doméstica. Cacaueiro e cupuaçuzeiro, são de fácil cutivo, produção aos três anos, e ainda largo emprego de seus frutos e sementes, nas classes menos abastadas.

R. Borges

Frutas mil

Em março de 1918 Ana Pavlowa deslumbrou Belém com sua arte. (...) O casal Haydéa e Luiz Maximino de Miranda Corrêa, gente de bom gosto, apreciadora das Artes (eles haviam recepcionado Ana Pavlowa em Belém), realizou uma viagem à América do Norte. Passando, certa noite, pela Broadway, o casal viu numa fachada de teatro anúncio luminoso com o nome de Ana Pavlowa.

Os dois turistas paraenses compraram logo os seus *tickets*. Terminado o espetáculo, dirigiram-se ao camarim de Ana Pavlowa, que os recebeu efusivamente.

Então a bailarina fez referências às frutas do Pará, saudosa de seus gostos e perfumes. E confessou que se alimentara em Belém quase que exclusivamente delas. "Não posso esquecer a sensação com que saboreei essas frutas tropicais. E que deliciosos refrescos!" dizia Ana Pavlowa, procurando lembrar-se do nome do cupuaçu, do bacuri, do açaí, da pupunha, da graviola, do mamão, do biribá, da banana pacova.

(...) A variedade frutífera paraense é espantosa. Já citei aquelas que tanto agradaram a Ana Pavlowa. E o araçá? E o ingá? E o genipapo? E a carambola? E o cajá? E o pajurá? E o ajuru? E o maracujá? E o umari? E o taperebá e o taperebazinho? E a pitanga-da-mata? E o tucumã? E a manga? E o puruí? E o guajará? E a castanha-do-Pará? E a castanha sapucaia? E o caju e o cajuí? E o abacate? E o ananás? E o muruci? E o buriti? E a melancia? E o melão? E a laranja? E a lima? E o oiti? E a ginja? E a grumixama? E a jaboticaba? E o abricó? E a goiaba? E a ata? E a jaca? E a frutapão? E o tamarindo? E o cacau? E o cubiu? E o sapoti?

Leandro Tocantins

Hora e vez do bacuri e do cupu

(...) o bacuri fresco não emigra. É uma fruta delicada e perecível, cuja degustação só é permitida em seu *habitat*. Tem que ser apanhada e comida no mesmo dia. Apesar da casca resistente que a protege, é sensível ao tempo; e em vinte e quatro horas perde a frescura imaculada de sua polpa, azedando e apodrecendo rapidamente.

É encontrado nas canoas do Ver-o-Peso e nas quitandas em paneiros esguios, vendidos a bom preço. Porque a maior parte da safra é disputada pelas fábricas de doces em calda, que fazem dele

seu melhor produto de exportação.

O bacuri passa por ser um fruto que tem gosto de flor. Essa, pelo menos, a impressão colhida entre os seus degustadores, isto é, entre aqueles que o provam sob a forma de compota. Saboreando o fruto fresco a impressão é diferente.

(...) os naturais chamam de **mãe** ao caroço que guarda as cartilagens a ele aconchegadas. E apelidaram de **filhos** as polpas móveis que cobrem o caroço acetinado.

(...) O cupuaçu corre com o bacuri o páreo das preferências no cardápio das sobremesas da região. Menos famoso. Menos internacional. Mas igualmente apreciado e disputado. Seja como vinho. Compota. Geléia. Doce. Pudim. Rebuçado. (...) Sua casca espessa e resistente não impede o perfume contido dentro do fruto. Ele vara a carapaça alongada e pardacenta que o envolve, provocando o olfato e o paladar. Seus caroços, envolvidos por uma polpa aromada e ácida, prestam-se a uma infusão refrescante que se conhece sob o nome de vinho de cupuaçu. Com ele se faz também doce, geléia, caramelo e rebuçado.

Osvaldo Orico

Para uma fome do racha

No Ver-o-Peso, o Remundo
que, no gole, não faz graça,
cavou dinheiro no fundo,
mandou comprar de cachaça.

Da compra foi incumbido
o nhô tio Serafim,
que, depressa, sacudido,
rumou logo a um botequim.

Como o Remundo sentisse
fome danada, do racha,
ao Serafim ele disse
que comprasse "umas bulacha".

Com dois mil réis, alma ufana,
Serafim fez um comprão:
mil novecentos de "cana"
e de roscas um tostão.

Jacques Flores

AMIGOS E INIMIGOS DO AÇAÍ

Tintim por tintim

Eu fiz um pequeno serviço ao meu hóspede e aos habitantes daqueles contornos, ensinando-lhe a tirar proveito dos coquinhos do palmito, dos quais não faziam entretanto uso algum. O coquinho do palmito é o célebre fruto que na província do Pará chamam **açaí**, e que lá serve de alimento precioso e nutritivo para toda a casta de gente, ricos e pobres, brancos e negros, senhores e escravos. Sua planta é uma alta e fina palmeira, que vegeta e cresce nos terrenos úmidos e pantanosos, e se encontra por conseguinte em os grandes bosques de todas as províncias do Brasil, nas quais tem o nome de árvore do **palmito**, exceto no Pará, onde se chama açaizeiro, e no Maranhão **jussara**. A madeira deste vegetal serve para ripas, e canos ou bicas; o palmito para comer com arroz, feijão, carne, empadas ou por outra qualquer maneira; e o fruto (o coquinho) para uma bebida excelente, a qual feita, os caroços servem para engordar porcos. Aquela bebida (açaí) fabrica-se pela forma seguinte: Sobre uma grande porção de coquinhos (medida de quarta ou meio alqueire) lança-se uma quantidade de água quente (não muito) que cubra todos os frutos em um alguidar ou outra vasilha fora do lume, para amolecer brandamente, o que também pode ser expondo o fruto em água ao ardor do sol. O caroço fica sempre duro; e o que amolece é só a casquinha roxa que o cobre exteriormente. Para se conhecer quando está mole, aperta-se um coquinho entre o polegar e outro dedo, e repete-se a

experiência por mais três ou quatro, tirados ao acaso de lugares diversos da vasilha; quando todos eles largam facilmente a casca entre os dedos, é sinal de estarem no ponto que se deseja para continuar a operação. Deita-se fora então a água em que estavam infundidos, e uma pessoa ajoelhada junto à vasilha, amassa com ambas as mãos os coquinhos todos, revolvendo-os a miúdo até que todos assim descascados, lança-se-lhes uma porção de água fria, remexe-se com a mão, e passa-se por uma peneira fina para outra vasilha, onde escorre o líquido todo, ficando sobre a mesma peneira os caroços e as fezes das cascas. Este líquido roxo e um pouco oleoso mais ou menos grosso conforme a quantidade de água que se lhe deita, é o que se chama **açaí**: bebe-se com farinha de mandioca como um caldo, e com açúcar ou sem ele; de todas as formas é sempre uma bebida saborosa, e tão nutritiva, que outro alimento. Guarda-se de um dia para outro o açaí já pronto; e posto que fique um pouco azedo, mistura-se no mingau de farinha de mandioca e é o alimento ordinário dos escravos de tenra idade. No Regapé, Minas, e mais províncias derrubam a árvore para tirarem o palmito, enquanto que no Pará, querendo apanhar os coquinhos, sobe um menino ou mesmo um homem maduro, com uma peia nos pés, faca na cintura, e chegando ao alto da palmeira, dá uns golpes na parte em que o cacho está preso à árvore, arranca-o assim facilmente e desce com ele em uma das mãos. Quando está em baixo, fabrica um alforge feito das palhas da mesma palmeira, apanha então os coquinhos do cacho e os deposita nele trazendo-o às costas seguro na testa por uma tarja feita da mesma ou de outra folha, e por esta forma conduz para casa meio alqueire de coquinhos, que viriam a cair pelo caminho se os trouxera no cacho. Este fruto colhido conserva-se bem vinte e quatro horas, sem ser amassado; daí por diante começa a secar, e então perdendo o óleo e o gosto pouco destila, e não presta para fazer a tal bebida; é pois mister colhê-lo e dentro de poucas horas amassá-lo, e depois de haver amolecido em água quente, como acabei de dizer. Meu hóspede, o Sr. Clemente Alves, gostou muito do açaí, e passou imediatamente a prevenir um vizinho seu, que costumava derrubar as árvores do palmito, para que não continuasse a fazer semelhante estrago, a fim de que pudessem todos tirar proveito daquele fruto tão útil e tão delicioso.

1829
Felippe Patroni

Invenção de índio

De Gurupá por diante começamos a navegar em braços muito estreitos. As margens estavam cheias de palmeiras **açaís**, umas carregadas de cachos de meio metro de comprido e formados de cocozinhos do tamanho de um bago de uva. É um núcleo esférico coberto de uma película finíssima da cor da amora madura. Quando o navio deitava âncora, colhíamos os cachos e, desbagando-os, enchíamos cestos e cestos que levávamos para bordo. Derramando uma porção de açaí em gamela com água e esfregando os cocos com as mãos, destaca-se a película e tinge-se a água de uma cor negro-carmínea. Passando tudo por um pano, faz-se uma bebida muito agradável com consistência e gosto aproximados do leite. Pondo-lhe um pouco de açúcar, é refresco da melhor qualidade. A gente pobre adiciona-lhe um bocado de farinha de mandioca e tem assim nutrição tão simples quão substancial. Esta combinação é, como o guaraná, invento dos indígenas.

1828
Hercules Florence

Mil e uma utilidades

Uassahy-uaçu – nasce nas várzeas e em lugares úmidos nas margens dos rios; atinge 15m de altura e 44 a 66cm de diâmetro. Suas folhas são estreitas, resistem de dois a três anos e são utilizadas, na falta de outras mais duráveis, para coberturas das casas dos

tapúias e brancos pobres; por serem pouco penetráveis pelos bichos, são procuradas para cobrir pelo menos as cumieiras das casas. Do seu tronco que é liso, são tiradas as ripas, chamadas pelos mazombos de **yuçaras**, usadas para forrar essas cumieiras; sobre esse forro são colocadas as telhas ou folhas de palmeiras e um estuque entremeado de folhas secas; este processo é empregado para impedir a passagem da umidade, dos morcegos, baratas e ratos, uma vez que todas as casas são de telhas vã; essas ripas, também usadas em canoas, têm toda a utilidade de uma cobertura ou reparo; são sobrepostas as folhas de palmeiras com a finalidade de as manter unidas, evitando que o casco sofra o pisoteamento da tripulação e impedindo que a carga absorva umidade; servem ainda para cercados de quintais, currais de peixe ou cacuris e tendais ou jiraus para secar peixe, carne, café, cacau, etc. Da bainha das folhas é extraído o palmito, do qual se faz uma salada chamada **salada de uassahy** que é temperada com azeite, vinagre e principalmente pimenta em pó; é aproveitado também para pastéis, tortas e como hortaliça, sendo cozido com a carne; seu gosto é de erva, um pouco adocicado e admite toda a qualidade de temperos. Dos frutos se extrai o **vinho de uassahy**, de notável consumo (...) com sabor de erva e que quando tomada em grande quantidade depois do jantar, causa indigestões. Os fabricantes desse vinho gastam 20 réis e o vendem a 320 e 400 réis, sem outras despesas além do gasto com a pequena porção de farinha usada para engrossá-lo. Os frutos servem ainda como alimentos dos cujubis, mutuns e jacus.

1783 – 1792
Alexandre Rodrigues Ferreira

Nectar e ambrosia

Com o fogo (...) condensam também algumas substâncias estimulantes e destinadas a substituir o sal, como seja: o caldo da mandioca, de que preparam uma conserva que se vende no Pará, onde tem grande consumo, intitulada **tucupi**. (...)

Extraem também com um processo combinado de fogo e maceração, produtos alimentares de certas amêndoas, sendo célebres, entre estes, as famosas bebidas **uassahi** e **bacaba**, célebres não só por serem alimentos de primeira qualidade para pessoas debilitadas por doenças ou pela idade, como também pelo peregrino do sabor e perfume, tão delicado que um viajante americano declarou que, dessas bebidas, cuja tradição, segundo ele, foi levada pelos fenícios ao Velho Mundo, nasceu a idéia do néctar e da ambrosia dos gregos.

1876
General Couto de Magalhães

O vício do trocadilho

(...) o Pará, que sempre se atribuiu não sei que fascinação sobre o forasteiro:

Quem vai ao Pará, parou.

Os incrédulos do tempo em que a grande cidade do Norte era malsã e descurada, interpretavam aquele **parou** como uma quarentena lúgubre no hospital.

Os naturais atribuíam essa fascinação ao açaí:

Quem vai ao Pará, parou.
Bebeu açai, ficou.

As virtudes do açaí são, entretanto, muito problemáticas. É uma bebida detestável, só usada da plebe e que apenas se encontra nas mercearias e tendas menos frequentáveis da cidade.

É uma emulsão enjoativa feita dos frutos do açaí, palmeira da região amazônica. Os caboclos bebem-na, ou antes comem-na com farinha, como é costume entre eles.

A despeito disto, o açaí será sempre repetido nos versos já proverbais, na boca dos forasteiros e naturalistas que têm perlustrado a Amazônia.

Nas VIAGENS de Agassiz, traduz-se o provérbio desta arte:

Who visite Para is glad to stay,
Who drinks Assai goes never away

Assim também o traduz nos mesmos termos um cônsul americano, divertido e namorador, apaixonado da Amazônia e crente nas virtudes de remora do açaí.

Mais espírito que estes mostrou o francês Verbrugghe, que efetivamente dá a tradução verdadeira:

Nul en voyant Para
Passa,
Qui l'assahy gouta
Resta.

Propõe, porém, logo a seguinte glosa como correção ao texto tradicional:

Qui visite Para
S'arrête (au cemitière);
Qui l'assahy gouta
Y reste (dans sa bière).

1919
João Ribeiro

Bandeira encarnada

Pátria do açaí, cujo vinho é o alimento do pobre, que o bebe fresco, trescalante, purpurino, adubado, quase todas as ruas da capital paraense possuem a sua bandeira encarnada, do tamanho dum lenço na ponta duma varinha, anunciando a amassadeira.

Raimundo Morais

Gosto de bambu

Certamente é por uma falha do meu caráter, mas não gostei do açaí – tem gostinho de bambu.

Fiquei escravo do cupuaçu.

Marques Rebelo

Leite dos pobres

(...) existe esta calçada do Grande Hotel, a praça com as enormes árvores folhudas, e o sorvete de açaí, será que gostei mesmo do açaí? Não é propriamente gostar, mas em Belém fica divertido tomar açaí. É dessas comidas "locais" que, mesmo quando não são gostosas, participam de tal forma da entidade local, que fica um muro na frente a gente não usar. E é indelicadeza não gostar. O açaí não chega a ser ruim... Pousa macio na boca da gente, é um gosto de mato pisado, não gosto de fruta, de folha. E logo vira moleza, quentinha na boca, levemente saudoso, um amarguinho longínquo que não chega a ser amargo e agrada. Bebida encorpada que, por mais gelo que se ponha, é de um quentezinho amável, humilde, prestimoso. É um encanto bem curioso o do açaí... A gente principia gostando por amabilidade e depois continua gostando porque tem dó dele. Isso, falo de nós, gente que não precisa se alimentar com açaí, leite dos pobres. (...)

1927
Mário de Andrade

O Maranhão ataca!

Um outro pregão, também muito popular, é da vendeira de **açaí**. É geralmente uma negra dessas que evocam a "boa terra", quem apregoa o açaí. É um caldo grosso, cor de vinho tinto, extraído da jussara, do côco do açaizeiro. Gostoso como quê! Faz-se um "chibé" delicioso do açaí.

É sem dúvida alguma, uma **sembereba** regional do outro mundo. Serve-se, também, como sorvete. É possível que o turista não goste do açaí.

Mas se tiver tempo, não perca de ver o pitoresco de uma negra maranhense, de mandrião de renda, saia baiana com uma rodilha na cabeça e sobre ela o canjirão de barro cheinho de açaí...

Astolfo Serra

Caldo da longevidade

Em cada cuia de açaí e de tacacá (...) os dietistas assinalam substâncias nutritivas capazes de assegurar uma alimentação rica em vitaminas, calorias e sais minerais.

O Professor Dante Costa, atraído pela fidelidade dos paraenses ao açaí, levou suas pesquisas ao mundo dos ratos, passando a alimentá-los com o caldo grosso e arroxeado, extraído da famosa palmeira amazônica. Os resultados foram os mais auspiciosos para testar as propriedades alimentícias da polpa do coquinho, o que levou o cientista à conclusão de que, além duma razão de paladar, havia a do instinto de conservação na preferência de seus conterrâneos pela bebida com que refrescam a garganta entre meio-dia e duas horas da tarde. (...)

Perguntei ao Prof. Paulo Maranhão, cuja longevidade a serviço da pena foi o melhor título da resistência física do caboclo paraense, a que devia o segredo dessa disposição que o não afastou aos

92 anos de sua mesa de jornalista, continuando a escrever embora com apenas dez por-cento da visão:

– Ao açaí, rapaz, ao açaí. E com farinha amarela, logo depois do almoço. (...)

Osvaldo Orico

TRIVIAL VARIADO

O Homem do balandrau azul

Várias forças possuía Belém. Armadas sinistramente nos largos e praças principais, como o da Pólvora, dos Quartéis, de São José e Bagé, afora aquelas levantadas provisoriamente para castigo dos condenados, no próprio local do crime.

(...) Segundo o costume da época, os enforcamentos dos criminosos era precedido das seguintes solenidades: na manhã do suplício, o **homem do balandrau azul**, que na Irmandade da Santa Casa tinha a função de "apregoar pelos cantos e ruas os convites da Misericórdia" ao som de uma grande campa, que ele próprio agitava, percorria os lugares por onde tinha de passar o lúgubre cortejo, apregoando com voz soturna e grave: – **Orai pelo nosso irmão padecente!**

Era como se fizesse um convite para o espetáculo que daí a pouco toda a cidade contemplaria com mais ou menos agrado.

(...) Irmãos da Santa Casa de Misericórdia revezavam-se na assistência, a fim de que nada faltasse ao criminoso. Todas as suas vontades eram satisfeitas. Havia os que passavam os três últimos dias de vida a galinha, vinho, chocolate, marmelada, pão-de-ló e outras especiarias. Nada lhes era regateado. (...)

(...) Nem sempre possuía o criminoso ânimo e força para chegar com os seus próprios pés ao local da execução. (...) E assim era amparado pelos frades e conduzido nos braços para a forca. (...) o carrasco, bruscamente, empurrava o condenado para fora da escada, e pendurava-se no seu ombro, para ser breve a estrangula-

ção. (...) "... o povo não tremia, delirava; recomeçava o sussuro; gritos, gargalhadas, gracejos, irrompiam de todas as bocas, confundindo-se ininteligivelmente num só alto rumor. Gozava por momentos o carrasco os aplausos da multidão".(...)

O último enforcamento de que há notícias, nos anais judiciários da Província, data de 1851.

Ernesto Cruz

Terra sumamente perigosa

A um parente, que lhe pedia emprego no Pará para um padre, respondia: "... Devo contudo lembrar a V.Sa. que se o rapaz é curioso, ou para melhor dizer alguma coisa travesso a respeito do sexo feminino, vem para terra sumamente perigosa e ocasionada. Mocidades não as devem sofrer os do meu ofício..."

1760
D. Fr. João de São José Queiroz
Bispo do Grão Pará

O vil metal

Em virtude de um decreto datado de 12 de Junho de 1748, começou em maio de 1749 a correr na cidade de Belém dinheiro de prata, ouro e cobre, com as mesmas inscrições, peso e valor que se haviam estabelecido para a moedagem do Brasil.

Até então o dinheiro que havia em circulação era novelos de algodão e outros gêneros, que tinham valores determinados: e com ele se pagava aos funcionários de todas as classes e também aos particulares.

Cônego Francisco Bernardino de Souza

Dos valentões

Belém do começo do século, e possivelmente até o crepúsculo da segunda década, se não chegou a empório de capoeiragem bem perto disso andou.

Os ginastas da valentia, autênticos uns, outros simples valentões de costas quentes, por aqui ganharam fama, por ações na maioria de execrável memória, executadas que eram por mercenária motivação.

(...) A introdução da capoeira entre nós, é fora de dúvida, teve como autores marinheiros que o sul nos mandava, para aqui servir no velho Arsenal de Marinha e nos navios da Armada, tais o patacho "Guajará" ou canhoneira "Guarani".

(...) a capoeiragem teria de conquistar adeptos, formar escola. Para isso, propícia a rivalidade entre bairros, que já de longe vinha, gentes do Umarizal e do Jurunas, que não desperdiçavam ocasião para um "tira-cisma"...

Mas a grande influência da capoeiragem nestas plagas certamente se deveu à importação de capangas, em pleno zênite do lemismo.

(...) Entre nós, uma rasteira histórica não deve ser esquecida: a do nosso bravo "Cabralzinho", que com ela desarmou um oficial francês que o tentava alvejar a tiro.

De Campos Ribeiro

A máquina falante!

(...) uma antevisão do tino comercial daquele que viria a ser o responsável por praticamente todo o processo de registro sonoro por meios mecânicos no Brasil – o tcheco, naturalizado norte-americano, Frederico Figner.

Em maio de 1891 voltaram a São Francisco. Desta viagem lembra-se de um encontro com um judeu, em Santiago, que disse refe-

rindo-se ao fonógrafo: "Vá ao Brasil que você fica rico". Figner confessaria mais tarde: "Eu aparafusei o Brasil na minha cachola, resolvido a, logo que acabasse a nossa *tournée*, embarcar para o Brasil sem dizer nada a ninguém." Neste propósito compra da **Pacific Phonograph Co.** um fonógrafo elétrico a pilhas, por 175 dólares, além de cilindros virgens para gravar, vidros para diafragmas, tubos, baterias e acessórios sobressalentes para um ano. Feito isto parte para o Brasil em agosto de 1891, e doze dias depois está em Belém do Pará. Hospeda-se no Hotel Central, na Rua João Alfredo, e prepara o fonógrafo. A primeira prova foi feita com algumas palavras do próprio dono do Hotel e com um discurso de improviso contra a República pelo Dr. Joaquim Cabral, advogado local.

Na edição de 17 de dezembro de 1892 da Gazeta Americana de Porto Alegre encontramos o registro do que foi esta primeira gravação de Figner em Belém do Pará: – o discurso do Dr. Cabral.

"Figner deu-nos o ensejo de apreciarmos também um bestialógico, feito no Pará por um jovem de brilhante talento que colocou 'os exércitos de Napoleão atravessando o Mar Vermelho tendo à sua frente Jericó, que encontrou Jesus Cristo à testa da redação de um jornal oposicionista' e outras personagens que obrigam o público à mais expansiva e franca gargalhada."

Figner começa então a preparar repertório para as exibições pagas que iria promover no Brasil. Ao lado das gravações americanas que trouxera, grava lundus e modinhas brasileiras, e completa o repertório com artistas de opereta que se encontravam hospedados no mesmo hotel. Munido deste material faz da primeira exibição do fonógrafo um sucesso. E a medida desse sucesso foi dada pelas 4.000 pessoas que, em apenas um mês, pagaram 1$000 para ouvir o fonógrafo, e todas demonstraram o mesmo espanto ao ouvir pela primeira vez a máquina falante. Isto em Belém do Pará.

Humberto M. Franceschi

Um desafeto da música

(...) o Instituto Carlos Gomes, vale lembrar que o hiato ocasionado pelo seu fechamento, em 1908, no segundo quadriênio do Governo Augusto Montenegro, representou também uma quebra na linha, até então invariável, de prestígio e de estímulo governamentais aos relevantes assuntos da música neste Estado. Não imprimo a esta referência o mais leve sentido polêmico. Antes, tenho pela figura exponencial de Montenegro uma profunda admiração, pelo que foi, como invulgar expressão afirmativa, na História Administrativa do Pará, e recolho como um grande privilégio em minha vida pública, a quando do exercício da Secretaria de Estado do Governo, em 1967, o haver lhe trazido os despojos, do Père Lachaise, em Paris, para Belém do Pará, seu torrão nativo. Mas foi pena que vinculasse ao período de seu vitorioso Governo o irrecomendável ato com que cerrou as portas de tão importante estabelecimento de ensino musical. O Maestro Gama Malcher profliga essa fase de olvido com palavras de veemente revolta, que encontrei, em meio às minhas pesquisas sobre "Carlos Gomes no Pará", numa entrevista concedida à "Folha do Norte", em 1916, assim vazada: "Como pesa-me dizê-lo – tivemos um Governador que se confessou 'inimigo da música', o Sr. Augusto Montenegro, que mandou fechar o Conservatório e extinguiu as bandas da Brigada, tentando desse modo matar o aprendizado de divina arte. Extinto o Conservatório, foram de lá retirados todos os móveis e objetos que o guarneciam, no meio dos quais foram o piano, o relógio e um belo retrato a óleo, de Carlos Gomes, que avultava, dominador, na parede do fundo do salão, e que só tinha um pequeno defeito: o pintor fizera Carlos Gomes de gravata preta. Ele, que só usava gravata branca, de leve bretanha passada a ferro".

Clóvis Morais Rêgo

Chico de pau

Com grande minha surpresa (...) vim a saber que o povinho humilde e pobre também cultiva o vício elegante. É triste, profundamente triste, mas inegável. E a classe mais vitimada pelos terríveis tóxicos é a dos pescadores.

Não se cuide, porém, nestas alturas, o comércio clandestino da cocaína. A coca aqui em uso é a **liamba**.

(...) Para usar a liamba, cortam-na em pedacinhos e depois de seca fazem dela cigarro, apenas com o que já ficam embriagados. O mesmo cigarro costuma perambular de boca em boca. O efeito mais comum do entorpecente traduz-se por um sorriso alvar de contentamento inconsciente. (...)

Vulgarmente a liamba se denomina **birra**. Os viciados e os contrabandistas se entendem porém em linguagem cifrada. E o **código** varia muito de lugar para lugar. Entre tantos outros nomes com que designam a malfadada erva, logrei aprender os seguintes: **chico de pau, camarão seco, paca, cartucho, camarão do Maranhão, bala de rifle, b dourado, folha verde**.

Algumas vezes os interessados se entendem com expressões ainda mais vagas. Assim contou-nos um senhor em Salinas que, certa vez, na presença dele, encontraram-se dois indivíduos que rapidamente se dialogavam assim:

– Que tal?

– Ninguém.

Era o liambômano à procura de **chico de pau**.

1932

Dom Antônio de Almeida Lustosa

Fúria sanguinária

Quatro são as espécies de mosquito que principalmente provocam a nossa atenção, aqui no Pará, como inimigos da humanidade, pequenos de vulto, grandes, porém, nos seus efeitos, inimigos

que parece terem-se conjurado para roubar-nos o sossego, de dia e de noite, torturando-nos não só pela dor física, como acarretando-nos gravíssimos perigos e males à saúde.

(...) Ainda não achei um só exemplar de *Anopheles argyrotarsis* dentro da cidade de Belém. É porém substituído aqui por um flagelo talvez ainda pior, a *Stegomyia fasciata*, insolentíssimo mosquito diurno, que faz inauditas exigências à nossa paciência e resignação. (...) É já um horror a sua abundância.

Nós, no bairro de Nazaré pelo menos, sofremos num grau deveras indizível desta fúria sanguinária. Desde o nascer do sol até o escurecer o implacável díptero persegue-nos dentro de casa, em turmas de 4, 6, 8, 10 e mais, esvoaçando ao redor da nossa cabeça, espiando qualquer parte descoberta, para nos inflingir a sua dolorosa e logo intumescente picada. Não há um minuto de trégua desde o clarear do dia até o cair da noite: ao escrever, ao comer, ao dormir, o inimigo nos flagela e nem um desesperado moto contínuo de debater-nos seria capaz de salvar-nos, que não ficássemos logo com o rosto, pescoço, orelhas, mãos e pernas cobertos de ardentes pontos intumescidos, cujo centro indica apenas visível, o lugar onde o veneno foi inoculado.

(...) Segue em importância e insuportabilidade como *pendant* noturno o *Culex fatigans* Wiedemann.

Do Dr. Lutz, Diretor do Instituto Bacteriológico de São Paulo, acha-se na obra de Theobald a declaração de que esta espécie representa o mosquito noturno comum no Brasil, encontrado por toda a parte e picando de noite somente. Aqui na cidade do Pará é simplesmente pasmosa a freqüência deste insolente carapanã noturno: no bairro de Nazaré ele, em nuvens de miríades, assalta as casas, nas primeiras horas da noite, invadindo por janelas e portas, esbarrando qual farinha jogada a todo momento, com intenção ofensiva, revoltantemente manifesta, contra o nosso rosto.

A música ou zumbido produzido simultaneamente por milhares de carapanãs voando e fazendo verão, num quarto escuro, é capaz de fazer arrepiar-nos o cabelo! Com bastante razão Plinius, naturalista e escritor quase contemporâneo de Jesus Cristo, chamou-a de "truculenta"! E apreensivo cada vez me torna esta odi-

osa música, quando penso nas funestas consequências sanitárias de que ela é, na minha firme convicção, fatal precursora e mensageira!

Aos milhares os temos todas as noites nos quartos de dormir e se centenas matamos por via de regra – lembro-me que certa noite matou-se, num só quarto, em pouco tempo nada menos do que 143 indivíduos deste carapanã – sobram muitas centenas ainda, aptas a tornar um verdadeiro suplício a noite, durante a qual o repouso do corpo é um postulado higiênico inadiável depois de um dia cheio de trabalho físico ou intelectual com as dobradas exigências de energias originadas do efeito de um clima equatorial.

De que vale e serve a relativa frescura da noite, aqui no Pará, quando não se pode dormir por causa dos mosquitos!

1905
Dr. Emilio Augusto Goeldi

Salários e assalariados

Um cozinheiro, copeiro, cocheiro, lavadeiras ou outro qualquer criado se aluga a tanto por mês, sem que exista nenhum compromisso quer por parte do patrão, quer por parte do empregado.

Se ao patrão não lhe convém o serviço do criado despede-o e só lhe paga o número de dias que o ocupou. Da mesma sorte o criado despede-se no dia e hora que lhe convém. Se porventura é despedido entre o almoço e o jantar, o patrão só lhe paga 1/2 dia.

Esse regime de liberdade só tem vantagens e a prova é que em matéria de criadagem estamos muito mais bem servidos do que muitas das capitais da Europa, sobretudo em Paris, onde atualmente existe uma verdadeira crise na domesticidade.

Os preços embora muito aumentados nestes últimos anos, ainda assim são iguais aos das grandes capitais estrangeiras. Uma boa criada, que cozinhe, lave e engome paga-se entre nós de 45 a 60$000 réis por mês (60 a 80 fr.); uma qualquer criada, só para

copeira e serviços leves, custa menos.

Um bom cozinheiro custa o mesmo que na Europa, isto é, vai desde 80$000 réis (120 fr.) até 150 ou mesmo 200$000 réis (225 ou 300 fr.) por mês, conforme o serviço e a aptidão profissional.

1908
Ernesto Mattoso

Casamento ao tucupi

(...) A primeira união provisória desse gênero foi efetuada ali há uns vinte anos, sendo contratantes um antigo médico paraense, diretor da Higiene e senador estadual, e uma senhora viúva, moça ainda, educada e bonita. A viúva era livre, mas o senador não estava nas mesmas condições de independência civil, pois que a esposa legal havia enlouquecido e se encontrava em uma casa de saúde, em Portugal. O contrato foi assinado, e o novo casal passou a viver sem constrangimento na sociedade de Belém.

Pouco depois o exemplo era seguido por outras figuras do mesmo cenário. Um despachante da Alfândega, noivo de uma bonita moça filha de um industrial, conheceu de repente outra encantadora criatura, considerada, no tempo, a mais formosa mocidade do Pará. Desmancha o noivado com a primeira e casa com esta. Já dizia, porém, mestre Bocage "que é quase sempre o vício da beleza o gênio amável, condição perjura". Ao fim de alguns anos o desventurado marido espetava as mãos na cabeça, arrependido. Divorcia-se. E, como não pode casar novamente, assina contrato com a primeira noiva, passando a constituir com esta a sua família definitiva.

Com o seu espírito claro e uma compreensão generosa da vida social e dos seus fenômenos, o senador Antônio Lemos, chefe político do Pará durante trinta anos, olhou sempre sem prevenções êsse gênero de casamentos. Isso deu ensejo à oposição para atribuir-lhe o propósito de adotar o processo que não reprovava, aban-

donando a sua velha companheira de quarenta anos para unir-se a uma professora municipal que, pela idade, podia ser sua neta.

Humberto de Campos

O mundo é dos espertos

Desde que se começou a sentir os efeitos horrorosos da terrível crise financeira que ainda assola o nosso Pará, quase tão desastrada quão a seca nortista, um grande número de pessoas foi tomando este hábito de viver parasitariamente, **mordendo** a um e a outro e perdendo mesmo o amor ao trabalho. Tornou-se uma nova arte, um novo ofício este vegetar vergonhoso dos arrebentados. O leitor talvez tenha sido vítima dum bem arranjado ataque ao seu escorrupichado dinheiro ganho tão dificilmente, quão bicudas andavam e andam as cousas e vasqueira a rica **pelega** pela falta, talvez, da borracha. Além desta, outras causas não vulgarizadas concorreram para nossa completa e degradante bancarrota.

Os indivíduos de vida fácil, atacados em primeiro pelos **cocobacilos** da quebradeira, apelaram para a generosidade alheia, implantando entre nós este novo meio de vida, esta nova arte, moderno ofício, que se não era tão vantajoso ao menos tornava-se fácil e algo proveitoso – a filancia.

E filavam e filam ainda de todos os jeitos, de todas as maneiras.

Quantos que não têm família, ou que nunca a tiveram, não vão fazendo morrer mensalmente um pai, um irmão, um parente qualquer e recorrem com subscrições ao público para o custeio dum suposto enterro?! As mulheres, então, tomaram a dianteira e uma chusma de **viúvas** espalhou-se gradativamente pela cidade, onde o povo paraense mostrou sempre a amplitude de seu coração generoso e bom.

Não havia esposa pobre, cujo marido não houvesse morrido no Amazonas ou no Acre, deixando-a só com uma récua de filhos, expostos à maior das misérias que elas, melhor do que ninguém,

sabiam pintar e fazer sentir. Não era preciso falarem; bastava entregarem uma folha de papel almaço dobrada em quarto e as almas generosas deixavam cair as **pelegas** depois de assinarem qualquer nome na **subscrição**. (...) Isto não se dá somente na gente de pé rapado; muitas pessoas de gravatinha lavada e colarinho em pé habituam-se a este meio de vida. Os planos então são complicados e diferentes; mas o calo, a **dentada**, é sempre pregado com arte e sutileza.

1904
Alfredo Ladislau

Antes do IBGE

Os cálculos estatísticos feitos por diversos autores dão para a capital do Pará a seguinte população:

Em 1740	6.574
1788	10.620
1801	12.500
1822	12.411
1825	13.247
1830	12.467
1868	30.000
1872	34.644
1844	70.000
1900	120.000
1905	172.760
1907	192.230

Ernesto Mattoso

Senhores de engenho

Os engenhos de açúcar construídos durante os séculos XVII a XIX, na faixa litorânea de Belém, ficaram agrupados na parte da cidade, assim conhecida a extensão que ia da Travessa de São Mateus, divisa da **Campina**, ao Convento de São Boaventura, onde é hoje o Arsenal de Marinha, tendo como centro o Forte do Castelo.

Nesse trecho estavam localizados os Engenhos reais, dos Senhores abastados, cuja prosperidade era avaliada pela quantidade de negros da Guiné, e dos índios das aldeias missionadas, empregados na fabricação do açúcar e no cultivo dos canaviais.

(...) Dentro dessas propriedades viviam os seus moradores, por vezes, momentos angustiosos. As crises econômicas provocadas pela deficiência de escravos, pela dificuldade da exportação do açúcar e pela concorrência dos fabricantes de aguardente, de maior venda e consumo, geravam verdadeiros dramas na vida dos Senhores de Engenho.

A indolência de alguns, a inépcia de outros, e o desregramento geral que a vida das fazendas permitia, porfiando os homens na posse das negras e das índias, sem que a família ou a religião lhes pusessem freios nos sentidos, concorria também para o descalabro econômico daquelas propriedades.

(...) Como no Rio, em Recife, São Paulo e Minas, nos engenhos do Pará, as mulheres brancas, esposa ou filhas do Senhor, levavam vida acomodada, sem canseiras, servidas por numerosas mucamas, e fugindo sempre, como aquelas, da vista de homem estranho.

Essa existência de quase completo desinteresse pelos negócios de engenho, permita a liberdade dos Senhores e dos seus filhos varões, que tinham desse modo tempo para os seus amores libertinos, com as negras e as índias moças.

Não era de estranhar que o Bispo D. Frei Caetano Brandão, chegando ao Pará em 20 de outubro de 1783, para o governo da diocese, ficasse surpreendido com os costumes dissolutos da sociedade da época.

Ernesto Cruz

Cabeças engalhadas

No Pará é grande a miséria dos costumes e extraordinária a facilidade com que os maridos se deixam levar da veleidade de Tácitos com o antecedente de Cornélios. Pode dizer-se que as árvores aéreas têm lançado raízes naquele país. Passava eu pelo açougue da cidade de Belém, e reparei nas cinco cabeças daquele edifício. Vinha comigo certo governador que implumara duramente muitos maridos, e reparado também, ponderava o despropósito do ministro, que mandara pôr tantas cabeças engalhadas no edifício; e ajuntou: "gente de letras faz os maiores despropósitos em obras". Disse-lhe eu: – Em pedra sim; mas em carne são maiores os despropósitos dos militares.

A causa da descrita miséria é principalmente a muita preguiça que domina aquela gente. Quer comer, beber e andar asseada sem trabalhar.

Acena-lhe quem pode com a bengala, mostra-lhe vestido ou sustento; acode logo e deixa-se como touro agarrochar na alma e na reputação.

1760
D. Fr. João de São José Queiroz
Bispo do Grão Pará

Deputado à minuta

Nas atenções com que me distingue e nas palavras afetuosas que me dirige, quer em público, quer em particular, sinto no governador Magalhães Barata o reconhecimento pelas providências que tomei, autorizado pelo presidente da República, para a tramitação de alguns processos de seu interesse, ligados à política e à administração do Pará.

Ontem, no banquete comemorativo de sua posse, e em que fiquei à sua direita, como representante do presidente da Repúbli-

ca, disse-me ele, em tom baixo:

– Quero ter uma conversa particular com o senhor.

E no fim do banquete, deixando os políticos e amigos que o cercavam, tomou-me pelo braço, levou-me a um dos salões do palácio, e ele próprio fechou a porta.

Em seguida, olhando-me de frente:

– Quero comunicar-lhe que terei o maior gosto em fazer de meu bom amigo deputado federal pelo Pará. Sei que estudou aqui e que aqui tem amigos, inclusive eu. Preciso de sua colaboração.

Apanhado pela surpresa do gesto generoso, que profundamente me comovia, consegui responder-lhe, depois de um silêncio:

– Governador, fico muito grato à sua gentileza. Não sei mesmo como corresponder a tanta bondade para comigo. Mas quero dizer-lhe, ainda emocionado, que eu, se tivesse realmente uma aspiração política, iria insistir com meus conterrâneos, no Maranhão, para que me dessem a cadeira que o senhor me oferece, neste momento, pelo Pará.

O governador Barata caminhou até à janela, no seu passo firme e pausado, sem acercar-se da sacada. Na volta, tornou a firmar em mim os olhos resolutos:

– Nesse caso, indique um nome: será deputado federal pelo Pará quem o senhor indicar.

E eu, ainda mais confuso com o novo gesto do governador:

– Não tenho ninguém para indicar. Mas guardarei comigo, para o resto de minha vida, esse seu novo gesto, que para sempre me penhora. Jamais o esquecerei.

À saída do banquete, contei o caso, ainda extremamente sensibilizado, ao meu velho amigo e colega Océlio de Medeiros, que também veio do Rio para a posse do governador.

Océlio, vivíssimo, agarrou a oportunidade pelos cabelos:

– Tens algum constrangimento em me indicar?

– Pelo contrário. Eu parto amanhã para o Rio. O governador, com toda certeza, irá ao meu embarque. No aeroporto farei a indicação com o maior prazer.

E no aeroporto, assim que o governador chegou, levei-o para um canto, sob a vigilância do Océlio, que de longe, com os olhos,

seguia os meus movimentos, e consegui fazer, sem muitos rodeios, a singularíssima indicação.

Barata retraiu um pouco a cabeça enérgica, de sobrancelhas travadas. E avivando a memória:

– É um moreno? Do Acre?

– Esse mesmo.

E o governador, sem pestanejar:

– O Dr. Océlio será deputado – assegurou-me.

Josué Montello

O Sr. Diretor

(...) Um dos piores males que afetavam a organização interna da Recebedoria, era a impontualidade de seus funcionários. A hora regulamentar do comparecimento deixara de existir para muitos, com prejuízo evidente do interesse geral. Começava-se a trabalhar tarde e acabava-se cedo. Dentro das horas normais do expediente, as partes não encontravam mais quem as atendesse, ou porque o empregado se ausentasse antes de encerrado aquele, o que era comum, ou porque, abandonando a sua banca, perambulava pela dos outros, pitando o seu cigarro ou cavaqueando o seu bocado, em grupos ociosos.

Dois dias depois de me haver sido deferida por V. Exa. a posse legal do cargo, um dos funcionários procurou-me, muito antes de terminar o expediente, para despedir-se de mim até o dia seguinte. Estava veraneando no Pinheiro e ia tomar o vapor por não lhe convir viajar no trem. Alguns minutos decorridos, outro funcionário teve a bondade de levar-me também a sua delicada despedida e a este segundo seguiram-se mais alguns. Era a debandada consuetudinária, que se processava. Tomei medidas para que se não reproduzisse, pondo cada um no seu lugar. Fiscalizei pessoalmente, como ainda não deixou de suceder, a entrada e saída dos empregados e a sua permanência nos pontos de serviço. Sem a

ordem na repartição, fundamento de todo o trabalho sério, não era possível preencher com êxito a função que o poder público me delegara.

Dei a sentir ao impontuais a minha inclinação de ânimo oposta a toda a negligência, e declarei, por forma regulamentar, aos despachantes, que providenciaria imediatamente sobre quaisquer reclamações justas e provadas trazidas ao meu conhecimento, relativamente a preterições propositais, demora ou outros prejuízos ocasionados às partes, e, neste objetivo, tenho sempre agido com segurança e energia.

Não era menos anormal o que se observava nos misteres externos da repartição. Orçava por uma praxe lastimável a ausência habitual de certos conferentes destacados nos pontos fiscais. A hora em que o seu dever os obrigava a estarem ali, passeavam na cidade ou atendiam os seus interesses particulares. Estabeleci um livro de ponto especial para esse serviço, que é levado aos postos de fiscalização uma vez pela manhã e outra à tarde, a horas imprevistas, e puni, por meio de advertências ou censuras aos faltosos, dispondo-me a não pagar as quotas correspondentes ao dia a todo aquele que no momento não estivesse presente. Graças a essas medidas, regularizou-se uma situação que só um ou outro inveterado no abuso se tem permitido alterar, arriscando-se à consequência das sua falta, a que nada o pode eximir, por isso que sou irredutível na punição merecida.

1922
Paulo Maranhão

Inquilinos e senhorios

No Pará não existem as exigências e vexames dos proprietários. O alugador ajusta o preço mensal da casa que aluga para sua residência e nela permanece o tempo que quer, sem multas, sem ter a obrigação de prevenir antecipadamente a data em que quer mudar-se, sem pagar um só real por tempo que não habite mais no prédio.

(...) Casas há que custam de 30 a 40$000 réis de aluguel mensal (50 a 60 fr.) como as há de 600$000 réis (900 fr.); – para uma pequena família de 3 a 4 pessoas os aluguéis regulam de 80$000 a 150$000 réis (120 a 200 fr.) por mês.

O aluguel é pago mensalmente e se morar um ano e um mês só paga um ano e um mês; se morar três anos e 15 dias ou 6 meses, ou três meses e 15 dias, só paga os anos ou os meses e os dias que ocupou a casa e a não ser que haja verdadeiramente estragado o prédio, nenhuma indenização tem a pagar ao proprietário.

Parecerá que este regime é oneroso para o proprietário, mas a verdade é que no Pará, como em quase todo o Brasil, as propriedades urbanas constituem um dos melhores, mais rendosos e mais seguro emprego de capitais.

Todavia, nas ruas comerciais, onde os grandes estabelecimentos e casas de negócio estão agrupadas, as casas são todas alugadas com contratos entre o proprietário e o alugador. Convém notar, porém, que nestes casos o interesse de fazer contrato é inteiramente do alugador.

1908
Ernesto Mattoso

Um douto Tupinambá

O Sr. Dr. Antônio José Pinheiro Tupinambá, residente na cidade de Belém (Pará), escreveu e pretende publicar um volumoso e importante trabalho, com o título de "Análise filológica das vozes radicais da língua ario-tupi ou idiona tuoinambá".

É como uma espécie de dicionário. Transcrevo aqui, para dar, de alguma sorte, idéia do livro, o seguinte trecho do prólogo:

"Para patentear aos filólogos as excelências da língua aborígene da minha pátria, língua inconvenientemente classificada pelos sábios entre as bárbaras, porém que eu provarei pertencer à família ariana e ser afim do sânscri-

to, zend e grego, e como um protesto vivo contra a opinião dos que lamentam que o Português se vá degenerando e transformando entre nós, publico o presente trabalho, excerto de meus inéditos sobre a etnografia brasílica, estudos em que de há muito me ocupo e que publicarei sucessivamente quando as circunstâncias mo permitirem."

1873
Cônego Francisco Bernardino de Souza

Fecundíssimo e inédito autor

Do médico Antônio Correa de Lacerda, não mais encontramos notícias no Pará, mas no Rio de Janeiro, a cuja Biblioteca Nacional entregou os autógrafos das suas muitas obras e vale mencioná-las. Português, de Vila Ponte, 1777, diplomou-se Médico e Naturalista, na Universidade de Coimbra, fixou-se no Brasil, em Belém do Grão-Pará, fez clínica e política, mas depois de 1824, ao 47 anos de idade, notabilizar-se-ia Naturalista, coordenando pesquisas e escrevendo, ao que se supõe no Rio de Janeiro, as obras: *Observações diárias termo-hidro-barométricas tomadas na cidade de Belém do Grão-Pará; Flora Paraense e Maranhensis*, 2 volumes; *Nora Genara Plantarum et non bene descripta*, 2 volumes; *Chimiologia Vegetal*, 2 volumes; *Zoologia Paraense*, 9 volumes; *Tratados acerca da História Natural do Pará, desde 1822 até 1830*; vários opúsculos sobre matéria médica, em português, latim, francês e inglês. Faleceu em 1852, aos 75 anos de idade.

Ricardo Borges

A BELÉM DA FICÇÃO

Começo de noite

A folha estava datada de Belém. Lendo o nome da capital do Pará, o seu contentamento aumentou. Era em Belém, na capital, que se falava dele, na grande cidade comercial que é o empório da riqueza e civilização do Amazonas, onde se resume toda a vida intelectual das duas províncias gêmeas.

Padre Antonio de Moraes era célebre em Belém. Ali, na grande cidade, falava-se nele àquela hora do dia. O Felipe do Ver-o-Peso, o Reitor do Seminário, o Padre Azevedo estariam, talvez, lendo e relendo o famoso artigo, transportados de admiração e cheios de enternecimento.

E súbito lhe veio clara e perfeita a recordação da sua chegada à capital do Pará, quando fora para o Seminário, mandado pelo padrinho. Era então um rapazola de quinze anos, de negras melenas caídas sobre os olhos e de magras formas angulares de camponês robusto.

Recordava-se bem. A noite vinha, pesada e escura, envolvendo em lâminas de chumbo o horizonte curto de que se destacavam as torres da Sé, e mais longe as do Carmo, por cima do casario, sujo de pó vermelho, aglomerado em ruas estreitas. Renques de varas cercavam os espaços não edificados, abrigando mal da indiscrição dos transeuntes os poucos limpos quintais, logradouros de galináceos e de não raros suínos, escapos às vistas grossas dos fiscais da Câmara. Quase em frente ao Ver-o-Peso, onde atracara a galeota

do padrinho, o velho casarão do governo fechava a vasta praça verdejante, em que os sendeiros da polícia montada pastavam sossegados, sob o olhar cubiçoso de numerosos urubus, empoleirados no alto do telhado do Palácio, cujas janelas abertas de par em par pareciam aurir sofregamente a mesquinha aragem do mar, que os coqueiros se transmitiam dum para outro, no balanço indolente das palmas flexíveis. Os últimos raios do sol esbrazeavam as vidraças poeirentas da igreja de Santo Alexandre, dando-lhe reflexos metálicos, duros à vista, e punham nas águas do canal uma restia de luz fugitiva e trêmula. Um acendedor do gás rodeava o largo a passos apressados, armado duma vara, em cuja extremidade brilhava um ponto luminoso que, de longe, parecia um vagalume grande, estonteado a procurar o abrigo dum mato protetor. A medida que o acendedor passava, uma sucessão de pontos luminosos pingava a indecisa claridade do último crepúsculo de manchas pálidas, que se ruborizavam pouco a pouco, dando aos objetos um saliência fantástica. As árvores da praça pareciam afagar com as ramagens as nuvens negras que lhes passavam por cima, caminhando lentamente para o sul em esquadrão cerrado. Vultos de homens passavam devagar por baixo do arvoredo, projetando na selva a sombra comprida e esguia, e os corvos assumiam proporções enormes, cobrindo os telhados com as asas negras e inquietas.

Do lado do bairro de Santa Anna um surdo murmúrio, o último ruído da agitação industrial, de carroças que se recolhiam, de quitandas que se levantavam, de portas que se fechavam, traduzia o fim do dia para os homens de trabalho que iam repousar, exaustos de calor e de fadiga. Negras da Costa, com as panelas de **tacacá** e de **quibebe** equilibradas sobre as rodilhas de riscado, que em forma de turbante lhes cingiam a carapinha, passavam, balançando os quadris num descadeiramento ridículo e enchendo o ar de forte catinga suarenta, que se misturava ao aroma irritante do trevo e da mangerona exalado pelo penteado das mulatas, e ao pixé nauseabundo dos resíduos do Ver-o-Peso. Raparigas de cor, arrastando servilhas de marroquim vermelho ou verde, ofereciam aos olhos dos homens o busto moreno meio nu, apenas velado pela fina ca-

misa de renda, decotada e de mangas curtas, mais excitante do que a nudez. Os negociantes de retalho, em mangas de camisa, pescoço nu, calças de brim, chinelos de tapete ou de couro claro, cavaqueavam com pachorra à porta da loja, ou sentados à beira do canal, sob as árvores quietas, abanando-se com ventarolas de papel. Homens vestidos de casimira, com ares de empregados públicos, avançavam lentamente, opressos pelo alto chapéu de seda, que lhes aquecia a cabeça, e contendo a custo nas mãos úmidas o guarda-chuva previdente e pesado, trocavam, a furto, olhares de inteligência com as mulatas de camisa de renda. Carroceiros portugueses, baixos e barbados, carrancudos, suados, recolhiam-se com as suas carroças de duas rodas, que uma parelha de burros puxava a custo, depois dum dia inteiro de labutar contínuo por um calor de Janeiro. Dois ou três padres saíram do colégio descendo a calçada com passo grave, e dirigiram-se para fora da cidade pela Estrada de S. José, cujas grandes árvores, salpicadas de luzes, estendiam-se a perder de vista pela frente de rocinhas elegantes e ricas. Caleças, puxadas a dois cavalos, passavam pela porta do Palácio, vindo da Travessa da Rosa e tomavam pela Rua da Cadeia. Os cocheiros estalavam o chicote, e o ruído dos trens punha, por momentos, uma nota alegre na tristeza monótona da praça.

1888

Inglês de Souza

A jangada de João da Costa

Finalmente apareceu à esquerda Santa Maria de Belém do Pará, a **cidade**, como lhe chamam, com as suas pitorescas filas de casas brancas de muitos andares, os seus conventos circundados de palmeiras, as torres de sua catedral e de *Nuestra Senõra de la Merced*, a sua flotilha de escunas, brigues-barcas, que a põem em relações comerciais com o velho mundo.

(...) apareceu-lhes Belém em seguida a haver a jangada dobrado

um cotovelo de rio.

A jangada era esperada havia muitos dias. Toda a cidade sabia a história de João da Costa. Toda a gente estava à espera deste homem honrado! Tencionavam fazer-lhe uma simpática recepção, tanto a ele como a sua família.

Centos de embarcações vieram ao encontro do fazendeiro, e dentro em pouco a jangada foi invadida por todas as pessoas que queriam festejar o regresso do seu compatriota, após tão longo exílio. (...) Na margem aglomerava-se quase toda a população de Belém, que trajava os seus fatos domingueiros.

Júlio Verne

Sem guinadas

Belém, o empório do comércio da Amazônia, assente à margem da Baía de Guajará, surgia ao amanhecer do quinto dia de viagem. Algumas horas antes de se esboçarem no horizonte as lanças das torres das catedrais, de se avistar a mastreação dos navios, que cobriam as águas com os negros bôjos ondulantes entaipando o espaço com uma floresta de mastros, o vapor deixou de jogar e quieto navegava sem uma guinada.

1899

Rodolpho Theophilo

O navio amarrado

Agora a terra estava próxima e chegou o momento em que enxergaram na distância o casario de Belém. (...) Com a luneta ao olho examinou a cidade, as casas de azulejo portugueses, a pitoresca agitação do mercado do Ver-o-Peso, o ancoradouro da Port-

of-Pará onde ia encostar o Ita. (...)

– Com quantas amarras, Comandante, vamos amarrar o navio ao cais de Belém?

(...) – Com todas.

Entreolharam-se, surpresos, os oficiais de bordo, por um momento estupefactos. (...)

– Quantos ferros, Comandante?

– Todos!

(...) – Quantas manilhas?

– Todas!

(...) Baixou a cabeça Vasco Moscoso de Aragão, sua caída crista. Era a zombaria de todos, o riso que se alastrava pelo cais afora, atingia a cidade, fazia com que viesse gente correndo para ver o espetáculo do Ita amarrado ao cais de Belém como se fosse chegado o dia do juízo final (...).

(...) Vasco adormeceu de sono profundo e sem sonhos, com o calor e a cachaça. (...)

Foi ele, assim, o único habitante da cidade de Belém do Grão Pará a não sentir no coração, naquela noite, o terror supremo, o frio da morte, a sensação do fim inapelável. (...)

Porque, naquela noite (...) desencadeou-se sobre o porto e a cidade de Belém temporal nunca visto, furacão sem exemplo, a maior tempestade de todos os tempos na história daqueles mares do equador. (...) Durou tudo apenas duas horas, e, se uma hora mais durasse, teria desaparecido do mapa a cidade de Belém com seus azulejos portugueses e sua graça antiga.

Desapareceria a cidade de Belém, engolida pelo dilúvio, levada pelo tufão, mas continuaria o Ita a seu cais amarrado, com todas aquelas amarras ordenadas pelo comandante Vasco Moscoso do Aragão, capitão de longo curso (...).

Jorge Amado

Questão de olfato

TRUCCO – Isto parece Lisboa. Você já esteve em Lisboa?
GALVEZ – Conheço Lisboa, uma bela cidade.
TRUCCO – Até o fedor de Belém é português.

Márcio Souza

Os do interior chegando

(...) Custou a manobra do barco para entrar no Ver-o-Peso, o cais das embarcações a vela que vinham do Guamá, Ilhas, Salgado, Marajó, Tocantins, Contra-Costa... Até vestir aquele fato novo, feito na loja, custou. A meia custou a entrar, as ligas de borracha apertavam nas pernas onde as marcas de feridas pareciam doer. O sapato, ao calçar, doeu-lhe. Agora, o barco descançava naquele abrigo, ao lado do Necrotério, liberto do mau tempo. Preferia que houvesse atracado defronte das quatro torrinhas do Mercado de Ferro que davam a Alfredo a impressão das casas turcas vistas no Dicionário Ilustrado. Ou perto das canoas de peixe, ou na escada junto às embarcações de mel, alguidares, jarros e uninós de barro? Vermelhos urinós de barro cozendo ao sol. Mas o "São Pedro", como todas as embarcações do Arari, encostavam sempre ao lado do Necrotério, a proa olhando os velhos sobrados comerciais que se inclinavam sobre a pequena praça para saudar, à maneira antiga, as canoas que entravam e saíam.

(...)

Debaixo das mangueiras do Largo do Palácio, espalhavam-se famílias que só vinham mesmo para ver a trasladação e o Círio e voltarem logo. Não tinham conhecidos, parentes e aderentes na cidade para uma hospedagem. Esperavam, pediam que a noite chegasse. Então, eram aqueles seus penteados, as saias gomadas,

descalças por promessa, pés enormes na calçada, pés de roçado e beira d'água. As moças, saquinhos e lenços cheios de doces na mão e no colo, sentavam nos bancos do Largo, cruas da cidade e silenciosas espiavam. Ah, mas como espiavam. Senhoras davam o peito aos seus curumins e havia uma, de seio cor de chocolate e teso, pronta, aos olhos de Alfredo, para amamentar as outras crianças ali por perto chorando. A jitinha dela, farta, brincava era com o bico do peito que a mãe tinha esquecido de recolher. A população romeira se derramava dos barcos, canoas, igarités, curicacas, batelões, traqueteiras, vigilengas, todas as embarcações a remo, vela e algum motor.

Habitavam o Largo, corriam a ver a cidade. A Cidade. Alfredo olhava. Via os telhados, as mangueiras cobrindo aquele acampamento, as andorinhas. Errava um cheiro de criancinha verde e doces, de peito de mãe. Subiu um foguete. E pela beira da praia o peixe frito se misturava ao azeite de andiroba, cumaru e ervas. Blocos de gelo nas canoas geleiras atiçavam as sedes e a curiosidade. Decarregavam peixe. Alfredo reparava nas bocas. Umas comiam, quantas fumando, aquelas gritavam, cantavam, cuspiam. As bocas. Aquele tapuio agarrado a um cabo de proa, corpo liso, lustroso, só de calção, os dentes rasgavam-lhe a boca numa risada que era uma arte, de tão bem rir. E o som das violas? Lá pelos fundos daquela acumulação de embarcações, esprimida e fininha, chegava até as orelhas de Alfredo um sopro de clarinete.

(...)

Voltava-se agora para os cestos, fogareiros de barro, bichos, cachimbos, ah, este um, aqui, eu fumava. O gosto de provar de todas as farinhas ali expostas nos paneiros em plena calçada não atingida ainda pela maré. Pôs-se a provar desta, daquela, a amarelinha, a bem torrada, fingindo enfado, competência, exigente no escolher. Cada melancia, aquele ananás, uns muçuãs que deviam estar gordinhos, a tracajá virada, Deus!, o doente da pele bebendo mingau no quiosque. Um velhusco, suada a camisa colando nas costas, a bagana na boca, conferia pules de bicho. O doente da

pele, depois do mingau, olhava... Que olhava? Sim, que olhava, se indaga Libânia. Depois, aquela rapariga de perna inchada-inchada, no rosto um rouge como uma queimadura. A carroça fazia mudança, atravancando a rua. Um papagaio foge da bagagem. Anda cá, meu sacana, repetia o carroceiro. O papagaio gritava: que bicho deu? Vem cá, Madá, vem cá, Madá! Fugindo do carroceiro que corria atrás, atirando-lhe nomes, o bicho voou para a proa da "Nossa Senhora dos Navegantes", gritando, vaiando. Libânia acudiu, foi na canoa, deu a mão ao louro que lhe deu o pé e o cavalheiro voltou para a carroça. Libânia se viu rodeada de canoeiros. E cada atrevimento na boca dum, doutro, do mais confiado, cada assobio em cima dela. E ela navegando entre aqueles atrevimentos, ditos, assobios, velas, maré, coisas de barro, copos de cana erguidos à sua passagem. Medo de ser arrebatada por um canoeiro daqueles, metida numa daquelas misteriosas camarinhas que cheiravam a tabaco, peixe e couros de bichos. Dos cofos abertos, que se derramavam das vigilengas, fugiam os caranguejos. Desciam a calçada, ganhavam a linha do bonde, invadindo a cidade. Lá se ia Libânia apanhando um e como sabia apanhar, experimentando a unha do bicho, ouvindo os aplausos da calçada, logo soltando o caranguejo, a cara de nojo ao ver a mão enlameada.

(...)

(...) seu Alcântara dizia que Belém podia se conformar de uma vez para sempre: nunca mais via bons circos. Era uma cidade acabada. Visse a flotilha da Amazon River criando bicho no Guajará, a Caixa D'Água com as suas três panelas grandes sempre vazias se cobrindo de ferrugem sobre um bairro infeliz. Visse a Estrada de Ferro, o mercado de São Brás, a fachada já tão encardida, os avisos de guerra apodrecendo no Curro Velho...

– O inglês fez o que bem quis. Nos explorou com a navegação, com o porto de Belém com um contrato de 99 anos. Pelo contrato, aqueles armazéns tinham de ser de cimento... Tu fizeste? Lá estão... E por cima nos rouba as sementes de seringueira.

(...)

E por fazer tacacá tão bem, merecia anel no dedo, senhora dona no molho do tucupi, no ponto da goma, escolha da pimenta, jambu e camarão, no mexer com a colher de pau a panela de barro e cortar com a colher de sopa o tacacá na cuia ao servir. Ali no canto, o ponteiro nas duas – o relógio da padaria defronte –, sentava a sua banca, seus bregueços, os panos alvos, seu asseio. O quarteirão rodeava então ela, um povo, a sua freguesia, tacacá não chegava.

(...)

Até o bonde ia vagaroso.

E meio sujo, seus passageiros afundavam-se num silêncio e apatia indefiníveis. Pareciam fartos de Belém enquanto o menino seguia com uma crescente gula da cidade. O bonde, cuspindo e engolindo gente, mergulhava nas saborosas entranhas de Belém, macias de mangueiras, quintais com bananeiras espiando por cima do muro, uma normalista, feixes de lenha à porta da taberna, a carrocinha dos cachorros que os levava para o fogo, na Cremação, o moleque saltando no estribo e logo descendo como se fosse pago para aquilo, tabuleiros de popunha que transpiravam ao sol, a bandeirinha mais roxa que vermelha de açaí, um menino de calça encarnada, o portão arriando ao peso de um jasmineiro em flor.

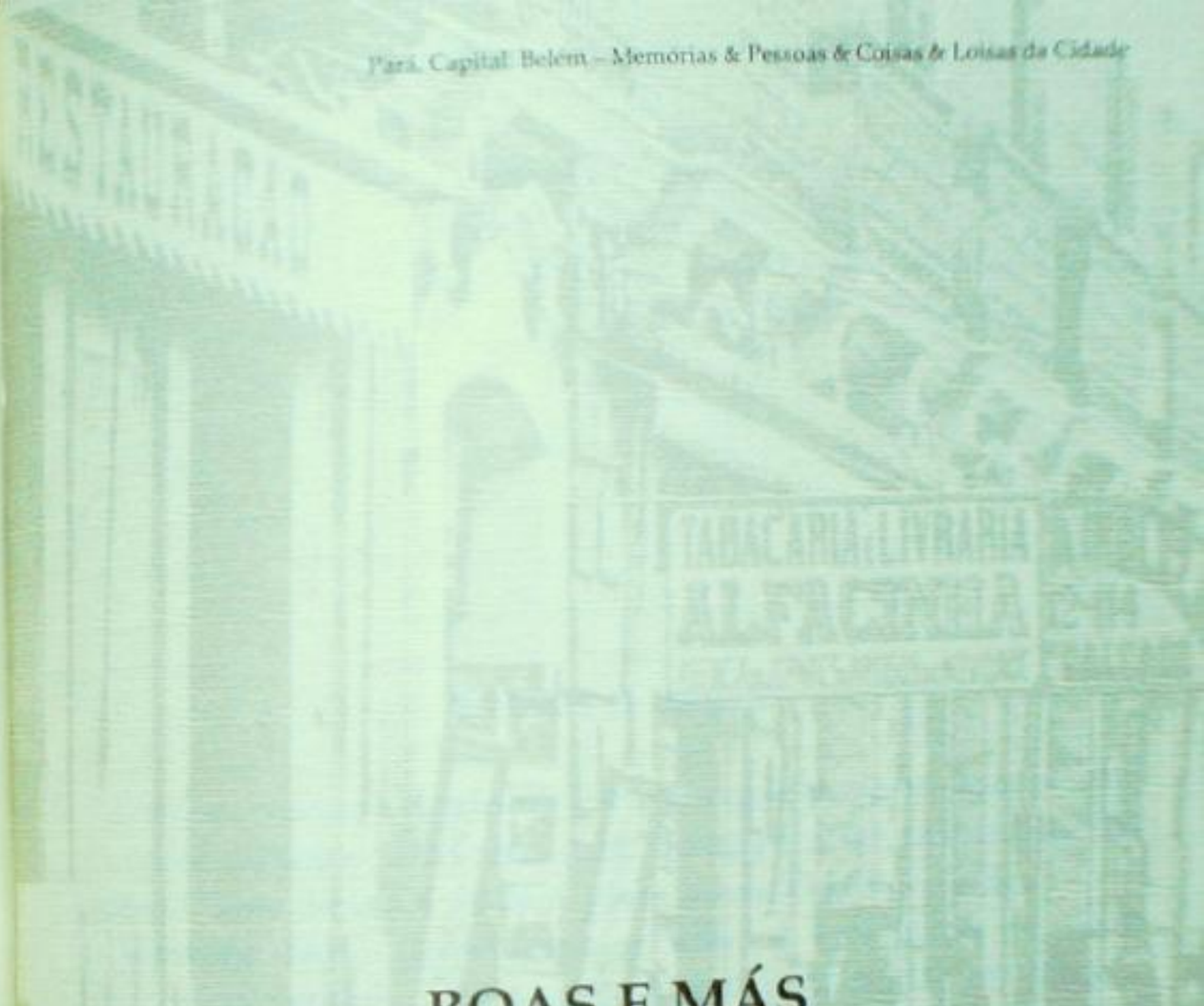
(...)

Passaram pelo Largo de Nazaré, a Basílica em tijolos ainda, a antiga igreja ao lado. Cobrindo o Largo, mais monumentais que a Basílica, as velhas samaumeiras. À esquina da Gentil com a Generalíssimo, saltaram.

A cidade balançava ainda. Ou estava tonto com os cheiros de Belém?

Dalcídio Jurandir

BOAS E MÁS RELEMBRANÇAS



Versos e onças

Um bom costume viçava no Pará: era que ninguém fazia versos. Colige-se do começo de uma carta do bispo a frei Manuel do Cenáculo: "Meu amigo e senhor, parte a nau e eu fico aqui...

Valha-me Deus, que principiei a carta em tom lírico e de outeiro! Pois na verdade, não se ouvem por aqui cantar as musas... Nestes sítios tudo são obstruções nos órgãos da melodia, por isso é que não se escutam as musas, vendo-se mal substituídas no bramido das onças..."

1760
D. Fr. João de São José Queiroz
Bispo do Grão Pará

A cidade surpreende

(...) No Pará tive uma lancha especial oferecida pelo Senador Lemos e alguns rapazes de talento. Passei ali duas horas inolvidáveis – e nunca esquecerei a surpresa que me causou aquela cidade. Nunca São Paulo e o Rio terão as suas avenidas monumentais, largas de 40 metros e sombreadas de filas sucessivas de árvores enormes. Não se imagina no resto do Brasil o que é a cidade de

Belém, com os seus edifícios desmesurados, as suas praças incomparáveis e com a sua gente de hábitos europeus, cavalheira e generosa. Foi a maior surpresa de toda a viagem.

1904
Euclides da Cunha

Sem teto e sem pão

Ao chegar a Belém do Pará, mais carregado de sonho literário do que o navio trazia de borracha, o homem que se dizia meu protetor e se havia oposto a que eu saísse do Madeira, desejoso de não se preocupar mais comigo, quis enviar-me de novo para um seringal. Eram todas as minhas aspirações que caíam, tão indefesas como os frutos ainda verdes que os garotos, perto dali, faziam tombar, à pedrada, das belas mangueiras que ornamentavam as praças de Belém. Decidi resistir, primeiro com a humildade que a minha mãe me recomendara antes de eu abalar para o Brasil; logo, com as palavras sóbrias e dignas que a própria dureza da vida me ensinara, quando ele, da cabeceira da mesa onde almoçávamos, me gritou, todo vermelho de cólera, que "não estava para me sustentar mais tempo". E, assim, de repente, me encontrei sem teto e sem pão na cidade onde não conhecia ninguém.

Ferreira de Castro

Um repórter

De regresso do rio Mapuá, eu havia entrado para o hospital da Beneficente Portuguesa, em Belém, naquele ano de 1909. E acabava de ter alta, após a primeira intervenção cirúrgica de que fui vítima neste mundo, quando me ofereceram um lugar de repórter, na "Folha do Norte".

Eu tinha, já por esse tempo, com esse matutino, uma dívida de gratidão. Tinha sido nas suas páginas que haviam aparecido os meus primeiros sonetos, quando eu era, apenas, empregado no escritório de Montenegro & Companhia. Fora ela o campo das minhas primeiras escaramuças de polemista incipiente, e o veículo de duas dúzias de artigos que eu mandara do Ceará, e em que descrevia as minhas viagens pelos sertões do Nordeste. E, agora, ia dever-lhe um amparo novo, com um ordenado mensal de cem mil réis. Antônio Praxedes, administrador do Hospital dos Lázaros, ofereceu-me hospitalidade, dando-me a casa e o pão. E eu, que até então me consagrara ao comércio, passei a viver exclusivamente da minha pena, ou, melhor, do meu lápis, anotando pequenas novidades de rua.

Humberto de Campos

Saudades de si mesmo

Eis-me de volta a Belém, depois de muitos anos de ausência. Porque, durante oito meses, entre abril e dezembro de 1936, foi esta a minha cidade. Cheguei aqui num time de futebol, graças à passagem que me deu o poeta Ribamar Pinheiro, uma tarde, no Café Excelsior, em São Luís.

Eu atravessava o Largo do Carmo, para ir ver uns livros portugueses que a Tipogravura Teixeira andava liquidando, quando o poeta gritou por mim. E fazendo-me sentar à sua mesa:

– Não queres ir a Belém? Tenho aqui uma passagem disponível, na delegação que vai jogar com o selecionado paraense. Se quiseres, ponho o teu nome, e fazes essa viagem. Eu ia, mas não posso sair daqui agora. Irás em meu lugar.

Eu nunca tinha deixado a minha cidade, minha família, meus amigos. De repente, tomei uma decisão: iria para ficar. Já era tempo. Tinha de abrir caminho no mundo, com a minha tenacidade. No entanto, quando me vi só, num quarto de hotel da Rua Cam-

pos Sales, com uma cama de ferro, uma pequena mesa, um guarda-roupa, e a mala de viagem, rompi a chorar, estendido ao comprido da cama, com as mãos sob a nuca, a olhar o fio comprido que descia do teto, ao meio do aposento, segurando uma lâmpada sem abajur.

Um mês depois, já a cidade era minha. Tinha amigos e companheiros no pré-jurídico do Colégio Paes de Carvalho, e escrevia no **Estado do Pará** e na **Semana**, depois de ter ganho um concurso de oratória que me proporcionou, como prêmio, uma carteira de couro (para o dinheiro que eu não tinha), um livro de meu conterrâneo Humberto de Campos (que eu já tinha lido), e uma namorada (que me fez conhecer a pé o silêncio e a paz da Cidade Velha).

(...) O Café Manduca, numa das esquinas da rua estreita, ainda é o mesmo de meu tempo. As cadeiras, as mesas, o balcão corrido, com a vitrina dos cigarros, permanecem nos seus lugares. Mas faltam as pessoas. E isso faz de um passado recente uma hora distante.

Sento-me a uma das mesas, circunvago o olhar pelo salão, como se me animasse a esperança de ver entrar por uma das portas, no seu passo miúdo, a figura de Raimundo de Morais. Todo de branco, chapéu de palhinha, pincenê, bengala de castão de prata. Lembro-me bem: foi aqui, em maio de 1936, que conheci o mestre do *País das Pedras Verdes* e das *Cartas da Floresta*.

(...) Do outro lado da praça, aquela casa de esquina, em frente ao prédio do ginásio, é também minha casa. Morei naquela sala da frente. A um canto, era a minha rede. Onde estão os pássaros que cantavam ao romper do dia e ao cair da tarde? Vou andando, mas estou na minha janela. Como se estivesse ali, de pijama juvenil, debruçado na sacada, à espera deste homem quase quarentão que vai aqui, carregando emoções e lembranças, de braço dado à companheira que com ele tudo comparte, mas com quem agora não pode dividir as saudades de si mesmo.

Josué Montello

Naufrágio no Guajará

(...) a origem amazonense da nossa família. (...) Meu bisavô conseguira afazendar-se ali com bastante gado e fazia comércio entre Belém e o interior. Menino de 14 anos, meu avô fora incumbido de ir buscar mercadoria na capital do Pará, numa grande barca, levando consigo trinta contos em ouro. Acompanhavam-no um casal de pretos velhos para os serviços da embarcação e um preto moço. A barcaça em meio da viagem naufragou nos caldeirões do estuário. Os velhos desapareceram com ela. O menino e o escravo tinham se atirado à água, tentando nadar com o peso das moedas que queriam salvar a todo o custo. O ouro arrastava-os para o fundo. Resolveram largar a fortuna que lhes fora confiada.

A criança resistiu. O negro moço afogou-se. Durante seis horas, o menino lutou com as águas infindáveis sem atingir a terra distante. Mas, ao cair da noite, encontrou uma canoinha e, redobrado as energias quase extintas, alcançou-a. Era um morfético que esmolava pelo rio. Recolheu o pequeno náufrago e deixou-o exangue e nu na margem.

Minha raça tinha sido salva numa canoa de leproso.

Oswald de Andrade

Vila da Barca

Quando se viajava no bonde do Curro, até o fim da linha, e se descia a Rua de Belém, rumo ao Curtume Americano, ia-se encontrar como ainda hoje, vários becos que levam a um labirinto de caminho sobre estivas. Ao fundo, confundindo-se com a lama e os detritos das marés, destacava-se o vulto negro da carcaça de uma barca, esboroando-se ao tempo. Ignorava-se, ao que parece, quando ali foi ela encalhada. Conta-se, todavia, que a firma Manuel Pedro, empreiteira de obras civis, há anos desaparecida, construíra essa embarcação para transportar madeiras e trazer, sobretudo

de Portugal, carga e trabalhadores. As gerações de meio século a esta data, creio nada saberem sobre as causas determinantes do abandono da famosa veleira, que, enquanto em bom estado, serviu de morada a gentes sem domicílio certo. Depois, como fossem chegando novos moradores, os mais expeditos utilizaram o madeiramento da barca e, nos lugares menos alagadiços da várzea, levantaram casebres palafitários. Daí nasceu a **Vila da Barca**. (...)

Bruno de Menezes

Chegada de um peregrino

(...) Belém... Se eu vos contasse o que foi a sensação do meu primeiro contato com esta cidade amada! Cheguei à noite e não pude desembarcar. Diante de meus olhos palpitantes cintilavam as luzes da cidade: as lâmpadas de arco-voltáico, lívidas e trêmulas, dos armazéns da **Port of**, do Boulevard, do Ver-o-Peso... E no veludo das sombras noturnas, o recorte das três panelas verdes da Caixa d'Água, e os perfis longínquos das torres da Sé e de Santo Alexandre.

No dia seguinte, ao desembarcar, diante das velas coloridas e dos mastros ensarilhados do Ver-o-Peso, senti que pisava terra amiga e acolhedora; solo bom e generoso – e fui para casa de um amigo no bairro da Sé – chão velho onde a cidade nascera.

Peregrino Júnior

A chapa do hino

(...) o Hino Nacional, em tempo que longe vai e foi a Idade do Gramofone, era sabido, de cor e salteado, pela gente da alta e a arraia miúda, assobiado na rua por bucheiros, fruteiros e pequenos doceiros, estes os precursores dos atuais mundubizeiros e vendedores de picolés.

Fase áurea do fonógrafo, família que se respeitasse não lhe dispensaria a presença na sala de visitas. Grande, de alto preço, que a gente via logo pela corneta, que mais parecia um sino no tamanho... Gentinha moradora em barraca, de zinco ou de palha, igualmente os possuía. Mais modestos, com corda que durava apenas para meia **chapa**. Esses, de repente, entravam a enrouquecer. A voz, de ordinário esganiçada, engrossava. Era o sinal para dar à manivela. Da operação, súbito o gramofone entrava de novo a gritar, em alegria quase humana de quem saíra de uma entaladela...

Na sua popularidade, o fonógrafo tinha infalível pouso nas quitandas de frutas. Aí, dos quatro ou cinco discos do repertório, o bastante para atrair fregueses e apoquentar a vizinhança, indefectível o do Hino Nacional.

(...) Todo disco, por isso mesmo, antes de atacar a música ou a cantiga, era anunciado, por exemplo: "Nair. **Shottisch**, cantado ao violão pelo Mário". Esse Mário e um tal Eduardo das Neves eram os ases do disco àquele tempo. Mais festejado só o "Choro do Malaquias".

Com o Hino Nacional, tocado pela Banda do Corpo de Bombeiros, uma variante: no final, cessada a última nota, era fatal estentórico: "Viva o Brasil!"

De tal maneira regasto, na repetição obrigatória, sempre que esgotada a provisão da minguada **discoteca**, o Hino Nacional teria de estar presente, enraizado, na alma e na voz do povo. Qualquer tipo de rua sabia-o cantar. Até donas de casa, ensaboando seus trapos na tina do quintal, junto da torneira ou do poço, apraz-ia-se no vozear, como cantiga da moda, o "Ouviram do Ipiranga às margens plácidas", dando-lhe até, com frequência, dulçoroso ritmo de modinha...

A coisa tanto se generalizou que a necessária proibição afinal foi decretada. (...)

Antes que isso ocorresse, um entusiástico audiente do Hino Nacional eu recordo. O patriota outro não era que o celebrado **Mes-**

tre Martinho, o dos mastros do Divino Espírito Santo no Umarizal.

O gramofone em que o ouvia era da casa de Seu Gomes.

(...) Ia ouvir os discos novos que Seu Gomes trazia de Manaus. Quando algum lhe dava no goto, era certo o pedido:

– Arripita, Seu Gome! Arripita!

Nesse número, sempre o Hino Nacional, que não era disco novo, mas o Mestre adorava.

Dois discos, numa das chegadas de Seu Gomes, levaram Mestre Martinho a visitas por três noites seguidas. Eram a "Serenata na porta do cemitério" e "Já não tenho aquela certeza"...

O preto velho casquinava, esfregando as mãos, marota expressão nos olhos ao ouvir a história do "Procópio da Silva Pirão, que, chamado pela mulher, à hora de se deitar, para lhe enfiar os brincos nas orelhas, tateava sem acertar... E ante a censura irritada da cara-metade, explicava que o homem, quando velho, **já não tem aquela certeza**..."

Lá vinha, então: mudança da agulha, nova corda, repetição da cantarola pícara, Mestre Martinho pedindo, eufórico:

– Arripita, Seu Gome! Arripita!...

Depois, à despedida, era infalível:

– Agora, Seu Gome, bote a chapa do Hino.

De Campos Ribeiro

Convalescência no Murubira

Isto aconteceu no Pará, há muito tempo; tinha acabado a epidemia de espanhola e eu ia fazer oito anos.

Papai, o homem mais forte do mundo, o mais bonito e o mais valente, quase morreu de gripe e estava tão magro, tão branco e tão medroso, que não tinha coragem de sair na rua sozinho. Eu é que andava com ele, de braço dado feito uma moça. Na hora em que ele teve a vertigem, em pleno Largo da Pólvora, e quase cai na calçada, fui eu sozinha que chamei o automóvel; e quando o carro

buzinou da porta de casa e mamãe correu, chorando, fui eu que disse para ela que não se assustasse, que não tinha sido nada.

Papai voltou para a cama, e o médico disse que ele precisava convalescer na praia. Fomos, então, para o Murubira, no Chapéu Virado: lá o mar não é mar, é o rio: as ondas são de água doce; nas praias de areia branca há enormes mangueiras centenárias, e aqui e além, debaixo das árvores, pequenos chalés de madeira, leves e rústicos, pintados de listras de cor.

Eu já sabia nadar e passava os dias de roupa de banho, brincando sozinha, pescando marisco à beira d'água; estava tão queimada, tão corada, tão crescida, que parecia ter nascido ali; e talvez nem me lembrasse mesmo de outra existência e de outros lugares, tão feliz vivia, tão solta, entre a areia e o mar.

Rachel de Queiroz

Belém – 1949

A luz é fraca apesar do extraordinário esforço dos vagalumes.

...

Aviso aos navegantes: se por acaso virem um zepelim solto na rua, não se assustem – é um ônibus.

...

O caboclo nunca tinha andado de avião e veio logo de Porto Velho por sobre aquele mundo de água e mato.

– Do que é que você gostou mais na viagem?

Pensou um pouco:

– Do lanche.

...

O vendedor de coisas típicas logo viu que tratava com um cavalheiro diferente e compreensivo. E ofereceu-lhe um guaraná em forma de macaco-prego, figurinha proibida pela moralidade local.

Comprei a oferta, cuja única imoralidade constituía no preço. E quero crer que a mesma vigilante moralidade esteja providencian-

do a extinção, na floresta amazônica, da indecorosa raça dos macacos-prego.

...

E depois de quase um mês de planície amazônica, como sentisse a necessidade premente de ver jacarés e sucuris, fui fazer uma visita ao Museu Goeldi.

...

Na noite morna, de transtornante luar, despeço-me das mangueiras sonolentas em pundonorosas camisas de dormir, que, colantes ao tronco palpitante, vêm em pregas cair até o chão.

Marques Rebelo

Madame Urubu e outras madames e cavalheiros

Passava **Madame Urubu**, toda de branco, duas trouxas nas mãos. (...) se lhe perguntávamos para onde ia, ela respondia apenas que estava de mudança. Nunca deixou de usar aquelas trouxas, atestando que procurava diariamente uma nova moradia.

– Madame Urubu, já arranjou casa?

– Madame Urubu, onde você mora?

Ela parava para explicar, numa linguagem que ninguém entendia. Não encontrara lugar para morar; procurava, procurava..

(...) Por que chamávamos à pequenina e tão ágil mulher, apressada sempre, de **Burra Cega**, por que aquela negra tão magra era a **Taínha**, por que **Madame Urubu** ganhara esse título? Jamais o soubemos.

Havia ainda a **Laurista**, criatura baixa, roliça, que – diziam – o álcool perdera. Desta sabíamos que era assim chamada porque seu ídolo político era o Dr. Lauro Sodré. Naquele momento a política paraense fervilhada em torno do velho general republicano e a **Laurista** fazia comícios, atacava todos os inimigos de seu líder, a quem chamava de "grande homem", "sábio", "impoluto", "genial".

Falava muito a **Laurista**, sempre no tom dos oradores populares. Parava numa esquina e começava a discursar. Tinha uma estória de todos conhecida: quando menina vivera num colégio particular, como doméstica; crescera servindo de criada de uma professora e aprendera por muito ouvir, com as crianças preparando as aulas, nomes de Estados, fatos históricos, poemas de Castro Alves. Depois deu para beber, arruinou a vida, enlouqueceu. Vagava pelas ruas, ora discursando em louvor de Lauro Sodré, ora resmungando e proclamando:

- Pernambuco capital Refice...

Tentávamos obter dela uma pronúncia correta para a capital de Pernambuco; jamais o conseguimos. Só havia dois meios de enfurecê-la: negar as qualidades de seu líder e corrigir seus velhos conhecimentos mal gravados. Refice era Recife, e **Laurista** jurava que aprendera assim com a professora. Declamava:

- Sabes quem foi Assaferus, o mísero pricito que trazia na fonte o cilo tró?

Como falava rápido, muito rápido, uma palavra se ligando a outra, surgindo inovações como "cilo tró", só muito mais tarde conseguimos saber que estava declamando o "Ahasverus e o Gênio" de Castro Alves:

Sabes quem foi Ahsaverus?... o precito,
O mísero judeu que tinha escrito
Na fronte o selo atroz!

Disséssemos à **Laurista** que estava pronunciando tudo errado, e ela cuspia para o lado, afirmando:

- Vocês são burros, não sabem nada...

Quanta gente ainda: o capenga sempre bêbado cantando pelas ruas com voz pastosa:

- Toda mulher tem papo, toda mulher tem papo, pô, pô, pô...

E se perdia na última sílaba: ficava minutos seguidos repetindo-a tanto, tanto, que muitas vezes havia moradores de minha rua que vinham à janela mandá-lo calar, enxotá-lo como se fosse um cão leproso.

(...) Havia ainda o peixeiro que até o meio-dia vendia peixe e camarão; amanhecia um homem normal, com o dever de alimen-

tar a família. Saía cedo com o seu cesto a negociar peixe e camarão. Mas como em cada botequim que encontrava, um apelo lhe surgia e uma pinga era tomada, às doze horas desaparecera o honrado português das primeiras horas da manhã. Agora era um ébrio que, com a cesta vazia continuava gritando com voz pastosa, enquanto se arrastava vermelho, sujo, levando pedradas:

– Peixe camarão, peixe camarão! – e cambaleava.

Os relógios poderiam ser acertados na minha rua quando se escutava seu pregão. Muitas vezes ouvi alguém dizer, sem olhar ponteiros:

– É meio-dia. **Peixe Camarão**, coitado, já está bêbado.

Monótona melodia marcada pelo "ão", "ão", acompanhava o cambalear do homem.

– É muito perigoso mexer com ele – diziam-nos. A faca que trazia à cintura para cortar as postas de peixes surgia ameaçadora quando atrás dele corríamos. (...)

Mas a figura mais bela, aquela que jamais esquecerei nesse grupo desgraçado de personagens populares da minha cidade era a mulher chamada **Arantes**.

Que acontecera em sua vida para ficar assim magrinha, a cabeça toda branca e aquele terrível medo do vento, a quem chamava de Arantes?

Sim, o Arantes. Agarrava as saias muito de encontro ao corpo, andava lentamente, e quando a ventania de todas as tardes, aquela ventania que começava às treze e acabava à dezesseis horas, iniciava seu passeio pela cidade brincando com as árvores, derrubando as folhas como que afastando o calor, ela parava à soleira das portas, cosia seu corpo às paredes e aos muros, chamava as pessoas que passavam, dizia aconselhando trêmula, medrosa:

– Cuidado, cuidado, segure bem a sua saia. O Arantes já chegou. O Arantes está aí, o Arantes está solto.

Os homens podiam ir e vir; não deviam temer o Arantes, eram seus iguais. Mas as mulheres, essas, precisavam de defesa, fosse qual fosse a idade deviam defender-se dos perigos do Arantes.

(...) – Ele é traiçoeiro, muito traiçoeiro – dizia.

Quando encontrava uma senhora grávida, ficava mais nervosa,

apontava a futura mãe:

– Viram? Olhem. Olhem o que o Arantes fez nela.

O Arantes, aquela ventania amazônica diária trazendo cheiro de maresia, lembrança da Guajará, era pai de todos os filhos, sedutor de donzelas, criador de todas as crianças. Se o vento levantasse a saia de uma mulher, a pobre criatura punha as mãos nos olhos, esquecia sua própria dor, e gemendo, sofrendo, exclamava:

– Coitadinha! Coitadinha! O Arantes agarrou ela.

(...) Gosto de chamar o vento de Arantes, até hoje sei declamar Castro Alves com a **Laurista**; também jamais esqueci que toda mulher tem papo.

Eneida

Mais madames e mais cavalheiros

Belém mudou muito (...) e já me ocorre, para exemplo, a falta dos tipos populares, hoje pouco conhecidos e sem a originalidade dos de então. Recordo-me que, ainda estudante de grupo escolar, apavorava-me se, de repente, encontrava com a **Diabo Atrás da Saia**, uma infeliz mulher que se autoflajelava por temor ao Capeta. Toda de negro, com um lenço a envolver a cabeça e as mão sempre ocupadas por volumosos embrulhos de ignorado conteúdo, um surrado guarda-chuva sob o sovaco, ela fazia a distração da meninada que, à distância, gritava-lhe o apelido:

– Diabo Atrás da Saia!

E ela, com o guarda-chuva, espancava-se, como a querer enxotar um Capiroto imaginário.

Mais tranquila era **Madame Urubu**. Branca, atarracada, uma saia redonda e longa à antiga, meias de algodão, sapatos de salto baixo, também carregava estranhos embrulhos. (...)

A **Taínha**, uma bebaça de fôlego, cuja vida – diziam – era conservada em álcool. (...) Dela conta-se o episódio de uma de suas tantas prisões. (...) o delegado, recém-nomeado, dava seu primeiro

plantão. Ao ver aquele mulher presa, embriagada, mas com a lucidez dos que bebem por hábito, seguiu as regras que aprendera.

– Qual é o seu nome? – indagou do alto de sua autoridade.

A **Taínha** olhou para os guardas e comissários antigos e viveu seu instante de glória. Com um sorriso zombeteiro, apontou para o delegado e comentou:

– Olha, mano. O besta é novo!

(...) Havia outros tipos populares que não faziam mal a ninguém. O **Professor Gurijuba**, por exemplo, um homem de 40 anos que mais parecia um velho, (...) tal o efeito de doenças e da bebida. Com uma cartola e um fraque, à falta de traje mais próprio para o seu dia-a-dia, **Gurijuba** tinha uma paixão: a atriz Lyson Gaster que na década de trinta era a grande expressão dos teatrinhos da Festa de Nazaré. Seu retrato, recortado dos anúncios da imprensa, era carinhosamente guardado em envelopes já imundos pelo constante manuseio. Até cartas amorosas, escritas, já se vê, pelos que se divertiam da credulidade e – por que não? – da imbecilidade do **Gurijuba**. (...)

Outro inteiramente inofensivo: o Odorico. (...) Com uma cartola, paletó roto mas composto, colete surrado e uma sandália, valia a pena ver o Odorico portando no peito os retratos de homens públicos e artistas de sua admiração.

Também incapaz de qualquer maldade e tão-somente carregava a sina que a vida lhe impusera era o **Engole Cobra**, extremamente prestativo, sempre pronto para serviços dentro de suas limitações. Como ele, não esquecer do **Espírito de Rico**, que me parece ainda perambular por aí, procurando trabalho, aceitando qualquer tarefa que lhe renda uns trocados, mas sem perder a bossa de quem faz grandes negócios (...)

Mas havia também os **boca-suja**. Na liderança, o **Quati Sem Rabo** porrista dos melhores. (...) O **Garapa** era outro que ao passar às proximidades do Ginásio Paes de Carvalho já preparava as respostas pela certeza de que por ali não transitaria incólume. E quando um gritava: "Água!" e outro: "Cana!", ele imediatamente retrucava:

– Quem misturar, vá para a ...

Lembre-se também o **Bananeira**, um pobre cego que se celebrizou na João Alfredo pelo agradecimento aos que lhe davam esmola: "Deus te livre de um mau vizinho". (...)

O **Espanhol** foi dos mais recentes e marcou época. Cidadão português, não resistiu, porém, à insistência dos que, azucrinando a vida, teimavam em trocar-lhe a nacionalidade. Aquilo transformou-se em idéia fixa, a ponto de usar, por baixo da camisa, uma pequena bandeira portuguesa que ele exibia quando era provocado com os berros de "Espanhol", "Espanhol!"

Sentindo que a bandeirola não era solução, apelava:

– Espanhol é a ...

Entre outros, ele teve um grande amigo (...) que facilitou-lhe uma viagem ao Rio, para visitar parentes. Era, então, de se ver a felicidade... do **Espanhol**, digamos. Afinal, sairia por uns tempos do inferno em que se constituía para ele Belém do Pará. (...)

Mas quando desceu no Galeão, (...) algo desabou-lhe de repente:

– "Espanhol"!

De onde veio o grito, ele não percebeu. Mas a resposta foi imediata:

– Espanhol é a ..., paraense filho-da-mãe!

Edyr Proença

Um jovem Ivo

(...) meu pai morreu pobre, embora vendo o seu velho sonho realizado: a filhotada estava toda crescida e mais da metade já se formara. Dias antes de morrer, no hospital, vestiu-se como se fosse sair. Ele era um sedentário. Nascido no agreste pernambucano, quando jovem levado pelo irmão mais velho, Vicente Ivo, para uma temporada em Belém do Pará, e estudou no Instituto Paes de Carvalho. A cidade equatorial, onde seu irmão se expandia como um grande comerciante, lhe deixou várias lembranças. Destas, a que mais estimava lembrar era a crise de impaludismo que quase o matou.

Lêdo Ivo

Deslumbrado turista

Belém é a cidade principal da Polinésia. Mandaram vir u'a imigração de malaios e no vão das mangueiras nasceu Belém do Pará. Engraçado é que a gente a todo momento imagina que vive no Brasil mas é fantástica a sensação de estar no Cairo que se tem. Não posso atinar porque... Mangueiras, o Cairo não possui mangueiras evaporando nas ruas... Não possui o sujeito passeando com um porco-do-mato na correntinha... E nem aquele indivíduo que logo de manhã pisou nos meus olhos, puxa comoção! inda com rabo de sobrecasaca abanando...

(...) Jacumã, remo quase redondo. No Pará remam na proa, em Manaus na popa.

Uma vontade de dar nome... Vou anotando: Vila Felixana, Meu Repouso, O Cenáculo, Fé em Deus, Retiro Delícias, Doce Estância, Pouso Alegre, Pouso Ameno, Canto da Viração, Café do Lasca. Note-se o desejo de vento refrescante em certos nomes: Canto da Viração, Chapéu Virado...

Que riqueza de colorido nos tajás! E o banho foi de fato maravilhoso.

Menu: Camorim. Pato com tucupi. Leitão com farinha d'água. Compota de bacuri, creme de abacate, e o sorvete de murici que tem gosto de queijo parmesão ralado com açúcar. E frutas, frutas.

(...) Belém me entusiasma cada vez mais. O mercado hoje esteve fantástico de tão acolhedor. Só aquela sensação do munguzá!... Sentada no chão, era uma blusa branca branca numa preta preta que levantando pra nós os dentes os olhos e as angélicas da trunfa, tudo branco, oferecia com o braço estendido preto uma cuia envernizada preta donde saía a fumaça branquinha do munguzá branco branco... Tenho gozado por demais. Belém foi feita pra mim e caibo nela que nem mão dentro de luva.

(...) Último dia de Belém, me sinto comovido, palavra. Nunca na minha vida encontrei uma cidade que me agradasse tanto, com que eu simpatizasse tanto. Como enchimento de gostosura, passei em Belém os melhores dias de minha vida, inesquecíveis.

Mário de Andrade

Carta de Nova Iorque

(...) Belém:
cidade aonde eu ia e de onde voltava todos os anos em minha infância; onde travei a batalha da adolescência e da juventude; onde amei e trabalhei; onde comecei a escrever poesia (que saudade daquela noite na ABDE onde conheci todo mundo de uma vez, tu, o Mendes[1], o Bené[2], o Ruy[3]...); onde vivi a experiência que até agora é a mais importante de minha vida. (...) Mas a saudade do Macunaíma, do Brasil mulato e gostoso me deixa doente e perdido. Em Agosto ou Setembro, o mais tardar, estarei de volta. E Belém, é claro, no itinerário. (...)

1960
Mário Faustino

O jovem e o Senador Lemos

Quando adolescente, tive ocasião de tratar pessoalmente com esse ilustre varão.

Era eu empregado do Bazar Liquidador, e como pretendesse publicar um jornal literário, pedi uma audiência ao Senador, naquele tempo, onipotente. Recebi resposta afirmativa, marcando a visita para às 7 horas da noite.

E fui então, à pitoresca e modesta vivenda (duas puxadas com comunicação entre si), à Avenida Gentil Bittencourt, quase confronte à Vila Amazônia – repleta de quadros, estatuetas e mais objetos de arte. Algumas professoras iam chegando e esperavam a vez. "Cacau", capanga de confiança, introduziu-me até a varanda, mobiliada em forma de gabinete.

Ali, além de terracotas e móveis com espelhos finamente acabados, uma cousa observei: numa estante, a única, se viam enfileirados, ricamente encadernados, livros de grande formato.

---

1 - Prof. F. Paulo Mendes
2 - Benedito Nunes
3 - Ruy Guilherme Barata

Mas eram vários exemplares de uma mesma obra: "O Almirante dos mares orientais", de Joaquim Leitão, repetidos, como se fossem uma edição apreendida. Concluí disso, que o Senador apesar da sua fina inteligência, não era um intelectual, por não se achar rodeado de bons livros.

Veio daí, talvez, o seu fim desastroso.

Quando foi entrando, Sua Excelência, todo de branco, exclamou alto, num gesto jovial:

– Oh! Bazar Liquidador! Que pretenderá o meu amigo?!...

E tive oportunidade de vê-lo de perto. O homem mais temido no Pará, e personagem mais discutido. Mesmo em outros Estados veiculava-se o comentário: "O Lemos no Pará tem pintado o diabo!... Está se tornando o maior político do Norte! Chance! Habilidade! Atitudes másculas!"... E era.

Pois estava ali, perfumadíssimo com "Mês delices", de Houbigant (ele era um amante das essências raras), regular estatura, tez branco-rosado, gordo, saudável, grandes olhos pardos, bigode e cabelos brancos, a dicção clara do Carioca, e com um todo de satisfação irônica e bondosa. Mas perfeito homem de sociedade.

Pedi auxílio para a edição do jornalzinho, e ele riu-se com proteção jocosa:

– Está bem, vou ver... disse; e sério então fez várias perguntas.

Em seguida, grato e confuso, me despedi, deixando-lhe a minha morada num pedaço de papel.

Os corredores e ante-salas já estavam cheios de enorme turba de palacianos políticos.

No dia seguinte, à noitinha, ao chegar do Armazém, minha mãe um pouco inquieta, disse-me:

– Veio aqui um soldado à tua procura, era um bombeiro, e deixou este envelope a ti dirigido.

Abri-o. Dentro havia duzentos mil réis envolvendo um cartão, que dizia: "Com os meus cumprimentos. – Antônio Lemos."

Deixe-se dito que "O Pará" foi editado, e profusamente distribuído pelos amigos de Sua Excelência, gesto que o sensibilizou.

Eu por esse tempo tinha 16 anos.

Murilo Menezes

Fontes Bibliográficas

Os textos da Antologia foram extraídos de:

A

ADALBERT DA PRÚSSIA, Príncipe
p.50 **Brasil: Amazonas – Xingu**. Trad. de Eduardo Lima Castro. B. Horizonte, Livraria Itatiaia Editora, 1977, p.139.

AGASSIZ, Louis e Elizabeth Cary
p.177 **Viagem ao Brasil – 1865-1866**. Trad. De Edgard Sussekind de Mendonça. Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora, 1975, p.230.

ALCÂNTARA MACHADO, Antônio de
p.273 **Cavaquinho e saxofone**. Rio, José Olympio, 1940, p.257.

AMADO, Jorge
p.332 **Os velhos marinheiros**. São Paulo, Martins, 1961, p.309 e seg.

AMARAL, Fernando Medina do
p.191 **O maior roubo da História da Aeronáutica**, inédito

AMARAL LAPA, J.R.
p.75 **Livro da visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão Pará – 1763-1769**. Rio, Vozes, 1978, p.32/34.

Nota: Por tratar-se também de um índice remissivo, e para facilitar a consulta do leitor, optou-se por relacionar as fontes bibliográficas sem os rigores da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Ao lado, a indicação da(s) página(s) em que o autor aparece nesta antologia.

ANDRADE, Mário de
p.103 **Entrevistas e depoimentos.** Ed.organizada por Telê Porto Ancona Lopez, S. Paulo, T.A. Queiroz Ed., 1983, p. 22.
p.197 **Cartas de Mário de Andrade a** Manuel Bandeira. Rio, Simões Ed., 1958, p. 164/165.
p.226 **Ib.** p. 181/182.
p.232 **O turista aprendiz.** S. Paulo, Duas Cidades, 1976, p. 185.
p.283 Os filhos da Candinha. **S. Paulo, Martins, 1963, p. 223.**
p.303 **O turista aprendiz. Ib.** p.183.
p.356 Ib. p. 63/64, 67, 183.

ANDRADE, Oswald
p.345 **Um homem sem profissão – Memórias e confissões – I Vol – 1890-1919 – Sob as ordens de mamãe.** Rio, José Olympio, 1954, p. 46/47.

ANTUNES, Oséas
p.140 **Quarteirão.** Belém, Revista Veterinária, 1943, p. 32.
p.142 Ib. p. 9/10.
p.249 Ib. p. 43.

AZEVEDO, Dr. Moreira de
p.127 **Curiosidades – Notícias e variedades históricas brasileiras.** Rio, B.L. Garnier, 1873, p. 100/101, 103/108.

AZEVEDO, J. Eustachio
p.174 "Nazaré de outrora". **O Liberal.** Belém, 13.10.1968.

B

BANDEIRA, Manuel
p.60 "Cunhantã". **Libertinagem.** Rio, Pongetti, 1930, p. 51/52.
p.234 "Belém do Pará". **Ib.** p. 34/36.

BARATA, Manoel
p.70 **Formação histórica do Pará.** Belém, Universidade Federal do Pará, 1973, p. 359/360.

BARBOSA, José Maria de Azevedo
p.42 **Santa Maria de Belém do Grão Pará – O nome da capital paraense.** Belém, Imprensa Oficial, 1977, p. 12/15.
p.129 **Parecer prévio sobre as contas do Estado do Pará.** Belém, Imprensa Oficial, 1982, p. 12.

BARROSO REBELLO
p.137 "O mundubi torrado". **O Liberal.** Belém, 23.02.1973.
p.141 "As velhas doceiras". **O Liberal.** Belém, 18.03.1973.
p.142 "As amassadeiras". **O Liberal.** Belém, 11.03.1973.

BATES, Henry Walter
p.51 **Um naturalista no Rio Amazonas.** B. Horizonte, Livraria Itatiaia Editora, 1979, p. 46/47.
p.53 Ib. p. 14.
p.161 Ib. p. 31.
p.175 Ib. p. 44/45.

BOPP, Raul
p.247 **Cobra Norato.** S. Paulo, Est. Graph. Irmãos Ferraz, 1931, p. 57/59, 71.

BORGES, Ricardo
p.131 "Rapé". **A Província do Pará.** Belém, 28.01.1970.
p.179 "Carnaval". **A Província do Pará.** Belém, 13.02.1970.
p.265 **O Pará Republicano – 1824-1929.** Belém, Conselho Estadual de Cultura, 1983, p. 81.
p.280 "Culinária típica". **A Província do Pará.** Belém, 06.02.1970.
p.285 **O Pará Republicano – 1824-1929. Ib.**
p.290 Ib.
p.326 Ib. p. 25.

BRAGA, Theodoro
p.85 **Guia do Estado do Pará.** Belém, Typographia do Instituto Lauro Sodré, 1916, p. 114.
p.204 **Ib.** p. 114/116.

C

CAETANO, Alberto
p.151 "A Leda, quadro de Ticiano", **Revista Ocidente**, 30.10.1906, **apud** Duque-Estrada, Osório: **O Norte**. Porto, Livraria Chardron, 1909, p. 54-55.

CALHEIROS, Jayme
p.71 **Álbum comercial do Pará**. Belém, typ. Delta, 1915, p. 31-32.
p.198 **Ib.** p. 14.

CALMON, Pedro
p.190 **"A presença do Pará na formação brasileira"**. Revista de Cultura do Pará. **Belém, 1973, nºs 12/13, p. 30.**

CAMPOS, Dr. Américo
p.62 "Higiene". **O Pará em 1900**. Belém, Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1900, p. 107/108.

CAMPOS, Humberto
p.33 **Apud** Haddad, Jamil Almansur: **História poética do Brasil**. São Paulo, Editorial Letras Brasileiras, 1946, p. 159.
p.317 **Notas de um diarista – 2ª série**. Rio, José Olympio, 1936, p. 31/33.
p.342 **Contrastes**. Rio, José Olympio, 1936, p. 92/93.

CASCUDO, Luís da Câmara
p.280 **Folclore do Brasil**. Rio, Ed. Fundo de Cultura, 1967, p. 100.

CAYMMI, Dorival
p.238 **Cancioneiro da Bahia**. Rio, Ed. Record, 1978, p. 136/137.

CHAVES, Maria Annunciada
p.69 "Apresentação/Noite de Música Paraense". **Revista de Cultura do Pará**. Belém, 1978, nº 32, p. 219/220.
p.263 **O Asilo D. Macedo Costa**. Belém, Falangola, 1968, p. 5/6.

COIMBRA, Creso
p.271 **A revolução de 30 no Pará**. Belém, Cons. Estadual de Cultura, 1981, p. 269.

CRUZ, Ernesto
p.31 **História do Pará**. Belém, Universidade Federal do Pará, 1963, p. 31/33.
p.33 **Ib.** p. 34.
p.34 **Ib.** p. 34.
p.67 **Ruas de Belém**. Belém, Cons. Estadual de Cultura, 1970, p. 17/18.
p.80 **Procissão dos Séculos**. Belém, Imprensa Oficial, 1952, p. 51/53.
p.161 **História do Pará. Ib.** p. 221.
p.203 **História do Clube do Remo**. S. Paulo, Gráfica Urepês, 1970, p. 24.
p.210 **Ib.** p. 254, 267, 272, 292.
p.222 "Jornais Paraenses e O imperador D. Pedro II". **Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará, T. XII**. Belém, Secdet, 1981, p. 176/177.
p.309 **História do Pará. Ib.** p. 510/513.
p.320 **Ib.** p. 104-107.

CUNHA, Euclides da
p.225 **Contrastes e confrontos**. Porto, Empresa Literária e Tipográfica, 1907, p. 337/340.
p.341 **Apud** Venâncio Filho, Francisco: **Euclides da Cunha e seus amigos**, S. Paulo, Cia Ed. Nacional, 1938, p. 141.

D

D.A.C.
p.204 "Caraboo Sportiva". **Caraboo**. Belém, 31.05.1916.

DE CAMPOS RIBEIRO
p.139 **Gostosa Belém de outrora...** Belém, Imprensa Universitária, s/d, p. 68/70.
p.181 **Ib.** p. 53, 66.
p.185 **Ib.** p. 102.
p.186 **Ib.** p. 35, 36, 39.
p.227 **Aleluia**. Belém, Of. Gráficas da Guajarina, 1930, p. 99/100.
p.266 **Gostosa Belém de outrora... Ib.** p. 59/60.
p.311 **Ib.** p. 51, 52, 53, 55.
346 **Ib.** p. 22/24.

DIAS, Manuel Nunes
p.72 **A Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão**. Belém, Imprensa Universitária, 1970, 1º vol., p. 155/157.

DUQUE-ESTRADA, Osório
p.150 **O Norte**. Porto, Liv. Chardron, 1909, p. 33/36.
p.203 **Ib.** p. 66/67.

E

ENEIDA
p.246 **Banho de Cheiro**. Rio, Civilização Brasileira, 1962, p. 23.
p.350 **Aruanda**. Rio, José Olympio, 1967, p. 16/22.

F

FERNANDES, I. Xavier
p.41 **Topônimos e gentílicos**. Porto, Editora Educação Nacional, 1943, 2º vol., p. 52.

FEDERAÇÃO PARAENSE DE ESPORTES NÁUTICOS
p.208 **Folheto**. Belém, Atelier Fortuna, 05.06.1927

FERREIRA, Alexandre Rodrigues
p.299 **Viagem filosófica pelas Capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá**. Rio, Cons. Estadual de Cultura, 1972, p. 237/238.

FERREIRA DE CASTRO
p.342 "Pequena história de A Selva". **A Selva**. Lisboa, Guimarães Editores, 1955, p. 19.

FIGUEIREDO, Napoleão
p.140 **Banhos de cheiro, Ariachés & Amacis**. Rio, Funarte/Instituto Nacional do Folclore, 1983, p. 8.
p.250 **Ib.** p. 8.
p.250 **Rezadores, Pajés & Puçangas**. Belém, UFPA/Ed. Boitempo, 1979, p. 1, 15/16.
p.251 **Ib.** p. 57.
p.256 **Banhos de cheiro, Ariachés & Amacis. Ib.** p. 11/12.

FLORENCE, Hercules
p.74 **Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas**. 1825-1829. Trad. do Visconde de Taunay. S. Paulo, Cultrix, 1977, p.308/309.
p.299 **Ib.** p. 303/304.

FLORES, Jaques
p.245 **Panela de barro**. Rio, Andersen Editores, 1947, p. 67/68.
p.254 **Ib.** p. 89/90.
p.292 **Cuia Pitinga**. Rio, Andersen Editores, 1936, p. 41.

FRANCESCHI, Humberto M.
p.311 **Registro sonoro por meios mecânicos no Brasil**. Rio, Studio HMF, 1984, p. 16/17.

FRANCO, Georgenor
p.275 **Ferreira de Castro e a Amazônia**. Belém, Imprensa Oficial, 1983, p. 39.

FREITAS, Décio
p.215 **"Cabanagem – a revolução confiscada"**. D.O. Leitura. S. Paulo, nº 24, maio de 1984, p. 10/11.

G

GENU, De Almeida (Dalge)
p.35 "Dois brasões". **Anuário de Belém. 1616-1916**. Belém, Imprensa Oficial, 1915, p. 201-202.

GODOY, Maria Lúcia
p.232 De um livro de poemas, inédito, cedido pela autora

GOELDI, Dr. Emílio Augusto
p.314 **Os mosquitos no Pará**. Pará, Estabelecimento Gráfico C. Wiegandt, 1905, p. 9/16.

GONÇALVES DIAS, A.
p.118 **Obras póstumas. Meditação**. Rio, H. Garnier, 1909, p. 137/138, 146.

H

HOUAISS, Antônio e Alain Draeger
p.285 **Magia da cozinha brasileira**. Rio, Primor, 1979, p. 57.

I

INGLÊS DE SOUZA, H.
p.220 **Contos Amazônicos**. Rio, Laemert & Cia. Editores, 1893, p. 222, 223, 232.
p.329 **O Missionário**. Rio, Laemert & Cia. Editores, 1899, Vol II, p. 366/371.

IVO, Lêdo
p.102 **Ode equatorial**. Niterói, Ed. Hipocampo, 1951, p. 31/33.
p.355 **Confissões de um poeta**. S. Paulo, Difel, 1979, p. 221.

J

JOÃO AFFONSO
p.58 **Três séculos de moda**. Belém, Tavares Cardoso & Cia., 1923, p. 127/128.

JURANDIR, Dalcídio
p.229 "Ver-o-Peso". **Novidade**. Belém, nº XXI, setembro de 1941.
p.243 **Belém do Grão Pará**. S. Paulo, Martins, 1960, p. 235, 240, 241, 252, 257.
p.334 **Ib**. p. 30/31, 306/307, 69/70, 82/83, 111, 41/42.

K

KIDDER, Daniel P.
p.53 **Reminiscências de viagem e permanência no Brasil –**
p.111 **Províncias do Norte**. S. Paulo, Martins, 1972, p. 169.
p.162 **Ib**. p. 168.

L

LADISLAU, Alfredo
p.177 **Cenas da vida paraense**. Belém, Typ. Da Imprensa Oficial, 1904, p. 81/84.
p.318 **Ib**. p. 64/66.

LE COINTE, Paul
p.99 **O Estado do Pará**. S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1945, p. 84/86.

LOBATO, Manuel
p.163 "Teatro de Nazaré a 500 réis a entrada". **Amazônia**. Belém, setembro de 1955.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky e João de Jesus Paes Loureiro
p.183 **Inventário cultural e turístico do município de Santarém.** Belém, Imprensa Oficial, 1982, p. 22/23.

LOUREIRO, João de Jesus Paes
p.236 **Altar em chamas.** Rio, Civilização Brasileira, 1983, p. 19/20.

LUSTOSA, Dom Antônio de Almeida
p.60 **À margem da visita pastoral.** Belém, Cons. Estadual de Cultura, 1976, p. 35/36, 58.
p.246 **Ib.** p. 123, 239.
p.289 **Ib.** p. 146.
p.314 **Ib.** p. 30/31.

M

MACHADO COELHO, Inocêncio
p.149 "Os Gallé de Antônio Faciola". **A Província do Pará.** Belém, 29.02.1976.

MAGALHÃES, General Couto de
p.300 **O selvagem.** S. Paulo, Livraria Magalhães Editora, 1913, p. 53.

MARANHÃO, Paulo
p.323 **Relatório apresentado pelo Diretor da Recebedoria de Rendas ao Exmo. Sr. Diretor-Geral da Fazenda Pública do Estado. Belém, Ano de 1921 e 1º Semestre de 1922.** (Cópia do Relatório, do arquivo de Haroldo Maranhão.)

MARTINS, Max
p.229 **H'Era.** Rio, Ed. Saga, 1971, p. 32.

MATTOSO, Ernesto
p.85 **Álbum do Estado do Pará.** Paris, Imprimerie Chaponet, 1908, p. 49.
p.86 **O Dr. Augusto Montenegro – Sua vida e seu governo.** Paris, Tony Dussieux Éditeurs, 1908, p. 98/100.
p.100 **Álbum do Estado do Pará. Ib.** p. 331.
p.109 **Ib.** p. 329/331.
p.154 **Ib.** p. 52.
p.158 **Ib.** p. 328/329.
p.194 **Ib.** p. 301/302.
p.198 **Ib.** p. 45, 48.
p.316 **Ib.** p. 332.
p.319 **Ib.** p. 53, 56.
p.324 **Ib.** p. 331/332.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus)
p.210 **História do Futebol no Brasil. 1894-1950.** S. Paulo, Edições Leia, 1950, p. 171/172, 206, 230.

MELLO, Guilherme Teodoro Pereira de
p.269 **A música no Brasil.** Bahia, Tipografia de S. Joaquim, 1908, p. 351/354.

MELLO JÚNIOR, Donato
p.70 "Dois documentos da evolução urbana de Belém colonial". **Revista da Universidade Federal do Pará.** Belém, 1º semestre de 1973, nº 3, p. 83.
p.111 **Antônio José Landi – Arquiteto de Belém.** Belém, Grafisa, 1973, p. 4-C, 4-D, 119/120.

MENDES, Oswaldo
p.133 "Minha criação inesquecível". **Propaganda.** S. Paulo, nº 328, agosto de 1983, p. 24-25.

MENEZES, Bruno de
p.345 "Visão noturna da Vila da Barca". **Lua sonâmbula.** Belém, Falangola, 1953, p. 99.

MENEZES, Murilo
p.59 "Belém ao findar do século". **Revista da Academia Paraense de Letras**. Belém, Imprensa Oficial, março de 1954, p. 118/119.
p.84 **Ib.** p. 123.
p.141 **Ib.** p. 118.
p.144 **Ib.** p. 123/124.
p.147 "Um cidadão de Atenas". **Revista da Academia Paraense de Letras**. Belém, agosto de 1952, p. 72.
p.156 **A Capital do El Dorado**. Belém Imprensa Oficial, 1954, p. 47.
p.264 "Um cidadão de Atenas". **Ib.** p. 74.
p.275 "Belém ao findar do século"**Ib.** p. 124.
p.357 "Um cidadão de Atenas". **Ib.** 71/72.

MONTEIRO, Benedicto
p.165 **O carro dos milagres**. Rio, Novacultura Editora, 1975, p. 8/9.

MONTELLO, Josué
p.321 **Diário da Manhã**. Rio, Ed. Nova Fronteira, 1984, p. 486/487.
p.343 **Ib.** p. 477/478, 483.

MONTENEGRO, Augusto
p.84 **Mensagem ao Congresso Legislativo do Pará**. Belém, Imprensa Oficial, 1902, p. 37.

MORAIS, Raimundo
p.171 **País das pedras verdes**. Manaus, Imprensa Pública, 1930, p. 213.
p.164 **Cosmorama**. Rio, Pongetti, 1940, p. 18.
p.183 **Ib.** p. 208.
p.185 **Ib.** p. 213.
p.195 **Ib.** p. 217.
Os igaraúnas. Rio, Civilização Brasileira, 1938, p. 160.

p.249 **País das pedras verdes. Ib.** p. 211/212.
p.264 Ib. p. 201/203.
p.287 Ib. p. 204.
p.302
MOREIRA, Apolinário
"O último discurso acadêmico". **Revista da Academia**
p.154 **Paraense de Letras**. Belém, janeiro de 1952, p. 77.
p.257 Ib.

MOREIRA, Eidorfe
p.44 **Belém e sua expressão geográfica**. Belém, Imprensa Universitária, 1966, p. 64/66.
p.53 Ib. p. 40.
p.68 **Ib.** p. 32, 47, 159.
p.100 **Ib.** p. 100, 104.
p.101 **Ib.** p. 150.
p.103 **Ib.** p. 101.
p.107 **Ib.** p. 30, 31, 34, 35.
p.109 **Ib.** p. 143.
p.117 Ib. p. 69/71.
p.119 Ib. p. 131/134.
p.121 Ib. p. 79.
p.122 Ib. p. 72.
p.12 Ib. p. 163.
p.189 **Ib.** p. 13/15.
p.196 **Ib.** p. 43.
p.219 **Ib.** p. 77, 158.
p.267 **Os sermões que Vieira pregou no Pará**. Belém, Imprensa Universitária, 1970, p. 7, 9.

MOURA, Levi Hall
p.255 "Posição dos remanescentes do índio e do negro nos ritos bárbaros da planície". Suplemento da **Folha do Norte**. Belém, 31.08.1947.
p.279 "Esquema da Evolução da Sociedade Paraense". Suplemento da **Folha do Norte**. Belém, 21.09.1947.

MOURA, Raymundo de Souza
p.89 Carta ao Prof. Joaquim Francisco Mártires Coelho. (Do arquivo do destinatário.)

O

OLIVEIRA, Alfredo
p.110 **O touro passa?** Belém, Grafisa, 1981, p. 54/55.
p.140 **Ib.** p. 54.
p.167 Ib. p. 65/66.
p.184 **Ib.** p. 26/27.
p.211 **Ib.** p. 71.
p.246 **Ib.** p. 96.
p.248 **Ib.** p. 106.
p.273 **Ib.** p. 90, 111, 30, 31.

ORICO, Osvaldo
p.237 **Da forja à academia**. Rio, José Olympio, 1941, p. 20.
"Você já foi ao Pará". **Revista de Cultura do Pará**. Belém, Falangola, janeiro/junho de 1957, p. 303/305.
p.286 **Cozinha amazônica**. Belém, Universidade Federal do Pará, Cia. Ed. Americana, 1972, p. 38/39.
p.288 **Ib.** p. 40.
p.291 **Ib.** p. 136/138.
p.304 **Ib.** p. 63/63.

P

PAES DE CARVALHO, Dr. José
p.82 **Relatório apresentado ao Governador do Estado, Exmo. Sr. Dr. Augusto Montenegro**. Belém, Imprensa Oficial, 1901, p. 51. 57/58.

PATRONI, Felippe
p.297 **Obras escolhidas de Felippe Patroni**. Belém, Falangola, 1975, p. 312/314.

PERCHEIRO, D.A. Gomes
p.61 **Questões do Pará**. Lisboa, Lallemant Frères Typ, 1875, p. 180/182.

PEREGRINO JÚNIOR
p.346 "Discurso". **Revista da Academia Paraense de Letras**. Belém, H. Barra, novembro de 1957, p. 5.

PEREIRA, Lili
p.384 "Mendobi torrado". **Biblioteca da Tipografia Guajarina**. Folheto nº 28, Belém, s/d, p. 5.

PEREIRA, Nunes
p.41 **Moronguetá**. Rio, Civilização Brasileira, 1967, Vol. I, p. 394.
p.281 **O Pirarucu**. Rio, Ministério da Agricultura, 1954, p. 10.

PORTO, Arthur
p.199 **Anais do Colégio Progresso Paraense em Homenagem ao Tricentenário da Fundação da Cidade de Belém do Pará**. Belém, Typ. Da Liv. Clássica, 1916, p. 59/60, 99/100, 103 e legendas foto entre p. 88 e 97 e p. 150.

PRADO JÚNIOR, Caio
p.222 **Evolução Política do Brasil**. S. Paulo, Brasiliense, 1947, p. 145.

PROENÇA, Edyr
p.205 "Não facilita, Joãozinho!". **Mensagem**. Belém, julho de 1968.
p.353 "Espanhol é a ...". **Zeppelin**. Belém, 19.08.1979.

Q

QUEIROZ, Elmano
p.252 "O Pajé". Belém, folheto nº 59 da **Ed. Guajarina**, Casa Editora de Francisco Lopes, 1927, p. 2/3.

QUEIROZ, Fr. João de S. José
p.101 **Memórias**. Porto, Typ da Liv. Nacional, 1868, p. 20/21.
p.102 **Ib**. p. 136.
p.250 **Ib**. p. 23.
p.310 **Ib**. p. 24.
p.321 **Ib**. p. 163.
p.341 **Ib**. p. 164.

QUEIROZ, Raquel de
p.250 **A donzela e moura torta**. Rio, José Olympio, 1948, p. 184.
p.348 **Ib**. p. 94.

R

RAYOL, Domingos Antônio
p.83 **Motins políticos.** Belém, Universidade Federal do Pará, 1970, 1º Vol, p. 291.

REBELO, Marques
p.303 **Cenas da vida brasileira – Suítes nºs 1 e 2**. Rio, O Cruzeiro, 1951, p. 153.
p.349 **Ib**. p. 152/153.

RÊGO, Clóvis Morais
p.313 "Música e músicos do Pará". **Revista de Cultura do Pará**. Belém, Falangola, novembro/dezembro de 1971, p. 29.

REIS, Arthur Cezar Ferreira
p.42 "Prefácio". **Apud** Barbosa, José Maria de Azevedo: **Santa Maria de Belém do Grão Pará**. Belém, Imprensa Oficial, 1977, p. 7.

REVISTA "Tá no Papo"
p.284 "Maniçoba". S/ indicação de autor. Belém, Biblioteca da Typ. Guajarina, Folheto nº 22, 1925, p. 7.

RIBEIRO, João
p.301 **O Folk-lore**. Rio, Jacintho Ribeiro dos Santos – Livreiro-Editor, 1919, p. 251/253.

RIZZINI, Carlos
p.79 **O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil**. Rio, Liv. Kosmos, 1946, p. 235.

ROCHA, Cândido Marinho
p.155 **O defunto-homem**. Belém, s/ indicação de ed. e data, p. 113.

S

SALACHA, Victor
p.152 "La Léda du Titien". **La Revue du Bien dans La Vie et dans l'Art**. Paris, outubro de 1906, p. 3/8.

SALLES, Vicente
p.49 **O negro no Pará**. Rio, Fundação Getúlio Vargas, 1971, p. 130.
p.50 **Ib**. p. 130/131.
p.52 **Ib**. p. 153/154.
p.69 "Tablado nazareno". **A Província do Pará**. Belém, 17.10.1976, p. 9.
p.156 **Música e músicos do Pará**. Belém, Grafisa, 1970, p. 47/48.
p.167 "Tablado nazareno". **Ib**.
A música e o tempo no Grão Pará. Belém, Cons. Estadual de Cultura, 1980, p. 361/362.
p.196 **O negro no Pará. Ib**. p. 261, 264.
p.219 **Ib**. p. 135.
p.257 **Ib**. p. 189.
p.258 **Ib**. p. 190.

SANTA ROSA, Henrique
p.130 **Álbum do Pará em 1899**.

SCAFF, Luiz Miguel
p.81 "A lição de coisas do Museu Paraense Emílio Goeldi". **Museu Paraense Emílio Goeldi**. Rio, Ed. Funarte, 1981, p. 11/13.

SERRA, Astolfo
p.304 **Guia histórico e sentimental de São Luís do Maranhão**. Rio, Civilização Brasileira, 1965, p. 193.

SOUZA, Cônego Francisco Bernardino de
p.34 **Lembranças e curiosidades do Vale do Rio Amazonas**. Pará, Typ. do Futuro, 1873, p. 78.
p.93 **Ib**. p. 30.
p.310 **Ib**. p. 53.
p.325 **Ib**. p. 75.

SOUZA, Márcio
p.334 **Galvez, Imperador do Acre**. Rio, Ed. Brasília/Rio, 1977, p. 23.

SPIX, Johann Baptist von & MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von
p.128 **Viagem pelo Brasil. 1871-1820**. S. Paulo, Melhoramentos, 1976, Vol. II, p. 26.

T

TAVARES BASTOS, A. C.
p.79 **O Vale do Amazonas**. S. Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1937, p. 199.

TENREIRO ARANHA, Bento de Figueiredo
p.93 **Obras**. Lisboa, Typ. da Cia. Nacional Editora, 1899, p. 38.

THEOPHILO, Rodolpho
p.332 **O Paroara**. Ceará, Edictor Louis C. Cholowiechi, 1899. p. 259.

TOCANTINS, Leandro
p.139 **Santa Maria de Belém do Grão Pará**. Rio, Civilização Brasileira, 1963, p. 265/268.
p.281 **Ib**. p. 269.
p.291 **Ib**. p. 271.

V

VERA, Ernesto
p.171 "Vira isso pra cá". Belém, folheto nº 56 da **Ed. Guajarina**, 1925.
p.207 "Caravana azulina". Belém, folheto nº 97, **Ed. Guajarina**, 1927, p. 4/5.
p.272 "História do Pará...". Belém, Suplemento **Ed. Guajarina**, nº 348, 1934, p. 2.

JÁ DESISTI DE SALVAR
BELÉM > SÓ ME INTERESSA ENQUANTO ABSURDO
DESEJO APENAS { CONTÁ-LA COMO / IMORTALIZÁ-LA } FICÇÃO / PÓS-FICÇÃO
NA PALAVRA | FÁBULA
BELÉM ~~[illegible]~~ CIDADE INVISÍVEL DE CALVINO
VALÉRIA . . .
DO CAPITÃO NOS BARES E BIÓ
DE UM DISCO RÍGIDO
COMO A VENEZA
DE GIBSON.
SÓ PARA MIM

4. 2000 [illegible]

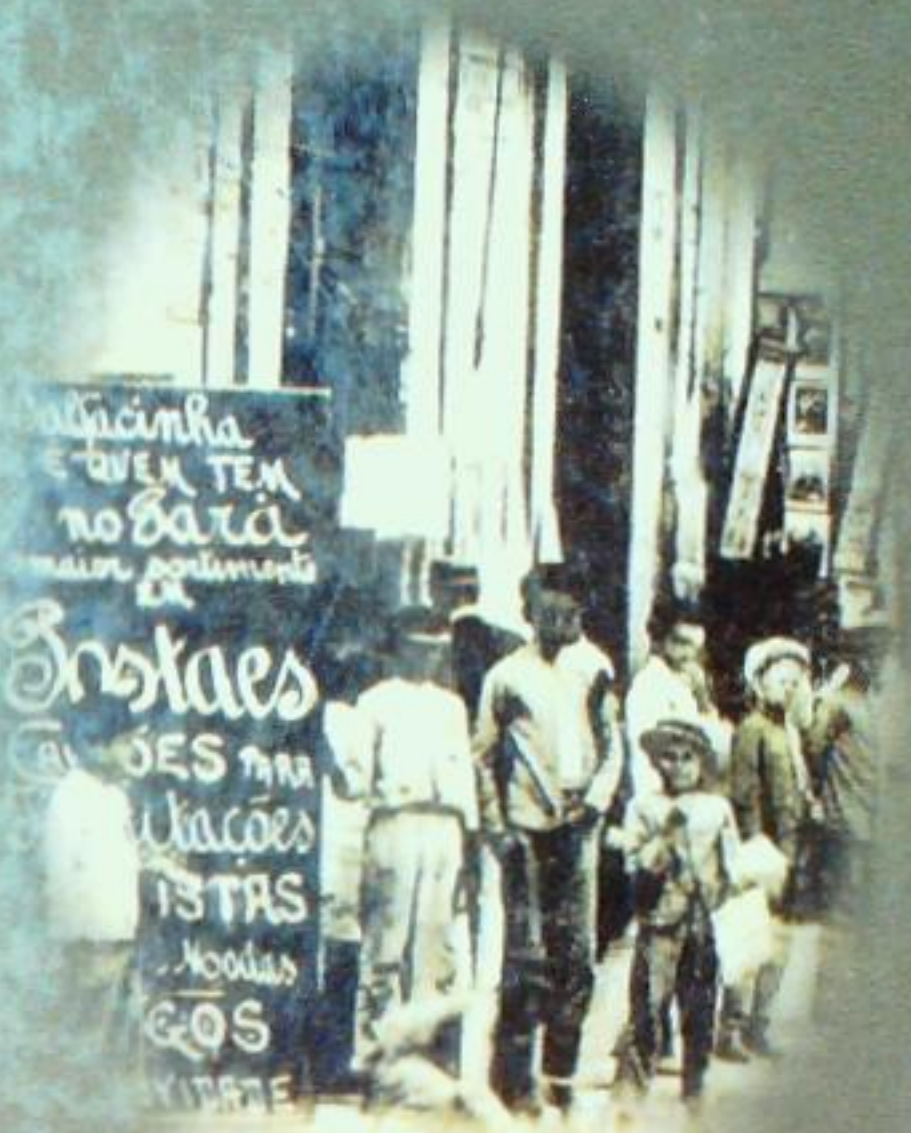
Bibliografia de
Haroldo Maranhão

Obras publicadas

- *A estranha xícara* – Estórias curtas – 1968
- *Chapéu de três bicos* – Contos – 1975
- *Vôo de galinha* – Contos – 1978
- *A morte de Haroldo Maranhão* – Novela – 1981
- *O tetraneto del-rei* – Romance – 1982
- *As peles frias* – Contos – 1982
- *Os anões* – Romance – 1983
- *A porta mágica* – Romance – 1983
- *Flauta de bambu* – Crônicas e histórias curtas – 1983
- *Dicionarinho maluco* – Infantil – 1984
- *O começo da Cuca* – Novela juvenil – 1985
- *Quem roubou o bisão?* – Infantil – 1986
- *Jogos infantis* – Contos – 1986
- *A árvore é uma vaca* – Infantil – 1986
- *Rio de raivas* – Romance – 1987
- *Senhoras e senhores* – Páginas de um diário – 1989
- *Cabelos no coração* – Romance – 1990
- *Memorial do fim – A morte de Machado de Assis* – Romance – 1991
- *Miguel Miguel* – Novela – 1992
- *Querido Ivan* – Cartas – 1998
- *Dicionário de futebol* – 1998

Obras inéditas

- *Suíte policial* - Romance
- *Guerrilheiros do vento* – Romance juvenil
- *A respiração das palavras* – Contos
- *O sol é azul* – Infantil
- *O menino que comia letras* – Infantil
- *O que eu contei a Theodoro* – Infantil



(...) Esta antologia não pretende ser didática nem paradidática. Textos eruditos convivem com textos singelos e simplórios até, e na aparência desimportantes, mas tanto não achei que fui desencavá-los. A mera escalação de um time de futebol, um pregão de rua, uma **sorte** junina poderão estimular agradabilíssimas lembranças nalgum leitor. Isso acontecendo, a trabalheira terá valido a pena. (...)

(...) Enfim, é a minha antologia de Belém. Minha. Reivindico o direito de fazer a minha antologia. Terei o maior respeito pelos que se dispuserem a fazer a sua.

Haroldo Maranhão